

PERFIL DA JUVENTUDE NA PUC-RIO

Reflexões sobre
os impactos da
pesquisa de **2018**

Waldecir Gonzaga
Alexandre Souza Chaves
Ricardo Ismael
(Orgs.)



Reitor

Pe. Josafá Carlos de Siqueira SJ

Vice-Reitor

Pe. Anderson Antonio Pedroso SJ

Vice-Reitor para Assuntos Acadêmicos

Prof. José Ricardo Bergmann

Vice-Reitor para Assuntos Administrativos

Prof. Ricardo Tanscheit

Vice-Reitor para Assuntos Comunitários

Prof. Augusto Luiz Duarte Lopes Sampaio

Vice-Reitor para Assuntos de Desenvolvimento

Prof. Sergio Bruni

Decanos

Prof. Júlio Cesar Valladão Diniz (CTCH)

Prof. Luiz Roberto A. Cunha (CCS)

Prof. Sidnei Paciornik (CTC)

Prof. Hilton Augusto Koch (CCBS)

PERFIL DA JUVENTUDE NA PUC-RIO

Reflexões sobre
os impactos da
pesquisa de 2018

Waldecir Gonzaga
Alexandre Souza Chaves
Ricardo Ismael
(Orgs.)



© **Editora PUC-Rio**

Rua Marquês de S. Vicente, 225
Gávea – Rio de Janeiro – RJ – CEP 22453-900
Telefax: (21) 3527-1760/1838
edpucio@puc-rio.br
www.editora.puc-rio.br

Conselho gestor

Augusto Sampaio, Danilo Marcondes, Felipe Gomberg, Hilton Augusto Koch, José Ricardo Bergmann, Júlio Diniz, Luiz Roberto Cunha, Sergio Bruni e Sidnei Paciornik.

Projeto gráfico de miolo: SBNigri Artes e Textos Ltda.

Projeto gráfico de capa: Flávia da Matta Design

Preparação de originais: Lindsay Viola

Revisão de provas: Cristina da Costa Pereira

Pesquisa Perfil da Juventude na PUC-Rio 2018

Equipe de coordenação ampliada

Pe. Francisco Ivern Simó SJ – Identidade e Missão
Pe. Waldecir Gonzaga – Teologia
Alexandre Souza Chaves – Cultura Religiosa
Ricardo Ismael – Ciências Sociais
Antonio Carlos Alkmim dos Reis – Ciências Sociais
Marco Antonio Casanova – Vice-Reitoria Acadêmica
Marco Antonio G. Bonelli – Cultura Religiosa
Roberto Teixeira – Cultura Religiosa
Sônia Maria Giacomini – Ciências Sociais

Perfil da juventude na PUC-Rio: reflexões sobre os impactos da pesquisa de 2018 / Waldecir Gonzaga, Alexandre Souza Chaves, Ricardo Ismael (orgs.). – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2020.

288 p. ; 15 cm

Inclui bibliografia
ISBN 978-65-88831-16-8

1. Estudantes universitários. 2. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. I. Gonzaga, Waldecir. II. Chaves, Alexandre Souza. III. Ismael, Ricardo.

CDD: 378.198

Elaborado por Marcelo Cristovão da Cunha – CRB-7/6080
Divisão de Bibliotecas e Documentação – PUC-Rio

In memoriam

Ao nosso querido professor Pe. Marcos Vinício Miranda Vieira, ex-coordenador da Cultura Religiosa (CRE), do Departamento de Teologia da PUC-Rio, que veio a óbito em 14 de junho de 2020, acometido pela Covid-19, os nossos maiores e mais sinceros agradecimentos pela participação neste lindo projeto “Perfil da Juventude na PUC-Rio” e por tudo o que ele fez pela Universidade e pelos mais pobres.

Sumário

- 9 Prefácio**
Pe. Anderson Antonio Pedroso SJ
- 11 Introdução**
Waldecir Gonzaga
- 27 Juventude, fé e universidade em tempos de Francisco: uma análise das pesquisas de perfil da juventude na PUC-Rio**
Marco Antonio G. Bonelli
- 51 O dinamismo do “fazer pedagógico”: uma construção cotidiana**
Rosemary Fernandes da Costa
- 71 Juventude e valores éticos**
Sérgio Mendes
- 87 Caminhos alternativos do mundo virtual para os estudantes da PUC-Rio**
Antonio Carlos Alkmim
- 109 O papel da universidade no equilíbrio de poder entre os gêneros: permanências e desafios**
Ana Paula Conde
- 123 Sobre a agenda dos estudantes da PUC-Rio em 2018**
Ricardo Ismael
- 155 Família, amizade e trabalho: a perspectiva dos bolsistas de ação social da PUC-Rio**
Sonia Maria Giacomini
Elaine de Azevedo Maria
- 183 Posfácio**
Alexandre Souza Chaves
- 185 Sobre os autores**
- 189 Anexo 1 – Metodologia da Pesquisa do Perfil dos alunos da PUC-Rio 2018**
Antonio Carlos Alkmim
- 191 Anexo 2 – Questionário de Pesquisa**
- 213 Anexo 3 – Frequências simples dos resultados**

Prefácio

O novo contexto mundial que estamos vivendo cria expectativas, reclama adaptações, prova a resiliência individual e coletiva, e, exatamente por isso, convoca a sociedade a buscar uma compreensão mais profunda de suas próprias mudanças sociais, culturais e existenciais. Desse ponto de vista, a presente obra encarna uma inteligência de dados paradoxal: ao mesmo tempo que afirma a pertinência do método científico, trata de traços fundamentais da realidade humana difíceis de ser exaustivamente “medidos”, como a religiosidade e os valores humanos a ela associados.

Porém, a própria escolha de métodos que comportam uma pesquisa abrangente e de uma análise multidisciplinar dos dados coletados faz do presente texto um instrumento capaz de fornecer referências interessantes para uma visão mais integral e coerente do perfil dos estudantes da PUC-Rio. De fato, fazendo emergir traços importantes do rosto ou do “perfil do jovem da PUC-Rio”, este documento pode inspirar novas configurações intelectuais e comunitárias mais adaptadas para iluminar, a partir do interior, o projeto formativo global de nossa universidade.

Fiel à sua vocação de formar cidadãos que colaborem com um projeto renovado de sociedade, nossa esperança é que nossos alunos sejam capazes de captar os grandes problemas da sociedade, e de se adiantar generosamente para contribuir com o debate sobre os grandes temas. Para isso, é necessário suscitar atitudes de compreensão e de tolerância, que nascem de uma maior inteligência do fenômeno religioso, situado num contexto mais amplo dos valores de convivência social. Assim, a universidade confessional hoje é desafiada a reconhecer a legitimidade de outras formas de pensamento, acompanhadas de outros estilos de vida, especialmente de uma parte da juventude que se nutre de outras convicções, não necessariamente religiosas.

Nesse sentido, o texto não apresenta uma série de dados ou ideias, mas projeta uma luz sobre uma variedade de situações que colocam em evidência a pluralidade da sociedade, especialmente na cidade do Rio de

Janeiro, uma cidade fascinante, cheia de desafios, mas também de recursos humanos e intelectuais.

Casa do saber, escola de diálogo, a PUC-Rio, nos seus 80 anos, quer continuar seu caminho de serviço competente e criativo à cidade do Rio de Janeiro, e à sociedade brasileira.

Pe. Anderson Antonio Pedroso SJ
Vice-Reitor da PUC-Rio

Introdução

Em 2010, tendo como organizadores a professora Lucia Pedrosa-Pádua e o professor Zeca de Mello, foi lançada a obra *Juventude, religião e ética: reflexões teológico-práticas sobre a pesquisa “Perfil da Juventude na PUC-Rio”* (PUC-Rio, 2007; Pedrosa-Pádua e Mello, 2010), com a colaboração da equipe técnica do CERIS e de vários(as) professores(as) do Departamento de Teologia, que lecionam disciplinas da Cultura Religiosa (CRE), e do Departamento de Ciências Sociais da PUC-Rio. A obra foi publicada apenas na versão impressa e agora volta a ser disponibilizada em formato e-book, juntamente com esta nova pesquisa.

A obra publicada em 2010 foi fruto de uma ampla pesquisa, realizada em 2006, sob a responsabilidade do Departamento de Teologia, na coordenação da Cultura Religiosa, e contribuição do Departamento de Ciências Sociais. Contou com um questionário elaborado e trabalhado em colaboração entre os dois departamentos, envolvendo vários de seus docentes. Passados 12 anos da primeira pesquisa, em 2018, foi efetuada uma nova enquete sobre o “Perfil da Juventude na PUC-Rio”, igualmente em parceria entre os dois departamentos. Aqui cabe lembrar que nesse processo estavam envolvidos o Pe. Francisco Ivern Simó SJ, então vice-reitor da PUC-Rio e responsável pela Identidade e Missão da Universidade, hoje residente na comunidade dos jesuítas em São Paulo, e o Pe. Marcos Vinício Miranda Vieira (*in memoriam*), então coordenador da CRE, que veio a óbito no dia 14 de junho de 2020, acometido pela Covid-19. A ambos nossos maiores e mais sinceros agradecimentos pela participação neste lindo projeto. Igualmente merecem ser mencionadas as valiosíssimas contribuições da vice-reitoria geral da universidade e da vice-reitoria acadêmica.

A nova e ampla pesquisa realizada ao longo de 2018 contou com um questionário bastante próximo ao de 2006, atualizado em alguns aspectos, visto que em 12 anos várias coisas mudaram, sobretudo se pensarmos no mundo das plataformas digitais e no das redes sociais, nos quais estamos mergulhados diariamente. Os resultados dessa pesquisa são oferecidos agora, em 2020. A exemplo da primeira pesquisa, esta segunda também foi aplicada por professores(as) do Departamento de Teologia, vinculados ao setor da Cultura Religiosa, visto que eles ministram as “disciplinas

de Formação Teológica”, previstas pelo Regimento da PUC-Rio, Art. 75, I, identificadas pelo código CRE, no serviço que prestamos à universidade, atingindo todos os alunos da PUC-Rio, a partir de quatro disciplinas: 1) *Humano e Fenômeno Religioso*; 2) *Cristianismo*, com as seis optativas de seu grupo CRE 0710 (*O Cristianismo e as Grandes Religiões*; *Cristianismo e Judaísmo*; *Bíblia e Cristianismo*; *Cristianismo e diálogo com o mundo moderno*, *Cristianismo e problemas sociais*; *O Cristianismo*); 3) *Ética Cristã*; 4) *Ética Socioambiental e Direitos Humanos*, que os alunos carinhosamente chamam de “Jesus I”, “Jesus II”, “Jesus III” e “Jesus IV”, e assim o fazem pelo pilotis, por salas de aulas, bares, restaurantes, e seguem por WhatsApp, Facebook, Twitter, Instagram etc., espalhando o nome de Jesus em todos os cantos e situações, o que me faz carinhosamente recordar das palavras de Cristo a seus apóstolos, quando estes lhe contaram que havia um grupo que fazias coisas em seu nome e ele afirmou: “não os proibais, porque quem não é contra nós, é a nosso favor” (Mc 9,40).

Muitas vezes nos deparamos com interrogações sobre o papel e o valor da presença de “disciplinas de Formação Teológica” no ambiente universitário, nesse espaço universal que comporta todas as dimensões do saber humano. Sobre isso, gostaria de recordar o que nos diz Bento XVI, o Papa emérito: “A presença da Teologia na Universidade é uma preciosa herança, que precisa ser defendida” (Ratzinger, 2016: 98). Não tenhamos dúvidas que, como todas as demais áreas, a Teologia também precisa estar e permanecer no ambiente universitário, pois ela se constrói no contato com os outros saberes e ciências e precisa estar em diálogo com eles e elas, além de ajudar na missão humanística de uma Universidade Católica, como é o caso de nossa PUC-Rio.

Hoje, encontramos-nos num tempo que chama em causa as relações entre experiência de fé e “mundo moderno”, que outros preferem dizer entre Fé e Razão. Nesse tempo, “homens e mulheres de fé” não podem estar no lugar errado, da maneira errada, com a palavra errada e nem com o agir errado. Pelo contrário, quem vive a fé precisa ser capaz de conduzir a “história” no presente, sem perder de vista o passado e com os olhos no futuro, mas sempre com os pés no chão da história e do contexto em que vive. O mote que tem conduzido a Teologia produzida na PUC-Rio é, como nos tem pedido o Papa Francisco, “tornar atual” a tradição de fé cristã, como serviço à humanidade, mas sobretudo aos que se encontram nas “periferias físicas e existenciais” (*Evangelii Gaudium*, 20 e 46). Ademais, temos

procurado seguir os *critérios norteadores*, que nos são indicados pelo Papa Francisco na recente Constituição Apostólica *Veritatis Gaudium*, em seu Proêmio, n. 4: a) O “critério prioritário e permanente é a contemplação e a introdução espiritual, intelectual e existencial no coração do *querigma*”; b) A promoção do *diálogo* com todos os campos da cultura, em vista da promoção e do crescimento da cultura do encontro; c) A prática da *interdisciplinaridade* e da *transdisciplinaridade*, à luz da Revelação, para superar um pluralismo incerto, conflitual e relativístico; d) A criação e a atuação em *rede*, com instituições congêneres, para estudar os graves problemas epocais.

Mantendo sua identidade própria e sendo capaz de traduzir no presente a fé, a Teologia deve se tornar compreensível aos homens e às mulheres de hoje, sempre exercendo sua tarefa de *contradizer* e *opor-se* a todo tipo de violência, discriminação e sofrimentos causados pelas atuais injustiças. Inclusive, é sempre bom recordar o que afirma o Papa Francisco, na *Veritatis Gaudium*, Proêmio, n. 3: o bom teólogo / o bom filósofo mantém um pensamento aberto, ou seja, incompleto, não medíocre, sempre aberto ao *maius* de Deus e da verdade, sempre em desenvolvimento, segundo a regra indicada por *Vicente de Lérins* (Bispo de Lérins, na França, do séc. V), descrevendo o caminho a ser trilhado, da seguinte maneira: “*Annis consolidetur, dilatetur tempore, sublimetur aetate* / Consolidada ao longo dos anos, dilatada no tempo, amadurecida com a idade” (*Commonitorium primum*, 23: *Patrologia Latina*, 50, 668).

Fundada em 1940, a PUC-Rio celebra seus 80 anos de história a serviço da Educação, exatamente neste ano de 2020, no qual temos a alegria de disponibilizar os resultados da pesquisa de 2018. Ela sempre tem procurado seguir os princípios da Ética Cristã, tendo Cristo como o grande modelo de Mestre, como é reconhecido e chamado nos Evangelhos.¹ Ao longo destes 80 anos de história, a PUC-Rio pôde presenciar várias mudanças. Mas nunca antes tinha se visto diante de um tecido sociocultural tão plural e diversificado em todos os sentidos. Por isso, uma pesquisa e uma análise do perfil de seus alunos com certeza podem ajudar e muito a ampliar ainda mais sua já consagrada prática de acolhimento, abertura e diálogo com todos.

1. Mt 8,19, 9,11; 12,38; 17,24; 19,16; 22,16; 22,24.36; 26,18; Mc 4,38; 5,35; 9,17.38; 10,17.20.35; 12,14.19.32; 13,1; 14,14; Lc 3,12; 5,5; 8,24.45.49; 9,33.38.49; 10,45; 11,45; 12,13; 17,13; 18,18; 19,39; 20,21.28.39; 21,7; 22,11; Jo 1,38; 3,2; 8,4; 13,13.14; 20,16.

A cada dia mais esta “casa do saber” e “escola do diálogo” tem abraçado uma forma interdisciplinar e multidisciplinar, interdepartamental e intercentros, para construir novos rumos no campo de uma educação mais integradora e inclusiva, propulsora de um humanismo solidário, capaz de promover sempre e cada vez mais o ser humano como um todo. Ela tem ciência de sua missão e vocação, como serviço à sociedade do Rio de Janeiro, do Brasil e do mundo, destacando-se como uma universidade Comunitária, que acolhe tanto brasileiros como estrangeiros. Inclusive, é importante que tenhamos o perfil de uma universidade que promove cotidianamente a internacionalização, seja enviando discentes para o exterior, seja recebendo-os em seu Campus Gávea, como opção e modelo de campus único.

Como nos recorda o professor Alkmin, nos aspectos metodológicos, publicados nesta mesma obra, é preciso ter presente que em ambos os casos, tanto em 2006 como em 2018, as pesquisas feitas sobre o “Perfil da Juventude na PUC-Rio” tiveram “como objetivo realizar um levantamento que se traduzisse em um diagnóstico sobre os alunos da PUC-Rio, considerando diversas dimensões do universo econômico, social, cultural e religioso dos estudantes. Os resultados das pesquisas pretendem servir de insumo de orientação de práticas pedagógicas e de gestão da universidade, segundo a sua missão e princípios”.

Os dados aqui apresentados e disponibilizados foram analisados a partir de olhos, mentes e corações de professores e professoras de diversas áreas do saber, possibilitando uma visão mais ampla da realidade e indicando rumos a serem observados hoje em vista também do futuro. Os dados coletados em 2018 foram cruzados entre si e igualmente comparados com a pesquisa de 2006, dando uma base maior ainda para se chegar às conclusões que temos na obra atual. Para facilitar o acesso a todos esses dados é que sugerimos consultar os estudos aqui apresentados e os de 2006.

Como dito, a presente obra conta com a colaboração de cientistas da Teologia e das Ciências Sociais. Nela encontramos três olhares teológicos: o primeiro texto é do professor Marco Antonio G. Bonelli, intitulado: “Juventude, fé e universidade em tempos de Francisco: uma análise das pesquisas de Perfil da Juventude na PUC-Rio”, no qual o autor, recordando o valor da pesquisa feita em 2006 e publicada em 2010, ressalta a importância de se continuar esse trabalho em vista de uma maior aproximação dos estudantes da universidade e da elaboração de ações pedagógicas eficazes, podendo fazer uma comparação entre os resultados das duas pesquisas, com 12 anos

de diferença. Passados esses anos, se o perfil sociocultural e religioso já era plural, hoje ele é muito mais plural ainda.

Nesse sentido, os resultados dessas pesquisas “servem para embasar estudos e análises sobre a prática docente na universidade”, visto que esses diagnósticos auxiliam como base para se trilhar práticas e ações educativas dentro e fora da universidade. Ele trabalha três pontos gerais, a saber: 1) Perfil geral dos alunos participantes das pesquisas: *cor e sexo dos estudantes; alunos bolsistas; perspectivas de inserção no mercado de trabalho*; 2) Juventude PUC-Rio e religião: *pistas para entender o “novo olhar” da juventude sobre a religião; as diversas concepções sobre Deus*; 3) Alguns temas e proposições do Sínodo dos Bispos sobre a Juventude: *a “escuta” como atitude fundamental; transformações em curso na sociedade atual; ser jovem hoje*. Em seguida, tece suas considerações finais reforçando a importância da pesquisa realizada em 2018, falando do valor da abertura ao diálogo e do encontro com o plural nos inícios deste séc. XXI, dentro e fora da universidade, como apontam as pesquisas.

Como segunda contribuição teológica, temos a reflexão apresentada pela professora Rosemary Fernandes da Costa, com o texto “O dinamismo do ‘fazer pedagógico’: uma construção cotidiana”, no qual, recordando o valor do papel e da participação da formação teológica desde a fundação da universidade, a partir da Cultura Religiosa, como ela mesma menciona, uma vez que “alguns documentos e fontes orais indicam que a prática pedagógica da Cultura Religiosa da PUC-Rio teve seu início com a própria fundação desta universidade”, em 1941, que hoje celebra seus 80 anos de dedicação e serviço à promoção humana. A Cultura Religiosa, em sua rica trajetória e missão, procurou promover na universidade “uma prática pedagógica muito peculiar: a integração entre a fé cristã – seus fundamentos e eixos referenciais –, e as muitas dimensões presentes na formação acadêmica, sejam profissionais, culturais, econômicas, sociais, políticas, espirituais. A Cultura Religiosa nasce e tem sua razão de ser na construção dialógica”. Isso faz com que o Departamento de Teologia, que serve à universidade inteira, seja o mais transversal dentro da PUC-Rio, passando e perpassando por todos os Departamentos, com uma vocação interdisciplinar e dialógica, tendo seus professores(as) a serviço do diálogo com os diversos saberes presentes em nossa Casa do Saber, dialogando com os vários seguimentos da universidade. Tendo isso presente, a autora nos convida a debruçar-nos sobre os resultados da pesquisa sobre o “Perfil da Juventude na PUC-Rio”,

visto que estes nos oferecem elementos para realizar um novo percurso reflexivo de avaliação, revisão e planejamentos futuros diante dos desafios que a pesquisa nos apresenta. Visto isso, a autora trabalha alguns aspectos: *quem são os protagonistas desse processo?; a rede dialógica do cotidiano da sala de aula; textos e contextos: um olhar pedagógico para alguns dados da pesquisa; qual a sua opinião sobre a Igreja Católica?; qual a sua opinião sobre as religiões?; a alteridade como primado; a mistagogia como princípio motivador do fazer pedagógico; por uma espiritualidade integral e integradora; o desafio da relação diante do impulso à solidão; na direção da ética da responsabilidade e da cidadania ativa.* Em seguida, tece suas considerações finais reafirmando o valor do diálogo e do respeito à diversidade como ferramentas para a atuação da Cultura Religiosa, seguindo as pegadas do Mestre Jesus, e do grande valor do fazer pedagógico que os resultados da pesquisa podem nos ajudar a construir no relacionamento entre docentes e discentes, num processo fecundo de abertura “ao dinamismo do amor de Deus”.

Como terceiro e último olhar teológico, temos a colaboração do professor Sérgio Mendes, com o texto “Juventude e valores éticos”, o qual, como ele mesmo afirma, “objetiva analisar os valores éticos dos jovens da PUC-Rio a partir da comparação dos dados da pesquisa realizada em 2006 e 2018”, tendo presente “que o tema dos valores éticos é transversal, seria possível identificar a defesa explícita e implícita de tais valores ao longo de toda a pesquisa realizada”. Muitas são as questões que o autor levanta, a partir da realidade antropológica e dos desafios que o mundo atual nos coloca. Estamos em uma mudança de época. Antes se falava em uma *Era da Ecologia*. Com o advento da pandemia do novo coronavírus (Covid-19) e o súbito e massivo ingresso no mundo digital, já se fala em *Era Digital*. Mudaram-se as perguntas e elas precisam de novas respostas, pois as antigas já não conseguem responder aos desafios que surgem diariamente. E se pensarmos nos valores éticos e morais, essa mudança se faz mais rápida ainda. O autor trabalha a questão dos valores, que são ressignificados a cada instante, embora muitos deles conservem a mesma nomenclatura. Aliás, alguns são realmente importantes para os jovens: respeito, solidariedade, dedicação ao trabalho, justiça social, religiosidade etc., devendo sempre ser observado se em crescimento ou em queda, o que pode ser visto e analisado tanto do ponto de vista quantitativo como qualitativo. Os resultados apontados pela pesquisa, com suas mudanças, como aponta o autor, precisam ser levados em consideração a partir das modificações

ocorridas ao longo do tempo e dos contextos “histórico-culturais”. Ele ressalta que a universidade tem proporcionado integração de todos e todas e que o fato de ser uma universidade confessional não tem sido visto como um problema ou impedimento entre os alunos, para que a PUC-Rio consiga integrar todos em seu tecido educacional e na promoção do ser humano. Visto isso, o autor aborda alguns aspectos: *delimitando o objeto de análise; apresentação sucinta dos dados; sobre os valores sociais mais importantes; Análise dos dados: análise quantitativa e uma pequena conclusão; análise segundo as opções religiosas e uma pequena conclusão; análise segundo o perfil socioeconômico e uma pequena conclusão; a juventude segundo o magistério católico recente; o que Deus parece nos querer dizer através dos jovens; desafios e oportunidades para as disciplinas da Cultura Religiosa da PUC-Rio*. Em seguida, tece suas considerações finais indicando o valor da pesquisa acerca do “Perfil da Juventude na PUC-Rio”, em todos os seus aspectos, e a importância de se saber escutar e dialogar com os dados da mesma, tanto por parte da universidade como por parte do Magistério da Igreja Católica, chamada a olhar para o atual cenário com a bússola do Cristo Mestre, misericordioso e compassivo, capaz de abrir-se ao diálogo e não de emitir juízos precipitados, pessimistas ou condenatórios. Pelo contrário, este momento nos convida a debruçar-nos sobre os dados desta pesquisa e a ouvir o que Deus quer nos dizer a partir das interpolações dos jovens, com suas mudanças de comportamento, sendo um dos grandes “sinais dos tempos” (*Gaudium et Spes*, 4), que precisa ser lido e melhor interpretado. Enfim, ele aponta que a pesquisa nos acena três intuições fundamentais: “1) Os jovens desejam e defendem valores éticos fundamentais, mas não fundamentam tais valores em princípios explicitamente religiosos; 2) O valor da solidariedade é para os jovens um valor fundamental, que parece justificar os demais valores; 3) Desde 2006 os jovens da PUC-Rio assinalam o valor da ecologia (*respeito ao meio ambiente*)”. Aqui está uma grande oportunidade para que o Departamento de Teologia da PUC-Rio, tendo presentes sua missão e identidade, saiba trabalhar as “disciplinas de Formação Teológica” (Regimento da PUC-Rio, Art. 75, I), identificadas pelo código CRE, sobremaneira a partir da atuação de professores(as) da Cultura Religiosa, no serviço que prestamos à universidade, atingindo todos os alunos da PUC-Rio.

Quatro são os olhares das Ciências Sociais. Em primeiro lugar, temos o texto do professor Antonio Carlos Alkmim, com uma reflexão intitulada

“Caminhos alternativos do mundo virtual para os estudantes da PUC-Rio”, tendo presentes o *Discurso sobre as Ciências e as artes*, de Rousseau (1750), e sucessivas obras, em meio ao iluminismo e ao romantismo, em uma sociedade que estava caminhando rumo aos ideais da Revolução Francesa (1789), com todas as suas mudanças, sobretudo com o progresso e o avançar das ciências. Tudo isso trazia ou não ganhos para o espírito *iluminista*? Recorda que Rousseau, em sua obra *Emílio* (1762), defendia o valor da educação pública como um dos principais eixos da formação de uma sociedade capaz de fazer emergir um novo cidadão, tendo à frente bons e sábios mestres, com “uma proposta pedagógica alternativa”. Feito isso, temos um salto cronológico para o final do século XX, com “o avanço da tecnologia e sua apropriação social em massa, denominada *cultura virtual*”, trazendo muitas mudanças, visto que, como observa o autor, “o desdobramento da globalização em movimentos nacionalistas e antiglobais, o curso da história, em que a tecnologia da rede e dos fluxos de informação e conteúdos multimídia impacta os costumes, na linguagem do filósofo, ou a cultura, valores e práticas, para atualizar o tema, nos nossos tempos”. Tendo realizado essa “ambientação” de outros tempos de mudança, o autor passa ao tema da pesquisa realizada na PUC-Rio, em vista do perfil de seus atuais alunos, ressaltando o valor das duas pesquisas (2006 e 2018) e afirmando que os resultados de ambas “nos trazem, ainda que incompletos, pela dificuldade do pleno entendimento do fenômeno em curso das redes sociais, e por ser este um dos múltiplos temas das pesquisas, uma aproximação do perfil dos estudantes face a esta nova realidade”. As mudanças e seus impactos nos vários segmentos sociais sempre foram objeto de grandes inquietações. Não seria diferente entre os segmentos dos estudantes dentro de uma universidade como a nossa PUC-Rio, onde percebemos claramente os impactos nos hábitos e costumes diários dos discentes, sobretudo se pensamos ao fato de “que o acesso às redes sociais, à internet e ao celular é quase universalizado entre os estudantes, o que nos elimina a comparação, importante, com os excluídos digitais”, sobremaneira “com o surgimento, a disseminação e a superutilização do smartphone”. Ou seja, as redes sociais e o uso massivo da internet têm acelerado ainda mais muitas das atuais mudanças na sociedade como um todo, mas sobretudo entre os jovens. Os resultados, com certeza, seriam ainda mais diferentes se essa pesquisa tivesse sido realizada após ter sido decretada a pandemia do novo coronavírus (Covid-19), no início do ano 2020, quando fomos mergulhados em cheio

no mundo virtual, onde quase tudo é realizado por meio de plataformas digitais. Se a descoberta da prensa de Gutenberg, no século XV, deu uma guinada na comunicação, que foi ainda mais ampliada com a descoberta do rádio, da TV, do telefone convencional e da telefonia celular, muito mais ainda agora com o advento da internet e todas as redes sociais. Tudo isso tem nos colocado a cada instante dentro de uma *cultura virtual*, que almeja por novos, mais eficazes e mais amplos horizontes, rompendo fronteiras e limitantes, como nunca visto antes. É óbvio que, se os costumes e os valores vão sendo ressignificados em cada cultura e época, muito mais agora, com as distâncias e os tempos sendo “encurtados” e as notícias sendo acompanhadas em tempo real em todos os rincões do planeta, ainda que muitas vezes mescladas com as *fake news*. Tendo trabalhado a introdução, o autor aborda temas muito importantes que ajudam a entender as mudanças no perfil dos discentes no cenário da PUC-Rio e da sociedade como um todo, a saber: “a emergência das redes sociais e seus impactos; o uso da telefonia celular no Brasil; as pesquisas entre os jovens da PUC-Rio (2006 e 2018)”, realizando uma feliz comparação entre os resultados das duas pesquisas. Faz uso de muitos gráficos ilustrativos, que nos ajudam a entender os dados apresentados e analisados. Em suas considerações finais, o autor, recordando que, embora o motivo principal da pesquisa não tenha sido o de “responder à pergunta sobre o impacto da tecnologia multimídia e virtual e seu impacto positivo ou negativo na formação cultural e de valores dos alunos”, afirma que, no entanto, é possível fazer “algumas aproximações” no uso e no impacto do comportamento dos alunos, nos vários segmentos sociais e simetrias presentes dentro da universidade. Conclui o autor, em relação à questão colocada por Rousseau, “que o progresso evidenciado entre nós pela tecnologia não corresponde ao simultâneo avanço do espírito *iluminista*”. Enfim, ele realça o valor da pesquisa e ensina que ela possa ser replicada em outras universidades do país e que ela continue a ser realizada em nossa PUC-Rio, visto que sempre traz um ganho na relação “custo e benefício”.

O segundo olhar das Ciências Sociais, nós o temos com a contribuição da professora Ana Paula Conde, sobre a temática “O papel da universidade no equilíbrio de poder entre os gêneros: permanências e desafios”, no qual ela trabalha a questão das históricas desigualdades na simetria de gênero masculino e feminino na sociedade como um todo e especialmente nas universidades, uma vez que as oportunidades não eram as mesmas, visto que “as faculdades exclusivas para o público feminino não ofereciam as

mesmas titulações destinadas aos homens”. A partir de dados da triste realidade histórica de desigualdades entre homens e mulheres é que a autora desenvolve sua reflexão e convida a universidade a ajudar a superá-las para se chegar a um “equilíbrio de poder entre os gêneros”. Ela elenca exemplos de mulheres que, inclusive, não puderam se apresentar como tal, como a escritora britânica J. K. Rowling, criadora da série Harry Potter, que teve que abreviar seu nome para não ser percebida como mulher, e o fato de que “apenas 15 escritoras ganharam o prêmio Nobel de Literatura em 116 edições”. Mudanças e transformações significativas “tanto no campo legal como no dos costumes” só foram possíveis nas últimas décadas graças a “embates difíceis e lentos”, mas que obtiveram conquistas, tendo ainda muito para avançar neste campo. Visto isso, ela ressalta que a pesquisa “Perfil da Juventude na PUC-Rio” revelou que em nossa universidade (PUC-Rio), “as mulheres representam pouco mais da metade dos estudantes”. Mais ainda, ela afirma que “a presença feminina aponta para a construção de um cenário que tende a se tornar mais aberto a novos olhares e temáticas, deixando marcas no debate acadêmico”. Mas, embora haja avanços, o cenário ainda apresenta vários obstáculos que precisam ser superados, haja vista a pouca presença feminina em cargos de comando das altas esferas em todos os campos da vida laboral e nos diversos poderes. Tendo presente que as conquistas também podem sofrer retrocessos, a autora nos afirma que “o caminho em direção ao equilíbrio de poder só pode ser mantido com o fomento permanente ao pensamento crítico”. Sem esse fomento permanente do pensamento crítico, corremos o risco de um desmoronamento das conquistas até então alcançadas, pois “o patriarcado segue se adaptando e atuando”. Visto isso, ela trabalha alguns pontos, a saber: *novas percepções e debates; exclusão, inclusão e novas pautas; histórico de lutas e reflexão; a importância da inclusão das mulheres nas áreas de STEM; empregabilidade e pobreza feminina; divisão sexual do trabalho e suas consequências*. Na opinião dela, entre os vários atores no cenário atual, capazes de ajudar a promover um questionamento e uma mudança nesse campo, encontram-se os coletivos, como os vários existentes na PUC-Rio. Entre eles, ela afirma que “um grupo de alunas da PUC-Rio está contribuindo para a mudança. Elas criaram o projeto ‘As Augustas’, que busca despertar nas estudantes de ensino médio o interesse pela ciência”, surgido a partir da “disciplina ‘Cristianismo e problemas sociais’ e conta com o apoio da Coordenação do Ciclo Profissional das Engenharias (CCPE)”. Tecendo suas considerações finais, a

autora reforça o valor do papel preponderante da universidade na luta pela igualdade dos direitos, dentro e fora dela, na construção de uma sociedade que reconheça a paridade de gêneros, masculino e feminino. Seu olhar crítico sobre a presença de alunas nos vários cursos da PUC-Rio nos ajuda a melhor entender o cenário e os resultados para os quais a pesquisa aponta. Por fim, ela afirma que “alunos e alunas serão igualmente competitivos na vida acadêmica e profissional quando incidirem sobre ambos as mesmas responsabilidades e expectativas. (...) Os empecilhos são estruturais”.

Na sequência, contamos com um terceiro olhar das Ciências Sociais, trazendo a colaboração do professor Ricardo Ismael, com sua reflexão “Sobre a agenda dos estudantes da PUC-Rio em 2018”, no qual, tendo presentes as mudanças pelas quais o mundo contemporâneo tem passado, o autor recorda que as transformações são percebidas e recebidas de forma muito mais rápida pela juventude, “que, em geral, dificilmente adota uma postura de indiferença, optando por processá-las, amplificá-las ou mesmo rejeitá-las, segundo critérios e objetivos próprios, que sempre precisam ser melhor estudados”. Os atuais tempos e tecnologias têm proporcionado uma comunicação muito veloz, capaz de propagar ideias em uma velocidade jamais vista antes, seja em nível mundial, seja em nível de Brasil. Esse processo se notabiliza ainda mais no perfil dos alunos em nossas Universidades, uma vez que os mesmos são muito receptivos aos impactos das transformações de sua época. Ele recorda que a pesquisa de 2018 procurou analisar as “continuidades e mudanças quando comparada com aquela realizada de forma pioneira no primeiro semestre de 2006”, na PUC-Rio, que conta com *campus* único. Após 12 anos daquela primeira pesquisa, os mesmos dois departamentos voltaram em cena e tentaram entender a atual agenda dos jovens da universidade, “a partir das respostas dadas pelos entrevistados”. Suas análises abordam a questão política tanto no estado do Rio de Janeiro como no Brasil, ressaltando as polarizações que estamos vivenciando desde as eleições de 2014, mas sobretudo nas últimas de 2018, com uma situação “agora marcada pela clássica clivagem política entre esquerda x direita”. Além disso, passa pelas grandes manifestações de julho de 2013, quando “tivemos grandes manifestações de rua nas principais cidades brasileiras”. Também analisa a questão das investigações da Operação Lava Jato, atingindo vários partidos do país, a política e as últimas eleições ao governo do estado, pensando que seria uma “renovação de lideranças políticas presente no eleitorado fluminense” e tem se demonstrado na contramão do esperado

e do anunciado em épocas de eleição. Se não bastassem os problemas políticos, muitas são as dificuldades no campo econômico e social, tanto em nível de estado como de país. São vários os gráficos que o autor apresenta sobre as realidades político-econômico-sociais dessa realidade, tendo presente que “o estado do Rio de Janeiro foi uma das unidades da federação mais impactadas no cenário” nacional em todos esses campos. Tendo visto isso, o autor entra diretamente na temática da pesquisa sobre os dados apresentados no que diz respeito a “mudanças e continuidades entre os estudantes de graduação da PUC-Rio”, comparando os dados da pesquisa de 2006 com os da pesquisa de 2018, levando em consideração a realidade de cada uma das simetrias presentes na universidade: masculino e feminino, pagantes e não pagantes, os tipos de bolsas, o interesse pelas áreas (exatas e humanas), estudantes que já trabalham, religiosidade, coletivos, racismo, diversidade sexual, valores éticos e morais, violência e corrupção, justiça social e solidariedade, direitos humanos etc. De tal forma que seu foco se dá sobre os temas: *o Brasil e o estado do Rio de Janeiro no contexto político de 2006 e 2018; dificuldades adicionais na Economia e no Campo Social; mudanças e continuidades entre os estudantes de Graduação da PUC-Rio*. Em suas considerações finais, o autor pondera alguns pontos sobre a agenda estudantil tendo presentes as duas pesquisas realizadas sobre o “Perfil da Juventude na PUC-Rio” (2006 e 2018) e menciona a responsabilidade e o papel da universidade às vésperas de celebrar seus 80 anos de história, nesta bonita trajetória a serviço da promoção humana. Isso responsabiliza ainda mais a PUC-Rio em vista do futuro, para que ajude cada vez mais a eliminar os problemas ainda existentes, tanto interna quanto externamente, ao cotidiano da vida da universidade. Enfim, o autor nos ajuda a ver que a agenda dos estudantes da PUC-Rio é realmente de um forte teor, conteúdo e ideais sociais, com temas mais comunitários e universais, profundamente pautada pelo pluralismo e pelo permanente diálogo.

O quarto e último olhar das Ciências Sociais nós o temos com um texto escrito a quatro mãos, pela professoras Sonia Maria Giacomini e Elaine de Azevedo Maria, intitulado “Família, amizade e trabalho: a perspectiva dos bolsistas de ação social da PUC-Rio”, no qual as duas autoras afirmam que aceitam e fazem essa análise “instigadas pelo convite para analisar numa perspectiva antropológica os dados das duas mencionadas pesquisas sobre os estudantes de graduação da PUC-Rio”. Elas trabalham a temática proposta recordando que, dentro de nossas universidades, não temos

apenas jovens e que em nosso país uma grande maioria de nossos jovens não tem acesso ao ensino superior, o qual é um dado drástico se pensamos no futuro deles e da nação como um todo. Frequentar uma universidade é um dos grandes sonhos da juventude, pensando em um futuro melhor. As autoras ressaltam que as dificuldades sociais impostas sobre as classes mais pobres e vulneráveis têm “encurtando a juventude dos pobres e prolongado a juventude dos mais ricos”, criando ainda mais um abismo de diferenças e desigualdades nesses dois extremos, que se agigantam a cada dia. Elas afirmam que as diferenças entre os tipos de jovens na PUC-Rio, dado normal a todas as universidades, “certamente, recomendam que se fale de juventudes e universitários colocados no plural” e não apenas de juventude, no singular, como pleiteia o título da pesquisa “Perfil da Juventude na PUC-Rio” (2006 e 2018). Aliás, como elas indicam, “o período de 12 anos coberto pelas duas pesquisas consolidou entre o alunado da PUC-Rio um valor declarado como o mais importante: o ‘respeito às diferenças’”. As políticas de inclusão têm colocado lado a lado, nas universidades, jovens de todos os mais variados e diferentes segmentos sociais. Se os dados de 2006 já assinalavam a presença de bolsistas na Graduação na PUC-Rio, mais ainda os dados da pesquisa de 2018. Como recordam as autoras, “os processos de democratização do acesso ao ensino universitário no Brasil das duas últimas décadas tornaram possível, pela primeira vez em nossa história, uma presença expressiva de estudantes oriundos das camadas populares, quase sempre os primeiros em suas famílias a entrarem no ensino superior”. Essas mudanças trouxeram novos valores para a vida universitária, que repercutem no tecido social. As duas pesquisas revelam que o tecido hoje é muito mais plural que antes e que há “uma atenção e valorização positivas da diversidade cultural”, o que tem ajudado e muito na construção do respeito ao diverso. Inclusive, as pesquisas indicam “o ‘respeito às diferenças’ como uma prioridade”. Faz-se mister procurar decifrar um pouco os resultados obtidos por essas pesquisas. É necessário tentar entender quais são os valores apontados nas mudanças indicadas pelas duas pesquisas, nas respostas e nas “declarações dos respondentes”. Um grande desafio para os mais pobres tem sido conciliar estudo e trabalho, visto que eles precisam se manter e, em muitos casos, ainda ajudar na manutenção da família. Mais ainda, este é “um dilema que se coloca quando o trabalho é um imperativo e o estudo universitário é uma conquista”. Elas observam que nas duas pesquisas, de 2006 e de 2018, “dois temas, família e amizade, encabeçados por

sexualidade, foram escolhidos pelos alunos como aqueles que conferem ‘os mais altos graus de satisfação’. Entre os vários temas enfocados nas pesquisas, as autoras refletem sobre três valores apontados nas enquetes, pelos respondentes bolsistas, como sendo referentes e importantes, seja na vida cotidiana, seja no ingresso na universidade: “*família, amizade e trabalho*”. Aliás, há uma mudança positiva no cenário das amizades, pois o ingresso na universidade traz “oportunidades para o estabelecimento de novas relações e novas amizades”. Em suas considerações finais, elas reforçam o valor da política de concessão de bolsas, pois “não só os graduandos e seus grupos sociais, mas também isso vem contribuindo para a consolidação de um espaço universitário mais diversificado e mais democrático”, com o ingresso dos mais pobres na universidade, possibilitando um crescimento em todos os sentidos, visto que isso possibilitou lidar com o diferente daquilo que se estava acostumado “a conviver e a se relacionar”, seja para os mais pobres, seja para os mais ricos, sentados nos bancos das mesmas salas de aula e caminhando pelo mesmo pilotis. Enfim, como afirmam: “que essas relações possam ser transformadas a ponto de propiciarem um crescente compartilhamento daqueles dois valores considerados como os mais fundamentais a orientar a vida social: o ‘respeito às diferenças’ e a ‘solidariedade’”.

Tendo passado por esses olhares, essas reflexões e essas análises, a presente obra também traz outras importantes informações e os instrumentos empregados para a pesquisa, como: metodologia, critérios e questionário. Também apresenta um minicurriculo dos organizadores da obra e dos autores dos textos. Ainda, é possível conferir em cada texto a bibliografia e os sites consultados pelos professores, além de suas várias tabelas ilustrativas em cada temática trabalhada. Os passos foram dados, duas pesquisas foram realizadas e os resultados publicados e disponibilizados a todos, em 2006, e agora em 2020. Além disso, eles estarão disponibilizados em formato e-book, gratuitamente, para universalizar, facilitar e democratizar o acesso. Nossos olhos e expectativas já miram para o futuro, pois, no que tange ao “custo-benefício”, realmente vale a pena continuar realizando futuras pesquisas e tentar cada vez mais entender as mudanças que são próprias de cada época, ainda mais em um público tão especial como o universitário, a exemplo que temos em nossa querida PUC-Rio, a mais antiga e potente universidade privada do Brasil, confessional e comunitária ao mesmo tempo.

Waldecir Gonzaga

Diretor do Departamento de Teologia da PUC-Rio

Referências bibliográficas

- PEDROSA-PADUA, Lúcia e MELLO, Zeca (Orgs.). *Juventude, Religião e ética: reflexões teológico-práticas sobre a pesquisa “Perfil da Juventude na PUC-Rio”*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2010.
- PUC-RIO – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. *Pesquisa CERIS/PUC 2006 – “Perfil da Juventude na PUC-Rio”*. PUC-Rio, 2007. Disponível em <http://www.teo.puc-rio.br/wp-content/uploads/2020/01/Relatorio-Pesquisa-Perfil-Juventude-PUC-Rio.pdf>. Acesso em 6 nov. 2020.
- RATZINGER, Joseph. *Natureza e missão da teologia*. Petrópolis: Vozes: 2016.

Juventude, fé e universidade em tempos de Francisco: uma análise das pesquisas de perfil da juventude na PUC-Rio

Marco Antonio G. Bonelli

Introdução

No final do ano de 2005, o setor de Cultura Religiosa (CRE) da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) deu início a um projeto de estudo e pesquisa sobre os estudantes dessa universidade. A meta almejada nesta iniciativa era “identificar o perfil dos universitários na PUC-Rio”, objetivando também fornecer à CRE “dados que subsidiem um planejamento mais eficaz da ação pedagógica” (Pedrosa-Pádua e Mello, 2010: 14). Em 2018, a CRE, em parceria com a Vice-Reitoria Acadêmica e com o Departamento de Ciências Sociais da universidade, repetiu a corajosa empreitada, obtendo, em uma nova base de dados, interessantes temas e pontos de comparação com a pesquisa anterior.

A partir das informações colhidas nesses dois projetos, foi possível produzir dados que traçam um panorama da cultura, das atitudes, das crenças, das práticas religiosas, bem como dos valores e dos ideais dos alunos dessa importante instituição de ensino superior. Esse material nos ofereceu um valioso conjunto de dados objetivos e subjetivos sobre os jovens estudantes da PUC-Rio, que servem para embasar estudos e análises sobre a prática docente na universidade.

Podemos dizer também que, indo além do foco específico no trabalho pedagógico, a análise dos dados pode fornecer hipóteses e diagnósticos que sirvam como uma base para pensarmos os caminhos e as direções que estão sendo trilhados pela juventude universitária brasileira em sentido mais amplo. Tudo isso mostra o alcance e a relevância desse projeto, desenvolvido com tanto empenho e dedicação pelas equipes coordenadoras das pesquisas de modo mais específico, bem como pelo conjunto dos professores da CRE de um modo mais geral.

O objetivo pretendido neste artigo será, então, oferecer um roteiro de leitura sobre alguns dados dessas pesquisas. Analisando comparativamente

as informações trazidas pelos questionários aplicados em 2006 e 2018, tentaremos produzir dados e elementos, que nos permitam compreender como estão sendo criadas as bases de uma nova cultura jovem e de uma nova forma pela qual os estudantes universitários percebem e vivem sua fé e sua religiosidade.

Perfil geral dos alunos participantes das pesquisas

Para início de conversa, cabe situar algumas informações básicas sobre o contexto dos alunos da PUC-Rio no momento em que as pesquisas foram realizadas. Em 2006, foram aplicados 1.468 questionários num universo de aproximadamente 13.000 alunos. Tivemos, então, uma amostragem de 11,3% do total (Pedrosa-Pádua e Mello, 2010: 7, 16). Na ocasião da segunda pesquisa, em 2018, obtivemos 2.114 questionários respondidos, dentro de um universo de 11.292 alunos, correspondendo a uma amostragem de 18,7% do total de estudantes regularmente matriculados na universidade naquele ano.¹

Cor e sexo dos estudantes

No tocante aos quesitos cor e sexo dos informantes, encontramos os seguintes dados: em 2006, tínhamos 55,3% de alunos do sexo masculino e 44,4% do sexo feminino. Em 2018, os índices eram de 54,2% masculino e 45,8% feminino. Os estudantes que se autodeclararam de cor branca, em 2006, eram 77%, aumentando apenas 1% na pesquisa seguinte. Já os que se identificavam com a cor preta passaram de 3,4% (2006) para 5,8% (2018).

Os números nos mostram a permanência de um perfil de estudantes majoritariamente de cor branca, embora equilibrado na distribuição entre homens e mulheres, com leve vantagem no número de alunas, em ambas as sondagens.

A alteração mais significativa, nesse caso, se mostra no aumento expressivo do ingresso de alunos e alunas de cor preta na PUC-Rio. Embora sejam representados por um percentual ainda muito menor do que o de alunos brancos, esse contingente de alunos pretos cresceu cerca de 85% em 12 anos. Certamente essa distribuição numericamente tão diferenciada entre pretos e brancos mostra que ainda estamos longe de alcançar índices

1. Relatório executivo da pesquisa “Perfil da Juventude na PUC-Rio 2018”, elaborado pelo cientista político Antonio Carlos Alkmim, para a equipe coordenadora do projeto.

significativos de promoção da igualdade racial entre os estudantes matriculados na universidade.

Como confirmação dessa realidade aqui detectada, vale a pena recordar alguns dados apresentados pelo IBGE, com base no PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) em 2018 (IBGE, 2019). Ao apresentar a “distribuição das pessoas que frequentam o ensino superior”, o relatório do IBGE mostra que na rede pública de ensino superior já existe uma maioria de estudantes de cor preta e parda. Estes somavam 50,3% dos alunos matriculados nas instituições públicas de ensino superior brasileiras. Ainda sobre este dado, o IBGE mostra que, nas instituições privadas de ensino superior, há uma proporção de 46,6% de estudantes pretos e pardos, enquanto na PUC-Rio estes dois grupos juntos somavam apenas 20% do total de alunos em 2018.

Ainda assim, merece ser registrado o crescimento expressivo do percentual de pretos na variação da primeira para a segunda pesquisa de perfil dos alunos. É bem provável que essa ampliação do ingresso de alunos pretos na PUC-Rio esteja relacionada com políticas de incentivo voltadas para esse grupo social.² Isso altera, ainda que em ritmo lento, o perfil do alunado da instituição e muito provavelmente terá impactos na representação das crenças e práticas religiosas destes alunos no interior da universidade.

Alunos bolsistas

Como é comum em muitas universidades, na PUC-Rio as condições socioeconômicas das famílias dos alunos são muito diversificadas. Considerando essa realidade, existe na universidade uma política de concessão de bolsas de estudo, em parceria com os programas governamentais de incentivo e financiamento, direcionados aos estudantes que se encontram em situação financeira limitante.

Nossas pesquisas registram essa realidade através dos índices percentuais dos alunos que pagam o valor integral da mensalidade e dos índices daqueles que recebem algum tipo de bolsa de estudos. Esses dados indicam que, em 2006, os que declararam receber algum tipo de bolsa de estudos eram 41,3%, sendo 19,1% alunos que recebiam bolsa parcial e 22,2% o índice dos que recebiam bolsa integral. Já na segunda pesquisa feita em 2018, notamos um aumento percentual na concessão de bolsas. Os alunos

2. Sobre este tema, ver também a interessante reportagem “Negros são maioria nas universidades públicas do Brasil”, publicada por Heloisa Mendonça no jornal *El País*, de 13 de novembro de 2019.

bolsistas passaram a ser 48,4% do total, distribuídos da seguinte maneira: 19,2% disseram que recebiam bolsa integral; 15,6%, bolsas parciais e 13,6% se declararam bolsistas do programa ProUni do governo federal.

Assim, vemos que ocorreu um pequeno crescimento no número de alunos bolsistas na PUC-Rio. O que parece bastante coerente com o contexto de diversificação do perfil dos estudantes, com o aumento para o contingente de alunos de cor preta e parda na universidade, como foi indicado anteriormente.

A entrada em cena de programas como ProUni, somada às iniciativas da PUC-Rio, por meio de programas da vice-reitoria comunitária da universidade, constituíram fatores de estímulo à inclusão de um contingente maior de alunos situados em faixas de renda familiar mais baixas, potencializando um pouco mais o ingresso de alunos dessas camadas sociais na PUC-Rio.

Essa política de incentivos ao ingresso e à permanência de alunos de variadas classes sociais na PUC-Rio está contribuindo para ampliar a diversidade sociocultural do alunado da universidade, o que nos faz supor que estamos diante de uma “nova juventude”, com um pluralismo de concepções culturais e religiosas bem mais acentuado do que em anos anteriores.

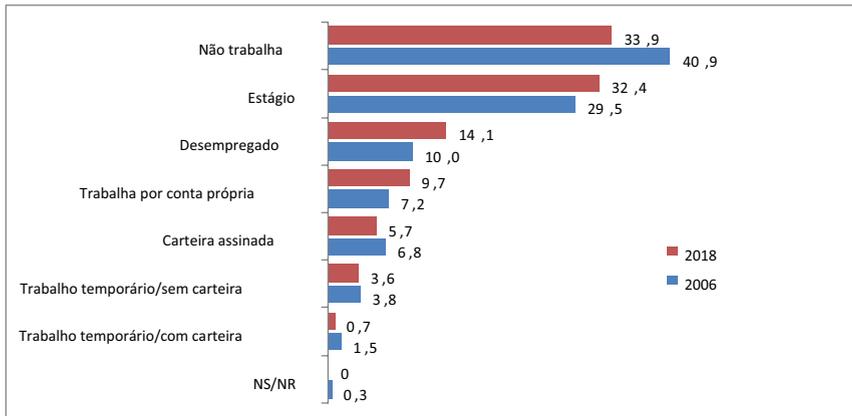
Recordando que um dos objetivos da pesquisa era oferecer bases para o aperfeiçoamento das práticas pedagógicas, podemos dizer que esses números certamente exigem uma atenção especial da CRE em suas atividades e seus planejamentos. É fato notório que a maioria dos estudantes da universidade segue ainda o perfil tradicional de uma juventude majoritariamente branca e de classe média. No entanto, o surgimento de um expressivo contingente de jovens econômica e racialmente diversificados está formando um alunado de perfil novo, com demandas por temas e debates novos que certamente interpelarão os professores e as aulas da Cultura Religiosa.

Perspectivas de inserção no mercado de trabalho

Uma das motivações mais evidentes do ingresso no ensino universitário é a qualificação profissional, tendo em vista a obtenção de emprego e renda. Nesse aspecto, é muito comum pensarmos o jovem como alguém que deseja ser livre para escolher sua profissão e ter sucesso na carreira escolhida.

A percepção dos estudos na universidade como um “período de formação”, ou como uma etapa preparatória para a vida profissional, parece bem coerente com as informações que as pesquisas disponibilizaram.

Gráfico 1
Situação no mercado de trabalho



Fonte: Relatório “Perfil da Juventude na PUC-Rio 2018”.

De acordo com os questionários aplicados, muitos alunos da PUC-Rio declararam que “não trabalham”. Estes eram 40,3% em 2006 e se tornaram 33,9% em 2018. Os que desenvolvem algum tipo de atividade remunerada aumentaram em diversas modalidades. Os que estão participando de “estágio” subiram de 29,5% para 32,4%. Os que dizem “trabalhar por conta própria” aumentaram de 7,2% para 9,7%. Já os que se identificam como trabalhadores formais “com carteira assinada” diminuíram de 6,8% para 5,7%.

Esses dados parecem apontar para um interesse expressivo de uma parcela significativa dos estudantes em ter experiências de trabalho, durante o período em que se dedicam aos estudos universitários. Os números em si não permitem deduções conclusivas, pois nada indicam sobre o tipo de atividade nem sobre a qualidade das relações de trabalho e da remuneração obtida. Ainda assim, apontam para algumas tendências sobre a visão e o comportamento desses jovens a respeito de sua trajetória de vida e de suas tentativas de inserção no mercado de trabalho.

Trata-se, em grande parte, de uma juventude que ainda mora com os pais e tem a família como referência de sustento financeiro. Com efeito, as sondagens mostram que em 2018 os alunos que assumiam a família

como principal fonte de sustento eram 81,5% dos informantes. Entretanto, o mesmo gráfico nos informa que as demais fontes de renda tiveram um pequeno crescimento na vida financeira dos alunos. Foi possível constatar que trabalho informal, emprego e estágio, em 2006, respondiam como “principal fonte de sustento” de 12% dos alunos. Em 2018, esses três itens passaram a ser indicados como principal fonte de renda para 15% dos entrevistados.

Esses dados parecem indicar que o número de alunos que se autossustentam com rendimento ou salário próprios ainda é reduzido na PUC-Rio. No entanto, notamos também que esses jovens se mostram preocupados com seu futuro profissional e estão empenhados em “aprender fazendo”, testando oportunidades, por meio de estágios e atividades remuneradas e participando de trabalhos, mesmo que temporários. Parecem ensaiar situações e iniciativas de aprendizado variado, vislumbrando talvez a formação de um currículo de experiências, que possam abrir caminho para empregos e oportunidades de trabalho no futuro.

Por um lado, esses jovens parecem “anteados”, ou seja, atentos às circunstâncias presentes e ávidos por aproveitar as oportunidades que a dinâmica da vida universitária oferece. Por outro lado, defrontam-se com um mercado de trabalho altamente competitivo e ao mesmo tempo retraído por um cenário de crise econômica que vem se agravando ao longo dos anos, oferecendo poucas oportunidades de emprego formal com carteira assinada.

Parece que aquele ideal de livre escolha profissional e de busca de trilhar os próprios caminhos com suporte do saber aprendido na PUC-Rio está sendo limitado e tolhido, pelos dados da realidade política e econômica de crise vivida no Brasil. Essa realidade é conhecida pelos jovens que, por meio das iniciativas de estágio e outras modalidades de trabalho, buscam viver seu ideal, suas escolhas e definições de vida, confrontando-se com o contexto socioeconômico de cada ano que passam na universidade.

Será que tantas responsabilidades e desafios vividos pelos nossos alunos não interpelam também a maneira como eles processam seus ideais, suas crenças, sua fé? De que maneira? É razoável supor que as condições históricas nas quais esses jovens vivem seus estudos, as preocupações e as possibilidades de aprendizado prático de trabalho sejam também um fator que condiciona o perfil dessa geração. É difícil saber

com precisão o impacto dessas situações sociais, das eventuais experiências de estágio e trabalho remunerado sobre o perfil psicológico, cultural e religioso dos estudantes universitários. Mas seria bastante surpreendente imaginar que essas vivências objetivas não provocam repercussões nos valores e nos sentimentos subjetivos. O mais provável é que essas situações vividas pelos alunos sejam um elemento relevante, tanto no processo de formação profissional desses jovens como no seu amadurecimento humano, espiritual e religioso. Como veremos mais adiante, nem todos os alunos são praticantes de alguma religião. Inclusive, o panorama das opções entre a crença e a descrença é muito variado. No entanto, essa própria variedade de escolhas e posicionamentos diante dos diversos modos de crer e de não crer se mostra de algum modo relacionada com os contextos de vida, nos quais os alunos da PUC-Rio se encontram inseridos. Vejamos.

Juventude PUC-Rio e religião

Iniciando a conversa no campo das temáticas e questões religiosas, foco de análise mais diretamente relacionado com o trabalho da CRE, podemos destacar alguns dados. No tocante à adesão prática às religiões e às instituições religiosas, notamos uma expressiva diminuição do vínculo formal com as igrejas e os locais de culto.

O número de estudantes que se autodeclararam católicos declinou de 50,3% em 2006 para 28,8% no ano de 2018. O patamar de alunos evangélicos permaneceu relativamente estável, passando de 7,7% para 8,3%. O número de espíritas diminuiu de 7,8% para 5,7%. Os alunos judeus também baixaram de 3,9% para 2,8%, enquanto os alunos identificados com as religiões de origem afro-brasileira (umbanda e candomblé) aumentaram de 0,6% para 2,8%. Por último, mas não menos importante, temos um significativo crescimento dos alunos que se identificam como “sem religião”, que passaram de 22,9% para 40,7% dos entrevistados.

Podemos notar, por esses números, que as pesquisas retratam um panorama expressivo de mudança na prática religiosa de nossos alunos, em relação ao cenário existente em anos anteriores. Essa mudança indica uma acentuação, entre os jovens, de tendências de comportamento que já eram indicadas nos censos do IBGE. Destacam-se nesses censos um movimento semelhante de diminuição do percentual de católicos, um aumento da

diversificação das adesões religiosas e uma ampliação do percentual de pessoas sem religião, embora com ritmos e índices diferentes.

Tomando como referência os censos de 2000 e 2010, por exemplo, vemos que os católicos diminuíram percentualmente de 73% para 65%; os evangélicos cresceram de 15,4% para 22,2% enquanto que os “sem religião” subiram de 7,3% para 8% no mesmo período.³

O curioso é que no ambiente universitário, ou mais especificamente na PUC-Rio, as grandes linhas desse movimento de diversificação do panorama da prática religiosa se apresentam mais acentuadamente na direção dos sem-religião do que no sentido do crescimento evangélico. Não quer dizer que os números tenham um valor de conclusão definitiva, como se fossem tão somente um dado de objetividade matemática. Provavelmente nossa pesquisa interna, restrita aos estudantes da PUC-Rio, não dispõe do nível de detalhamento e precisão dos métodos de pesquisa aplicados pelo IBGE. Mesmo assim, é uma evidência notável que os percentuais de diminuição de católicos e aumento dos sem-religião sejam verificados em velocidade e proporção muito mais acentuadas do que na média geral do Brasil, verificada nos censos do IBGE.

Será muito interessante se a universidade futuramente puder produzir novas pesquisas, mediante questionário com perguntas qualitativas, que possam detalhar as motivações e os valores subjetivos que estão impulsionando essa mudança de pensamento nos estudantes. Ainda assim, mesmo contando apenas com os dados objetivos aqui indicados, podemos apontar alguns sinais e tendências de comportamento, que nos ajudam a contextualizar essa mudança no panorama religioso detectada na pesquisa da PUC-Rio.

Um primeiro aspecto que vale salientar é o fato de que os estudantes de uma universidade privada como a PUC, situada num bairro nobre da capital do estado do Rio de Janeiro, com um alunado composto em grande parte por setores de classe média, podem compor uma juventude “mais aberta” às mudanças sociais, culturais e religiosas contemporâneas. Esses jovens formam um segmento social que vive em contato direto com debates acadêmicos e científicos, possuindo também acesso frequente à internet e às mídias digitais. Nesse sentido, é razoável supor que os efeitos de uma racionalidade científica e de um pensamento crítico questionador sobre determinadas práticas religiosas podem circular mais livremente

3. Conforme os dados indicados no Censo 2010, Diversidade cultural.

no ambiente universitário. Nesse cenário, talvez seja o caso de tentarmos verificar em que aspectos as práticas religiosas, especialmente as ligadas ao catolicismo, parecem anacrônicas para uma juventude que anseia por mais liberdade de pensamento, respeito às diferenças, inserção no mercado de trabalho, tal como foi indicado nas respostas dos alunos à pesquisa da PUC-Rio.

Há um processo de mudança cultural em curso, numa dinâmica que parece especialmente acentuada entre os jovens com formação universitária. Justamente por isso, é preciso estudar o fenômeno com seriedade acadêmica, a fim de que possamos compreendê-lo adequadamente.

Pistas para entender o “novo olhar” da juventude sobre a religião

Os dados apresentados até agora indicam um novo modo de entender a religião. Uma leitura mais apressada poderia nos levar à conclusão de que aproximadamente 40% dos alunos que estudam na PUC-Rio estão simplesmente desistindo da religião, porque perderam a fé e se tornaram todos ateus. No entanto, uma análise mais cautelosa e atenta das pesquisas pode fornecer outras interpretações mais detalhadas e promissoras.

Um primeiro aspecto a se considerar é que os estudantes apresentam uma nova percepção sobre as crenças e as instituições religiosas. Trata-se de uma nova geração de jovens, que está construindo sua trajetória pessoal e profissional, num momento histórico e cultural bem distinto daquele em que viveram seus antepassados. Ser “sem religião” em 2018 pode ser algo bem diferente do que foi no contexto de Guerra Fria e de regime militar no Brasil dos anos 70 do século passado. Possivelmente poderíamos dizer o mesmo no tocante a “ser católico”, por exemplo. Em suma, há um novo olhar sobre a religião porque temos hoje na universidade uma nova juventude. As dinâmicas da experiência geracional podem ser uma boa chave de leitura para compreender as identidades e as crenças religiosas da juventude brasileira atual.

Analisando dados de uma pesquisa do ano de 2004, feita em âmbito nacional, a antropóloga Regina Novaes destacou que os jovens que se declaravam sem religião estavam presentes de forma mais ou menos uniforme em todas as regiões do Brasil. Em escala nacional, eles são o segundo grupo que mais cresce em termos percentuais, sendo que boa parte deles se declarava como jovens que “acreditam em Deus mas não têm religião”.

Segundo a autora, que possui vasta experiência em estudos sobre juventude brasileira, esse perfil de jovens está especialmente presente na região Sudeste (Novaes, 2005: 266).

Poderíamos supor que os processos de modernização e secularização da sociedade brasileira são o fator principal para explicar essas mudanças. No entanto, o estudo perspicaz da professora Regina nos mostra que é preciso levar em conta outros vetores do processo de socialização dos jovens brasileiros. “Isso porque para essa geração nada pode ser visto como muito estável, pois o que mais a caracteriza é a disponibilidade para a experimentação, o que ocorre também no campo religioso. São os jovens os que mais transitam entre vários pertencimentos em busca de vínculos sociais e espirituais” (Novaes, 2005: 271).

Em reforço dessa perspectiva de análise, a autora revela que não são apenas os jovens católicos que estão mudando, mas também aqueles que vieram de famílias sem prática religiosa. Em outras pesquisas, ela observa, “obtivemos respostas que indicavam que metade dos filhos de pais ateus ou agnósticos disse ter eles próprios alguma religião”. Além disso, “parte dos jovens que não segue as religiões de seus pais católicos busca outras” (Novaes, 2005: 271).

Esses dados parecem sugerir que não devemos interpretar a classificação “sem religião” como sendo um grupo homogêneo, composto exclusivamente por ateus e agnósticos. Esse grupo talvez seja bem mais diversificado do que se costuma supor. Ele pode ser composto também por católicos não praticantes, jovens com múltiplas sensibilidades, dispostos a conhecer grupos, ideias e práticas provenientes de outras religiões e, como foi indicado, também por pessoas que acreditam em Deus sem se vincular a igrejas e religiões institucionalizadas.

Soma-se a essa situação aqui descrita o dado surpreendente apresentado na pesquisa analisada por Regina Novaes, no que se refere à visão de jovens autodeclarados ateus sobre a importância da religiosidade. Ao serem perguntados sobre quais valores seriam mais importantes numa sociedade ideal, 14% desses jovens, que se identificam como pessoas que não acreditam em Deus, escolheram o item “religiosidade” como resposta. Outros 14% do mesmo grupo marcaram a alternativa “temor a Deus” (Novaes, 2005: 277).

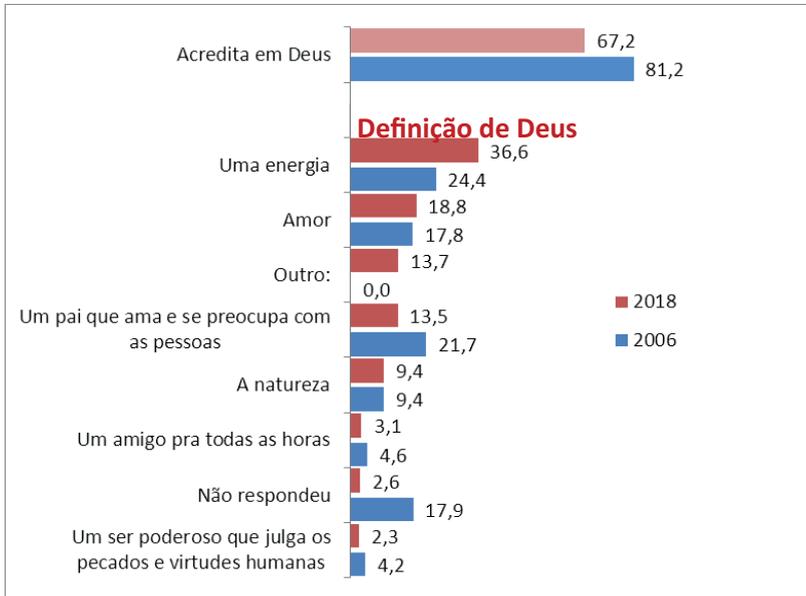
Esses números soam enigmáticos ou até mesmo paradoxais para a opinião geral dos que acham que agnósticos e ateus são pessoas totalmente refratárias à fé e aos ideais religiosos. No entanto, se observarmos essas informações estatísticas com mente aberta e desprovida de preconceitos, talvez possamos notar que agnósticos e cristãos possuem ideais, opções de vida e sentimentos subjetivos em comum. Sem perceber, podem estar irmanados em torno de certos valores espirituais relevantes e virtudes humanas compartilhadas em comum. Afinal, ambos os grupos, em alguma medida, precisam enfrentar os desafios de sua própria geração, e isso favorece que compartilhem práticas e crenças, dificuldades e utopias, para além das fronteiras conceituais que separam suas opiniões contrastantes frente à fé em Deus e aos cultos religiosos formais.

Pensando em nossa própria prática docente cotidiana, vale a pena considerar a seguinte questão: será que não poderíamos ver nessas informações ecos e ressonâncias das características culturais e sociais, bem como dos sentimentos e dos valores subjetivos dos alunos em nossas turmas e salas de aula na universidade? Muitos aspectos sinalizam que sim. Os dados da realidade revelados pelas pesquisas e os dados percebidos pela experiência prática no magistério parecem convergir para um ponto comum. Nós, professores, podemos e devemos nos deixar interpelar por essa nova cultura jovem que está emergindo, nas primeiras décadas do século XXI. Temos nela um convite ao diálogo, que nos desafia a olhar e rever nossa prática pedagógica e nosso modo próprio de ser presença, como setor de Cultura Religiosa na PUC-Rio.

As diversas concepções sobre Deus

Para conhecer melhor a visão dos jovens da PUC-Rio sobre a fé e sobre o sentido da religião, será necessária uma disposição para ouvir o que eles têm a dizer sobre o tema. Adentrando um pouco mais a fundo nas ideias e nas representações do sagrado cultivadas por nossos alunos, deparamo-nos novamente com um panorama bem diversificado no tocante às percepções sobre Deus. Nesse quesito, as pesquisas detectam a presença de concepções religiosas variadas, em certos aspectos de conteúdo semelhante às representações cristãs e em alguns outros aspectos com conteúdos e significados bem diferenciados.

Gráfico 2
Crença em Deus e definição de Deus



Fonte: Relatório “Perfil da Juventude na PUC-Rio 2018”.

Num sentido mais quantitativo/objetivo, vemos que os que afirmam acreditar em Deus eram 81,2% em 2006 e passaram a ser 67,2% em 2018. Já num sentido mais qualitativo/subjetivo, as pesquisas revelam que os alunos expressam diferentes significados em suas crenças. Ao serem perguntados como definiriam Deus, 36,6% dos estudantes responderam que Deus é “uma energia” (em 2006 eram 24,4%). Os que definem Deus como “amor” formam o segundo maior grupo, sendo 17,8% em 2006 e passando para 18,8% em 2018. Curiosamente, notamos uma redução no número dos que acreditam em Deus como “um pai que ama e se preocupa com as pessoas”, que era 21,7% e diminuiu para 13,5% dos entrevistados. Foi interessante também notar que o índice dos que veem Deus como “a natureza” permaneceu estável, com 9,4% nas duas sondagens. Por fim, como grupo mais minoritário de todos, aparecem aqueles que aceitam a concepção de Deus como “um ser poderoso que julga os pecados e as virtudes humanas”. Estes passaram de 4,2% para 2,3%. Diante desses percentuais indicados, a pergunta surge quase espontaneamente: Como ler e interpretar esses números? Eis nosso desafio.

Como em toda pesquisa, a interpretação dos dados objetivos está sempre sujeita a uma certa variação com diferentes possibilidades de leitura, a partir dos critérios subjetivos com os quais “olhamos” e “observamos” os dados. Desse modo, a análise que propomos aqui deve ser vista como “uma leitura” ou interpretação das respostas dadas pelos estudantes, mas não como a única possível. Reconhecemos, desde já (e isso parece-nos um aspecto importante), que nossa análise pode e deve ser aperfeiçoada por outras possibilidades de observação desses dados e também, caso seja viável, trazendo para o debate a contribuição de outras informações captadas por outros estudiosos e pesquisadores. Dessa forma, evitamos qualquer pretensão de sermos os “proprietários” da verdade absoluta sobre a realidade que desejamos compreender, ao mesmo tempo em que damos chance para que outros olhares, estudos e pesquisas possam contribuir no debate e ampliar o nosso próprio aprendizado inicial.

Feita essa advertência, podemos dizer que os dados sobre a definição de Deus feita pelos estudantes nos mostram, em primeiro plano, que “é difícil definir Deus”. Essa constatação, que poderia parecer “óbvia” para qualquer teólogo, talvez mereça uma certa atenção, por parte daqueles que (como nós) pretendem ver e analisar os dados da pesquisa sobre o perfil da juventude na PUC-Rio. Nenhuma das definições sugeridas na pergunta feita aos alunos obteve percentuais altos de adesão! O índice mais expressivo foi apontado para a opção que definia Deus como “uma energia”. As demais concepções de Deus (“Amor”, “Pai”, “Natureza”, “Amigo”...) receberam índices variados e decrescentes, com percentuais bem menores do que o obtido pela primeira opção escolhida pelos alunos. Esse perfil de respostas se repetiu em ambas as pesquisas e parece confirmado pelos percentuais presentes, tanto na sondagem de 2006, quanto na sondagem de 2018.

Essa observação corresponde talvez a um dado frequente na experiência de fé em diversas religiões. O sentimento religioso é algo muito íntimo, profundo e pessoal. Expressa um sentido de espiritualidade e de fé que se configura como um “fenômeno humano” intraduzível, singular e irredutível às nossas expressões conceituais formais. De um ponto de vista teológico-cristão, podemos olhar esse “perfil de respostas” apresentado pela pesquisa como um certo reflexo desse dado da religião, como expressão do ser humano que se depara com a presença de um “mistério” inefável em sua vida. Talvez possamos antever, nas repostas escolhidas pelos alunos, uma percepção mais ou menos vaga e imprecisa de uma “força” difícil

de descrever, o sagrado percebido e sentido pessoalmente como “energia”, como zelo paterno, como poder e beleza presentes na “natureza” e também como algo relacionado com um sentimento de “amor”.

Além disso, outros aspectos podem ser destacados, a partir das repostas obtidas. Nas definições de Deus apresentadas como preferidas, os estudantes da PUC-Rio revelam semelhanças ou uma certa sintonia de ideias. É bem verdade que a ideia de Deus como “energia”, ou como “a natureza” contrasta com a concepção de um “Deus pessoal”, transcendente e Criador do universo, que constitui um elemento central de religiões monoteístas como o Cristianismo, o Judaísmo e o Islamismo.

Essa diferença, no entanto, não anula a percepção de que Deus se revela como “Pai”, que cuida e zela pelo ser humano e como “amor”, que se manifesta na vida das pessoas. Por trás dessas ambiguidades conceituais formais, talvez possamos sentir um eco de uma noção comum à maioria das religiões tradicionais conhecidas e praticadas no Brasil. Nelas, Deus é visto sempre como uma força presente, próxima, íntima e atuante na vida do praticante.

Nesse sentido, quando as concepções religiosas compartilhadas retratam Deus como uma energia presente na natureza, mas que é também atuante na vida dos jovens universitários, tal percepção soa como bastante familiar à própria tradição da espiritualidade e da fé cristãs. Se essa “energia” é descrita, por uma expressiva parcela dos alunos, como uma força que os acompanha no dia a dia de sua existência com “amor”, semelhante a um “pai que cuida das pessoas”, como não notar nessas ideias semelhanças com a imagem de Deus como “Pai misericordioso”, tantas vezes apresentada por Jesus Cristo nos evangelhos? Talvez tenhamos aqui um ponto de referência possível, para um diálogo entre a fé cristã e a sensibilidade religiosa dos estudantes da PUC-Rio.

No entanto, disso não se depreende que possamos interpretar as representações simbólicas dos alunos e suas concepções sobre Deus como se fossem “elementos cristãos” um pouco deturpados que precisariam ser corrigidos ou “recrianizados”. Adotar essa perspectiva arrogante, de superioridade religiosa no trato com os alunos, provavelmente se tornaria contraproducente e representaria uma atitude de índole etnocêntrica para com as concepções próprias de sua cultura. Bem mais interessante seria uma postura de incentivo ao diálogo franco e aberto com essas concepções

sobre a religião, a fé e a forma com a qual essa juventude peculiar aprendeu a lidar com suas questões espirituais e religiosas.

De certo modo, podemos dizer que já existe, na trajetória histórica da Igreja Católica, um percurso feito nessa direção, de se buscar variados meios de diálogo com a juventude e de aprendizado a respeito de sua cultura e seus anseios. A criação de diferentes movimentos e grupos de ação pastoral, especificamente voltados para jovens de diferentes idades e contextos sociais, é uma demonstração evidente disso.

Analisar essa dinâmica da ação da Igreja, direcionada aos diferentes setores jovens da sociedade brasileira, demandaria um extenso trabalho de pesquisa e estudos, que estaria muito além das pretensões e das possibilidades deste artigo. Nosso objetivo aqui é outro e bem mais modesto. Desejamos apenas analisar os traços mais básicos do perfil dos estudantes da PUC-Rio e também verificar se é possível encontrar, na reflexão recente da Igreja, diretrizes e orientações adequadas para uma atuação e um diálogo com essas características culturais e religiosas identificadas naqueles jovens universitários.

Para alcançar esse objetivo, optamos por estudar e analisar as orientações principais, indicadas no Sínodo dos Bispos especificamente dedicado aos jovens católicos, no ano de 2018, sob o pontificado do Papa Francisco. Acreditamos que esse documento pode ser um instrumento muito interessante para uma análise sobre religião e juventude. Primeiramente, porque o texto final do Sínodo (2018) representa uma “voz oficial” da Igreja Católica, abordando temas e situações da vida dos jovens. Em segundo lugar, por ser ele uma reflexão construída por bispos de diversas regiões do mundo, o que nos fornece um panorama bastante abrangente sobre essas questões. Quem sabe, assim, poderão surgir interessantes pontos de diálogo com algumas das características daqueles jovens da PUC-Rio.

Alguns temas e proposições do Sínodo dos Bispos sobre a juventude

Inicialmente, vale a pena lembrar que um Sínodo constitui uma experiência eclesial intensa. Reúnem-se muitos bispos, cada um deles representando uma diocese, ou seja, uma comunidade de fiéis católicos numa dada região, a fim de que juntos possam refletir e apresentar propostas sobre temas e situações considerados importantes pela Igreja. Nesse caso específico que nos interessa analisar, o Papa Francisco solicitou a presença de bispos dos

vários continentes em Roma, numa “assembleia geral ordinária” realizada de 3 a 28 de outubro de 2018, com o propósito de debater sobre o modo específico pelo qual os jovens católicos devem vivenciar sua fé, no contexto das realidades próprias da sociedade atual.

O documento final, sob o título “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional” (Sínodo dos Bispos, 2018), foi aprovado e publicado na Cidade do Vaticano, com o objetivo de que as reflexões e as propostas desse Sínodo fossem dadas ao conhecimento público, ficando então disponíveis como orientação para os fiéis no mundo inteiro.⁴ Já na introdução, o texto nos fornece interessantes informações sobre a dinâmica do Sínodo e da construção do documento final. Ele nos conta que houve uma consulta a jovens de igrejas locais e comunidades mediante um “Questionário on-line”, para subsidiar reflexões e estudos preparatórios. Deu-se, assim, um processo de “dois anos de escuta”, a partir do qual foi elaborado o documento de trabalho chamado “*Instrumentum laboris*”, que funcionou como um texto-base para os estudos e os debates dos bispos durante as reuniões sinodais. Somente ao final de todo esse processo, depois das reuniões, discussões e deliberações, é que foi apresentado oficialmente o “documento final” do Sínodo.

Apesar de não contar com a participação direta de jovens nas votações e nas deliberações, reservadas exclusivamente aos bispos, o Sínodo expressa o entendimento da Igreja de que essas consulta e participação ativa nas reflexões preparatórias do *Instrumentum laboris* já configuram uma expressão fiel das ideias e das necessidades dos próprios jovens em diversas partes do mundo. Nas palavras do próprio documento final, essa “presença dos jovens” foi “uma novidade na Igreja”. Por meio dela, os bispos entendem que o Sínodo “ressou a voz de uma geração inteira”, almejando que a Igreja seja também “espaço de diálogo”, em que os dirigentes eclesiais se mostrem dispostos a “escutar” o que a juventude tem a dizer (Sínodo dos Bispos, 2018).

A “escuta” como atitude fundamental

Um dos temas importantes apresentados no documento final do Sínodo da Juventude foi a recomendação de que a Igreja deve estar mais aberta para ouvir os temas e as necessidades da juventude dos dias atuais. O Sínodo

4. Para análise aqui neste trabalho, usamos o texto do documento final do Sínodo dos Bispos (2018); de agora em diante, nas citações, registrá-lo-ei como “Sínodo da Juventude” como ficou conhecido.

recorda alguns momentos da revelação bíblica, em que Deus mesmo se apresenta como alguém que “ouviu” os clamores e as necessidades do seu povo. Assim, no episódio do Êxodo, Deus “escutou” os gemidos de dor e sofrimento do povo de Israel e desceu para libertá-lo da escravidão (Ex 3,7-8). No momento sofrido em que alguns discípulos voltavam para Emaús, abatidos e desanimados pela crucificação e morte de seu Mestre, o próprio Jesus foi caminhar pela estrada junto com seus seguidores, “pôs-se a ouvi-los” e a dialogar com eles (Lc 24,17).

Ao recordar esses textos bíblicos, o documento final do Sínodo afirma que esta deve ser uma disposição de todos na Igreja, especialmente dos pastores. Neste sentido, é recomendado que bispos, padres e diáconos cultivem essa atitude de escuta às dinâmicas de vida dos jovens, sabendo valorizar as demandas apresentadas por eles (Sínodo dos Bispos, 2018, par. 6 e 8).

A escuta constitui um momento qualificador do ministério dos pastores, a começar pelos bispos, muitas vezes, porém, estão sobrecarregados de compromissos e têm dificuldade de encontrar tempo adequado para este serviço indispensável (...) Além disso, o Sínodo reconhece a necessidade de preparar consagrados e leigos, homens e mulheres para acompanhamento dos jovens. (Sínodo dos Bispos, 2018, par.9)

Vemos, por essas orientações, que a perspectiva indicada é a do incentivo à participação dos jovens nas atividades eclesiais, recomendando-se inclusive que essa acolhida e esse acompanhamento de sua participação sejam exercidos também por cristãos leigos devidamente qualificados, o que supõe um empenho mais incisivo das dioceses na formação de um laicato preparado e atuante.

Transformações em curso na sociedade atual

No tocante às análises a respeito da atual situação da juventude no mundo contemporâneo, o Sínodo revela que está emergindo uma nova consciência da Igreja a respeito da cultura e das estruturas socioeconômicas, nas quais vivem os jovens de hoje em dia. Temas como a desigualdade entre homens e mulheres, a imposição de culturas dominantes produzidas nos países desenvolvidos, as diferentes formas de exploração e violência praticadas contra populações periféricas, que já foram objeto de reflexões em documentos oficiais da Igreja em ocasiões anteriores, são agora apresentados sob novo

enfoque. Ao tratar desses temas, o Sínodo procurou levar em conta as realidades muito variadas dos jovens no século XXI, considerando os contextos muito diversificados de cada país, recordando que já vivemos atualmente numa etapa mais acentuada das relações econômicas em escala global.

Nas reuniões sinodais, alguns bispos recordaram que a globalização gerou não apenas desenvolvimento econômico, mas também efeitos colaterais como novas formas de “colonização cultural”, que estão desenraizando muitos jovens de suas origens culturais e religiosas. Ao mencionar que a Igreja deve se empenhar para que esses jovens não percam “os traços mais preciosos de sua identidade”, o Sínodo expressa a consciência de que faz parte também da missão da Igreja, a defesa do legítimo direito dos jovens em preservar as riquezas de sua própria cultura (Sínodo dos Bispos, 2018, par.14).

Por sua vez, os padres sinodais não se furtaram em reconhecer que existe, no atual processo de profundas mudanças sociais e culturais, uma ambiguidade estrutural. Ao mesmo tempo em que surgem virtudes e potencialidades de desenvolvimento, ocorrem também efeitos perversos sobre os seres humanos e o meio ambiente. Um dos aspectos em que se nota essa ambiguidade estrutural é no chamado “ambiente digital”. No documento final do Sínodo foi ressaltado que vivemos hoje numa “cultura amplamente digitalizada”, que está produzindo “impactos extremamente profundos” nas pessoas e nas coletividades.

Essa nova cultura desafia a Igreja e, em especial, o trabalho de evangelização voltado para a juventude. De um lado, é inegável que as mídias digitais são amplamente usadas pelos jovens, inclusive nas atividades pastorais da Igreja etc. De outro, se descobriu com o passar dos anos que há também um lado obscuro da comunicação em rede. O ambiente digital é também “um território de solidão, manipulação, exploração e violência”. Fenômenos como a *dark web*, o *cyberbullying* e as *fake news*, com divulgação de notícias falsas em larga escala, com vistas a obter resultados políticos, são demonstrações evidentes de que a cultura digital trouxe consigo perigos imensos, de manipulação das consciências e até mesmo de distorção do processo democrático (Sínodo dos Bispos, 2018, par. 23 e 24).

Parece não haver dúvidas de que o amplo uso da comunicação em rede e das tecnologias de informação digital provocou notáveis impactos na vida pessoal e na cultura contemporâneas. Muito provavelmente, essas mudanças estão alterando, para o bem e para o mal, a vida de todos nós.

Talvez existam até mesmo consequências ainda não claramente percebidas que precisarão ser avaliadas no futuro. No entanto, a partir das evidências do momento presente, já entrevemos algumas sinalizações e direções mais nítidas, que nos ajudarão a orientar nosso percurso de vida. Surgiu desse imenso processo de mudanças sociais e culturais uma nova forma de comunicação entre as pessoas. Esse mesmo processo ensejou uma nova forma de nos relacionarmos uns com os outros. Os modos de pensar, de viver e de ver o mundo estão mudando de forma muito intensa e veloz. Será que tudo isso vai repercutir em nossa compreensão a respeito dos jovens, suas relações, seus estudos, seus projetos, seus desejos, sua fé? Que percepções poderão ser extraídas de toda essa imensa dinâmica social, cultural e religiosa?

Certezas precisas parecem longe do nosso horizonte, mas, mesmo assim, já é possível (e também muito necessário) recompor as principais linhas mestras dessa história e almejar algum futuro. Nessa perspectiva, uma observação serena e atenta sobre os dados hoje disponíveis poderá nos oferecer interpretações esclarecedoras sobre a realidade que precisamos compreender.

Ser jovem hoje...

Um dos pontos que logo despontam quando contemplamos as informações apresentadas até aqui é o fato de que estamos diante de um cenário incontornável de diversidade ou pluralismo cultural. As dinâmicas de formação da juventude, nas suas múltiplas dimensões humanas (social, educativa, psicoativa, profissional, religiosa etc.), assumem características variadas e heterogêneas da vida social contemporânea. A socialização dessa geração percorre múltiplos espaços e dinamismos. A própria difusão das tecnologias de informação e da cultura digital, com seus usos e impactos tão diversificados quanto ambíguos, pode ser vista como um sinal do pluralismo cultural característico da juventude do século XXI.

Por sua vez, cidades, famílias e comunidades, vivendo nesse cenário de grande diversidade cultural, acabam desenvolvendo estratégias de convivência, que estimulam um reconhecimento mútuo e o surgimento de sentimentos e gestos de solidariedade, que podem se harmonizar bem com alguns importantes princípios básicos da fé cristã. Aliás, têm sido cada vez mais frequentes as situações de diálogo entre pessoas de religiões diferentes,

no interior das famílias em muitos lugares. Se tal realidade pode produzir conflitos e preconceitos, pode também gerar experiências de aprendizado, de tolerância, de diálogos ecumênicos e inter-religiosos, que se configuram como ocasiões de crescimento humano e espiritual.

Em geral, os jovens são portadores duma abertura espontânea à diversidade, que os torna atentos às temáticas da paz, da inclusão e do diálogo entre culturas e religiões. Numerosas experiências de muitas partes do mundo testemunham que os jovens sabem ser pioneiros de encontro e diálogo intercultural e inter-religioso, na perspectiva da convivência pacífica. (Sínodo dos Bispos, 2018, par. 45)

Como se vê, a atual geração de jovens está adquirindo recursos e potencialidades, que lhe permitem lidar com um cenário de diversidade cultural e religiosa, ao qual as gerações anteriores provavelmente não estavam tão habituadas e para o qual não estavam habilitadas. O contato, desde a infância, com o pluralismo cultural e com as tecnologias de informação digitais ofereceu para essa juventude processos de socialização mais rápidos e dinâmicos. Isso a deixou mais preparada para lidar com situações sociais, familiares e religiosas, que também se diversificam e se transformam, exigindo habilidades específicas, de adaptação ágil a novos contextos que vão surgindo.

Esse dinamismo de aprendizagem na convivência com as diferenças sociais e culturais “não pediu licença” para entrar. Ele simplesmente invadiu os espaços de convivência da atual juventude e se tornou um dos principais vetores do processo formativo que a constitui. Parece que a mesma diversificação de experiências subjetivas que atingiu as famílias se fez presente também nas instituições de ensino. Dessa forma, muitas crianças e adolescentes que cresceram, tendo que se esforçar para entender os parentes que mudaram de religião, se divorciaram ou trocaram de emprego, pouco tempo depois se tornaram os jovens que desenvolveram amizades com colegas de colégio e de faculdade que conhecem outros países e idiomas, que se tornaram ateus e “crentes sem religião”. São pessoas que, com pensamento crítico mais desenvolvido e formações culturais mais diversificadas e consolidadas, puderam re-direcionar com mais autonomia e liberdade seus próprios itinerários afetivos, políticos, espirituais e religiosos.

Esse parece ser, em linhas gerais, o cenário que encontramos quando adentramos no universo simbólico dos estudantes universitários. De um ponto de vista etário e mais psicológico, eles são jovens que já estão começando a se tornar adultos. Vivenciam importantes “ritos de passagem” que demarcam a instalação plena na vida adulta como a conquista do diploma universitário, a formação profissional, os relacionamentos afetivos que poderão resultar em futuros vínculos conjugais, a sexualidade adulta etc.

Como já assinalamos antes, o quadro sociocultural no qual acontece hoje esse dinamismo de “ser jovem” é um ambiente profundamente marcado pelo pluralismo religioso e pela diversidade cultural. Dentro desse contexto, uma universidade como a PUC-Rio teria ainda algo a dizer? Teria ela contribuições significativas para dar, de tal modo que seus alunos recebam a formação técnico-científica exigida para sua habilitação profissional, sem descuidar da formação humana, inspirada nos fundamentos da fé cristã, que lhe correspondem como universidade católica? Eis aí um desafio, que exige grande responsabilidade dos que trabalham na universidade, mas que lhes oferece simultaneamente motivos de confiante esperança.

Conclusão

Entre muitas outras inspirações que o Sínodo da Juventude oferece ao nosso olhar e para a nossa reflexão sobre os jovens está a recomendação, tão valiosa e oportuna, de que é possível sim estabelecer pontos de diálogo e encontro com “essa juventude” do século XXI, a partir de dentro mesmo das condições sociais, econômicas e culturais em que ela se encontra.

Por um lado, a modernidade parece ter concedido aos jovens uma ampliação da liberdade de contestar e criticar as religiões e as Igrejas, e isso (que não se configura como um fenômeno exatamente novo ou recente) ainda soa como um fato perturbador e desconfortável para muitos fiéis católicos e alguns ambientes cristãos. Por outro lado, essa ampliação do pensamento crítico possibilitou debates esclarecedores e também o crescimento de expressões mais consistentes e bem fundamentadas de um catolicismo aberto ao debate de ideias, que com méritos próprios conquistou espaço nos ambientes universitários e legitimidade para contribuir nos diversos campos do saber científico mundo afora. É bem provável que muitos cientistas e intelectuais católicos (na PUC-Rio bem como em tantas outras universidades) tenham se empenhado vigorosamente para manter aberto e arejado o campo de diálogo da fé cristã com as ciências e a cultura.

Esse fato, que foi também um “feito notável”, dificilmente teria sido possível sem o contexto social e eclesial que lhe deu condições de existência. Um laborioso trabalho da História foi preparando o terreno, para que o processo de modernização e secularização das nações e das culturas pudesse se desenvolver e entrar em diálogo com a Igreja Católica e a fé cristã, sem que essas últimas perdessem o legítimo direito de expressar, com suas próprias vozes, sua fé e seu modo próprio de ver o mundo.

Já é bastante conhecido o incentivo que foi dado pelo Concílio Vaticano II, a essa atitude de abertura e diálogo por parte da Igreja com o mundo moderno, especialmente no documento *Gaudium et Spes*. Pois bem, todo esse percurso parece ter sido novamente confirmado no Sínodo dos Bispos voltado para a juventude. Ele parece, em alguma medida, sintonizado com essa perspectiva de conhecer e valorizar o legado positivo que existe na cultura moderna, no desenvolvimento das artes e das ciências.

Mesmo reconhecendo a presença de problemas e contradições, especialmente no fenômeno da secularização, que pode ensejar “obstáculos” e preconceitos contra a fé, ainda assim o Sínodo faz notar a face positiva desse processo histórico. Os padres sinodais reconhecem que a mesma realidade da secularização pode ser vista como “preciosa oportunidade” para que as pessoas se libertem de uma “religiosidade rotineira” e “fundamentada em identidades étnicas e nacionais” (Sínodo dos Bispos, 2018, par. 14). Superados esses equívocos, as pessoas poderão entender que o sentido profundo da fé cristã se baseia no encontro sincero e verdadeiro com Deus e no diálogo franco e profundo com Jesus Cristo. Essa é uma experiência que não é redutível aos conceitos racionais e teorias ou explicações científicas. A fé cristã não se confunde com os costumes e as tradições específicos de nenhuma cultura. A experiência cristã vai muito além e transcende os limites históricos específicos de cada país, de cada povo e cultura. Justamente por isso é que a fé pode e deve entrar em diálogo com tantas e tão diversificadas tradições culturais, assumindo formas variadas em cada tempo e lugar.

Aqui se encontra o ponto fundamental de diálogo e de encontro da fé cristã com a rica diversidade cultural da juventude atual. Os jovens desse complexo século XXI não precisam abandonar seu enraizamento nos dinamismos sociais e culturais que configuram sua identidade profunda, para poder dialogar com o Cristianismo. É essa condição de abertura profunda e incondicional da fé como encontro e diálogo que se apresenta como fundamento excelente para o trabalho docente em universidades

como PUC-Rio. Assim como a fé se baseia na atitude do Cristo que doa sua vida, para que seus interlocutores tenham vida mais elevada e abundante (Jo 3,16; 10,10), da mesma forma os que trabalham em instituições de ensino devem fazer também de seu trabalho um dom, uma oferta de vida que vivifica os demais.

Não terão as nossas atividades de ensino e pesquisa algo a ver com tudo isso? Pensando nos alunos cujo perfil sociocultural e religioso estamos pesquisando e tentando compreender, será que eles estão mesmo no centro dos nossos processos pedagógicos? Estarão eles crescendo humanamente e adquirindo “vida em abundância” com nossos cursos e nossas aulas? Sinceramente, esperamos que sim. Desejamos que sim e trabalhamos para que nossas atividades docentes colaborem nesse sentido, com os saberes, os métodos pedagógicos e os conhecimentos científicos que tentamos disponibilizar. Mas isso também supõe levar em conta o que nossos alunos trazem consigo, para que também eles possam fazer a “oferta de vida” que estiver ao seu alcance fazer. A fim de que eles possam se doar, se expressar, questionar, apresentar suas histórias, seus olhares e seus pontos de observação, desempenhando também um papel ativo no processo educativo.

A partir de sua vocação específica e tentando corresponder à missão que lhe é própria na universidade, a Cultura Religiosa da PUC-Rio se insere dentro dessa imensa e desafiadora tarefa. Seus professores, cada qual a seu modo, com seus talentos e suas limitações, se empenham para oferecer um trabalho docente que vá na direção da “educação integral” sonhada pelo Papa Francisco e pelos bispos reunidos no Sínodo da Juventude: “Quando se inspira no diálogo intercultural e inter-religioso, a ação educativa da Igreja é apreciada até pelos não cristãos como forma de autêntica promoção humana” (Sínodo dos Bispos, 2018, par. 15).

Que nossas pesquisas, aulas e atividades educativas contribuam na realização desse sonho.

Referências bibliográficas

- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Atlas do Censo Demográfico 2010 – Diversidade cultural*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em https://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/pdf/Pag_203_Religi%C3%A3o_Evang_miss%C3%A3o_Evang_pentecostal_Evang_nao%20determinada_Diversidade%20cultural.pdf. Acesso em 30 jul. 2020.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Desigualdades sociais por cor e raça no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf. Acesso em 10 mar. 2020.

- MENDONÇA, Heloisa. Negros são maioria nas universidades públicas do Brasil. *El País*, 13 nov. 2019. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/13/politica/1573643039_261472.html. Acesso em 10 mar. 2020.
- NOVAES, Regina. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? In: ABRAMO, Helena W. e BRANCO, Pedro P. M. (Orgs.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Instituto Cidadania, 2005.
- PEDROSA-PÁDUA, Lucia e MELLO, Zeca de (Orgs.). *Juventude, religião e ética: reflexões teológico-práticas sobre a pesquisa "Perfil da Juventude na PUC-Rio"*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2010.
- SÍNODO DOS BISPOS, 2018. *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*. Cidade do Vaticano: Vaticano, 2018. Disponível em http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20181027_doc-final-instrumentum-xvassemblea-giovani_po.html. Acesso em 10 mar. 2020.

O dinamismo do “fazer pedagógico”: uma construção cotidiana

Rosemary Fernandes da Costa

*Não querer ser sempre
para pra sempre ser
isso eu aprendi com o vento.*
Ceumar

São muitos anos de caminhada da Cultura Religiosa (CRE). Apesar de não haver uma documentação completa e precisa, alguns documentos e fontes orais indicam que a prática pedagógica da Cultura Religiosa da PUC-Rio teve seu início com a própria fundação dessa universidade. Ou seja, mesmo antes da criação do Departamento de Teologia, em 1968, já se ministravam aulas com conteúdo religioso em alguns dos Cursos da Universidade. Consta em alguns documentos que, desde 1941, nas Faculdades de Filosofia e Direito, havia aulas de Cultura Religiosa (ou Religião). Em 1961, essas aulas aparecem como disciplinas oferecidas nos cursos de alguns Departamentos, como, por exemplo, Doutrina Social da Igreja, Teologia Fundamental. Nesse período não havia um setor específico ou Coordenação da Cultura Religiosa, e as aulas eram ministradas por religiosos que se vinculavam à PUC por meio dos Departamentos no qual ministravam suas disciplinas (Chaves et al. 2018).

Considerando esse tempo de caminhada, mesmo que impreciso, a Cultura Religiosa vem há 78 anos realizando uma prática pedagógica muito peculiar: a integração entre a fé cristã – seus fundamentos e eixos referenciais –, e as muitas dimensões presentes na formação acadêmica, sejam profissionais, culturais, econômicas, sociais, políticas, espirituais. Enfim, a Cultura Religiosa nasce e tem sua razão de ser na construção dialógica.

Hoje, podemos reconhecer e reverenciar a riqueza de sua trajetória, na qual a CRE encontra organização, assessorias, realiza reformas curriculares, confirma sua característica interdisciplinar e dialógica, realiza um mapeamento bibliográfico específico, configura um corpo docente extremamente qualificado (todos os professores possuem no mínimo duas

formações e muitos são mestres e doutores em Teologia), realiza estudos internos e produz subsídios, artigos e livros, amplia seu raio de ações pedagógicas e de integração com outros setores da PUC, oferece cursos em outros polos da PUC-Rio e cursos a distância, dialoga e troca saberes com outras universidades.

Segundo o último Documento de Identidade da CRE, os cursos buscam a formação de pessoas “capazes de se posicionar de forma crítica e esclarecida, sensível e dialógica, transformadora e propositiva, diante dos desafios contemporâneos que envolvem a relação entre religiões, ética e culturas”. Na verdade, a missão da CRE está estreitamente ligada à identidade e à missão da PUC-Rio buscando, por meio dos cursos oferecidos, “desenvolver um conhecimento em valores e critérios para uma atuação e um pensamento críticos diante do pluralismo científico e ideológico e dos desafios presentes numa sociedade globalizada, multicultural e plurirreligiosa, marcada por injustiças sociais e graves problemas ambientais” (Pedrosa-Pádua et al., 2008).

Sendo assim, essa pesquisa sobre o Perfil dos Universitários vem alimentar e também oferecer novos elementos para a avaliação, a revisão e o enraizamento do processo pedagógico nos princípios que fundamentam e orientam toda essa construção histórica, mas também cotidiana, já que o fazer pedagógico se dá a cada passo, a cada dia, a cada turma, a cada experiência de sala de aula e suas inúmeras articulações.

Nosso percurso reflexivo iniciará com a identificação dos protagonistas do processo pedagógico – estudantes e professores – e, a partir dessa identidade, veremos que nosso trabalho é uma tessitura, um fazer pedagógico, que se dá a partir das múltiplas relações que se alinhavam e juntas constroem o cotidiano da sala de aula. A partir de alguns indicadores da pesquisa realizada, confirmamos alguns procedimentos metodológicos e inspirações teológicas que estão na base da missão da Cultura Religiosa como a integração entre a fé e a vida, a prática dialógica e a motivação para as redes relacionais, a atenção ao agir ético, coerente com os valores que conduzem a PUC. Além disso, sugerimos o implemento de algumas inspirações e de práticas pedagógicas que nos auxiliarão a dialogar com os desafios apresentados pelos resultados da pesquisa, a dar continuidade ao nosso trabalho e a *avançarmos para águas mais profundas*, respondendo à missão que é nossa razão desse fazer pedagógico cotidiano (Lc 5,11).

Em unidade com a exortação do Papa Francisco, como Universidade Católica, caminhamos nos passos de uma Igreja em saída:

E isto se revela de valor imprescindível para uma Igreja em saída. Tanto mais que, hoje, não vivemos apenas uma época de mudanças, mas uma verdadeira e própria mudança de época, caracterizada por uma crise antropológica e socioambiental global, em que verificamos de dia para dia cada vez mais sintomas dum ponto de ruptura, por causa da alta velocidade das mudanças e da degradação, que se manifestam tanto em catástrofes naturais regionais como em crises sociais ou mesmo financeiras. Em última análise, trata-se de mudar o modelo de desenvolvimento global e de redefinir o progresso: o problema é que não dispomos ainda da cultura necessária para enfrentar esta crise e há necessidade de construir lideranças que tracem caminhos. (Papa Francisco, 2017)

Quem são os protagonistas desse processo?

Inspirada na metodologia proposta no artigo da companheira da Cultura Religiosa e brilhante teóloga dra. Maria Carmen Castanheira Avelar, trataremos aqui daqueles que são os protagonistas do processo pedagógico na Cultura Religiosa. No subsídio preparado a partir da pesquisa realizada em 2006, a profa. Maria Carmem faz um excelente estudo sobre a identidade da CRE e os dados da pesquisa, e indica pistas para novos procedimentos pedagógicos (Avelar, 2010).

Confirmando a reflexão da companheira e teóloga, estamos diante de um fazer dialógico, portanto, os protagonistas estão em contínua interação, em nosso caso, os professores e os universitários.

Devido aos limites deste artigo, não entraremos em detalhes quanto ao perfil dos professores da Cultura Religiosa, contudo nossa reflexão não teria sentido se isolássemos os parceiros desse processo pedagógico. Portanto, a equipe docente está presente a cada etapa da análise que aqui apresentamos. Além disso, consideramos que o artigo acima citado, no qual a profa. Maria Carmen analisa a pesquisa realizada em 2006, apresenta dados que permanecem válidos e reflexões pertinentes e relevantes quanto ao perfil dos docentes da CRE (Avelar, 2010: 172-174).

A rede dialógica do cotidiano da sala de aula

Vejam alguns aspectos da pesquisa que podem nos orientar quanto ao processo pedagógico próprio do setor de Cultura Religiosa, especialmente no que diz respeito ao coração do trabalho da CRE: o cotidiano da sala de aula.

Compreendemos o exercício de ensino e aprendizagem como um caminho no qual muitos elementos se relacionam. Muitas vezes não nos damos conta de que nesse processo não estamos apenas diante das relações entre professor/a e estudantes universitários, mas também de muitas outras dimensões que lá se fazem presentes, influentes, atuantes, dinamizando cada encontro, cada sala de aula, de forma irrepetível e surpreendente. Dessa forma, temos diante de nós os múltiplos elementos que se entrelaçam nessa teia mágica: as culturas que se relacionam e a cultura da sala de aula universitária; a seleção de conteúdos, interpretações, análises possíveis; as fontes de informação e comunicação cada vez mais complexas e atuantes; a metodologia que conduz e constrói o fazer pedagógico; as muitas formas de revisão e avaliação possíveis; os fatos históricos e cotidianos da cidade, o contexto sociopolítico no qual estamos inseridos; as muitas visões de mundo, leituras e interpretações; a dimensão psíquica, emocional e espiritual de cada pessoa presente nesse cotidiano.

Acreditamos que essas múltiplas relações atuam numa rede complexa, mesmo que não seja possível termos plena consciência de todas elas a cada encontro pedagógico. É importante, contudo, compreendermos sua complexidade, sua riqueza e seu dinamismo para o fazer pedagógico, ou seja, observarmos que o ensino-aprendizagem ocorre dentro e fora de sala de aula, nos apresentando o desafio da escuta atenta às muitas dimensões que se entrelaçam. Nesse dinamismo, estejamos disponíveis para a revisão e a criação de métodos e meios que garantam a relação, para que a troca de saberes seja o eixo referencial, ou seja, para que a experiência da relação tenha seu primado nessa tessitura.

Textos e contextos: um olhar pedagógico para alguns dados da pesquisa

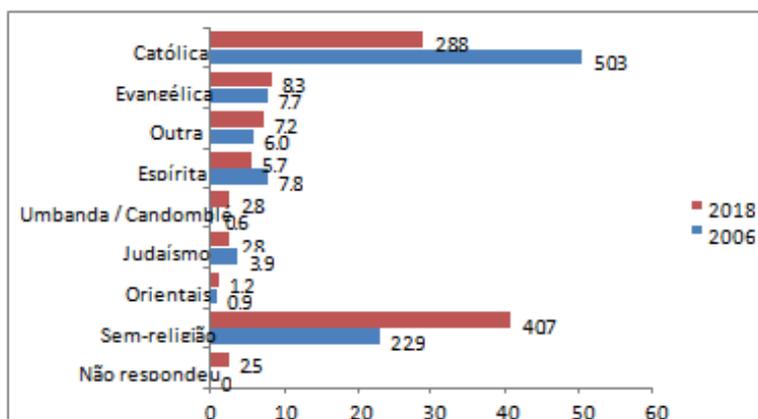
Ao nos defrontarmos com os dados de uma pesquisa dessa magnitude, chama a nossa atenção a multiplicidade de ângulos de abordagem, de olhares epistemológicos e de descobertas progressivas presentes nos contornos das questões e suas respostas. É o que os cientistas sociais chamam de jogos de

escala, já que para cada cruzamento nos colocamos diante de uma escolha e, a partir dela, observamos e mobilizamos reflexões e propostas concretas (Lepetit, 1998: 77-102).

Nesse artigo, focamos nosso olhar em alguns dados que podem nos auxiliar na compreensão do processo pedagógico e na missão da Cultura Religiosa diante dos desafios apontados pela pesquisa realizada.

Um primeiro fator para o qual gostaríamos de chamar a atenção na pesquisa realizada em 2018 é a mudança no quadro de declaração de pertença religiosa, com relação à pesquisa realizada em 2006 e ao próprio Censo de 2010.

Gráfico 1
Religião



Fonte: Relatório “Perfil da Juventude na PUC-Rio 2018”.

Com relação às religiões cristãs, observamos uma redução da declaração de pertença ao catolicismo e um aumento discreto naqueles que se afirmam evangélicos. Há igualmente uma redução naqueles que se declaram espíritas e um sensível aumento na declaração de participação na umbanda e no candomblé. Para aqueles que se afirmam participantes do judaísmo, também houve uma pequena redução. No entanto, o que mais chama a atenção no gráfico é o aumento daqueles que se declaram “sem religião”, o que também foi confirmado pelo Censo de 2010.

Mas, se buscarmos outros dados da pesquisa que nos auxiliem a cruzar esses iniciais, podemos refletir sobre os fundamentos das crenças, sobre as imagens de Deus presentes nesse universo, assim como as concordâncias

e discordâncias no que diz respeito às instituições religiosas, seus princípios filosóficos e doutrinários.

Por exemplo, mesmo sem uma declaração de filiação religiosa, há um percentual de 67,2% que acredita em Deus e outro percentual de 48,6% que acredita em Jesus. Observemos a seguir como esses dados aparecem; com exceção da crença na existência de Deus, todos os demais possuem percentuais de negação – Não/Não Sei/Nenhuma das Respostas Anteriores –, superiores aos percentuais afirmativos. Vejamos estes dados com relação à questão 2.1:

Tabela 1
Você acredita em ...?

	Sim (%)	Não/NS/NRA (%)
Deus	67,2	32,8
Jesus	48,6	51,4
Vida após a morte	38,1	61,9
Espíritos	36,2	63,8
Energias/aura	36,3	63,7
Espírito Santo	35,7	64,3
Anjos	35,2	64,8
Reencarnação	30,2	69,8
Santos	28,3	71,7
Virgem Maria	27,5	72,5
Seres elementais	26,5	73,8
Astrologia/tarô	23,7	76,3
Demônio	19,7	80,3
Entidades e Orixás	18,4	81,6
NRA	14,9	85,1

Fonte: Relatório “Perfil da Juventude na PUC-Rio 2018”.

Outras duas questões que nos chamam a atenção para interpretarmos a visão religiosa dos estudantes universitários da PUC-Rio são as que solicitam uma opinião sobre a Igreja Católica (questão 2.7) e sobre as religiões em geral (questão 2.10). Vejamos os dados a seguir.

Tabela 2
Qual a sua opinião sobre a Igreja Católica?

Questões	Sim (%)	Não (%)
1. Tem procurado renovar seu discurso e prática?	54,4	
2. Quer determinar padrões de comportamento para toda a sociedade?	32,2	
3. Luta contra injustiças e pela mudança na sociedade?	28,2,	13,0
4. Tem uma posição de abertura diante do que discorda?	10,8	27,0
5. Tem sido intransigente frente às questões morais e sexuais?	20,3	
6. Tem procurado dialogar quanto a estes temas?	33,2	
6. NS/NR	11,4	

Fonte: Relatório “Perfil da Juventude na PUC-Rio 2018”.

Tabela 3
Qual a sua opinião sobre as religiões?

Afirmativas	%
A fé independe de religião.	49,4
Todas as religiões, se bem vividas, levam a Deus e à fraternidade.	19,1
Não há problemas em participar em mais de uma.	14,7
Religião é uma instituição que não combina com a sociedade moderna.	5,8
Existe mistificação.	5,1
Só há uma verdadeira.	3,3

Fonte: Relatório “Perfil da Juventude na PUC-Rio 2018”.

A partir dos dados reunidos nessas três tabelas, propomos uma primeira reflexão quanto à proposta pedagógica da Cultura Religiosa. O universo estudantil da PUC-Rio representado por essa pesquisa é condizente com o último Censo do IBGE/2010, ou seja, há uma maior diversidade de grupos religiosos no país. E, como vimos anteriormente, outros dados confirmam o que foi expresso neste Censo nacional, inclusive a ausência de uma pertença declarada a uma religião.

Para a Cultura Religiosa, mantêm-se o dinamismo e a pluralidade como solo fecundo de seu fazer pedagógico. Podemos também depreender dos dados acima apresentados que os estudantes estão em um processo de discernimento crítico com relação à Igreja Católica e às religiões e ao que foi apresentado a eles, nos seus ambientes familiares, sociais e educacionais, como orientações doutrinárias, morais, espirituais. Como podemos

contribuir para esse discernimento e para que o diálogo seja marcado por conhecimento, respeito e acolhida da pluralidade?

As salas de aula, com suas turmas heterogêneas, compostas por estudantes de diversos cursos, contextos, histórias pessoais e formação, nos colocam diante da aproximação de diversidades. Esse universo plural não nos causa estranhamento, ao contrário, ele é um convite, uma convocação, pois a diversidade potencializa os encontros com a alteridade, a sensibilização, a acolhida e a escuta profunda ao diferente. A singularidade de cada pessoa é, na verdade, a grande riqueza e razão de ser de nosso trabalho na CRE.

A alteridade como primado

Falar de diálogo e respeito à diversidade é falar da razão mesma de ser do trabalho da CRE. Alinhada com o discipulado do Mestre Jesus, a universidade Católica tem como diferencial não apenas ser um campo de formação e desenvolvimento da dimensão intelectual de cada estudante, mas oferecer possibilidades para a construção de um eixo referencial humanizador para a vida de cada universitário, de modo que seu agir no mundo seja coerente com os valores evangélicos.

Portanto, a dimensão dialógica embasa a proposta da universidade e, dessa forma, perpassa todo o seu projeto pedagógico, seja a construção dos currículos, seja na elaboração dos planejamentos, na acolhida e escuta a toda a comunidade escolar, na atenção e abertura às culturas e realidades locais, seja nas cotidianas e significativas relações intersubjetivas. Enfim, no campo educacional, tudo é relação. É nesse campo que a Cultura Religiosa atua, se constrói, se nutre e se desenvolve. Sem a prioridade à relação, estamos diante de projetos que se dizem pedagógicos, mas se tornam projetos autoritários, colonizadores, seletivos, desumanizantes e, portanto, contraditórios à proposta da universidade.

A sala de aula que possui esse embasamento é aquela que se constrói em forma de redes relacionais, nas quais as muitas dimensões presentes naquele contexto não são anuladas ou preteridas em função de um objetivo único, como, por exemplo, um conteúdo a ser trabalhado. Trata-se de uma prática pedagógica que assume a singularidade de cada pessoa como diferencial e enriquecedora, numa relação de intercomunhão e interdependência. Sim, ela instaura outra lógica, uma lógica não linear: a dialogia. Trata-se de uma dinâmica criativa, livre. Não é a mesma lógica da racionalidade absoluta, como

aquela em que fomos escolarizados, e por tantas décadas temos repetido, sem nos darmos conta de que ela não apenas é ineficaz do ponto de vista pedagógico, como é antagonica à razão de ser do caminho cristão.

Trazemos aqui Paulo Freire, que há mais de 50 anos, nos dizia:

O ser humano é um ser de relações e não só de contatos. Não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é. (...) No jogo constante de suas respostas, no próprio ato de responder, a pessoa vai mudando a si mesma. (...) Ademais, cada pessoa é humana e é capaz de transcender. A sua transcendência não é um dado apenas de sua qualidade espiritual, mas está também na raiz e na consciência de sua finitude. Do ser inacabado que é e cuja plenitude se acha na ligação com seu Criador, ou, para os que não creem em Deus, na relação íntima e misteriosa com o mistério mais profundo que dá sentido à sua vida. (Freire, 1967: 39-40)

Para que esse caminho pedagógico ocorra, privilegamos a comunicação, a linguagem, as narrativas, as trocas de saberes, as rodas de conversa. “É no seio da linguagem que os sujeitos têm acesso ao mundo” (Oliveira, 2003: 25), de tal forma que não se pode prescindir das redes relacionais para a construção da subjetividade, do conhecimento pertinente e de atitudes e escolhas éticas.

Poderíamos falar de o quanto a base relacional é retomada nos estudos contemporâneos, sejam de pedagogos, mas também de filósofos, sociólogos, analistas de comportamento e de mudanças paradigmáticas. Mas resgatamos aqui a originalidade da própria experiência cristã. O caminho cristão nos é revelado pela experiência de um Deus-amor-comunhão-comunicação: a experiência trinitária. O que a modernidade vem questionando como individualismo e suas consequências desumanizadoras, a experiência cristã já traz como fundamental para o projeto amoroso sagrado.

A mistagogia como princípio motivador do fazer pedagógico

Falando em diversidade e pluralidade religiosa, lembramos que, para muitas tradições religiosas, o tema do caminho, de sintonizar com o “Espírito” e se deixar “conduzir”, é uma constante. Não está presente apenas na tradição cristã, mas também em muitas tradições orientais, indígenas e afro-brasileiras.

Nessa sintonia, o “Espírito” divino conduz para o discernimento e para a relação. Ele conduz para o coração do ser, onde reside a busca pelo

sentido da vida, em que tudo está interligado, porque tudo é relação. Dessa forma, as trajetórias religiosas se unem na compreensão da voz interior, uma voz que convoca do mais profundo de cada ser humano, a uma resposta livre e pessoal ao amor criador. A experiência pessoal é a experiência de ser habitado pelo sagrado (ou, para as tradições orientais, de ser o próprio sagrado; ou ainda, para os povos indígenas, de estar presente em toda a natureza): um sagrado que orienta o pensar, o agir; um sagrado que é fonte de vida e que não se impõe, mas convida, propõe, aguarda o tempo necessário, é amoroso e livre. Chamamos toda essa experiência de mistagogia.

Para a equipe da Cultura Religiosa, a mistagogia não é uma ferramenta pedagógica a mais, ela é o princípio ativo que nos conduz ao fazer pedagógico. Estamos cientes de que o fazer pedagógico não se confunde com uma prática pastoral. Como nos recorda a teóloga Maria Carmen, “a tarefa de fazer pastoral num universo acadêmico ecumênico e bastante complexo do ponto de vista religioso”, não tem viabilidade num espaço no qual a frequência não ocorre por escolha pessoal (Avelar, 2010: 172).

Portanto, não propomos que o fazer pedagógico possua um caráter pastoral/evangelizador, mas afirmamos que a razão mais profunda que conduz os professores da CRE no seu agir profissional é também uma ação conduzida pelo Espírito. É a experiência de fé vivida na experiência humana, é a experiência de quem acolhe e se deixa mover pela dinâmica relacional por meio de atitudes de comunhão, de escuta, de criatividade, de diálogo.

Por uma espiritualidade integral e integradora

Consideramos a espiritualidade como “uma dimensão própria do ser humano, histórica e culturalmente determinada, e que se manifesta como construção de sentido articulado à totalidade da existência” (Libânio, 2002), enfim, como uma dimensão antropológica, presente em todo ser humano, como sustenta Leonardo Boff.

Espiritualidade: não constitui uma parte do ser humano, em distinção ao corpo. É uma expressão para designar a totalidade do ser humano enquanto energia, sentido e vitalidade. O oposto do espírito, neste sentido, não é, pois, o corpo, mas a morte. Espiritualidade significa viver segundo a dinâmica profunda da vida. Ela revela um lado exterior como conjunto de relações que concernem ao outro de forma interpessoal, social, ambiental, produzindo solidariedade, respeito às

diferenças, reciprocidade, sentido de complementaridade. Realiza-se também como diálogo com o eu profundo, com o mistério que nos habita e que (muitos) chamam de Deus. A espiritualidade é integradora da pessoa e com tudo que a cerca. (Boff, 1993: 139)

Observemos outros dados dessa pesquisa que nos colocam diante de duas dimensões que o tema da espiritualidade provoca: a dimensão relacional e a dimensão ética, ambas presentes no coração da Cultura Religiosa como eixo curricular e concretizada nas quatro disciplinas oferecidas – Humano e Fenômeno Religioso; Cristianismo; Ética Cristã e Ética Socioambiental; e Direitos Humanos.

Sublinhamos aqui não apenas o tema da pluralidade e da liberdade de pertença religiosa ou de não filiação, mas também como a pesquisa aponta para as demandas éticas e como os estudantes se orientam pessoalmente.

A pesquisa indica uma baixa participação nos Movimentos Sociais, questão 3.2 (entre 3% a 10%) e nas representações da própria Vida Acadêmica, questão 3.1 (entre 1% a 8%). Contudo, se olharmos as preocupações e o elenco de valores (questão 3.4), encontramos um processo de reflexão ética valoroso, que não pode ser descartado, mas, ao contrário, enfatizado como busca de cidadania pessoal e comunitária.

Ética e política

1. Participação em movimentos sociais, 10%.
2. Direitos Humanos, 11,2%.
3. Movimentos sociais (MST, MTST, movimento negro, LGBT etc.), 11%.
4. Entidades comunitárias, 10,1%.
5. Causa ambiental, 6,9%.
6. Movimentos e grupos religiosos, 5,4%.
7. Política partidária, 3,1%.

Participação na vida acadêmica PUC

1. Centro Acadêmico, 8,1%.
2. Coletivos de Estudantes, 5,2%.
3. Diretório Central dos Estudantes, 2,5%.
4. Pastoral Universitária, 2,4%.
5. Pré-Vestibular da PUC-Rio, 1,2%.

Valores

- | | |
|---------------------------------------|--------------------------------------|
| 1. Respeito às diferenças, 70,7%. | 10. Competência/formação, 10,9%. |
| 2. Solidariedade, 66,6%. | 11. Dedicção ao trabalho, 8,4%. |
| 3. Igualdade de oportunidades, 62,4%. | 12. Autenticidade pessoal, 6,4%. |
| 4. Respeito ao meio ambiente, 60%. | 13. Prazer sexual, 5,1%. |
| 5. Liberdade individual, 49,6%. | 14. Obediência às autoridades, 5,4%. |
| 6. Justiça social, 47,5%. | 15. Respeito às tradições, 5,6%. |
| 7. Liberdade política, 36,8%. | 16. Temor a Deus, 7,5%. |
| 8. Autorrealização, 13,5%. | 17. Religiosidade, 3,5%. |
| 9. Disciplina pessoal, 11,8%. | |

O teólogo João Batista Metz se refere a quatro aspectos da fé: existencial, hermenêutico, prático e escatológico. O aspecto existencial refere-se à dimensão da entrega pessoal, do engajamento diante do encontro com o divino. O aspecto hermenêutico trata da compreensão, da interpretação da experiência, na sua historicidade e dinamicidade. O aspecto prático é aquele que remete à resposta do ser humano, uma resposta ativa, comprometida. O aspecto escatológico nos fala da dimensão utópica (Metz, 1981: 65).

Não se trata de aspectos sequenciais, como se obedecessem a uma ordenação sistemática. Eles são interdependentes, se relacionam entre si na caminhada de cada pessoa, em sua experiência pessoal e também comunitária. Para nossa reflexão, gostaríamos de dar atenção especialmente aos aspectos existencial, hermenêutico e prático, no que concerne à prática pedagógica da CRE.¹ Aqui também esses aspectos são interdependentes e dialogantes, um fecundando o outro, um provocando o outro, numa circularidade constante.

Apesar de não terem aparecido claramente, na pesquisa realizada, algumas características de nosso tempo estão presentes em nossas relações pedagógicas cotidianas. Citaremos aqui apenas duas delas que, a nosso ver, nos colocam diante de necessidades presentes nas entrelinhas dos dados da pesquisa: a experiência de isolamento e a perda de vínculos, e a experiência de ceticismo diante das instituições. Essas duas características interpelam-nos na direção de uma profunda revisão de nosso fazer pedagógico.

O desafio da relação diante do impulso à solidão

Estamos num tempo em que a crise de sentido existencial ainda é latente, e essa é justamente uma das possíveis respostas ao caminho proposto pela Cultura Religiosa; o caminho da religião de todas as coisas, de todas as experiências, conferindo sentido à vida e confiando no Mistério presente e dinâmico, que tudo move e orienta.

Podemos até afirmar que, com relação ao desenvolvimento tecnológico e das redes de comunicação, temos tido a oportunidade única de conhecer muitas facetas dos diversos caminhos espirituais e religiosos. Mas será

1. O aspecto escatológico está presente enquanto um dos polos ativos dessa dinâmica da fé, mas não nos debruçaremos propriamente sobre ele devido aos limites deste trabalho. Esse aspecto indica a dimensão do ideal, do futuro, do desejo, da utopia. Ele aponta para o além da história, para a certeza-esperança. Com isso, dá sentido ao hoje e elabora situações-limite de uma forma comprometida e confiante (Metz, 1981: 65).

que a ampliação das fontes de informação significa caminhada existencial, hermenêutica e ética? Será que essa nova possibilidade de conhecer um mundo plural e diverso conduz a atitudes de diálogo, abertura e celebração das alteridades?

Observando os dados com relação à ética, aqui apresentados, encontramos pessoas sensíveis às dores da humanidade, capazes de identificar as prioridades éticas. Contudo, esse mesmo grupo parece não estar envolvido em atitudes éticas de responsabilidade social e comunitária. Alguns fatores podem estar entrelaçados nessa ausência de mobilização: ceticismo, ausência de tempo, ausência de perspectiva sociopolítica, falta de integração entre a dimensão existencial e a dimensão praxica, falta de confiança nas relações interpessoais e de capacidade dialogal. Acreditamos que um pouco de tudo isso, o que nos convoca, mais uma vez, a também zelarmos por esse processo em nossas salas de aula e atividades da Cultura Religiosa.

No cotidiano da cidade observamos, cada vez mais, pessoas isoladas. Esse é um fator diferente do que é considerado individualismo. É uma ausência até de identidade pessoal, de autocompreensão e orientação existencial. É uma solidão de quem experimenta descuido, solidão, ausência de vinculação a pessoas, a causas, a razões de viver. Enfim, é o contrário do que nos conduz à realização pessoal e comunitária: as relações. Em nossas salas de aula essa configuração também está presente. São as mesmas pessoas, e somos também cada um de nós, professores. Então, admitimos que esse é um fator presente: a solidão existencial. Mas o que fazemos com isso? Além de assumirmos esse fator, também nos sentimos interpelados a construir um processo de transformação dessa realidade, um processo de conversão, de retorno do ser humano à dimensão relacional. Estamos diante de um imperativo, portanto, de estabelecer vínculos, de construir pontes.

Precisamos focar essa questão existencial, pois nela está a raiz da proposta de humanização, de realização pessoal, social e ambiental, de um compromisso pessoal que se desdobre em escolhas éticas. Não podemos falar em diálogo, respeito às diferenças, abertura à pluralidade, se não avançarmos no quesito relacionamento, conexão, vinculação. Para ver o outro, com atenção, com amor, é importante se reconhecer vinculado, é fundamental construir laços, enfim, conviver.

O acesso às redes digitais e a outras formas de informação também é uma constante, mas nem sempre com espaço para uma análise mais crítica, uma hermenêutica que contribua para as inter-relações que se

dão a cada situação cotidiana, seja virtual ou presencial. Esse é outro aspecto fundamental para trabalharmos na Cultura Religiosa. Podemos e devemos trabalhar com essas variadas fontes, todavia fornecendo também outras fontes que auxiliem no discernimento crítico e aprofundem os conhecimentos. E, como diz Boaventura de Sousa Santos, que passe do conhecimento universitário ao conhecimento pluriversitário. Não apenas como um conhecimento voltado ao mercado de trabalho, mas avançando para um conhecimento das culturas e povos periféricos, na perspectiva da economia colaborativa, solidária, atenção à cooperação e também à vulnerabilidade (Santos, 2011). É missão da universidade a formação de profissionais cidadãos, críticos e ativos e, como Cultura Religiosa, também a abraçamos.

A Constituição Apostólica *Veritatis Gaudium* vem impulsionar a trajetória da Cultura Religiosa na Universidade Católica.

O que o Evangelho e a doutrina da Igreja estão atualmente chamados a promover, em generosa e franca sinergia com todas as instâncias positivas que fermentam o crescimento da consciência humana universal, é uma autêntica cultura do encontro, antes – bem se poderia dizer – uma cultura do encontro entre todas as culturas autênticas e vitais, graças a um intercâmbio recíproco dos respectivos dons no espaço de luz desvendado pelo amor de Deus para todas as suas criaturas. (Papa Francisco, 2017)

Aqui estamos também diante da necessidade de uma revisão dos conteúdos selecionados e da bibliografia de apoio. É fundamental que esses conteúdos possam favorecer a abertura de olhar, compreender, conhecer, dialogar, escutar e potencializar as reflexões e as críticas.

Tanto o aspecto existencial como o aspecto hermenêutico merecem uma atenção especial em nosso fazer pedagógico. O monge Marcelo Barros se refere a esse momento como um tempo marcado pelo desvínculo, provocando certa imunização, que é o contrário de comunhão. O vínculo é relação, se apoia na interdependência entre as pessoas, entre estas e o ambiente, é uma relação comunitária. A vida é mantida por meio da comunhão e não por intermédio do isolamento, da desconfiança, enfim, da imunização (Barros, 2020).

Diante de um sistema que provoca isolamento, desconfiança, medo das relações, precisamos construir atitudes de confiança, diálogo fecundo,

aproximação e não manutenção de fronteiras. Precisamos passar da imunização à comunhão. Mas o que é a comunhão? Do ponto de vista da experiência relacional, é quando eu aceito perder a imunidade, ou seja, quando eu me deixo tocar, quando estamos irmanados, de mãos dadas, ligados pela empatia e pelo compromisso ético.

Em nossas salas de aula, assim como em tantos outros ambientes que frequentamos, a prática mais constante é justamente a da imunização. É comum nos entretermos com conversas sobre o trabalho, sobre fatos, mas sempre falando de coisas externas. Quando se trata da vida pessoal não ocorre essa troca, pois o medo do outro, da relação, a ausência de confiança e de prática dialogal conduzem ao afastamento, à postura do intocável, da insensibilidade, da indiferença. Por isso mesmo, quando falamos em relacionamento, a comunhão é o contrário da imunização. Estamos cientes de que esse é um processo social e não será modificado de um momento para outro, mas é nossa missão não apenas diagnosticar, mas construir estratégias de transformação desse paradigma tão desumanizador. Podemos começar com algumas formas de aproximação e diálogo, para que, passo a passo, possamos apoiar os vínculos: consigo mesmo, com as pessoas, com o mundo, com Deus.

Na direção da ética da responsabilidade e da cidadania ativa

Neste ponto, podemos propor mais um aspecto de nosso fazer pedagógico, diante do quadro apresentado pela pesquisa e das reflexões aqui expostas: o aspecto da ética comunitária. De alguma forma, abordamos uma das perspectivas de abertura desse processo, ao tratarmos da característica interdisciplinar da Cultura Religiosa. É da própria natureza da Cultura Religiosa a abertura para o universo multicultural, plurirreligioso e do pluralismo científico. Essa abertura se dá na prática cotidiana, por meio do diálogo entre os muitos saberes presentes na sala de aula e do acesso e da interpretação de fontes bibliográficas do mundo contemporâneo.

A universidade tem uma característica primorosa, ela é uma incubadora de saberes. Mas quais saberes? Como as disciplinas chegam a um elenco propício a cada tempo e contexto? Quais as estruturas de avaliação, revisão e proposição dos saberes selecionados como pertinentes? Como a academia dialoga com saberes populares, invisibilizados, com saberes de culturas que não estão hierarquizadas pela epistemologia dominante?

Na ousadia de uma aproximação a tantas demandas relevantes, propomos duas iniciativas de cunho pedagógico, dando continuidade ao nosso propósito nessa reflexão. A primeira diz respeito ao discernimento quanto aos saberes selecionados e a segunda se insere na proposta já presente no currículo da universidade e, especialmente da CRE, mas que pensamos que necessita de uma implementação ainda maior, que consiste em sermos não apenas incubadores de saberes, mas incubadores de solidariedade e de cidadania ativa, como alerta Boaventura de Sousa Santos (2011: 79-80).

Quanto à proposta de revisão dos conteúdos, bibliografia e saberes selecionados para as disciplinas da Cultura Religiosa, o desafio é uma nova relação de construção do conhecimento, identificando as possibilidades, mas também os limites de compreensão e ação de cada saber.

As escolhas epistemológicas também se tornam escolhas hermenêuticas e, como estamos diante de relações complexas e dinâmicas na sala de aula, estas também se tornam escolhas vitais, éticas, conduzindo a experiências de abertura a múltiplos conhecimentos. Enfim, é fundamental estabelecermos relações dialógicas de cooperação, respeito à diversidade cultural e epistêmica, também no que concerne à produção e à expressão de saberes. Esse processo conduz a uma trajetória progressiva de um estado de saberes selecionados como válidos e hierarquizados por determinado sistema socioeconômico-político-cultural e do estado de trocas intercomplementares que indicam respeito e solidariedade mútuos. Para exemplificar, podemos observar em nossa bibliografia se há a presença de saberes interdisciplinares, de autores negros, de mulheres, de abordagens e hermenêuticas decolonizadoras.

Nesse dinamismo fecundo, integramos a segunda iniciativa pedagógica aqui proposta, que consiste na construção de reflexões e oportunidades para que a universidade seja uma incubadora de solidariedade e cidadania ativa. Essa proposta se relaciona com a dimensão praxica da experiência de fé.

Sem pretendermos adentrar o tema das novas estruturas de subjetividade próprias desse tempo de revisão do paradigma da modernidade, consideramos aqui que a pessoa vem passando por uma revisão de sua própria subjetividade. O ser humano se percebe pessoa nas relações, ou seja, a intersubjetividade ganha espaço nos espaços sociais, familiares, políticos, educacionais. Nesse sentido, é parte de nossa prática

pedagógica a construção de estruturas dialógicas, abertas, acolhedoras das diferenças de ideias, credos, gêneros, posicionamentos filosóficos, econômicos e políticos. Nesse campo de diálogo e alteridades, somos interpelados a construir aproximações: de significados e representações, de linguagem, de identidades e pertencas, de visões de mundo (Costa, 2018: 202).

Na Cultura Religiosa ocorrem processos de construção dessas aproximações por meio de projetos realizados com outros órgãos da PUC, e da motivação para que os estudantes se envolvam e participem de ações de cidadania coletiva. Não podemos perder de vista essas iniciativas. Trata-se da perspectiva ética que articula os direitos humanos fundamentais e a realização das dimensões de escolhas religiosas, estéticas, de lazer, de realização profissional.

Nessa mesma iniciativa, vemos a consciência da responsabilidade de cada ser humano na administração dos bens criados e na sua distribuição para todos: trata-se da relação com a terra, com o solo, com as vozes que ecoam do chão, dos corpos, das vidas – empatia e corresponsabilidade ética local e global.

Acolhemos a exortação do Papa Francisco à missão das universidades:

A forte pressão, percebida nos vários âmbitos da vida socioeconômica, política e cultural, interpela a própria vocação da universidade, em particular a tarefa dos professores de ensinar, de fazer pesquisa e de preparar as jovens gerações a se tornarem não apenas qualificados profissionais nas várias disciplinas, mas também protagonistas do bem comum, líderes criativos e responsáveis da vida social e civil com uma correta visão do homem e do mundo. Neste sentido, hoje as universidades devem se interrogar sobre a contribuição que podem e devem dar para a saúde integral do homem e para uma ecologia solidária. (Simósio..., 2019)

Em nossa cidade e no mundo universitário, vêm surgindo formas coletivas de cidadania em que, no entanto, a pesquisa indica pouca participação dos estudantes. Uma boa ação pedagógica seria a aproximação e os conhecimentos dessas iniciativas presentes no campus e na cidade na qual vivemos, assim como o fomento para o trabalho voluntário e até mesmo de implementação de novas iniciativas na direção de perspectivas éticas de responsabilidade comunitária.

Considerações finais

Ainda na esfera do fazer pedagógico, poderíamos abordar outros temas muito relevantes, como, por exemplo, a avaliação, a pesquisa, a relação tempo-espço, o professor como orientador, o ensino a distância, a intolerância. Enfim, o elenco pode e deve ser ampliado, contudo, optamos por indicadores que consideramos, neste momento histórico, não apenas relevantes, mas emergenciais.

- compreender que o protagonismo das atividades da Cultura Religiosa é dialógico, envolve professores e alunos;
- o entrelaçamento dos múltiplos elementos no cotidiano do fazer pedagógico – culturas, conteúdos, pessoas, memórias, interpretações, análises, fontes de informação, metodologias, fatos históricos, fatos cotidianos, contextos, visões de mundo – pede a revisão e a criação constantes a fim de que a troca de saberes seja o eixo referencial para essa tessitura;
- mantêm-se o dinamismo e a pluralidade religiosa, e também um processo de discernimento crítico que nos convida ao olhar crítico para as fontes de informação, convoca para o conhecimento, a interpretação, o respeito e a acolhida das diferenças;
- tudo é relação – estarmos sempre atentos ao eixo referencial humanizador a cada passo e planejamento, por meio da construção dinâmica, singular, cotidiana, aberta à comunhão e ao Espírito que tudo fecunda;
- ter na mistagogia um princípio ativo – confiarmos que o Espírito conduz e que tudo está interligado; é a experiência de quem acolhe o Mistério, se coloca à sua disposição, e conduz o processo como mediador;
- integrar o aspecto existencial com o aspecto hermenêutico e o aspecto prático – investir na construção de relações de confiança, autoconhecimento, comunicação, proximidade, escuta, ou seja, na construção de vínculos;
- rever conteúdos e bibliografia na direção de propostas não hierarquizantes ou de uma única epistemologia – construir uma ecologia dos saberes;
- construir processos de passagem da imunização à comunhão – analisar, interpretar e propor a ética da responsabilidade comunitária na direção de contribuirmos para que o campus universitário seja incubador de solidariedade e cidadania ativa.

Com o serviço prestado por essa pesquisa, temos diante de nossos olhares e possibilidades de interpretação e reflexão, mais oportunidades de dar continuidade e firmeza ao processo abraçado pela Cultura Religiosa respondendo ao seu chamado primeiro – acolher a vocação de servir ao projeto de Jesus Cristo por meio da formação integral do ser humano.

Este texto não tem a menor pretensão de responder, esgotar ou definir propostas pedagógicas, mas de apontar possibilidades, potências presentes diante de nós, em nossas salas de aula tão fecundas e abertas ao dinamismo do amor de Deus. Como pensadores e mediadores no fazer pedagógico, dialogar sobre nosso cotidiano é nosso jeito especial e sagrado de encarnar o discipulado ao qual somos chamados e desejamos responder com fidelidade e criatividade ao Espírito que tudo renova e integra.

Sugestão de leitura

Para nosso aprofundamento e continuidade nesta reflexão, sugerimos a leitura de alguns trabalhos fundamentais sobre os temas aqui trabalhados:

- BEOZZO, J. O. e FRANCO, C. B. (Orgs.). *Espiritualidade na cidade: por uma dimensão libertadora*. 33º Curso de Verão. São Paulo: Paulus/Ceseep, 2019.
- CHAVES, A. S., TELES, G. M. e JORDÃO, S. M. *História da cultura religiosa*. Disponível em www.teo.puc-rio.br. Acesso em 11 mar. 2018.
- OLIVEIRA, P. R. e DE MORI, G. (Orgs.) *Mobilidade religiosa: linguagens, juventude, política*. São Paulo: Paulinas; Belo Horizonte: Soter, 2012.
- OLIVEIRA, P. R. e DE MORI, G. (Orgs.). *Religião e educação para a cidadania*. São Paulo: Paulinas; Belo Horizonte: Soter, 2011.
- PAPA FRANCISCO. *Veritatis Gaudium: Constituição Apostólica sobre as universidades e faculdades eclesiais*. Vaticano: Editrice, 2017. Disponível em <http://www.vatican.va>. Acesso em 2 de fev. 2020.
- PEDROSA-PÁDUA, L. e MELLO, Z (Orgs.). *Juventude, religião e ética: reflexões teológico-práticas sobre a pesquisa “Perfil da Juventude na PUC-Rio”*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2010.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade*. São Paulo: Cortez, 2011.
- ZAMAGNI, S. *A identidade e missão da Universidade Católica na atualidade*. Porto Alegre: Unisinos, 2013. Disponível em http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/185cadernosihuideias_corrigido.pdf. Acesso em 29 de jan. 2020.

Referências bibliográficas

- AVELAR, Maria Carmem C. Novos procedimentos pedagógicos: uma proposta para a Cultura Religiosa na PUC-Rio. In: PEDROSA-PÁDUA, L. e MELLO, Z (Orgs.) *Juventude, religião e ética: reflexões teológico-práticas sobre a pesquisa “Perfil da Juventude na PUC-Rio”*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2010.

- BARROS, Marcelo. A dimensão libertadora da espiritualidade na militância e na pastoral. In: *Curso de Verão 2020*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=3aiMCMb3H8Y&t=1950s>. Acesso em 28 de jan. 2020.
- BOFF, Leonardo. *Ecologia, mundialização e espiritualidade*. São Paulo: Ática, 1993.
- CHAVES, A. S.; TELES, G. M.; JORDÃO, S. M. *História da Cultura Religiosa*. Disponível em <http://www.teo.puc-rio.br/home>. Acesso em 11 abr. 2018.
- COSTA, R. F. A opção pelos jovens e o caminho das juventudes no século XXI. In: SOUZA, N.; SBARDELOTTI, E. (Orgs.). *Medellín: memória, profetismo e esperança na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- LEPETIT, B. Sobre a escala na história. In: REVEL, J. *Jogos de Escala. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- LIBÂNIO, J. B. *A religião no início do milênio*. São Paulo: Loyola, 2002.
- METZ, J. B. *A fé em história e sociedade*. São Paulo: Paulinas, 1981.
- OLIVEIRA, M. A. Pós-Modernidade: Abordagem Filosófica. In: TRASFERETTI, J. e GONÇALVES, P. S. L. (Orgs.). *Teologia na pós-modernidade: abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- PAPA FRANCISCO. *Veritatis Gaudium: Constituição Apostólica sobre as universidades e faculdades eclesiais*. Vaticano: Editrice, 2017. Disponível em <http://www.vatican.va>. Acesso em 2 de fev. 2020
- PEDROSA-PÁDUA, L.; CARIAS, C. P.; PEREIRA, M. O.; BELLOCCHIO, J. G. *Documento Identidade da Cultura Religiosa*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2008.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade*. São Paulo: Cortez, 2011.
- SIMPÓSIO DA FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DAS UNIVERSIDADES CATÓLICAS. 2019. Disponível em <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-11/papa-francisco-universidades-catolicas.html>. Acesso em 29 jan. 2020.

Juventude e valores éticos

Sérgio Mendes

Introdução

O presente artigo objetiva analisar os valores éticos dos jovens da PUC-Rio a partir da comparação dos dados das pesquisas realizadas em 2006 e 2018.

As seguintes questões guiarão nossa investigação:

1. Os valores éticos são considerados importantes?
2. Quais as diferenças apontadas entre a pesquisa de 2006 e a de 2018?
3. A opção religiosa ou não religiosa influencia na escala de valores éticos?
4. A condição social influencia na escala de valores?
5. Qual a relação entre os valores defendidos pelos jovens e a análise da juventude que tem feito a Igreja Católica nos últimos anos?
6. Quais os desafios e as oportunidades que essa análise oferece para as disciplinas da Cultura Religiosa da PUC-Rio?

Delimitando o objeto de análise

Considerando que o tema dos valores éticos é transversal, seria possível identificar a defesa explícita e implícita de tais valores ao longo de toda a pesquisa realizada. Por exemplo, seria possível analisar os valores éticos implícitos ou explícitos nas respostas às perguntas: “O que motivou sua escolha pelo curso?”, “Qual a principal razão que te leva a crer?”, “Em que momento você costuma sentir mais fortemente a presença de Deus?”, “Qual sua opinião sobre a Igreja Católica?”, “Você costuma participar de algumas dessas atividades?”, “Qual sua opinião sobre outras religiões?”, “Quais dessas atividades você tem o hábito de fazer?”, “Indique o seu grau de satisfação”, “Das afirmações abaixo, indique sua opinião”, “Em situações de dificuldade você recorre:”, “Você se considera uma pessoa:”, “Em relação aos temas colocados abaixo indique sua opinião”, “Você concorda com o uso de drogas?”, “As pesquisas indicam que o consumo de drogas:”.

Essa alternativa de verificar a resposta a todas essas questões, embora mais completa, impediria uma análise mais breve como a que pretendemos aqui. Por essa razão, delimitaremos nossa investigação ao redor da pergunta “Na sua opinião, qual destes valores são os mais importantes?”. E, além dessa pergunta, usaremos aleatoriamente as respostas às demais questões, quando for oportuno.

Apresentação e análise dos dados¹

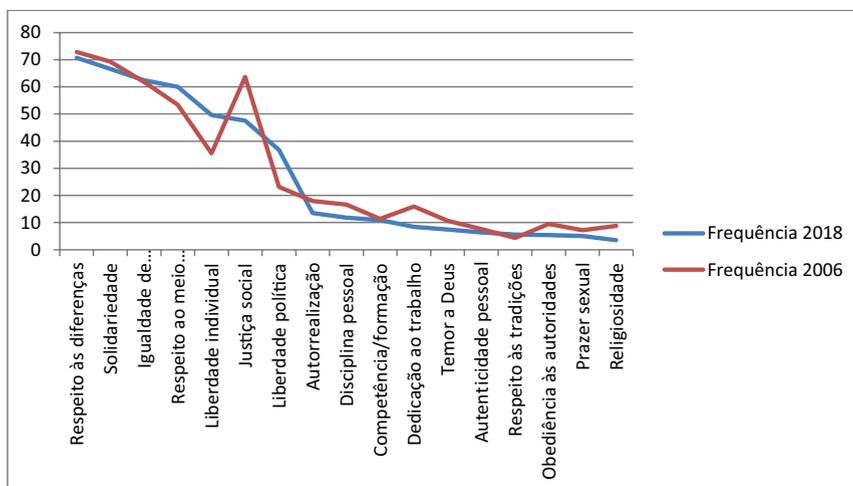
Sobre os valores sociais mais importantes:

Tabela 1
Valores sociais mais importantes

Valor	Frequência 2018	Frequência 2006	Variação %
Respeito às diferenças	70,7	72,8	-3%
Solidariedade	66,6	69,3	-4%
Igualdade de oportunidades	62,4	61,8	1%
Respeito ao meio ambiente	60	53,4	12%
Liberdade individual	49,6	35,5	40%
Justiça social	47,5	63,7	-25%
Liberdade política	36,8	23,1	59%
Autorrealização	13,5	18	-25%
Disciplina pessoal	11,8	16,6	-29%
Competência/formação	10,9	11,4	-4%
Dedicação ao trabalho	8,4	15,9	-47%
Temor a Deus	7,5	10,7	-30%
Autenticidade pessoal	6,4	7,6	-16%
Respeito às tradições	5,6	4,3	30%
Obediência às autoridades	5,4	9,5	-43%
Prazer sexual	5,1	7,2	-29%
Religiosidade	3,5	8,8	-60%

1. As tabelas e gráficos deste capítulo são baseados nos dados da pesquisa do perfil da juventude de 2018 e/ou 2006.

Gráfico 1
Valores sociais mais importantes



Análise quantitativa

A primeira constatação é de que, da lista de valores apresentados, o *respeito às diferenças* e a *solidariedade* continuaram a ser os dois valores considerados mais importantes pelos alunos, apesar de na pesquisa de 2018 haver uma redução de votos nesses valores de 3% e 4% respectivamente (Tabela 1).

Uma segunda e até mais importante constatação é sobre a mudança nessa escala de valores entre os anos pesquisados. De fato, os valores da *liberdade política*, da *liberdade individual* e do *respeito às tradições*, tiveram o significativo aumento de votos de 59%, 40% e 30% respectivamente. E, inversamente, os valores da *religiosidade*, da *dedicação ao trabalho* e da *obediência às autoridades* tiveram um decréscimo de votos de 60%, 47% e 43% respectivamente. Com isso, as mudanças de posição mais significativas na escala de valores foram as dos seguintes valores: *justiça social* (do terceiro lugar em 2006, para o sexto lugar em 2018), *respeito às tradições* (do 17º para o 14º) e *religiosidade* (do 14º para o 17º) (Tabela 1 e Gráfico 1).

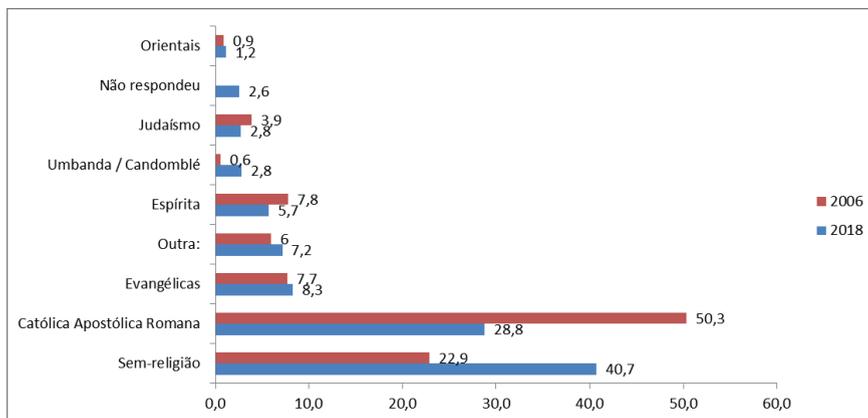
Conclusão

Nessa primeira análise, nota-se que a escala de valores defendida pelos estudantes da PUC-Rio se modifica ao longo do tempo, muito provavelmente em função dos contextos histórico-culturais.² Como neste artigo pretendemos fazer uma análise mais teológica do tema, nos furtaremos à tarefa de analisar os contextos sociais que sustentaram as mudanças na ordem da escala de valores que acabamos de apresentar, mesmo reconhecendo que tal análise poderia lançar novas luzes à leitura teológica.

Análise segundo as opções religiosas

Antes de analisar os valores éticos segundo o critério da opção religiosa, convém apresentar os dados sobre a opção religiosa dos alunos.

Gráfico 2
Opção religiosa (em %)



Notam-se claramente o aumento expressivo de alunos que não se identificam com nenhuma religião e a redução drástica dos que se declaram católicos.

2. O contexto também influencia diretamente na experiência religiosa dos jovens, como reconhece a própria Igreja Católica (Sínodo dos Bispos, 2018, n. 48).

Tabela 2
Valores segundo a opção religiosa

Valores	Budismo	Católica Apostólica Romana	Espírita	Evangélicas	Hinduísmo	Judaísmo	Outra	Sem religião	Umbanda / Candomblé
Respeito às diferenças	70,0%	71,9%	76,0%	65,1%	80,0%	72,9%	78,9%	72,8%	74,6%
Solidariedade	61,9%	75,2%	76,0%	71,6%	60,0%	70,7%	65,8%	62,8%	60,0%
Igualdade de oportunidades	85,7%	58,5%	66,1%	63,4%	40,0%	61,0%	61,8%	68,4%	59,3%
Respeito ao meio ambiente	81,0%	60,6%	60,3%	50,0%	80,0%	45,8%	66,4%	63,5%	74,6%
Liberdade individual	40,0%	48,7%	44,6%	38,1%	25,0%	50,8%	55,6%	55,9%	45,8%
Justiça social	40,0%	44,1%	43,0%	46,0%	40,0%	46,6%	49,3%	53,3%	57,6%
Liberdade política	20,0%	31,1%	33,9%	25,1%	25,0%	42,4%	33,8%	46,3%	40,7%
Autorrealização	33,3%	11,8%	13,9%	13,7%		20,3%	25,0%	13,1%	6,7%
Disciplina pessoal	35,0%	15,6%	12,4%	14,3%	20,0%	15,3%	14,5%	8,7%	1,7%
Competência/formação	10,0%	13,0%	19,0%	7,4%		8,6%	11,8%	10,5%	1,7%
Dedicação ao trabalho	10,0%	11,2%	11,6%	4,6%		15,3%	7,2%	7,3%	6,7%
Temor a Deus		7,6%	1,7%	48,9%		1,7%	3,9%	1,5%	8,3%
Autenticidade pessoal	5,0%	5,4%	6,6%	5,7%	20,0%	8,6%	5,3%	7,6%	5,1%
Respeito às tradições		8,2%	3,3%	10,9%	50,0%	5,1%	4,0%	3,6%	3,4%
Obediência às autoridades		8,4%	3,3%	13,1%		1,7%	1,3%	3,7%	0,0%
Prazer sexual	5,0%	2,0%	6,6%	0,6%	50,0%	6,8%	7,2%	7,6%	3,4%
Religiosidade		4,6%	7,4%	2,3%		1,7%	3,9%	2,9%	3,4%

A partir do cruzamento da escala de valores com a opção religiosa constata-se, na pesquisa de 2018 (Tabela 2):³

- Sobre o *respeito às diferenças*, apenas os evangélicos apresentaram uma votação inferior a 70% nesse valor ético, totalizando 65,1% dos seus votos. De modo semelhante, somente esse grupo defendeu o valor do *temor a Deus* com votação acima de 8%, totalizando 48,9% dos seus votos, o que colocaria esse valor em quinto lugar, enquanto no cômputo geral estaria em 12º lugar (tanto na pesquisa de 2006, quanto na de 2018).

3. Infelizmente não é possível realizar esse cruzamento de dados para a pesquisa de 2006, porque os dados desta haviam sido tabulados manualmente e apenas por frequência. Com o avanço no emprego da tecnologia para a obtenção dos dados, a pesquisa de 2018 possibilitou rapidamente o cruzamento de tais dados.

- Com relação ao *respeito ao meio ambiente*, somente os adeptos do Budismo, do Hinduísmo⁴ e da Umbanda e do Candomblé defenderam esse valor com adesão de mais de 70% de seus votantes. Somente nessas religiões esse valor ético estaria entre os dois mais importantes.
- Com relação à *igualdade de oportunidades*, somente para os budistas esse valor figuraria em primeiro lugar com 85,7% de seus votos. Sobre esse mesmo valor, os hinduístas estariam no extremo oposto com apenas 40% de seus votantes elegendo este valor como o sexto mais importante. No cômputo geral, esse valor figura em quarto lugar na pesquisa de 2006 e em terceiro na de 2018.
- Com relação à *liberdade individual*, os hinduístas foram os únicos a apresentarem uma votação inferior a 38%, totalizando apenas 25% de seus votos. Todas as demais opções religiosas e não religiosas ultrapassaram os 38%.
- Os budistas são os que mais valorizam a *autorrealização* (33,3%) e a *disciplina pessoal* (35%). As demais opções religiosas e não religiosas mal ultrapassam os 20%.
- Os hinduístas são os que mais valorizam o *respeito às tradições* (50%) e o *prazer sexual* (50%). As demais opções religiosas e não religiosas sequer chegam aos 14% para esses valores.

Conclusão

Com relação ao *respeito às diferenças*, a maior dificuldade dos que se declaram evangélicos em defender esse valor apoia-se, em grande medida, na forte tendência, daqueles que pertencem aos grupos neopentecostais brasileiros, de combater a diversidade religiosa – especialmente com relação às religiões de matriz africana – e a diversidade sexual (Silva, 2007; Martin et al., 2018). Mas é necessário reconhecer que a intolerância religiosa, em especial, tem longa história e atinge todas as tradições religiosas (Silva, 2018).

Já o valor do *respeito ao meio ambiente* é mais expressivo entre os adeptos do Budismo, do Hinduísmo, da Umbanda e do Candomblé, em função principalmente da cosmologia defendida por essas tradições religiosas. De fato, enquanto as religiões monoteístas abraâmicas (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo) tenderam a interpretar a relação entre o ser

4. Convém notar que na pesquisa de 2006 não apareciam as opções Budismo e Hinduísmo, mas apenas religiões “orientais”.

humano e o planeta em termos de “domínio” (Papa Francisco, 2018: 66), as tradições orientais e africanas conservaram a compreensão dessa relação como de interdependência. O mesmo fenômeno se observaria também nas tradições indígenas (Oliveira, 2010; Sínodo dos Bispos, 2019: 43-44; Maça-neiro, 2011: 33-35, 43-45).

É relativamente complexo avaliar a importância dada pelos budistas à *igualdade de oportunidades* e a situação inversa dos hinduístas. Poder-se-ia apoiar essa predileção axiológica na defesa veemente que a tradição budista faz do valor da compaixão e de sua peculiar visão do *karma*. Com efeito, enquanto para o Hinduísmo a lei do *karma* poderia conduzir a certa naturalização das diferenças socioeconômicas, por exemplo, como parte da herança de vidas pretéritas, diversamente para o Budismo, o *karma* não é compreendido como uma lei inexorável, mas como uma oportunidade de superação por meio da busca da *iluminação* (Seoane e Tellería, 2014). Essas mesmas razões talvez expliquem a precedência da defesa dos valores da *autorrealização* e da *disciplina pessoal* pelos budistas; e a pouca importância dada pelos hinduístas à *liberdade individual*, como apresentamos aqui. Entretanto, o aprofundamento dessas análises, ainda que interessante, foge aos limites de nosso trabalho.

Ainda sobre os hinduístas, sua defesa do valor do *respeito às tradições* se destaca, muito provavelmente, em função de uma compreensão muito particular do próprio conceito de tradição. Com efeito, para boa parte dos hinduístas contemporâneos, a tradição não é vista de maneira rígida e inflexível, como tende a ocorrer em outras tradições religiosas, mas como uma realidade inclusiva, adaptativa e pluralista por natureza (Lúcia, 2014; Maia, 2018: 134). Dessa forma, a defesa hinduísta da tradição carrega em si mais abertura ao diálogo do que se poderia supor em uma primeira análise. E quanto à expressiva defesa do valor do *prazer sexual*, convém recordar-nos de que talvez a tradição religiosa hinduísta seja a que melhor integrou a sexualidade à transcendência e ao cuidado de si, como paradigmaticamente demonstra o *Kama Sutra* (Silva, 2011).

Enfim, face aos dados apresentados, pareceria claro que a opção religiosa influencia na escala de valores. No entanto, se considerarmos a média da escala de valores de todas as opções religiosas em contraste com a escala de valores daqueles que se declaram sem religião, notamos que os oito primeiros valores éticos são os mesmos, variando apenas algumas posições.

Tabela 3
Ordem dos valores segundo a opção religiosa

Valores	Sem religião	Pessoas religiosas
Respeito às diferenças	1º	1º
Igualdade de oportunidades	2º	4º
Respeito ao meio ambiente	3º	3º
Solidariedade	4º	2º
Liberdade individual	5º	6º
Justiça social	6º	5º
Liberdade política	7º	7º
Autorrealização	8º	8º

Nota-se que as pessoas religiosas antepõem a *solidariedade* (segundo lugar) à *igualdade de oportunidades* (quarto), e a *justiça social* (quinto) à *liberdade individual* (6º); as pessoas não religiosas fazem justamente a valoração inversa, antepondo a *igualdade de oportunidades* à *solidariedade* e a *liberdade individual* à *justiça social*. Quanto aos quatro outros valores, não há diferença na ordem da escala entre pessoas religiosas e não religiosas (Tabela 3). Convém notar que essa diferença entre as escalas de valores indica que as pessoas não religiosas parecem acentuar os valores relativos ao indivíduo e as pessoas religiosas, os valores coletivos. O acento nos valores individuais por parte das pessoas sem religião pode-se talvez explicar pela constante necessidade de se defender a laicidade do Estado, num contexto em que ela é frequentemente atacada, a partir de várias iniciativas de grupos religiosos fundamentalistas ou reacionários.

Contudo, se considerarmos cada opção religiosa separadamente, nota-se claramente que nenhuma escala de valores é coincidente, em função dos acentos que cada tradição religiosa realiza, conforme elencamos mais acima.

Então, por qual razão, na média geral não há grande diferença entre pessoas religiosas e não religiosas? Considerando que apenas 10% a 15% da população mundial⁵ e 8% da população brasileira (IBGE, 2012) não professam qualquer credo religioso, pode-se concluir que as religiões possuem inegável influência na cultura local e global. Tratar-se-ia de um *ethos* religioso que afetaria mesmo as pessoas não religiosas. Curioso notar

5. As projeções de Pew Research projetam a partir de 2010 um decréscimo do número de pessoas que se declaram sem religião, oscilando de 16,4% em 2010 para 15,6% em 2020 (Pew Research Center, [s.d.]).

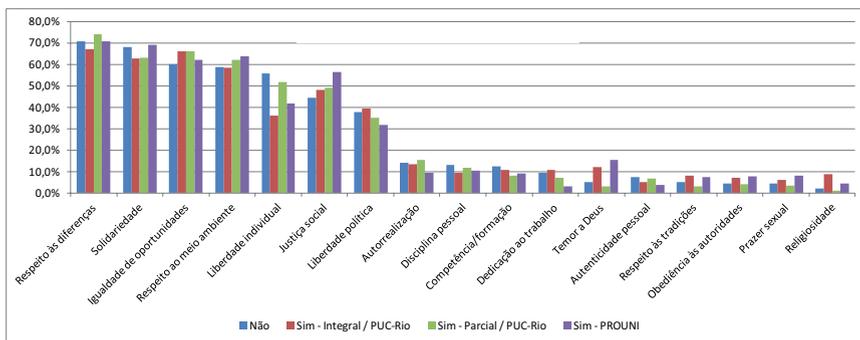
a esse respeito que, na pesquisa de 2018, 42% dos alunos que se declararam sem religião disseram acreditar em Deus.⁶

No entanto, a adesão ética aos valores religiosos naturalmente não significa qualquer capitulação às doutrinas ou crenças religiosas. É importante salientar a esse respeito que, na verdade, os valores éticos são patrimônio da humanidade e não um produto das religiões. A Igreja Católica do Brasil chama a esses valores difundidos pela cultura de “valores da modernidade” e reconhece a necessidade de que a Igreja os acolha em sua ação evangelizadora. Dentro dos valores da modernidade, se destacam: a democracia, o diálogo, a busca da felicidade, a transparência, os direitos individuais, a liberdade, a justiça, a igualdade de direitos e o respeito pelas diferenças (CNBB, 2007: 219).

Mas mesmo que as religiões mereçam ser reconhecidas como grandes responsáveis pela defesa e pela promoção de valores éticos, há que se reconhecer igualmente o importante papel das famílias, da sociedade civil, das autoridades públicas, das organizações governamentais e não governamentais, dos meios de comunicação etc.

Análise segundo o perfil socioeconômico

Gráfico 3
Valores e perfil socioeconômico (bolsista / não bolsista)



A partir dos dados da pesquisa de 2018, podemos constatar:

- Para a maioria dos valores, não há variação significativa entre os alunos bolsistas e não bolsistas.

6. Por falta do cruzamento dos dados da pesquisa de 2006, não temos como avaliar a crença em Deus no universo dos que se declararam sem religião. Lembramos apenas que, do total dos entrevistados, 22,9% se declararam sem religião e 81,7% acreditavam na existência de Deus.

- Chama a atenção que os alunos bolsistas integrais e do ProUni são os únicos que antepõem o valor da *justiça social* ao da *liberdade individual*. Isso revela a consciência dos bolsistas de que sua situação socioeconômica não é natural, mas fruto de um sistema injusto.
- Com relação ao valor do *temor a Deus*, os votos dos alunos não bolsistas ficaram em 5% e os dos bolsistas parciais em 3%. No entanto, 12% dos bolsistas integrais e 15,3% dos bolsistas ProUni votaram nesse mesmo valor. Se recordarmos, como vimos acima, que somente os evangélicos chegaram a 48,9% de votos nesse valor (contra valores inferiores a 8% para os demais grupos), pode-se concluir que uma parcela significativa dos bolsistas é evangélica. De fato, os evangélicos são o segundo maior grupo de bolsistas integrais com 31,8%.
- É nesse mesmo grupo dos bolsistas integrais que se encontram os que mais votaram no valor da *religiosidade* com 8,6%, mais de quatro vezes o percentual dos não bolsistas.

Conclusão

Apesar das diferenças apontadas, no geral podemos concluir que, no caso dos alunos da PUC-Rio, a diferença socioeconômica não tem grande peso na definição da escala de valores.

A juventude segundo o magistério católico recente

Poderíamos iniciar a análise do perfil da juventude por meio dos antivalores da pós-modernidade que afetam de modo inquestionável esse grupo social: hedonismo, consumismo, permissivismo, subjetivismo, relativismo, materialismo, ateísmo, emotivismo, individualismo, e tantos outros “ismos” (CNBB, 2007: 251). Os documentos da Igreja com relativa frequência apresentam esse cenário tenebroso ao tratar da juventude.⁷ Outro olhar possível é considerar que os jovens atualmente não vivem propriamente uma “crise de valores”, que seria marcada pela ausência de referenciais éticos ou morais, mas que manifestam os “valores em crise”, isto é, a juventude continua a defender valores, mas seus valores nem sempre concordam com

7. A Igreja Católica já reconhece há algum tempo a diversidade que caracteriza a juventude e até defende que o emprego do plural para se referir a ela seria mais adequado (Papa Francisco, 2019: 68). Mas por razão de simplificação, manteremos o uso da forma singular.

os valores defendidos pelas gerações que os precederam (La Taille et al., 2009: 9-12). De fato, entre os valores que a Igreja reconhece estarem muito presentes na juventude hodierna, destacam-se: a preferência da imagem como forma de comunicação, a importância dada às sensações e às emoções, a prioridade da vida concreta e da ação, a amizade e a pertença a grupos coetâneos (redes sociais), espontânea abertura à diversidade, à paz, à inclusão e ao diálogo intercultural e inter-religioso, o compromisso social, a solidariedade, a justiça e a sensibilidade ecológica (Sínodo dos Bispos, 2018: 45-46).

De qualquer modo, no contexto católico, e para além da visão um tanto pessimista sobre a relação dos jovens com a cultura circundante, queremos aqui seguir outra intuição da própria Igreja, a compreensão da juventude como *lugar teológico*. O próprio documento da CNBB esclarece esse importante conceito:

Considerar o jovem como lugar teológico é acolher a voz de Deus que fala por ele. A novidade que a cultura juvenil nos apresenta neste momento, portanto, é sua teologia, isto é, o discurso que Deus nos faz através da juventude. De fato, Deus nos fala pelo jovem. O jovem, nesta perspectiva, é uma realidade teológica, que precisamos aprender a ler e a desvelar. Não se trata de sacralizar o jovem, imaginando-o como alguém que não erra; trata-se de ver o sagrado que se manifesta de muitas formas, também na realidade juvenil. Trata-se de fazer uma leitura teológica do que, de forma ampla, chamamos de culturas juvenis. (...) Dizer que, para a Igreja, a juventude é uma prioridade em sua missão evangelizadora, é afirmar que se quer uma Igreja aberta ao novo, é afirmar que amamos o jovem não só porque ele representa a revitalização de qualquer sociedade mas também porque amamos, nele, uma realidade teológica em sua dimensão de mistério inesgotável e de perene novidade (CNBB, 2007: 81).

Esse documento defende que também na juventude se encontram as “sementes do Verbo”, como afirmava o Concílio Vaticano II, e que, por isso, “entrar em contato com o ‘divino’ da juventude é entender sua psicologia, sua biologia, sua sociologia e sua antropologia com o olhar da ciência de Deus” (CNBB, 2007: 80). E termina indicando um caminho muito concreto para as faculdades de teologia:

Provocar as faculdades de teologia das instituições de ensino superior confessionais a ler e interpretar a presença e plano de Deus no meio dos jovens (a juventude como lugar teológico), em torno de temas a eles relacionados, como, por exemplo: sexualidade, prazer, lazer, festas, consumo, escola, trabalho, desemprego, dinheiro e lucro, namoro e uniões conjugais, religiosidade sem Igreja, trazendo uma abordagem teológica voltada para o mundo juvenil e apresentando luzes aos desafios nascidos no novo contexto em que a juventude está inserida (CNBB, 2007: 228).

Ora, cabe, pois, diante da pesquisa do perfil da juventude na PUC-Rio, fazer-nos a seguinte pergunta: o que Deus nos revela por meio desses jovens?

O que Deus parece nos querer dizer por meio dos jovens

Pretendemos neste momento deixar-nos interpelar teologicamente pelos dados da pesquisa, permitindo que ela questione nossa compreensão do mistério de Deus. É importante salientar que apresentamos agora apenas uma possível interpretação teológica dos dados, sem nenhuma pretensão de ser uma palavra definitiva sobre o assunto. A plausibilidade de nossas considerações está, portanto, aberta à discussão. Mas, por obrigação do ofício de teólogo, é necessário não temer as interpelações que a leitura do mundo nos provoca. Como toda ciência, a teologia também cresce a partir de problemas e hipóteses. Só o tempo purificará as hipóteses mais relevantes. Para nos mantermos dentro do escopo de análise que desenvolvemos até aqui, só nos debruçaremos sobre os valores éticos e suas possíveis interpelações.

Destacamos apenas três intuições fundamentais:

1) Os jovens desejam e defendem valores éticos fundamentais, mas não fundamentam tais valores em princípios explicitamente religiosos.⁸ Ouvem o apelo do Espírito que atua na história e no interior dos corações. Mas esse apelo não é reconhecido explicitamente e nem mesmo tematizado. Poder-se-ia falar de uma espontânea inteligência espiritual? Se para a teologia e a filosofia a preocupação sobre a fundamentação ética dos valores é frequente, os jovens, ao valorizarem mais a práxis, não estão muito interessados nessas especulações teóricas. Essa postura dos jovens não guarda certa similitude

8. Confirmam-no a queda na defesa do valor da *religiosidade* (60%) e o aumento do número daqueles que se declaram sem religião (78% de aumento com relação à pesquisa de 2006).

com a atitude dos profetas do Antigo Testamento, como Amós, Isaías, Jeremias e outros, que criticavam o culto e as especulações teológicas dos rabinos, enquanto os pobres e os marginalizados morriam?

2) O valor da solidariedade é para os jovens um valor fundamental, que parece justificar os demais valores. De fato, como defende La Taille (2009: 78-80), a solidariedade fundamenta os valores de justiça, compaixão, compromisso, reconhecimento, generosidade, luta contra a discriminação e exploração de pessoas e grupos, chegando até à ecologia. Daí o fato de a pesquisa mostrar que os jovens da PUC acentuaram na pesquisa de 2018 os valores do *respeito às diferenças, liberdades política e individual, igualdade de oportunidades e respeito ao meio ambiente*. A respeito desse valor da solidariedade, também relevante na pesquisa de 2006, concluía Glória F. C. Nascimento (2010: 128):

Acreditamos que somente podemos tomar atitudes solidárias, porque há no ser humano uma solidariedade essencial, uma Orientação Fundamental voltada para o bem de si mesmo, do outro e da natureza. Nesse aspecto, a solidariedade é uma tomada de posição diante da vida, diante do outro interpelador que me chama e provoca.

É muito provavelmente por meio do valor da solidariedade que as religiões poderão ser reconhecidas pelos jovens como relevantes para o mundo em que vivem. Curioso notar a esse respeito que os jovens, ao serem perguntados se a Igreja Católica luta contra as injustiças sociais e pela mudança da sociedade, em 2006, 69,11% disseram que não, e em 2018, 71,8% reafirmaram a mesma posição. Naturalmente que se trata da percepção da juventude, mas ainda que essa análise seja imprecisa ou até injusta, ela reflete aquilo que os jovens conseguem ver. Se aliarmos esses dados àqueles das demais questões sobre a Igreja Católica e outras religiões, ficará evidente que os jovens identificam uma inadequação entre os discursos e as doutrinas religiosas e o contexto atual. Ora, não deveriam as religiões sobretudo serem reconhecidas por seu alto comprometimento ético? Por qual razão então os jovens não reconhecem a relevância da ética nas religiões? Talvez seja precipitação julgar que se trata apenas de um problema de comunicação entre as religiões e os jovens, e melhor seria avaliar a quantas anda o nosso compromisso ético. Os jovens, em suma, questionam o múnus profético da Igreja como Povo de Deus.

3) Desde 2006, os jovens da PUC-Rio assinalam o valor da ecologia (*respeito ao meio ambiente*). Ao mesmo tempo, quando questionados sobre quais os três problemas sociais que mais os preocupam, indicaram a *violação dos direitos humanos*, a *injustiça social* e a *saúde* (quase empatada com *destruição ambiental*). Não há dúvida de que os jovens, ainda que intuitivamente em alguns casos, são mais sensíveis ao drama socioambiental. Sentem que a questão ecológica e a justiça são temas interdependentes. Nesse sentido, é possível acreditar que eles já haviam captado em grandes linhas aquilo que o Papa Francisco defende por meio da encíclica *Laudato Si'*. De fato, o próprio Papa Francisco reconhece: “Os jovens exigem de nós uma mudança; interrogam-se como se pode pretender construir um futuro melhor, sem pensar na crise do meio ambiente e nos sofrimentos dos excluídos” (Papa Francisco, 2015: 13).

Portanto, o lugar teológico dos jovens se revela, pelo menos em alguns aspectos, verdadeiramente profético.

Desafios e oportunidades para as disciplinas da Cultura Religiosa da PUC-Rio

Os jovens, fiéis ao contexto pós-moderno, não são atraídos por grandes narrativas, sejam políticas, sejam religiosas. No entanto, sua sensibilidade para as questões socioambientais e para os valores éticos abre à Cultura Religiosa da PUC-Rio uma oportunidade ímpar, uma vez que as várias disciplinas da CRE giram em grande medida ao redor dessas temáticas. A maior contribuição da CRE aos jovens da PUC-Rio é abordar os temas ético-religiosos de maneira acadêmica, racionalmente fundamentada pelas contribuições inter e transdisciplinares que os vários saberes científicos oferecem. É a partir desse horizonte que se descortinam aos jovens umas novas possibilidades de compreensão do fenômeno religioso e da ética que, de modo muitas vezes intuitivo, eles já tinham captado.

Referências bibliográficas

- CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Evangelização da Juventude: desafios e perspectivas pastorais*. São Paulo: Paulinas, 2007. (Documentos da CNBB, n. 85)
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião*. IBGE, 29 jun. 2012. Disponível em <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=3&idnoticia=2170&view=noticia>. Acesso em 20 fev. 2020.

- LA TAILLE, Yves de; MENIN, Maria Suzana de Stefano; SHIZU, Alessandra de Moraes. *Crise de valores ou valores em crise?* Porto Alegre: Artmed, 2009.
- LÚCIA, Amanda. Innovative Gurus: Tradition and Change in Contemporary Hinduism. *International Journal of Hindu Studies*, n. 18/2, 2014, p. 221-263. Disponível em <https://link.springer.com/content/pdf/10.1007/s11407-014-9159-5.pdf>. Acesso em 1º mar. 2020.
- MAÇANEIRO, Marcial. *Religiões e ecologia: cosmovisão, valores, tarefas*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- MAIA, Gisele. *Hinduísmo transnacional: tradição e brasilidade no método do caminho do coração de Sri Prem Baba*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.
- MARTIN, Andréia Garcia; PIAZZA, Marina Silveira de Freitas; MOTA, Keila Martins. Intolerância às religiões afro-brasileiras no âmbito nacional: um breve estudo de casos concretos e a efetividade da liberdade religiosa. *Revista de Direitos Sociais e Políticas Públicas (UNIFAFIBE)*, vol. 6, nº 2, p. 28-66, 2018. Disponível em <http://www.unifafibe.com.br/revista/index.php/direitos-sociais-politicas-pub/issue/view/26>. Acesso em 1º mar. 2020.
- NASCIMENTO, Glória F. C. do. Solidariedade como experiência com/do Outro. In: PEDROSA-PÁDUA, Lúcia; MELLO, Zeca de. *Juventude, religião e ética: reflexões teológico-práticas sobre a pesquisa “Perfil da Juventude na PUC-Rio”*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2010. p. 127-135.
- OLIVEIRA, Rosalira dos Santos. Religiões da Terra e ética ecológica. *HORIZONTE – Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, v. 8, nº 17, p. 26-44, 2010.
- PAPA FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si’*: sobre o cuidado da casa comum. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2015. Disponível em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em 26 jun. 2019.
- _____. *Exortação apostólica pós-sinodal Christus Vivit*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2019. Disponível em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html. Acesso em 29 fev. 2020.
- PEW RESEARCH CENTER. Explore the Data. Pew Research Center, [s.d.]. Disponível em http://globalreligiousfutures.org/explorer#/?subtopic=15&chartType=bar&year=2020&data_type=percentage&r. Acesso em 10 nov. 2020.
- SEOANE, Chus Alonso; TELLERÍA, Ana Serrano. Budismo: uma ética aplicada. *Revista Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, nº 21, p. 55-71, jul.-dez. de 2014. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/CienciasSociaisReligiao/article/view/17857>. Acesso em 1º mar. 2020.
- SILVA, Antonio Ozaí da. Sobre a intolerância religiosa. *Revista Espaço Acadêmico*, nº 203, p. 64-95, abr. 2018. Disponível em <http://eduemojs.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/issue/view/1500>. Acesso em 1º mar. 2020.
- SILVA, Carla Fernanda da. O Kama Sutra e o cuidado de si. *Linguagens – Revista de Letras, Artes e Comunicação*, Blumenau, v. 5, nº 3, p. 220-237, 2011. Disponível em <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/download/2470/2115>. Acesso em 1º mar. 2020.
- SILVA, Vagner Gonçalves da et al. *Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.
- SÍNODO DOS BISPOS. *Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral. Documento Final*. Vaticano: 2019. Disponível em http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20191026_sinodo-amazonia_po.html#a_Os_valores_culturais_dos_povos_amazonicos. Acesso em 1º mar. 2020.

SÍNODO dos Bispos. *XV Assembleia Geral Ordinária: os jovens, a fé e o discernimento vocacional. Documento Final*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2018. Disponível em http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20181027_doc-final-instrumentum-xvassemblea-giovani_po.html. Acesso em 29 fev. 2020.

Caminhos alternativos do mundo virtual para os estudantes da PUC-Rio

Antonio Carlos Alkmim

Introdução

Rousseau, em 1749, caminhava em direção ao seu amigo Diderot, aprisionado, na França. Caminhava pelo gosto, mas também por economia. E no seu caminhar defrontou-se com um anúncio de um concurso promovido pela Academia de Dijon, para o ano seguinte, que indagava se o restabelecimento das ciências e das artes teria contribuído para aprimorar os costumes. Um tema setecentista, entre o final do Renascimento e o início do Iluminismo. Rousseau decidiu participar do concurso do qual sairia vencedor, com o seu *Discurso sobre as ciências e as artes* (1750). Um texto que se encontra na raiz de um pensamento complexo e mesmo contraditório que iria trazer uma continuidade por meio do posterior *Discurso sobre os fundamentos e a origem da desigualdade entre os homens* (1755) e do seu *Contrato social* (1762).

O texto posteriormente desagradaria ao próprio Rousseau que o define como medíocre em suas *Confissões* (1782). O fato é que Rousseau não dá a resposta aparentemente pretendida pela Academia de Dijon, ou seja, uma resposta de acordo pleno com os ideais emergentes iluministas.

Para Rousseau, não existiria uma relação de efeito e causa entre as duas dimensões, o progresso científico e das artes não necessariamente provocaria um progresso dos costumes, ou seja, nas maneiras de pensar e agir, ou de uma forma mais geral, nos valores e na cultura, *lato sensu*. Estando, assim, descolados, o progresso e o avanço material científico, das artes e técnicas, poderiam estar associados ao seu oposto, ou seja, à corrupção dos costumes, à artificialidade, aos vícios, ou, como define o autor: “as suspeitas, os receios, os medos, a frieza, a reserva, o ódio, a traição esconder-se-ão todo o tempo, sob este véu uniforme e pérfido da polidez, sob essa urbanidade tão exaltada que devemos às luzes de nosso século” (Rousseau, 2005a: 192).

Se, na primeira parte do seu *Discurso*, Rousseau reage e dissolve a questão proposta por Dijon, embora mobilize exemplos empíricos aleatórios, na segunda parte torna-se mais contundente na inversão da

associação, argumentando que o parto da ciência, e cita vários exemplos da Antiguidade, se dá como uma espécie de pecado original, pois proveniente de interesses e de vícios (Rousseau, 2005a: 203). E ainda, neste brevíssimo resumo do texto que situa, ambigualmente, Rousseau entre o Iluminismo e o Romantismo, provoca que o costume nos traz à lembrança dos primeiros tempos (Rousseau, 2005a: 207). Tempos virtuosos, perdidos pelo avanço civilizatório, que nos leva a um impasse, que posteriormente exigiriam uma nova superação, ou, um novo pacto que acaba propondo adiante no *Contrato*. Que não recupera o tempo perdido, mas poderia fazer emergir um novo *cidadão*. E ainda, por meio de uma proposta pedagógica alternativa, defendida em sua obra *Emílio* (1762), em que o aprendizado deveria retomar o contato das crianças com a natureza, sem artifício, luxo, e mesmo leitura. Neste primeiro *Discurso* já aponta o fio condutor:

Preferiria, dizia um sábio, que meu aluno tivesse passado o tempo jogando pela, pois pelo menos o corpo estaria mais bem-disposto. Sei que é preciso ocupar as crianças e que a ociosidade constitui para elas o maior dos perigos a evitar. Que deverão, pois, aprender? Eis uma questão interessante. Que aprendam o que devem fazer sendo homens e não o que devem esquecer (2005a: 209).

Na conclusão do seu raciocínio, descarta os professores, mas não os sábios, que devem caminhar por sua própria conta, sem os desvios de seus pretensos mestres. E aprofunda a sua contradição, o meio-termo da perspectiva iluminista e romântica, ao defender os reis esclarecidos, capazes de preservar os costumes em sua forma primitiva, natural e pura. Contradição que se mantém mesmo no *Contrato social*, ao afirmar a possibilidade de encarnação da vontade geral em uma só pessoa soberana. Ou mesmo no seu projeto para a Polônia: *Considerações sobre o governo da Polônia e sua projetada reforma*, de 1771-1772, no qual Rousseau, o filósofo, propõe um direcionamento de governo, tendo a educação pública como um dos eixos.

No que nos interessa, à luz do primeiro quinto de nosso século, reolocando a questão do filósofo genebrino, é verificar em que medida, passada a interpretação pós-moderna do final da história, e consolidação de valores (Fukuyama, 1992), vemos uma contradição, do tipo rousseauiano, entre o avanço da tecnologia e sua apropriação social em massa, pela denominada *cultura virtual* (Castells, 1999), o desdobramento da globalização em movimentos nacionalistas e antiglobais, o curso da história, em que a tecnologia da rede e dos fluxos de informação e conteúdos multimídia

impacta os costumes, na linguagem do filósofo, ou a cultura, valores e práticas, para atualizar o tema, nos nossos tempos.

Assim, a pesquisa da PUC-Rio, realizada com seus alunos em 2006 e 2018, nos traz, ainda que incompletos, pela dificuldade do pleno entendimento do fenômeno em curso das redes sociais, e por ser este um dos múltiplos temas das pesquisas, uma aproximação do perfil dos estudantes face a essa nova realidade.

Assim, inspirados pela resposta do questionamento de Rousseau sobre o avanço científico – no nosso caso, o acesso à tecnologia da informação – e o impacto nos costumes (aqui, valores e práticas), entre os segmentos dos estudantes.

É preciso dizer, de pronto, que o acesso às redes sociais, à internet e ao celular é quase universalizado entre os estudantes, o que nos elimina a comparação, importante, com os excluídos digitais. Dito de outra forma, o mundo multimídia e virtual para os alunos da PUC-Rio os caracteriza intrinsecamente, embora algumas mudanças tenham ocorrido entre 2006 e 2018. Principalmente com o surgimento, a disseminação e a superutilização do smartphone.

O presente artigo, além da introdução, terá mais quatro partes. A seguinte, contextualizando o cenário de emergência das redes sociais, das etapas de seu avanço tecnológico e a extensão de uso. Consequências sociais e culturais decorrentes desse processo. A seguir, um perfil do uso das redes sociais no país, do ponto de vista dos usuários. Segue a parte mais extensa e descritiva trazendo uma apropriação dos resultados da pesquisa principalmente para o último ano, em função da possibilidade de apresentar tabelações especiais derivadas da base de dados, o que não foi possível para 2006. Finalmente, as últimas considerações, voltando ao ponto de partida.

A emergência das redes sociais e seus impactos

Um dos textos seminais sobre a emergência e a afirmação do mundo virtual encontra-se na reflexão de Manuel Castells e seu livro *A sociedade em rede*, publicado em 1996. Particularmente, seu capítulo cinco, “Cultura da virtualidade real”, trata da emergência e da importância dessa nova cultura multimídia, que, segundo o autor, só encontra precedentes nas grandes revoluções e descobertas da humanidade, como a revolução agrícola, industrial, a descoberta do fogo, a manipulação dos metais. Castells dá

destaque, no que tange aos processos de comunicação, ao mesmo impacto da introdução do alfabeto entre os gregos, da tipografia desenvolvida por Gutenberg, desenvolvida em 1430, e da emergência dos meios de comunicação de massa, a partir da virada do século XIX para o XX, e ainda da invenção da televisão, ainda na década de 1920, mas que ganhou sua centralidade a partir dos anos 1940.

Entre os gregos, a mente não alfabetizada recebe o impacto da escrita, liberando o espaço consagrado à memória. No contexto do Renascimento, a reprodução da escrita, sua posterior massificação. E a partir do final do século XIX, a emergência dos recursos audiovisuais. A mente multimídia, que aciona os recursos literários, auditivos e visuais em uma só mídia, integrada em tempo real, se constitui em uma rede globalizada. Superando a equação tradicional da comunicação, o receptor integra-se a este mundo, de forma relacional, não passiva, interagindo, produzindo e disseminando conteúdos informativos e culturais.

Nesta atual fase do progresso, para usar o termo rousseauiano, na sua acepção iluminista, o mundo multimídia apresenta-se em fases distintas, desde a utilização da internet pelo setor militar norte-americano, passando pelas universidades, até alcançar pelos computadores pessoais e pela *world wide web* (www) o domínio doméstico e o uso individual.

Se na metade do século passado tínhamos como ícone a televisão, o microcomputador pessoal, o notebook e o tablet passaram a substituí-la, fazer frente, ser alternativa a essa mídia. E, com a integração das mídias em curso, emerge a telefonia celular, sendo que, neste século, o smartphone é ícone dessa nova fase da *cultura virtual*.

Desde que Graham Bell patenteou o aparelho telefônico em 1876, com a ligação por voz de dois pontos comutados, o telefone e o uso do som sofreram inúmeras transformações até o presente momento, em que o smartphone incorpora o som como um dos seus elementos multimídia e o som descola-se de qualquer plataforma física específica, ganhando um formato intangível, a partir do MP3. Mais do que isso, o smartphone tornou-se um universo multiuso, portátil e interativo, na palma das mãos; em 2008, podiam-se contar as dezenas de aplicativos embutidos no aparelho celular, outros milhares de aplicativos potenciais, e suas inúmeras funções e possibilidades. Desde o telefone em si, à audiotransmissão, desde uma simples calculadora ao GPS, mediado por satélite. Do novo telégrafo (e-mail)

à incorporação da fotografia, do vídeo, da imagem, do cinema, da televisão (Alkmim, 2008).

O salto tecnológico e digital sintetizado pelo smartphone muda a perspectiva de tempo e espaço, forma e conteúdo, dá ao receptor o poder de se transformar em seu próprio editor, em uma dimensão específica, singular e ao mesmo tempo universal, em rede global, vai além do limite da percepção, para o poder do emissor, individualizado, ao mesmo tempo em que por referenciado por seus pares, grupos de referência e potencialmente infinitas e mesmo anônimas capacidades interativas.

Tudo isso constituindo um sedutor universo de relações pessoais e sociais imateriais, mediado por aparelhos. Relações instantâneas, fugazes, sedutoras, fluidas, líquidas (Bauman, 1999). O impacto dessa nova era, em que o smartphone é o mais novo ícone, atinge os domínios da nova estrutura da economia, indo até processos inconscientes, cognitivos e culturais. Definitivamente, o smartphone tornou-se o símbolo dessa nova *cultura virtual*. A marca desse novo espírito global, nas mãos de cerca de 3 bilhões de pessoas no mundo em 2019 (usuários de smartphone), em um total de aproximadamente 5 bilhões de usuários de telefonia móvel de qualquer tipo, para uma população mundial ao redor de 8 bilhões de pessoas em 2020 (Wakka, 2019).

Mesmo assim, os efeitos nos recolocam a questão dos efeitos perversos do progresso tecnológico. Castells aponta que o conceito de rede se aplica às atividades de tráfico de drogas, de humanos, ao crime organizado, à prostituição e a qualquer forma de atividade humana, legal ou ilegal (Castells, 1999).

Seguindo essa preocupação do autor espanhol sobre as mudanças na percepção de tempo e espaço, um estudo mais recente mostra como o uso da nova tecnologia, advinda com o uso de celulares, nos tira o sono, prolonga nosso tempo de trabalho e interação, com uma intensidade que ultrapassa a da Revolução Industrial. Nesse mundo insone, em que junto às luzes e aos conteúdos dos celulares ocorrem mudanças estruturais impostas à vida humana pela nova tecnologia. Num mundo no qual se pretende superar a distinção entre noite e dia, trabalho e tempo livre. O tempo não é mais descontinuado pelo sono, o tempo torna-se atemporal. O indivíduo insone, 27 horas por 7 dias, é dissolvido, afastado da sua liberdade onírica do sonho, do lazer, do ócio (Kray, 2015).

Efeitos também se apresentam em relação ao senso crítico que o formato multimídia em rede impõe. A leitura contemplativa e vagarosa de um livro, atenta e crítica ao hipertexto curto, combinado com outros conteúdos visuais, faz com que o receptor (igualmente emissor) trate a mensagem de um modo veloz, impulsivo e muitas vezes acrítico. Mesmo a leitura de longos e completos textos, como um livro, deixa escapar sua totalidade cognitiva. Do clássico leitor *contemplativo e mediativo*, que surge desde a Antiguidade, passando pelo Renascimento até meados do século XIX, tornando-se um leitor híbrido, dinâmico, polissêmico, fruto da Segunda Revolução Industrial, o *leitor movente, fragmentado*, chegando ao leitor contemporâneo, extensivo, do hipertexto, o leitor *imersivo e virtual* (Santaela, 2007).

Resta ainda ressaltar que, entre os efeitos perversos, encontram-se aqueles que afetam de uma maneira direta o comportamento, trazendo distúrbios psicológicos e mesmo doenças físicas. A edição especial do jornal *Caros amigos: modernidade doente*, na sua completa edição de agosto de 2016, traz um inventário desses males, que passam pela solidão, pelo vício do trabalho, do consumo, da intolerância irascível, da medicalização para males como angústia e ansiedade, da disputa pelo modelo de um ideal de corpo e estética. A incapacidade de desligar o telefone, os atos de verificar obsessivamente as chamadas e acessar redes sociais, carregar a bateria do celular intensamente, demonstrar irritação em locais sem conexão, ser incapaz de ir ao banheiro sem levar o celular são sintomas da nova síndrome, denominada *nomofobia (no mobile phobia)* (Vittude, 2019).

Se a telefonia celular, e em particular o smartphone, é proveniente de uma expansão tecnológica e *da cultura virtual*, a ela subjacente, o seu uso, antes de ser uma consequência unívoca entre os seus bilhões de usuários, sobretudo entre os mais jovens, traz consigo, como uma outra face da mesma moeda, efeitos perversos, múltiplos que relativizam o seu glamour.

O uso da telefonia celular no Brasil

Segundo estimativas, o Brasil contava em 2019 com mais de 230 milhões de linhas de telefones celulares,¹ sendo o quinto país do mundo no uso deste aparelho. O número de aparelhos supera o da população (210 milhões de habitantes) (EBC, 2019).

1. Não há uma distinção entre telefone celular e smartphone, sendo razoável supor que a grande maioria dos aparelhos pode ser classificada como smartphone.

O Brasil, desta forma, torna-se um dos países com a maior inserção no mundo virtual através da telefonia celular. Mas antes deve-se considerar que a expansão deste tipo de acesso ainda convive com a audiência da televisão. Segundo a PNADC do IBGE, realizada em ao final de 2016, 97,2% dos domicílios brasileiros contam com a presença da televisão (são 71,5% com sinal digital e 34,8% com serviço por assinatura), ao passo que em que em 92,6% tinham pelo menos um telefone móvel celular, sendo que 69,3% havia utilização de internet de alguma forma (IBGE, 2017).

O mundo da *cultura virtual* de Castells, do final do século XX no país, rivaliza com o mundo da *aldeia global* de meados do século XX (McLuhan, 1964). De fato, esse híbrido midiático ainda divide os usuários entre aqueles que pendem para o predomínio da sociedade em rede, e aqueles em que ainda predomina a audiência da televisão aberta, fruto da cultura analógica (Alkmim et al., 2017). Um país onde apenas 51% da população de 25 anos ou mais possuíam no máximo o nível médio completo revela-se de baixa ilustração e fundamentalmente audiovisual (IBGE, 2017).

Essa característica, longe de se atenuar com o uso das novas tecnologias da informação, parece se acentuar. O uso das ferramentas virtuais se resume, basicamente, no uso de aplicativos de relacionamento e comunicação, como e-mails, Facebook e WhatsApp, sendo ainda relevantes Google, YouTube, Instagram, Twitter, entre outros (Alkmim et al., 2017).

A utilização do celular por parte das mulheres (78,2%) supera a dos homens (75,9%). Quanto ao perfil de idade, há um crescimento gradual entre as faixas, com 39,8% de acesso por pessoas de 10 a 13 anos e 70% de 14 a 17 anos, superando os 80% nas faixas seguintes e até 29 anos, quando começa a decair entre os que têm de 55 a 59 anos (79,5%) até o nível mais baixo, de 60 anos ou mais (60,9%). A instrução mostra-se igualmente um diferencial. O acesso supera os 97% para os que têm nível superior completo ou incompleto; decai para cerca de 91,8% e 84,5 para os que têm ensino médio completo e incompleto, respectivamente; 80,9% para os que têm fundamental completo; 62% para o fundamental incompleto; e 43,6% para os sem instrução (IBGE, 2017).

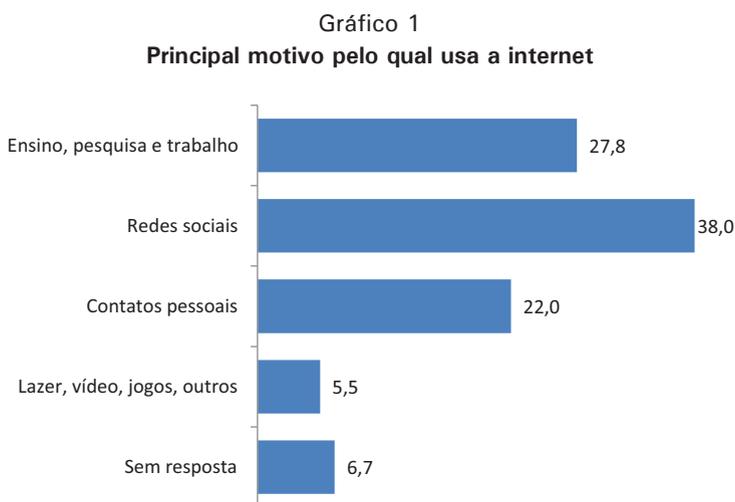
A finalidade do uso, de acordo com a PNAD, confirma a maior utilização pelo interesse de comunicação e entretenimento: 94,2% afirmam usar a rede para enviar ou receber textos, voz ou imagens em aplicativos diferentes do tradicional e-mail; 76,4% assistem a vídeos, incluindo programas, séries e filmes; 73,3% conversam por chamadas de vídeo ou voz; e 69,3% se comunicam por e-mail ou correio eletrônico.

Ainda segundo a PNAD, o não uso de celular por parte dos brasileiros resume-se basicamente ao preço alto (25,9% dos domicílios), à falta de interesse (22,1%), ou ao desconhecimento do uso (20,6%) (IBGE, 2016). Esses resultados mostram um traço fundamental da estrutura social brasileira e sua desigualdade, revelando os fatores da exclusão de acesso às mais recentes mídias.

As pesquisas entre os jovens da PUC-Rio (2006 e 2018)

Se o segmento dos jovens e com mais alta instrução é o que mais utiliza as redes sociais, as pesquisas realizadas pela PUC-Rio com os seus alunos constituem uma boa aproximação com a identificação das práticas da juventude como um todo, embora esse seja um tema da pesquisa não aprofundado em diversos aspectos. Para esta análise, foi utilizada como variável central a derivada da pergunta: *A utilização da internet é sobretudo para:*, tendo como respostas os seguintes itens: *atividades de ensino e pesquisa, redes sociais, grupos de amigos / contatos pessoais, compras, não utiliza, outro*.

Foi necessário trabalhar melhor as respostas dadas pelos alunos, modulando uma nova variável, que desprezou a finalidade das compras, com três casos apenas e a não utilização (um caso). Verificou-se que trabalho, incluindo estágios (2,6%), jogos (0,9%) e audiência de vídeos (1%) eram mais significativos da resposta outros. Assim, a classificação da variável ficou estabelecida, conforme mostra o Gráfico 1.

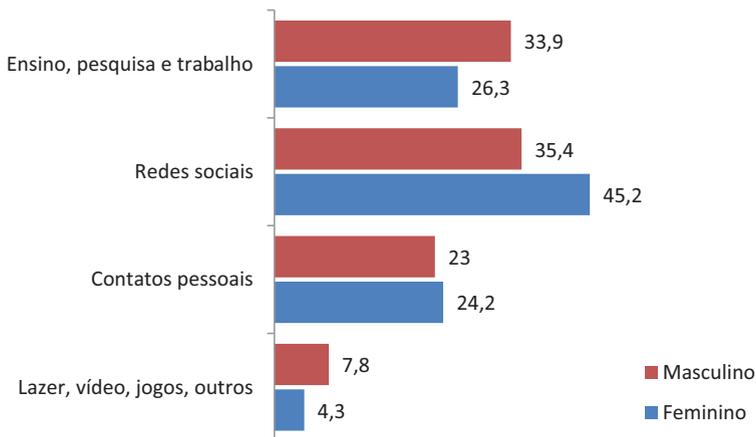


Fonte: Relatório “Perfil da Juventude na PUC-Rio 2018”.

As categorias expressam quatro formas de inserção diferenciadas, que revelam padrões distintos de acesso, tendo a motivação principal. Os alunos que usam a rede, principalmente como um instrumento de ensino, pesquisa e trabalho (27,8%), os que a utilizam pelo acesso às redes sociais (a maior parte, 38%), contatos sociais, ou comunicação interpessoal, de amigos, grupos, família (22%) e finalmente os que se dedicam principalmente ao lazer (5,5%). Pressupõe-se que no ambiente universitário a escala de hierarquia do uso da tecnologia fosse relacionada às atividades de pesquisa ou às atividades profissionais, seguidas pelo uso das redes, pelos contatos pessoais e, em último, pelo lazer. Essa perspectiva “racional” não corresponde às preferências estabelecidas pelos alunos.

Pode-se observar uma diferença em relação ao sexo dos estudantes para a questão. Enquanto os homens se dedicam mais às atividades de ensino, pesquisa e trabalho, assim como às atividades de lazer, as mulheres estão sobretudo mais interligadas às redes sociais.

Gráfico 2
Principal motivo pelo qual usa a internet, por sexo

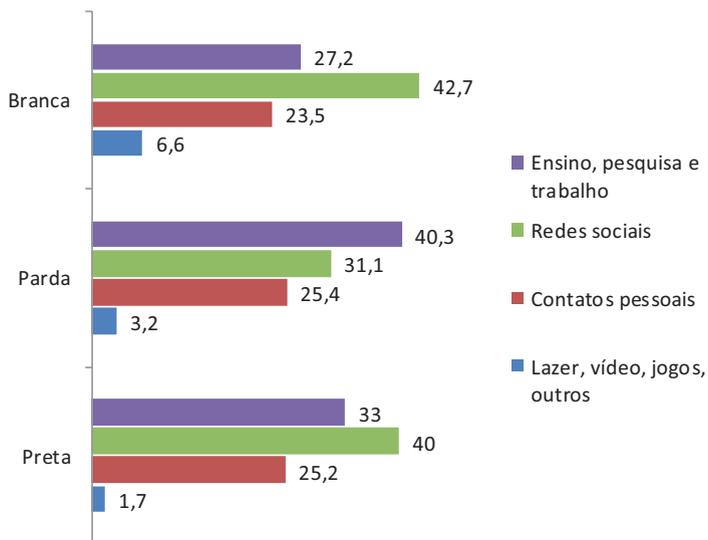


Fonte: Relatório “Perfil da Juventude na PUC-Rio 2018”.

Outra variável demográfica utilizada foi a cor autodenominada dos entrevistados. Entre os alunos brancos (78% do total de alunos), o principal acesso se dá nas redes sociais, seguido pelo acesso para fins profissionais e acadêmicos e contatos sociais. Apresenta ainda a maior proporção dos que

se dedicam ao lazer. Os pardos (14,2%) do total têm um perfil diferenciado, priorizando as atividades de ensino e pesquisa, seguidas pelo acesso às redes e contatos pessoais. Os negros (5,8%) têm uma distribuição semelhante aos brancos, embora sejam mais voltados do que aqueles para acessos acadêmicos e profissionais e menos voltados para o lazer.

Gráfico 3
Principal motivo pelo qual usa a internet, por cor

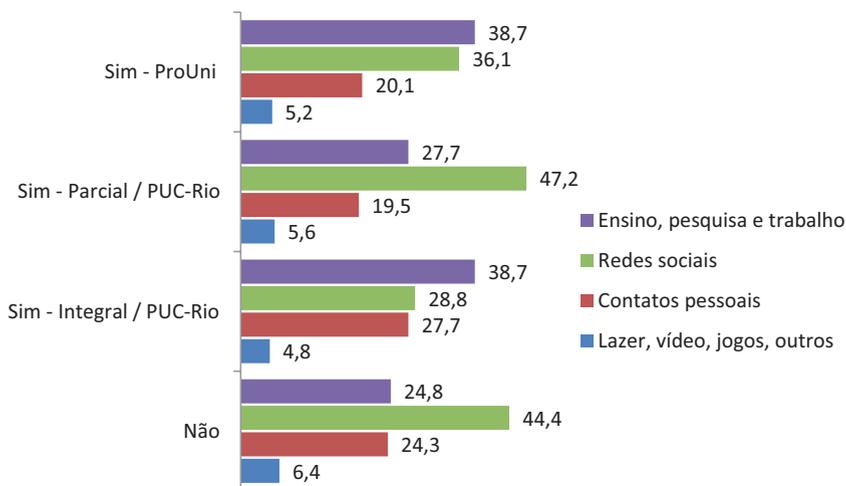


Fonte: Relatório “Perfil da Juventude na PUC-Rio 2018”.

Uma distinção importante entre os alunos da PUC-Rio diz respeito à condição de ser ou não bolsista: 51% dos estudantes pagam integralmente suas mensalidades, ao passo que 15% têm bolsa parcial, 19,2% integral pela própria universidade e 13,6% são bolsistas do ProUni.

Comparando essas diferentes condições em relação ao uso da internet, podem ser observadas diferenças significativas. Alunos não bolsistas e com bolsa parcial têm um perfil voltado para o uso mais intenso das redes sociais, enquanto os alunos bolsistas da universidade e do ProUni dão maior importância à utilização da internet para o estudo e trabalho. Ressalte-se que a situação de bolsista integral exige um corte de coeficiente de notas para que o aluno mantenha a sua bolsa. De qualquer forma, a relação com o mundo virtual é segmentada claramente, segundo essa condição.

Gráfico 4
Principal motivo pelo qual usa a internet, por condição em relação à bolsa de estudo



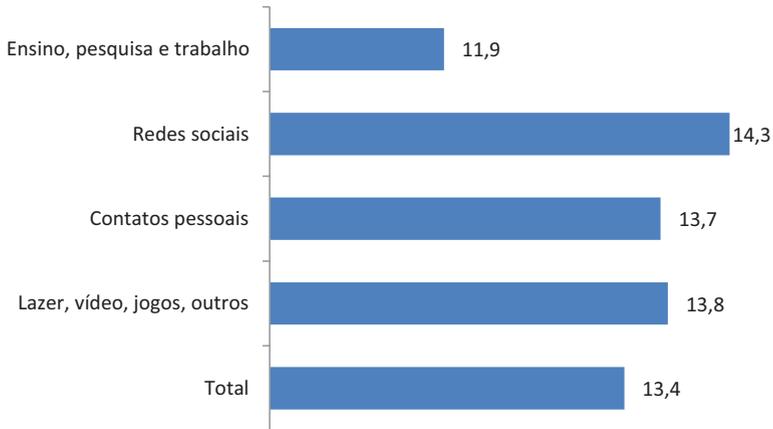
Fonte: Relatório “Perfil da Juventude na PUC-Rio 2018”.

Uma forma indireta de medir o padrão ou a qualidade de vida material dos alunos entrevistados foi a construção de um índice de equipamentos domésticos ou pessoais. A pesquisa indagou sobre o número existente no domicílio do estudante para as seguintes 11 categorias: computador/notebook, telefone celular, ar-condicionado, banheiro, aspirador de pó, automóvel, freezer aparelho independente ou parte da geladeira duplex, máquina de lavar, empregada mensal, geladeira. A quantidade média de equipamentos situou-se em 13,4 itens, pois, apesar de serem 11 itens, foi aferida a quantidade de cada um deles nas residências.

Segundo o gráfico a seguir, observa-se a distância entre aqueles que priorizam as redes sociais (seguidos pelos que dão mais importância ao lazer e aos contatos pessoais) e aqueles que dão mais destaque ao acesso relacionado ao estudo e ao trabalho.

Combinada à análise da condição de bolsista ou não, pode-se já perceber que essa diferença de condição está relacionada à diferenciação social dos entrevistados. E essa diferenciação é informada pela maior atenção às atividades laborais e acadêmicas, mais forte entre os bolsistas e aqueles com menores recursos materiais domésticos.

Gráfico 5
Principal motivo pelo qual usa a internet,
pela média do índice de equipamentos domésticos ou pessoais



Fonte: Relatório “Perfil da Juventude na PUC-Rio 2018”.

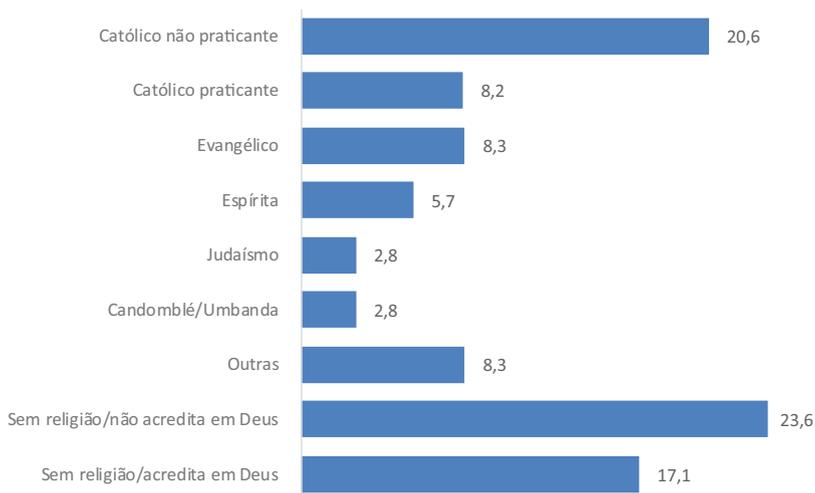
Embora sendo uma universidade católica e com formação religiosa, a PUC-Rio apresenta uma diversidade de crenças significativa e consistente com o perfil da cidade. Apesar de o número de católicos ser predominante, sua queda foi significativa entre o que aponta a pesquisa realizada em 2006, caindo de 50,2% para 28,8%. No caso da universidade, essa queda é compensada principalmente pelo crescimento do segmento autodenominado sem religião, que aumenta de 22,9% para 40,7%. Essa migração tem um perfil distinto na cidade e no estado, onde o contingente de evangélicos vem crescendo. Na PUC-Rio, entre 2006 e 2018, a proporção de evangélicos permaneceu praticamente estável (7,7% e 8,3%, respectivamente).

Para compreender melhor a identificação religiosa dos estudantes, foi elaborada uma tabulação especial, diferenciando os católicos praticantes, ou seja, aqueles que frequentam o culto mensal, semanal ou diariamente, daqueles que não frequentam ou frequentam eventual ou anualmente. A proporção dos católicos praticantes cai para 8,2%. Já os não praticantes situam-se em 20,6%. A segunda modificação foi feita em relação aos que declararam não ter religião, distinguindo aqueles que acreditam ou não em Deus (23,6% e 17,1%, respectivamente).

Pode-se assim constatar que o fenômeno principal não é a descrença em uma divindade por parte dos estudantes, e sim uma desfiliação

institucional. Essa desfiliação, nestes 12 anos entre as duas pesquisas, atingiu principalmente o contingente que se autodenomina como católico.

Gráfico 6
Identificação religiosa dos alunos da PUC-Rio, 2018



Fonte: Relatório “Perfil da Juventude na PUC-Rio 2018”.

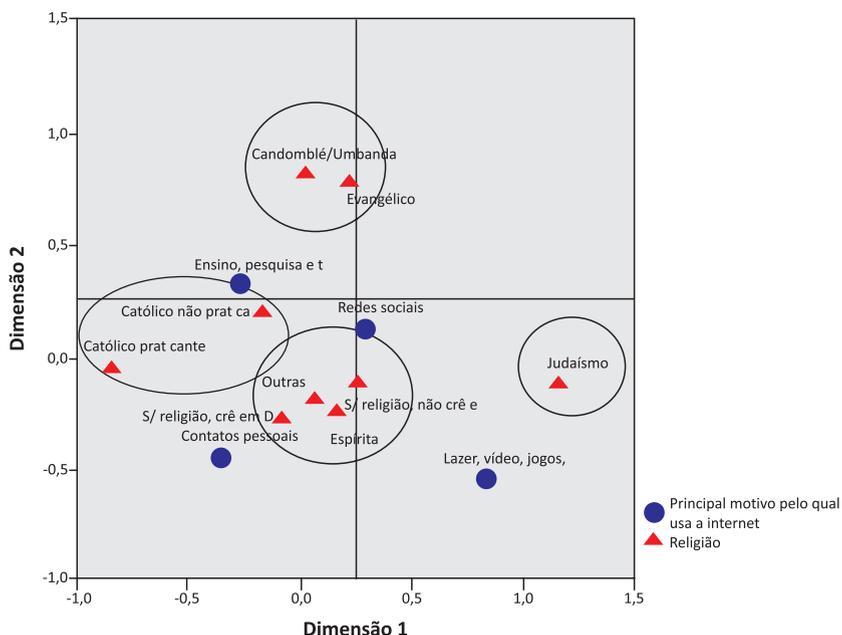
Pode-se notar uma diferença significativa, no que diz respeito ao perfil de uso das mídias digitais, em relação à filiação religiosa. Católicos praticantes e não praticantes têm um perfil próximo, embora os não praticantes tenham um perfil mais voltado para as redes sociais e os praticantes um perfil mais fragmentado em relação às três principais dimensões. Por sua vez, evangélicos e praticantes de candomblé/umbanda e evangélicos, também se assemelham quanto ao uso da internet, mais expressiva para as redes sociais, combinadas ao uso para o trabalho e para a pesquisa. Os afiliados ao judaísmo se sobressaem quanto ao uso das redes sociais e secundariamente de jogos. Os sem-religião também se aproximam, priorizando as redes sociais, ensino e pesquisa e trabalho (para ambos) e contatos sociais (para os que acreditam em Deus). Os espíritas e aqueles que têm outras religiões têm acesso mais intenso às redes sociais e secundariamente às atividades de ensino e trabalho e redes sociais. O Gráfico 7 procura ilustrar as aproximações observadas no quadro, através de uma análise de correspondência, delimitando quatro níveis de aproximação em duas dimensões.

Tabela 1
Principal motivo pelo qual usa a internet, segundo a religião

	Católico não praticante	Católico praticante	Evangélico	Espírita	Judaísmo	Candomblé/ Umbanda	Outras	Sem religião	Sem religião/ acredita em Deus
Ensino, pesquisa e trabalho	32,7	34,7	36,7	25,2	12,7	32,7	29,3	27,6	27,4
Redes sociais	40,0	32,3	45,2	42,6	61,8	49,1	37,9	41,5	39,0
Contatos pessoais	23,2	31,7	12,7	25,2	18,2	16,4	24,7	22,8	27,6
Lazer, vídeo, jogos, outros	4,1	1,2	5,4	7,00	7,3	1,8	8,0	8,1	6,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Relatório “Perfil da Juventude na PUC-Rio 2018”.

Gráfico 7
Análise de correspondência entre identificação religiosa e principal motivo de uso da internet²



Fonte: Relatório “Perfil da Juventude na PUC-Rio 2018”.

2. As duas dimensões têm correspondência estatística significativa. O qui-quadrado apresentou o nível de significância inferior à 0,01. Sendo que a primeira dimensão é explicativa de 0,52 da variância e a segunda dimensão é explicativa de 0,35, atingindo o modelo de duas dimensões o poder explicativo de 0,87.

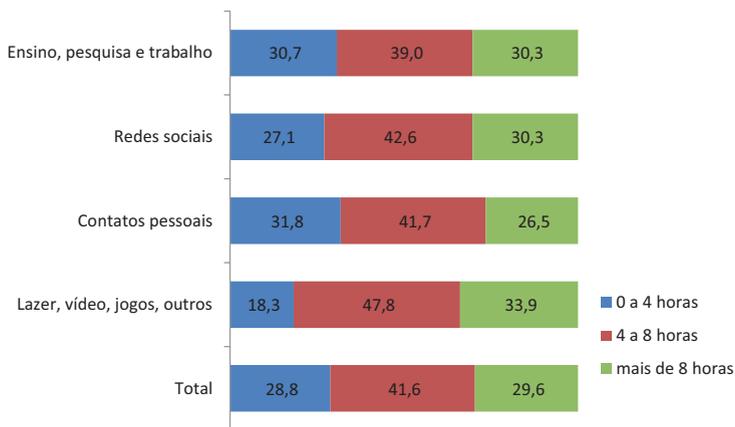
O tempo gasto no mundo virtual tem sido objeto de reflexão sobre o estilo de vida contemporâneo e suas consequências, tanto do ponto de vista individual, quanto sociocultural. Tempo e espaço são redefinidos no fluxo das comunicações por redes interativas. A presença de um celular, que pode de fato acompanhar uma pessoa pelas 24 horas por dia, tem o seu uso potencial em qualquer horário, descontinuando o sono ou interrompendo uma atividade.

Além disso, o uso do aparelho convive simultaneamente com outras práticas, como assistir à televisão e a aulas, ou ter encontros familiares e com amigos. Além de acessos diversos, conversas paralelas ocorrem nessas ocasiões com grupos diversos. Em um encontro de cinco pessoas, pode haver outras diversas acessadas indiretamente. Em uma sala de aula, por exemplo, alunos podem silenciosamente julgar entre si o conteúdo da matéria, ou o próprio professor.

Os alunos da PUC-Rio têm um uso intenso da internet. Um terço utiliza a rede mais de 8 horas por dia. Outros 41,6% o fazem de 4 a 8 horas. Enquanto outro terço acessa a rede até 4 horas.

A utilização mais intensa da internet recai sobre aqueles que a utilizam para o lazer, seguido pelas redes sociais, contatos pessoais e ensino, pesquisa e trabalho. Esses três últimos têm uma distribuição semelhante. Atividades relacionadas ao ócio, dessa forma, consomem 4 ou mais horas deste segmento em mais de 80% dos casos.

Gráfico 8
Principal motivo pelo qual usa a internet, pelo número de horas de acesso



Fonte: Relatório "Perfil da Juventude na PUC-Rio 2018".

Outra informação relevante derivada da pesquisa diz respeito aos meios de comunicação utilizados pelos alunos. Os resultados mostram que a internet é efetivamente o principal veículo de informação para 73,6% dos entrevistados. Essa informação não corresponde ao percentual da população como um todo, pois, como visto, o poder da televisão, em especial a programação aberta, compete com a entrada vigorosa da população nas redes interativas (Alkmim et al., 2017). Aqui entre os jovens da PUC, a televisão (7% do acesso principal) compete em inferioridade com os jornais e revistas (9%). E a universidade também não é uma fonte mais relevante de informações (6,3%).

Nota-se alguma diferença entre os segmentos motivacionais para o uso da internet. Aqueles que a utilizam com objetivos acadêmicos e profissionais apresentam uma maior diversidade, sendo mais expressiva a leitura de jornais e revistas, e ligeiramente mais elevada a utilização da universidade. A distribuição daqueles que mais utilizam a internet pelas redes sociais e contatos pessoais seguem o padrão da totalidade dos alunos, embora para os que destacam os contatos sociais, o acesso à universidade como fonte de informação é o mais baixo. Já os que se ocupam predominantemente do lazer são os que menos dão importância à televisão, aos jornais e às revistas e buscam outras fontes de informação.

Tabela 2
Principal motivo pelo qual usa a internet,
pelo principal meio de informação que utiliza (% , múltiplas respostas)

	Universidade	Internet	Jornal e revistas	Televisão	Outros
Ensino, pesquisa e trabalho	7,2	68,6	11,4	7,5	5,3
Redes sociais	6,7	75,9	7,8	7,5	2,1
Contatos pessoais	4,7	74,9	8,8	7,1	4,5
Lazer, vídeo, jogos, outros	6,1	77,4	5,2	0,9	10,4
Total	6,3	73,6	9,0	7,0	4,1

Fonte: Relatório "Perfil da Juventude na PUC-Rio 2018".

As atividades culturais mais vivenciadas pelos estudantes da PUC-Rio são as idas a restaurantes e bares (63,7%), cinema (58,2%), a leitura de livros não acadêmicos (52,2%), a frequência a shoppings (50,3%), festas (49,7%), praia (45,4%), viajar para o exterior (22,7%) e ir ao teatro (17,4%).

O diferente uso da internet também mostra padrões distintos para as práticas culturais. Os estudantes que mais utilizam as redes sociais ou priorizam a comunicação pessoal têm um perfil próximo e uma prática diversificada, especialmente no que diz respeito a shoppings, festas, praia e viagens ao exterior. No entanto, o segmento das redes sociais destaca-se também pela frequência aos restaurantes e cinemas.

Já aqueles que mais se dedicam ao ensino, à pesquisa e ao trabalho priorizam proporcionalmente a leitura de livros e a ida ao teatro, atividades mais intelectualizadas, ao passo que os voltados para o lazer, como é de se esperar, frequentam mais os restaurantes, os cinemas e os shoppings. Provavelmente de forma conjunta.

Tabela 3

Principal motivo pelo qual usa a internet, pela prática de atividades culturais

	Vai a restaurantes	Vai ao cinema	Lê livros não acadêmicos	Vai ao shopping	Vai a festas	Vai à praia	Vai para o exterior	Vai ao teatro
Ensino, pesquisa e trabalho	53,0	52,6	54,5	40,4	39,4	39,5	19,3	22,5
Redes sociais	70,4	64,4	50,0	55,00	55,2	50,2	25,4	16,2
Contatos pessoais	63,5	53,4	53,4	53,9	55,4	47,2	24,7	13,3
Lazer, vídeo, jogos, outros	72,2	62,1	50,9	53,9	40,9	34,8	13,8	15,7
Total	63,7	58,2	52,2	50,3	49,7	45,4	22,7	17,4

Fonte: Relatório “Perfil da Juventude na PUC-Rio 2018”.

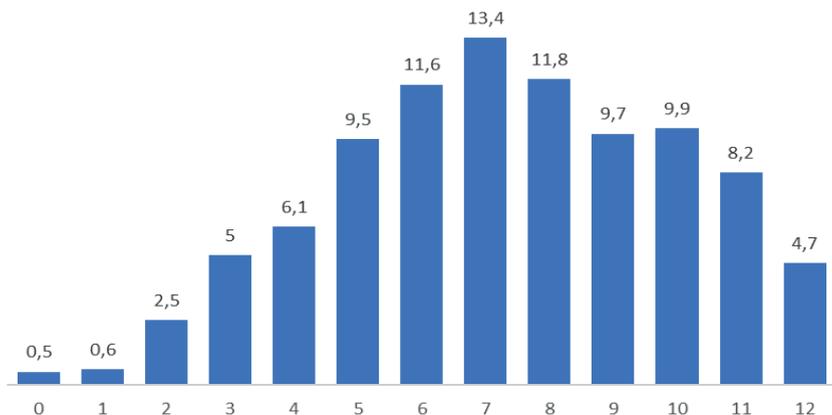
Uma última variável utilizada na análise refere-se ao nível de satisfação dos alunos com diferentes dimensões da sua vida pessoal e coletiva. Foram feitas 12 perguntas nesse sentido, indagando sobre a satisfação e a insatisfação, e, ainda, indiferença em relação à questão. Aferindo somente os percentuais de satisfação, foi estabelecida a seguinte hierarquia: satisfação em relação à sexualidade (79,5%), amizades (73,1%), família (71,8%), com a casa onde mora (71,6%), em relação ao curso na PUC-Rio em que está matriculado (65,1%), com o bairro onde mora (61,5%), em relação à vida amorosa (51%), com a aparência física (50,5%), com a capacidade de tomar decisões (46%), com a maneira como passa o tempo livre (43,1%), com a saúde física (40,1%), com as possibilidades de trabalho que têm hoje (29,1%). Sem detalhar a análise para as dimensões captadas pela pesquisa, verificam-se os maiores percentuais para dimensões da sexualidade, sociabilidade (amizades, família, residência, bairro de moradia) e satisfação com

a universidade. Aspectos individuais e subjetivos (capacidade de tomar decisões, uso do tempo livre) assim como a percepção de saúde mostram um nível menor de satisfação. A angústia em relação ao mercado de trabalho e a possibilidade de ocupação revela-se como a maior preocupação.

A partir das 12 perguntas sobre satisfação individual, foi possível construir um índice que varia entre 0 (ausência de qualquer satisfação) a 12 (satisfação em todas as dimensões).

Pelo gráfico a seguir, pode-se visualizar a distribuição do índice proposto. A distribuição mostra uma maior satisfação concentrada em torno de 7 itens e uma tendência a um maior sentimento de satisfação, se compararmos os extremos da distribuição. Entre 6 e 8 dimensões ligadas à satisfação pessoal, concentram-se 37,8% dos alunos. Sendo a média para o indicador de 7,3. Podemos também considerar que entre uma escala de 0 a 100, esta satisfação média corresponde à 60,8.

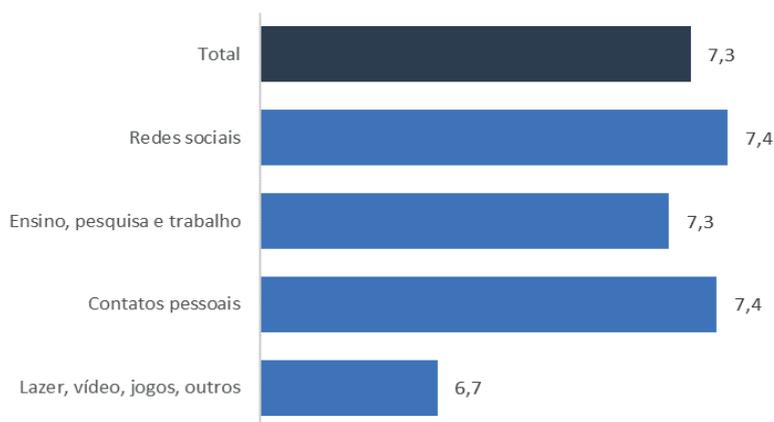
Gráfico 9
Índice de satisfação dos alunos da PUC-Rio, a partir de 12 dimensões



Fonte: Relatório "Perfil da Juventude na PUC-Rio 2018".

Analisando o índice segundo o uso da internet, observa-se que, em geral, se mantêm próximos à média, com a exceção significativa daqueles que buscam, na rede, exatamente as opções de lazer. Para estes, o índice cai para 6,7.

Gráfico 10
**Índice de satisfação dos alunos da PUC-Rio,
pelo principal motivo pelo qual usa a internet**



Fonte: Relatório “Perfil da Juventude na PUC-Rio 2018”.

Considerações finais

A questão rousseauiana colocada como o guia para analisar os resultados da pesquisa realizada com os alunos da PUC-Rio serviu como um bom guia para a análise, mas não pôde ser totalmente respondida. O principal motivo é que a pesquisa não foi desenhada para responder à pergunta sobre o impacto da tecnologia multimídia e virtual e seu impacto positivo ou negativo na formação cultural e de valores dos alunos. Entretanto, algumas aproximações puderam ser atestadas.

Uma delas é a diferenciação no uso pela segmentação interna dos estudantes. Homens, negros e pardos, bolsistas, os que têm menos acesso aos equipamentos domésticos, católicos praticantes ou não, evangélicos, afiliados ao candomblé/umbanda, e os que têm maior utilização de outros meios de comunicação, hábitos culturais diferenciados, como leitura e ida ao teatro, são os que mais usam a rede para atividade de ensino e/ou trabalho. São os mais desfavorecidos proporcionalmente do ponto de vista social e, no entanto, provavelmente têm um custo acadêmico associado à perspectiva de formação maior que outros segmentos socialmente mais favorecidos.

No outro extremo, proporcionalmente estão aqueles que priorizam atividades de lazer, na utilização da rede, que são predominantemente do sexo masculino, brancos, pagam integralmente as mensalidades, são sem religião e não acreditam em Deus, ou têm outra religião, usam mais intensamente as redes sociais, acessam menos outros meios de comunicação, se distraem mais nos cinemas, nos restaurantes e nos shoppings. São mais insatisfeitos em relação aos demais.

É necessário apontar que esses dois segmentos não formam a maioria dos alunos. O primeiro tipo corresponde a um terço dos alunos e os que mais se dedicam ao lazer, menos de 10%. Dessa forma, a maioria, igualmente com diferenças, se apropria da internet, pelo uso das redes sociais e pela comunicação social.

Por esses indicadores tenderíamos a responder positivamente a questão de Rousseau, de que o progresso evidenciado entre nós pela tecnologia não corresponde ao simultâneo avanço do espírito *iluminista*.

Finalmente, alguns apontamentos, em um momento em que o mundo virtual invade definitivamente o estilo de vida global, com o avanço de uma pandemia.

Primeiro, a não possibilidade de qualquer projeto acadêmico deixar sem resposta a utilização da tecnologia presente, via internet, mas principalmente pelo smartphone. Formas alternativas, porém, não exclusivas de práticas de ensino devem ser efetivamente incorporadas nesse novo universo simbólico, cultural, perceptivo.

Em segundo lugar, a necessidade de um aprofundamento de dimensões relativas a esse novo universo cultural, virtual, imersivo e seus efeitos positivos e perversos sobre o jovem. A intensidade dessa imersão, extremamente significativa neste novo mundo em transformação, tem a urgência de aproximar o conhecimento do destino social, fazer a ligação do passado com os cenários futuros.

Sendo a PUC-Rio uma universidade católica, seria capaz de replicar essa pesquisa, mais aperfeiçoada em outras unidades no país e mesmo sugerir sua aplicação em outros países, a fim de se obter um desejável efeito de comparação para os diversos temas da pesquisa, e, em especial, a utilização nas novas tecnologias.

Finalmente, a louvada iniciativa de realização dessa pesquisa, após 12 anos da primeira, deve merecer o esforço de continuidade no tempo, em que pese a relação custo e benefício favorável.

Referências bibliográficas

- ALKMIM, A. C. *Telefone é cultura? Um estudo sobre a evolução da telefonia no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE/Minc, 2008. Disponível em <http://www.cultura.gov.br/site/2008/07/02/telefone-e-cultura/http://www.kofre.com.br/empresa/noticias/brasil-e-o-sexto-pais-em-uso-de-smartphones-no-mundo,-segundo-pesquisa>. Acesso em 11 jul. 2010.
- ALKMIM, A. C.; LIMA, Lucas e DUARTE. Mateus. *Aldeia Global em rede, ou a facebookização da sociedade brasileira*. Trabalho apresentado no XIII ENECULT. Bahia, ago. 2017.
- BAUMAN, Zygmunt. *A modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1999.
- CAROS AMIGOS. Edição especial: Modernidade doente. *Caros Amigos*, ano XIX, nº 76, ago. 2015.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTRO, Manuela; CORSO, Kathiane Benedetti; BANDEIRA, Marina Valim e CEZAR, Bibiana. *A um passo da nomofobia: um estudo experimental com universitários usuários de smartphones*. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/328188528>. Acesso em 20 fev. 2020.
- CRARY, Jonathan. *24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono*. São Paulo: UBU Editora, 2015.
- FUKUYAMA, Francis. *The end of history and the last man*. Detroit: Free Press, 1992.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *PNAD Contínua 2016: 51% da população com 25 anos ou mais do Brasil, possuíam no máximo o ensino fundamental completo*. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/18992-pnad-continua-2016-51-da-populacao-com-25-anos-ou-mais-do-brasil-possuiam-no-maximo-o-ensino-fundamental-completo>. Acesso em 15 fev. 2020.
- _____. *Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal*. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101543>. Acesso em 20 fev. 2020.
- KOFRE NEWS. *Brasil é o sexto país em uso de smartphones no mundo, segundo pesquisa*. Disponível em <http://www.kofre.com.br/empresa/noticias/brasil-e-o-sexto-pais-em-uso-de-smartphones-no-mundo,-segundo-pesquisa>. Acesso em 2 fev. 2020.
- McLUHAN, Marshall. *Understanding media: The extensions of man*. Nova York: Macmillan, 1964.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre as ciências e as artes*. São Paulo: Nova Cultural, 2005a [1750].
- _____. *Discursos sobre os fundamentos e a origem da desigualdade entre os homens*. São Paulo: Nova Cultural, 2005b [1755].
- _____. *O contrato social*. São Paulo: Nova Cultural, 2005c [1762].
- _____. *As confissões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018 [1782].
- _____. *Emílio, ou da educação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992 [1762].
- _____. *Considerações sobre o governo da Polônia e sua reforma projetada*. São Paulo: Brasiliense, 1982 [1771-1772].
- SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço*. 2. ed. São Paulo: Paulos, 2007.
- SOUZA, Kathielle Ninfa Moneta e CUNHA, Manuella Renata Santos da. *Nomofobia: o vazio existencial*. Psicologia. PT, 2017. Disponível em <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1166.pdf>. Acesso em 20 fev. 2020.
- VALENTE, Jonas. *Brasil foi o quinto país em ranking de uso diário de celulares do mundo*. EBA, 2019. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-01/brasil-foi-5o-pais-em-ranking-de-uso-diario-de-celulares-no-mundo>. Acesso em 11 fev. 2020.

VITTUDE BLOG. Nomofobia: o vício em celular pode prejudicar sua saúde. *Vittude*, 11 abr. 2019. Disponível em <https://www.vittude.com/blog/nomofobia/>. Acesso em 11 nov. 2020.

WAKKA, Wagner. Mais de 5 bilhões de pessoas já contam com celulares em todo o mundo. *CanalTech*, 9 set. 2019. Disponível em <https://canaltech.com.br/smartphone/mais-de-5-bilhoes-de-pessoas-ja-contam-com-celulares-em-todo-mundo-149165/>. Acesso em 11 nov. 2020.

O papel da universidade no equilíbrio de poder entre os gêneros: permanências e desafios

Ana Paula Conde

Virginia Woolf foi convidada para falar sobre mulheres e ficção em encontro com alunas do Newnham College e do Girton College, em Cambridge, em 1928.¹ O fato de as faculdades serem exclusivas para o público feminino e não oferecerem as mesmas titulações destinadas aos homens já eram indicativos incômodos de que as oportunidades não eram as mesmas para todos. Como fechar os olhos para tal cenário e tratar do tema sem analisar a conjuntura?²

Foi com o intuito de despertar e reforçar nas alunas a consciência sobre a problemática na qual estavam inseridas que a autora apresentou como mote de sua fala o seguinte questionamento: “Uma suposta irmã de William Shakespeare teria tido a mesma chance de escrever e conquistar espaço na cena teatral londrina?”

Woolf leu certa vez que as mulheres não eram capazes de escrever peças como as do dramaturgo inglês. O comentário a irritou, mas a fez refletir e ver que havia razão no argumento. A questão, entretanto, não era a falta de capacidade. O problema era estrutural. Sem as condições necessárias para exercitar outras habilidades além das funções domésticas, e sem estímulo a um possível potencial criativo, a dedicação à profissão era inviável.

Não havia liberdade para falar sobre si mesmas em um cenário excludente. Os homens desenhavam-nas e influenciavam o imaginário coletivo sem que pudessem ser contestados. Elas eram objeto, não sujeito. François Poulain de la Barre já dizia no século XVII: “Tudo o que os homens escreveram sobre as mulheres deve ser suspeito, pois eles são, a um tempo, juiz e parte” (La Barre apud Beauvoir, 1967: 20).

Cerca de 70 anos após aquele encontro, a escritora britânica J.K. Rowling, criadora da série Harry Potter, teve que esconder seu primeiro nome, Joanne, por sugestão dos editores. O uso abreviado da assinatura,

1. Newnham College segue sendo exclusivo para mulheres. Girton College tornou-se misto em 1977. Em 1948, as mulheres passaram a ter acesso às mesmas titulações permitidas aos homens em Cambridge. Ver Pinho e Medeiros, 2017.

2. A palestra deu forma ao ensaio *Um teto todo seu*. O título da obra refere-se à necessidade de se dispor de espaço, tempo e dinheiro para escrever ficção (Woolf, 2014).

que a torna mais ambígua, aumentaria a chance de os meninos lerem o livro (Costa, 2018). Isso nos anos 1990! E na Inglaterra!

Lembramos que apenas 15 escritoras ganharam o prêmio Nobel de Literatura em 116 edições. E o ponto a ser considerado não é somente o de um suposto sexismo, sempre difícil de comprovar, mas o das diferentes condições de vida, tema sobre o qual nos aprofundaremos ao longo do texto.³

Apesar das permanências, há claramente diferenças entre a realidade de Shakespeare, a de Virginia Woolf e a do século XXI. Embates difíceis e lentos levaram a transformações significativas, tanto no campo legal como no dos costumes.⁴ As mulheres viajam sozinhas, dirigem empresas, ocupam cargos políticos e têm livre acesso à universidade. Podem frequentar qualquer curso e se dedicar à carreira que desejarem. E cada vez mais o debate – fundamental – sobre a baixa presença da mulher na área tecnológica ganha visibilidade.

Na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), cenário que utilizamos como base para esta reflexão, as mulheres representam pouco mais da metade dos estudantes. Em 2006, elas eram 55,3% dos graduandos; em 2018, 54,2%.⁵ É o que revela a pesquisa “Perfil da Juventude na PUC-Rio”. A presença feminina aponta para a construção de um cenário que tende a se tornar mais aberto a novos olhares e temáticas, deixando marcas no debate acadêmico. Frequentar os mesmos bancos universitários impacta nas relações entre homens e mulheres, dentro e fora do campus, e possibilita que elas ocupem posições de destaque, estimulando outras jovens a seguir o mesmo caminho.

O avanço na universidade, entretanto, está longe de ser sinônimo de ausência de obstáculos. O chamado “teto de vidro” (Davidson, Cooper, 1992) cria barreiras invisíveis que dificultam e impedem a ascensão das mulheres em suas carreiras.⁶ Mesmo quando em posições relevantes, como de ministra, por exemplo, existe a tendência que sejam escolhidas para cargos considerados de “domínio feminino”. Poucas são as indicações para

3. Há apenas 53 mulheres entre os 950 premiados do Nobel. A categoria com mais agraciadas é a da paz: 17 (16%) (*El País*, 2019).

4. Refiro-me ao contexto deste artigo. Em muitos países persistem diferenças legais entre homens e mulheres.

5. Dados da pesquisa “Perfil da Juventude da PUC-Rio”.

6. De acordo com o estudo “Panorama mulher 2019”, apenas 19% dos cargos de liderança nas empresas brasileiras são exercidos por mulheres. Elas ocupam 26% das posições de diretoria, 23% na vice-presidência, 16% nos conselhos e apenas 13% na presidência. Inspere; Talenses. Panorama mulher, 2019.

Ministérios da Justiça, Economia e Defesa, com mais peso decisório e visibilidade (Inter-Parliamentary Union, 2019). Quando não naturalizamos fatos como esse fica mais fácil compreender a visão crítica de Simone de Beauvoir sobre a posição da mulher na sociedade. “Chama-se casta a um grupo no qual nascemos e do qual não podemos sair. (...) E a forma pela qual as mulheres são tratadas no plano econômico, social e político faz delas uma casta inferior” (Schwarzer, 1995).

A pouca presença feminina em cargos de comando deve ser observada, mas igualmente importante é avaliar se as políticas públicas desenvolvidas por aquelas que têm a decisão nas mãos impactam positivamente na vida das mulheres.

Quando mulheres que têm poder de classe utilizam, oportunamente, uma plataforma feminista e ao mesmo tempo enfraquecem as políticas feministas, ajudando a manter intacto o sistema patriarcal que irá ressusbordiná-las, elas não apenas traem o feminismo, elas traem a si mesmas. (Hooks, 2018: 56)

O caminho em direção ao equilíbrio de poder só pode ser mantido com o fomento permanente ao pensamento crítico. Retrocessos são sempre possíveis, como indicou Betty Friedan em *Mística feminina*, clássico dos anos 1960.⁷ Após anos de luta e com tantas batalhas importantes pela frente, surpreende a baixa identificação com o feminismo. No Brasil, 38% das mulheres consideram-se feministas (Datafolha, 2019); na Argentina, o índice é de 32% (Escudero, 2019). O cenário é parecido na Europa. No Reino Unido, 34% abraçam a causa; na França, são 33%. Segundo Christina Scharff, socióloga e professora no King’s College, a baixa adesão é fruto da permanência de estereótipos que relacionam o termo ao ódio aos homens e a uma suposta “falta de feminilidade” (Scharff, 2019).⁸ O patriarcado segue se adaptando e atuando.

Novas percepções e debates

Um dos atores capazes de acolher o dinamismo da sociedade e promover o questionamento do *status quo* são os coletivos. Eles reúnem pessoas que compartilham interesses comuns e trabalham juntas para alcançar

7. “A proporção de mulheres universitárias em relação aos homens caiu de 47%, em 1920, para 35%, em 1958” (Friedan, 1971:17).

8. Ver também Simone de Beauvoir. A autora afirma que a mulher é uma construção cultural, e critica os que dizem que a feminilidade está sendo perdida. “Se hoje não há feminilidade é porque nunca houve” (Beauvoir, 1967: 8).

objetivos. A troca de ideias no interior dos movimentos é capaz de abrir espaço para a identificação de problemas ainda não visíveis para a sociedade e/ou não percebidos pelos próprios atingidos por uma determinada prática social e política.

As reuniões periódicas entre mulheres, realizadas no fim dos anos 1960, na segunda onda do feminismo norte-americano, foram fundamentais para que elas percebessem que a esfera privada é influenciada pela pública. Ao longo do tempo, elas constataram que os problemas individuais tinham razões estruturais e, por isso, necessitavam de soluções coletivas. É nesse cenário, aliás, que surgiu e tomou força o termo “o pessoal é político”, cunhado pela ativista Carol Hanisch.

Segundo Maria da Gloria Gohn (2011), os movimentos sociais – e aqui incluo os coletivos como um deles – são capazes de promover um processo educativo multidimensional. Eles dinamizam a atuação dos próprios membros, estimulados a refletir sobre o tema central de análise e luta; a sociedade civil, confrontada com novas perspectivas; e os órgãos públicos, por meio da necessidade de negociação e diálogo.

Os coletivos também estão presentes nas universidades. A pesquisa “Perfil da Juventude na PUC-Rio” indica que 5,2% dos estudantes estão envolvidos em algum movimento, seja ele ligado às questões raciais, sociais ou de gênero.⁹ O Coletivo de Mulheres da PUC-Rio, criado em 2009, foi o primeiro coletivo de mulheres universitário do estado do Rio de Janeiro. O objetivo é lutar contra o preconceito por gênero, etnia e orientação sexual. Problemas que extrapolam o meio universitário. Rodas de conversa, campanhas e manifestações nas ruas e nas redes sociais fazem parte da ação do grupo. A presença dos coletivos é capaz de gerar novos saberes para a Academia e dar uma diretriz mais objetiva às reivindicações dos alunos.

Exclusão, inclusão e novas pautas

A pesquisa também quis saber como os alunos avaliam a realidade nacional. Foi perguntado, então, quais eram os três principais problemas do país. No topo do ranking apareceram: violência/segurança pública, violação dos direitos humanos e injustiça social. É bastante significativo observar que a preocupação com os direitos humanos deu um salto de 12,1% (2006) para

9. São ativos na PUC os coletivos Nuvem Negra, Madame Satã, Bastardos da PUC e o Coletivo das Mulheres.

36% (2018).¹⁰ O preconceito (16,5%) e a discriminação (11,7%) também apareceram em destaque.¹¹

Por que cito esses dados? Porque não se pode analisar a realidade feminina sem abordar as múltiplas manifestações de violência. As denúncias tendem a aumentar quando se conhecem melhor os direitos.¹² Por isso, os números são importantes. Eles indicam uma comunidade atenta à multidimensionalidade da violência e que não atua somente dentro dos muros da universidade. A brutalidade cotidiana, sabemos, não atinge exclusivamente as mulheres, mas o Brasil tem alto índice de agressões verbais, estupros e feminicídios.¹³ A grave realidade tem também consequências na autoestima, na liberdade, na inclusão educacional e no mercado de trabalho.

Cabe observar que a violência atinge mais a mulher negra. Elas são 61% das vítimas, contra 38,5% de brancas, 0,3% de indígenas e 0,2% de amarelas (Gama Cubas et al., 2019). O debate feminista só pode ser transformador se a questão racial for central.

Sabíamos que não poderia haver verdadeira sororidade entre mulheres brancas e mulheres não brancas se as brancas não fossem capazes de abrir mão da supremacia branca, se o movimento feminista não fosse fundamentalmente antirracista (Hooks, 2018: 71).

O feminismo negro começou a tomar forma mais efetiva nos anos 1960, em um cenário marcado pelo sexismo do movimento pelos direitos civis e pelo racismo do movimento feminista. A opressão de classes, a identidade de gênero, o sexismo e o racismo estão relacionados. O conceito de interseccionalidade, cunhado pela ativista e professora de direito da Universidade de Columbia, Kimberlé Crenshaw, mostra que as pessoas sofrem discriminações distintas a partir de uma série de variáveis. Ser mulher negra de classe média não é o mesmo, por exemplo, que ser negra, pobre e

10. A preocupação com a violência/segurança pública teve leve queda de 39,3% (2006) para 36% (2018) e com a injustiça social manteve-se praticamente a mesma: 25,7% (2006) e 25,3% (2018).

11. Em 2006, o preconceito foi citado por 8,4% dos alunos e a discriminação por 5,4%.

12. Paralelamente à conscientização é necessário que as instituições se fortaleçam. A pesquisa “Raio X do Feminicídio” analisou denúncias de mortes violentas e revelou que apenas 4% das vítimas tinham registrado boletim de ocorrência contra o agressor e que somente 3% tinham medida protetiva. Outro dado preocupante é o fato de somente 7,5% das vítimas de violência sexual notificarem o caso à polícia. Dados do Departamento de Justiça norte-americano, por exemplo, revelaram que 23% das mulheres reportaram o crime às autoridades (Pereira et al., 2019: 110).

13. De acordo com o Ministério da Saúde, a cada quatro minutos uma mulher é agredida por ao menos um homem (Gama Cubas et al., 2019).

lésbica. Incidem sobre ela outros estigmas. Sem considerar tal cenário, as análises e políticas públicas serão falhas.¹⁴

É importante observarmos a composição racial da PUC-Rio. Em 2018, 78% dos alunos se declararam brancos, 14,2% pardos, 5,8% pretos, 0,1% indígenas, 0,7% amarelos e 1,2% outros. Em 2006, eram 77% brancos, 14,6% pardos, 3,4% pretos, 0,1% indígenas, 0,1% amarelos e 3,4% outros.¹⁵

A inclusão no ensino superior, além de trazer novas questões para a Academia, pode fomentar a ação política. O historiador Tony Judt considera a expansão do número de estudantes no pós-guerra um dos fatores fundamentais para as revoluções de 1968. Apesar de a maioria dos jovens não frequentar os bancos universitários, sobretudo se os pais deles fossem agricultores, operários não especializados ou imigrantes, “ocorreu uma ampliação do público, novos grupos sociais, novas expectativas” (Judt, 2007).

Histórico de lutas e reflexão

A universidade não continuará a ser um ator central para a construção de uma sociedade mais igualitária se a bibliografia dos cursos não incorporar títulos escritos por mulheres. Ao falar sobre a Revolução Francesa e a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, por que não apresentar a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã? O documento escrito por Olympe de Gouges,¹⁶ dramaturga e abolicionista, foi um protesto pela ausência de direitos às mulheres no novo momento político.

Mulher, acorda! A força da razão faz-se ouvir em todo o universo: reconhece teus direitos. [...] O homem escravo multiplicou suas forças, precisou recorrer às tuas para quebrar suas correntes. Tornado livre, ele fez-se injusto em relação à sua companheira. Mulheres! Mulheres, quando deixareis de ser cegas? Quais são as vantagens que tirastes da Revolução? Um desprezo mais acentuado, um desdém mais assinalado. (Ishay, 2013: 252)

Foi guilhotinada.

Em “Reivindicação dos direitos da mulher”, a escritora inglesa Mary Wollstonecraft tece críticas à Revolução Francesa pelos mesmos motivos.

14. Kimberlé Crenshaw fala nesse TED sobre a invisibilidade da violência policial contra as mulheres negras nos Estados Unidos.

15. Dados da pesquisa “Perfil da Juventude da PUC-Rio”.

16. Pseudônimo de Marie Gouze.

E ciente da necessidade da educação como elemento essencial para a liberdade, a autora não teme criticar perspectivas dominantes na época, como a apresentada por Rousseau. “Eduquem as mulheres como homens. E quanto mais parecerem com o nosso sexo menos poder terão sobre nós”, afirmou o autor genebrino, deixando claro que a fragilidade e a sedução deveriam ser a marca da mulher na sociedade (Wollstonecraft, 2016: 87). Wollstonecraft rebate afirmando: “Não desejo que tenham poder sobre os homens, mas sobre si mesmas”.¹⁷

A francesa Flora Tristán contribuiu para o fortalecimento do movimento dos trabalhadores no século XIX. Em *União operária*, lançado em 1843, cinco anos antes do *Manifesto comunista*,¹⁸ ela denuncia as terríveis condições de trabalho nas fábricas e defende a autoemancipação dos proletários. Mas compreende que para a causa operária se fortalecer era fundamental que as mulheres tivessem os mesmos direitos que os homens. Outra preocupação da autora era com o raro acesso do sexo feminino à instrução, que mantinha os salários baixos, aumentava a dependência econômica e a potencialidade de violência (Tristan, 2016).

De Gouges, Wollstonecraft e Tristán sofreram consequências por não se adequarem ao papel destinado às mulheres. Trazê-las para a sala de aula, além de apresentar outro olhar sobre os fatos, contribui para a compreensão do controle e do silenciamento sempre ativos e atualizados do patriarcado. “A falta de conhecimento sobre a própria história de luta e conquistas é um dos principais meios de nos manter subordinadas” (Lerner, 2019: 277).

A importância da inclusão das mulheres nas áreas de STEM

A presença de alunas matriculadas varia de acordo com o curso na PUC-Rio. Elas estão em menor número em ciências econômicas, matemática, engenharia e física. Representam a maioria significativa em pedagogia, serviço social e psicologia. Em direito, também estão em maior número, mas é mais equilibrado. Em linhas gerais, o cenário tem se alterado pouco ao

17. Citando Immanuel Kant, a autora afirma que somente as mulheres poderão ser responsáveis pela liberdade delas: “Esclarecimento significa a saída do homem de sua minoridade, pela qual ele próprio é responsável, para a maioridade. A minoridade é a incapacidade de se servir de seu próprio entendimento sem a tutela de um outro. É a si próprio que se deve atribuir essa minoridade, uma vez que ela não resulta da falta de entendimento, mas da falta de resolução e de coragem necessárias para utilizar seu entendimento sem a tutela de outro. *Sapere Aude!* (Ouse saber!) Tenha a coragem de te servir de teu próprio entendimento, tal é, portanto, a divisa do Esclarecimento” (Wollstonecraft, 2016: 4).

18. Obra fundamental de Friedrich Engels e Karl Marx.

longo dos anos. Em ciências econômicas, por exemplo, a presença feminina diminuiu entre 2015 e 2019. Já em física, o número de alunas aumentou.

Tabela 1
Presença de alunas nos cursos da PUC-Rio

Curso	2006	2015	2019
Ciências econômicas	F – 27,4% M – 72,6%	F – 31,8% M – 68,2%	F – 23,3% M – 76,7%
Direito	F – 54,5% M – 45,5%	F – 58,5% M – 41,5%	F – 56,4% M – 43,6%
Engenharia	F – 25,5% M – 74,5%	F – 34,2% M – 65,8%	F – 32,3% M – 67,7%
Física	F – 11,1% M – 88,9%	F – 13,4% M – 86,6%	F – 36,8% M – 63,2%
Matemática	F – 28,6% M – 71,4%	F – 20,0% M – 80,0%	F – 5,0% M – 95,0%
Pedagogia	F – 95,0% M – 5,0%	F – 95,9% M – 4,1%	F – 93,0% M – 7,0%
Psicologia	F – 85,0% M – 15,0%	F – 82,5% M – 17,5%	F – 79,7% M – 20,3%
Serviço social	F – 85,6% M – 14,4%	F – 87,2% M – 12,8%	F – 87,2% M – 12,8%

Fonte: Tabela elaborada com dados fornecidos pelo Sistema Acadêmico Universitário.

De acordo com a Unesco, a média mundial de alunas no ensino superior nos campos relacionados às áreas de *STEM* (sigla em inglês para ciência, tecnologia, engenharia e matemática) é de 35% (Unesco, 2018). No Brasil, as mulheres são cerca de 30% dos alunos dos cursos de engenharia (G1, 2017). É preciso combater as razões da pouca presença feminina nas áreas tecnológicas na infância, quando começam a se estabelecer as diferenças. A norte-americana Debbie Sterling, preocupada com o baixo número de engenheiras nos Estados Unidos, decidiu criar brinquedos para despertar a percepção espacial e o interesse das meninas pela tecnologia (Sterling, 2013). A revista *Nature*, uma das mais importantes do campo científico, atua em prol dessa causa e premia pesquisadoras por projetos que incentivam meninas e jovens a envolverem-se com ciência e tecnologia.¹⁹

19. São os prêmios Inspiring Science Award e Innovation Science Award.

Lembramos da polonesa Marie Curie. O apoio do pai, professor de física e matemática, foi fundamental para despertar o gosto pela ciência. Ela foi a primeira mulher a lecionar na Universidade de Paris, descobriu dois elementos químicos (Polônio e Rádio) e seu trabalho foi decisivo para o início do uso da energia nuclear na medicina (Parisotto e Simal, 2011). Curie foi a primeira mulher a ganhar um Prêmio Nobel; aliás, conquistou dois, de física²⁰ (1903) e de química (1911).

A austríaca Lise Meitner deu a primeira explicação teórica para a fissão nuclear. Ela trabalhou ao lado do químico Otto Hahn. Em 1944, ele recebeu o Nobel pela descoberta. Os jurados não levaram em conta a contribuição de Meitner (Domingos de Lima, 2018). Jocelyn Bell Burnell, astrofísica britânica, enfrentou um problema parecido. Nos anos 1960, Burnell fazia pós-graduação em Cambridge e contribuiu para encontrar o primeiro Pulsar, estrela de nêutrons que transforma energia rotacional em eletromagnética. A descoberta ganhou o Nobel de Física, em 1974. O prêmio foi concedido ao seu supervisor, Antony Hewish, e ao astrônomo Martin Ryle. Os dois casos são considerados injustiças históricas.

A russa Valentina Tereshkova foi a primeira mulher a ir para o espaço, em 1963, mas pouco se fala sobre ela. Precisamos dar mais visibilidade a esses fatos.

Um grupo de alunas da PUC-Rio está contribuindo para a mudança. Elas criaram o projeto “As Augustas”, que busca despertar nas estudantes de ensino médio o interesse pela ciência. O nome é uma homenagem a Augusta Ada Lovelace (1815-1852), matemática e escritora inglesa que escreveu o primeiro algoritmo para ser processado por uma máquina. O projeto surgiu na disciplina “Cristianismo e problemas sociais” e conta com o apoio da Coordenação do Ciclo Profissional das Engenharias (CCPE).

Empregabilidade e pobreza feminina

A dificuldade de acesso às áreas tecnológicas impede que elas alcancem postos que terão mais visibilidade e melhores salários no futuro.²¹ Aumenta também a chance de perderem as funções que exercem por conta da automação. Segundo relatório da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), 50,1% das mulheres da região têm trabalhos não

20. Dividido com o marido Pierre Curie e com o físico Antoine-Henri Becquerel.

21. Apenas 22% dos profissionais de inteligência artificial são mulheres (“Mulheres no espaço digital”. Mensagem da Unesco para o Dia Internacional da Mulher, 2019).

qualificados. O Fórum Econômico Mundial considera que para alcançar o equilíbrio entre homens e mulheres, mantendo o ritmo atual de avanços, serão necessários 99,5 anos.²²

A presença de mulheres nas instituições decisórias pode contribuir para reduzir as diferenças. Mas a influência delas na legislação e nas políticas públicas é mínima. A mulher produz riquezas, mas tem pouca influência na decisão sobre o seu uso. Entre 186 países somente 17 têm mulheres como chefes de governo: 92% da população é governada por homens. No Legislativo, 23,4% dos parlamentares são mulheres. O Brasil está na posição 140 entre 189 países analisados.²³

O Congresso Nacional tem 77 deputadas (15% das cadeiras), entre elas 13 negras e uma indígena.²⁴ Antes das eleições de 2018, representavam 10% dos parlamentares. Além de ser fruto da organização das mulheres, o aumento tímido da participação feminina pode ser creditado às políticas afirmativas para cargos proporcionais, pois os partidos são obrigados a reservar 30% de suas candidaturas para as mulheres.

A baixa presença delas no processo representativo não significa, entretanto, que não sejam ativas politicamente. Como explica a cientista política Flavia Birolli, diante de uma atuação dificultada pela estrutura, as mulheres buscam ocupar as ruas, organizar manifestações e pressionar para colocar temas em pauta, avançar no campo dos direitos e evitar retrocessos.²⁵

Divisão sexual do trabalho e suas consequências

A partir dos anos 1970, o mercado de trabalho passou a ter cada vez mais participação feminina, mas ainda não há equilíbrio no exercício das funções domésticas.²⁶ Sobre a mulher recai a maior parte dos custos dessa mudança, sendo ela majoritariamente responsável por cuidar de crianças, idosos e executar os afazeres do lar. A vida do homem pouco mudou. Elas passaram a trabalhar duplamente. De acordo com o IBGE, a média dedicada ao

22. Considerando os 107 países cobertos continuamente desde a primeira edição do relatório (2006). Lista dos países com mais paridade de gênero: Islândia, Noruega, Finlândia, Suécia, Nicarágua, Nova Zelândia, Irlanda, Espanha, Ruanda e Alemanha (Fórum Econômico Mundial, 2019).

23. Os dez países mais bem posicionados são: Ruanda (61.25%), Cuba (53.22%), Bolívia (53.08%), Andorra (50%), México (48.2%), Espanha (47.43%), Suécia (47.28%), Finlândia (47%), Granada (46.67%) e Namíbia (48%). Os Estados Unidos estão na posição 78 (23,5%) (Inter-Parliamentary Union, 2019).

24. Amazonas, Maranhão e Sergipe não elegeram nenhuma deputada federal em 2018.

25. Os movimentos articulados globalmente reverberam no Brasil. Um deles foi o #MeToo, que deu visibilidade ao tema do abuso sexual (Biroli, 2018: 175).

26. Observar que diferenças de classe também devem ser consideradas.

cuidado de pessoas e/ou afazeres domésticos é de 16,8 horas semanais para as mulheres e 10,9 horas para os homens (PNAD Contínua, 2018).

O trabalho doméstico impacta no Produto Interno Bruto (PIB). Tal função representa de 10% a 39% do PIB dos países, de acordo com a ONU Mulheres (2017). Segundo a economista Hildete Pereira de Melo, considerando dados de 2015, as tarefas domésticas representaram o equivalente a 11,3% do PIB brasileiro (Pessano, 2018).

Com o objetivo de ressaltar a importância e o valor econômico das tarefas domésticas, surgiu nos anos 1970 um movimento que defendia o pagamento de pensão para os que se dedicavam a tais funções. O Estado economiza ao não investir em creches e em um sistema de assistência aos idosos, por exemplo. A ideia não era estimular as mulheres a ficarem em casa, mas ressignificar tal trabalho.

Para Silvia Federici, umas das defensoras do projeto, as tarefas domésticas foram transformadas em “atributo natural das mulheres” porque estavam destinadas a não ser remuneradas. Segundo a pesquisadora italiana, o não pagamento das funções de reprodução (produzir e criar pessoas para a sociedade) e de cuidados foi e é fundamental para a acumulação capitalista (Federici, 2019: 8).

Segundo a Cepal, um dos maiores desafios da desigualdade de gênero na América Latina é a divisão sexual do trabalho. De acordo com a organização, se os Estados não fornecerem serviços públicos adequados, as famílias e as mulheres, em particular, terão que responder cada vez mais às demandas de atendimento aos idosos. O impacto será sentido no mercado de trabalho e na realização pessoal (Cepal, 2019).

Mudanças na legislação podem contribuir para criar novos padrões. No Brasil, a licença concedida aos pais pelo nascimento de um filho é de quatro meses para mulheres e cinco dias para homens.²⁷ Na Islândia, o tempo de licença (pago) é igualitário. Mulheres e homens devem, obrigatoriamente, tirar três meses cada um. Os outros três meses são negociáveis entre eles (Ruic, 2017). Além de indicar que os cuidados com o filho é responsabilidade de ambos, tal regra impacta na empregabilidade, pois diminui a chance de uma mulher ser preterida por conta da possibilidade de gravidez (Machado e Pinho Neto, 2016).

Como parte de uma campanha pela equidade, uma ONG espanhola produziu um vídeo que mostra um homem e uma mulher largando juntos

27. Empresas inscritas no Programa Empresa Cidadã concedem 20 dias aos pais.

em uma corrida, acompanhados ao fundo por um discurso sobre igualdade de oportunidades.²⁸ Mas as imagens exibidas vão cada vez mais contrastando com o texto. O que se vê é uma mulher correndo de salto alto, dedicando-se a atividades domésticas e cuidando de uma criança ao longo do percurso (G1, 2019). Tendo que equilibrar todos esses pratos, ela não consegue segurar o livro, que também é ofertado durante a corrida. Acaba ficando para trás na disputa.

A universidade tem papel importante no equilíbrio de poder entre os gêneros. O fato de pouco mais da metade das vagas serem ocupadas por mulheres é uma etapa importante em direção a esse caminho. Importante, mas não única. Para que esse processo possa se tornar cada vez mais transformador é necessário agir considerando a permanência de costumes, que estabelecem papéis diferenciados para homens e mulheres, a presença de tetos de vidro, a divisão sexual do trabalho, a violência e as questões étnicas.

Alunos e alunas serão igualmente competitivos na vida acadêmica e profissional quando incidirem sobre ambos as mesmas responsabilidades e expectativas. A possibilidade legal de ocupar os mesmos espaços pode mascarar obstáculos e levar a uma avaliação que considera unicamente a capacidade individual. A questão é mais complexa. Os empecilhos são estruturais.

Referências bibliográficas

- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- BIROLI, Flávia. *Gênero e desigualdades: os limites da democracia no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- CEPAL – Comisión Económica para América Latina y el Caribe. *La autonomía de las mujeres en escenarios económicos cambiantes*. XIV Conferencia Regional. Santiago, 2019. Disponível em https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/45032/S1900723_es.pdf?sequence=. Acesso em 3 fev. 2020.
- COSTA, Camila. As escritoras que tiveram de usar pseudônimos masculinos – e agora serão lidas com seus nomes verdadeiros. *BBC Brasil*, 15 abr. 2018. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43592400>. Acesso em 23 jan. 2020.
- CRENSHAW, Kimberlé. A urgência da interseccionalidade. *TED*, 2016. Disponível em https://www.ted.com/talks/kimberle_crenshaw_the_urgency_of_intersectionality?language=pt. Acesso em 15 fev. 2020.

28. A campanha foi produzida pela ONG Farmamundi, que promove ações de saúde e ajuda farmacêutica a países em desenvolvimento. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=nj6YXNgOlx0&list=RDnj6YXNgOlx0&start_radio=1. Acesso em 15 jan. 2020.

- DATAFOLHA. *Mulheres, violência e feminismo*. Instituto Datafolha, abr. 2019. Disponível em <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2019/04/15/0ccf1b7f5f71464e482dfa38406ec34efem.pdf>. Acesso em 15 jan. 2020.
- DAVIDSON, M. J.; COOPER, C. L. *Shattering the glass ceiling: the woman manager*. London: Paul Chapman Publishing, 1992.
- DOMINGOS DE LIMA, Juliana. A cientista que ajudou na descoberta da fissão nuclear. *Nexo Jornal*, 15 nov. 2018. Disponível em <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/11/15/A-cientista-que-ajudou-na-descoberta-da-fissao-nuclear>. Acesso em 11 jan. 2020.
- El País, ¿Por qué tan pocas mujeres ganan los Nobel de ciencia?, 2019. Disponível em: <https://www.elpais.com.uy/vida-actual/pocas-mujeres-ganan-nobel-ciencia.html>. Acesso em 18 nov. 2020.
- ESCUADERO, Clara F. El 68% de las argentinas dice que no se considera feminista. *Perfil*, Buenos Aires, 9 mar. 2019. Disponível em <https://www.perfil.com/noticias/sociedad/el-68-de-las-argentinas-dice-que-no-se-considera-feminista.phtml>. Acesso em 15 jan. 2020.
- FEDERICI, Silvia. *O ponto zero da revolução*. São Paulo: Elefante, 2019.
- FÓRUM ECONÔMICO MUNDIAL. *Global Gender Gap Report 2020*. Suíça: Fórum Econômico Mundial, 2019. Disponível em http://www.cdi.org.pe/pdf/IGGGR/2019/WEF_GGGR_2020.pdf. Acesso em 12 fev. 2020.
- FRIEDAN, Betty. *A mística feminina*. Petrópolis: Vozes, 1971.
- G1. Após 15 anos, mulheres continuam sendo minoria nos cursos universitários de ciência. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/apos-15-anos-mulheres-continuam-sendo-minoria-nos-cursos-universitarios-de-ciencia.ghtml>. Acesso em 18 nov. 2020.
- G1. Japonesas se mobilizam contra obrigatoriedade do salto alto no trabalho. 2019. Disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/06/03/japonesas-se-mobilizam-contra-obrigatoriedade-do-salto-alto-no-trabalho.ghtml>. Acesso em 18 nov. 2020.
- GAMA CUBAS, Marina; ZAREMBA, Júlia; AMÂNCIO, Thiago. Brasil registra 1 caso de agressão a mulher a cada 4 minutos, mostra levantamento. *Folha de S.Paulo*, 9 set. 2019. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/09/brasil-registra-1-caso-de-agressao-a-mulher-a-cada-4-minutos-mostra-levantamento.shtml>. Acesso em 17 fev. 2020.
- GOHN, Maria da Gloria. Movimentos sociais na contemporaneidade. *Revista Brasileira de Educação*, v. 16, n. 47, maio-ago., 2011. p. 333-361.
- HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo: Políticas arrematadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- INSPER; TALENSES. *Panorama mulher 2019*. Disponível em <http://online.fliphtml5.com/gbcm/wbwh>. Acesso em 10 jan. 2020.
- INTER-PARLIAMENTARY UNION. Women in Politics. *Inter-Parliamentary Union*, 2019. Disponível em <https://www.ipu.org/resources/publications/infographics/2019-03/women-in-politics-2019>. Acesso em 22 fev. 2020.
- ISHAY, Micheline (Org.). *Direitos Humanos: uma antologia*. São Paulo: Edusp, 2013.
- JUDT, Tony. O espectro da revolução. *Piauí*, maio 2007. Disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-espectro-da-revolucao>. Acesso em 15 jan. 2020.
- LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. São Paulo: Cultrix, 2019.
- MACHADO, Cecília; PINHO NETO, V. *Mulheres perdem trabalho após terem filhos*. Rio de Janeiro: FGV, 2016. Disponível em <https://portal.fgv.br/think-tank/mulheres-perdem-trabalho-apos-terem-filhos>. Acesso em 15 fev. 2020.

- ONU Mulheres. Trabalho de cuidados oscila entre 10 e 39% do PIB de países, considera ONU Mulheres. 2017. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/noticias/trabalho-de-cuidados-oscila-entre-10-e-39-do-pib-de-paises/>. Acesso em 18 nov. 2020.
- PARISOTTO, Viviane e SIMAL, Carlos Jorge Rodrigues. Um pouco da vida e da obra da Madame Curie e os 85 anos da sua visita a Belo Horizonte. *Revista Médica de Minas Gerais*, 21(3), 2011, p. 361-368.
- PEREIRA, Carolina; BUENO, Samira; BOHNENBERGER, Marina; SOBRAL, Isabela. *Anuário de Segurança Pública*, 2019. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/09/Anuario-2019-FINAL-v3.pdf>. Acesso em 18 nov. 2020.
- PESSANO, Jorge. Pesquisa da UFF destaca impacto do trabalho doméstico na economia nacional. *UFF Notícias*, 9 maio 2018. Disponível em <http://www.uff.br/?q=noticias/09-05-2018/pesquisa-da-uff-destaca-impacto-do-trabalho-domestico-na-economia-nacional>. Acesso em 14 fev. 2020.
- PINHO, Davi e MEDEIROS, Fernanda (Orgs.). *Literaturas de língua inglesa*. São Paulo: Letra Capital, 2017.
- PNAD CONTÍNUA. *Outras formas de trabalho 2018*. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101650_informativo.pdf. Acesso em 10 fev. 2020.
- R. ISHAY, Micheline. *Direitos humanos: uma antologia – Principais escritos políticos, ensaios e documentos desde a Bíblia até o presente*. São Paulo: Edusp, 2013.
- RUIC, Gabriela. Como a Islândia se tornou o melhor país do mundo para mulheres. *Exame*, 7 mar. 2017. Disponível em <https://exame.abril.com.br/mundo/islandia-mulheres-igualdade-genero>. Acesso em 15 fev. 2020.
- SCHARFF, Christina. Por que tantas mulheres jovens não se identificam como “feministas”. *Época Negócios*, 12 fev. 2019. Disponível em <https://epocanegocios.globo.com/Vida/noticia/2019/02/por-que-tantas-mulheres-jovens-nao-se-identificam-como-feministas.html>. Acesso em 17 fev. 2020.
- SCHWARZER, Alice. *Simone de Beauvoir hoje*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- STERLING, Debbie. Inspiring the next generation of female engineers. *TED*, 2013. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=FEeTLopLkEo>. Acesso em 3 jan. 2020.
- TRISTÁN, Flora. *União operária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2016.
- UNESCO. *Decifrar o código: educação de meninas e mulheres em ciências, tecnologia, engenharia e matemática (STEM)*. Brasília: Unesco, 2018. Disponível em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000264691>. Acesso em 17 fev. 2020.
- WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos da mulher*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

Sobre a agenda dos estudantes da PUC-Rio em 2018

Ricardo Ismael

Introdução

O mundo contemporâneo tem passado por mudanças, que se refletem no plano político, econômico e social, entre outras dimensões que podem ser citadas. Essas transformações são rapidamente percebidas pela juventude,¹ que, em geral, dificilmente adota uma postura de indiferença, optando por processá-las, amplificá-las ou mesmo rejeitá-las, segundo critérios e objetivos próprios, que sempre precisam ser melhor estudados.

As novas gerações vivem no contexto histórico da economia globalizada, da comunicação e da informação que se propagam pela internet, e das preocupações crescentes com a desigualdade de renda e patrimonial, com o retrocesso no sistema de proteção social do mundo do trabalho, com o descrédito da política e de suas instituições, com manifestações antidemocráticas, com a degradação do meio ambiente e o difícil avanço dos direitos humanos.

A juventude brasileira também sofre o impacto das transformações de sua época. Embora, para muitos, causem maior reação as continuidades, aquilo que teima em permanecer desafiando o bom senso e a solidariedade. Ainda que inserido na dinâmica mais geral, o Brasil enfrenta problemas específicos, alguns típicos do seu estágio de desenvolvimento e de suas contradições históricas, e outros que ganharam força mais recentemente, como o aumento da violência urbana, da precarização do trabalho e da crise de lideranças políticas.

A pesquisa coordenada pelo Departamento de Teologia e pelo Departamento de Ciências Sociais da PUC-Rio, no segundo semestre de 2018, procurou investigar o perfil dos estudantes de graduação da universidade, de modo

1. O conceito de juventude tem sido motivo de intenso debate entre diferentes campos científicos nas Ciências Humanas e Sociais. A sociologia da juventude trouxe uma contribuição relevante ao debate conceitual. No Brasil, por exemplo, podem ser citados nesta linha de pesquisa os estudos pioneiros de Marialice Foracchi, de Otávio Ianni e de Artur José Poener, todos eles abordando o movimento estudantil na década de 1960 (Ojala, 2008: 42-43). O trabalho em foco não vai aprofundar essa discussão, optando por adotar o conceito de juventude assumido no Brasil, nos anos recentes, na formulação de políticas públicas voltadas para esse público. Tomará como referência o documento “Plano Nacional da Juventude: proposta de atualização da minuta do Projeto de Lei nº 4.530/2004”, elaborado pelo governo federal, e que considera jovem todo o cidadão ou cidadã da faixa etária entre 15 e 29 anos (Brasil, 2018: 17).

a revelar continuidades e mudanças quando comparada com aquela realizada de forma pioneira no primeiro semestre de 2006 (Pedrosa-Pádua; Mello, 2010). Além disso, a recente investigação introduziu novas questões, que procuraram ampliar a compreensão sobre forma de pensar e agir, bem como as demandas, do jovem universitário que estuda, convive e se manifesta no campus da Gávea, nos quase 80 anos de fundação da instituição de ensino superior.

O objetivo deste capítulo é realizar uma análise comparada sobre alguns aspectos que emergiram das pesquisas realizadas em 2006 e 2018, e iluminam um processo de formação da agenda envolvendo o corpo discente da graduação da PUC-Rio.

A propósito, é comum dizer na área governamental que uma política pública reúne quatro etapas distintas: formação da agenda, formulação, implementação e avaliação da política pública (BID, 2007; Hochman; Arretche; Marques, 2007; Howlett; Ramesh; Perl, 2013). A definição da agenda, na perspectiva de John Kingdon, pode abranger vários atores, como o governante eleito e seus compromissos eleitorais, o corpo burocrático governamental, membros do Poder Legislativo, grupos de interesse na sociedade e a mídia (Capella, 2005). O mundo dos universitários passa longe da dinâmica que caracteriza um governo. Minha premissa, entretanto, é que nesse universo tão peculiar está presente um processo permanente de formação da agenda contemplando os estudantes de graduação da PUC-Rio. Na verdade, um processo simultâneo de construção (de uma nova agenda estudantil) e de desconstrução (parcial ou integral da antiga agenda), que reúne calouros, iniciantes, veteranos e concluintes.

Naturalmente não se trata de assumir o papel de porta-voz, ou de exercer qualquer tipo de representação do alunato. Os estudantes da PUC-Rio não precisam disso. Sabem melhor do que ninguém o que querem, e possuem instituições ativas e muito presentes no cotidiano universitário. O desafio, neste momento, é utilizar os *surveys*² realizados para tentar descrever os jovens universitários, tendo como referência dois anos distintos, separados por mais de uma década, e especular sobre a agenda que pode ser lida a partir das respostas dadas pelos entrevistados.

2. Earl Babbie adverte que *surveys* “são muito semelhantes a censos, sendo a diferença principal entre eles que um *survey*, tipicamente, examina uma amostra da população, enquanto o censo implica uma enumeração da população toda” (Babbie, 1999: 78). Um *survey*, geralmente, possui três objetivos principais: descrição, explicação e exploração. Permite descobrir as características de alguma população a ser estudada. Adicionalmente, pode tentar explicar os atributos da população, o que quase sempre requer análise simultânea de uma ou mais variáveis. E também pode ajudar quando se inicia a investigação de um tema envolvendo um público-alvo. Nesse caso, serve como uma pesquisa exploratória (Babbie, 1999: 96-97).

O Brasil e o estado do Rio de Janeiro no contexto político de 2006 e 2018

No intervalo de 12 anos, entre 2006 e 2018, aconteceram algumas mudanças importantes no cenário político com repercussão no conjunto da sociedade brasileira, e também entre as novas gerações. A discussão delas, ainda que de forma resumida, permite compreender os diferentes contextos políticos em que foram realizadas as pesquisas no âmbito da PUC-Rio.

O Quadro 1 procura reunir, para os anos escolhidos, os principais representantes dos três poderes da República: Governo Federal, Congresso Nacional (Câmara dos Deputados e Senado) e Supremo Tribunal Federal (STF). Recebem destaque também os resultados das eleições para presidente, para governador do Rio de Janeiro, e o prefeito em exercício na capital do estado.

Quadro 1
Aspectos do cenário político brasileiro, em 2006 e 2018

BRASIL		
Aspectos políticos do contexto histórico	2006	2018
Presidente da República	Luiz Inácio Lula da Silva (PT)	Michel Temer (PMDB)
Presidente do STF	Ministra Ellen Gracie	Ministro Dias Toffoli
Presidente da Câmara dos Deputados	Aldo Rebello (PCdoB)	Rodrigo Maia (DEM)
Presidente do Senado	Renan Calheiros (PMDB)	Eunício Oliveira (PMDB)
Governador do estado do Rio de Janeiro	Rosinha Garotinho (PMDB)	Luiz Fernando Pezão (PMDB)
Prefeito do Rio de Janeiro	Cesar Maia (DEM)	Marcelo Crivella (PRB)
Eleição para presidente da República	O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) é reeleito, tendo vencido no segundo turno Geraldo Alckmin (PSDB).	O candidato Jair Bolsonaro (PSL) é eleito presidente, tendo vencido no segundo turno Fernando Haddad (PT).
Eleição para Governo do estado do Rio de Janeiro	O candidato Sergio Cabral (PMDB) é eleito governador, tendo vencido no segundo turno Denise Frossard (PPS). Será assim o sucessor de Rosinha Garotinho (PMDB).	O candidato Wilson Witzel (PSC) é eleito governador, tendo vencido no segundo turno Eduardo Paes (DEM). Será assim sucessor de Luiz Fernando Pezão (PMDB).

Fontes: www.gov.br; www.camara.leg.br; www12.senado.leg.br; portal.stf.jus.br; www.tse.jus.br; www.rj.gov.br; www.prefeitura.rio. Acesso em 4 set. 2020.

Em 2006, governava o país o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), tendo assegurado sua reeleição, no mesmo ano, ao vencer no segundo turno o candidato Geraldo Alckmin (PSDB). Permaneceu na eleição presidencial a polarização PT *versus* PSDB, que vinha ocorrendo desde 1994. No ano de 2018, tivemos Michel Temer (PMDB) na presidência da República, e que decidiu não enfrentar o pleito que aconteceria em outubro daquele ano, entre outras razões, por conta da sua baixa popularidade. A eleição presidencial de 2018 terminaria com a vitória de Jair Bolsonaro (PSL), no segundo turno, contra Fernando Haddad (PT). Uma nova polarização a nível nacional se estabeleceu, agora marcada pela clássica clivagem política entre esquerda *versus* direita.³

Entre os anos dos Governos Lula (2007-2010) e Temer (2016-2018), tivemos duas eleições presidenciais que merecem ser ressaltadas. Dilma Rousseff (PT) foi eleita presidente na eleição de 2010, vencendo no segundo turno José Serra (PSDB), tornando-se assim a primeira mulher a governar o Brasil. Posteriormente, em 2014, foi reeleita com uma vitória sobre Aécio Neves (PSDB), também na segunda parte da competição eleitoral. Dilma Rousseff, porém, não terminou o segundo mandato, em razão da aprovação de seu impeachment no Congresso Nacional. Ocasão em que Michel Temer, vice-presidente, assumiu o Poder Executivo Federal.

Observando o Congresso Nacional, verifica-se a presença do PMDB na presidência do Senado Federal, tanto em 2006, com o senador Renan Calheiros, como em 2018, com o senador Eunício Oliveira. No entanto, o quadro mudou no início de 2019, com a vitória de Davi Alcolumbre (DEM) sobre Renan Calheiros (PMDB), na eleição da mesa diretora do Senado. Na Câmara dos Deputados, por sua vez, ganhou destaque em 2018 a presença do deputado Rodrigo Maia (DEM), no cargo de presidente da casa, com o apoio do Governo Temer. No ano seguinte, já no

3. Norberto Bobbio lembra que “direita” e “esquerda” são termos antitéticos que há mais de dois séculos têm sido habitualmente empregados para designar o contraste entre ideologias e entre os movimentos em que se divide o universo, eminentemente conflitual, do pensamento e das ações políticas” (Bobbio, 1995: 29). O pensador italiano afirma também que “o critério mais frequentemente adotado para distinguir a direita da esquerda é a diversa postura que os homens organizados em sociedade assumem diante do ideal de igualdade” (Bobbio, 1995: 95). Nessa perspectiva teórica, um ator social dito de esquerda privilegia na ação política a eliminação ou redução da desigualdade que se manifesta no país, nas suas diferentes formas.

Governo Bolsonaro, o deputado do estado do Rio de Janeiro foi novamente eleito para comandar a casa legislativa. Em 2006, Aldo Rebelo (PCdoB) ocupou posição semelhante, com o apoio do Governo Lula.

No final do período estudado, observa-se um declínio do PMDB no Congresso Nacional, acentuado na legislatura seguinte por conta dos números desfavoráveis ao partido político nas eleições de 2018.

Em 2006, a ministra Elle Gracie, que havia sido indicada para o STF pelo presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB), tornou-se a primeira mulher a ocupar a presidência da instituição no biênio (2006-2008). Em 2018, o ministro Dias Toffoli, que chegara ao STF por indicação do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, foi eleito presidente do STF no biênio (2018-2020).

Ainda no plano político e institucional nacional, dois acontecimentos devem ser comentados pela sua reverberação e por seus desdobramentos políticos no país, com forte repercussão na juventude brasileira. De fato, as “Manifestações de Junho de 2013” e a “Operação Lava Jato” ainda serão discutidas por muito tempo, exigindo atenção dos cientistas sociais.

Em junho de 2013, tivemos grandes manifestações de rua nas principais cidades brasileiras. No início, pequenos grupos de estudantes lutavam contra o aumento nas passagens de ônibus, aprovado pelos prefeitos das capitais. Com a repressão policial em alguns estados, os protestos explodiram e ganharam uma dinâmica semelhante a eventos políticos ocorridos em outros lugares do mundo.⁴

Pesquisa Nacional realizada pelo Ibope, no dia 20 de junho de 2013, auge das manifestações pelo Brasil, mostrou elevada participação do público jovem. A parcela majoritária da amostra dos manifestantes, um total de 43%, declarou ter entre 14 e 24 anos, e um segundo grupo, representando 20% dos entrevistados, disseram estar na faixa etária de 25 a 29 anos. Destaca-se também uma baixíssima identificação dos que foram às ruas com os partidos políticos existentes, com 89% dos pesquisados respondendo negativamente ao questionamento: “Você acha que algum partido político representa você?” (G1, 2013). Mesmo que se possa atribuir o alto percentual atingido ao calor das manifestações, será difícil deixar de

4. Manuel Castells compara as manifestações de junho de 2013 àquelas ocorridas no mundo árabe, na Espanha, nos Estados Unidos, entre outras. Adverte que “por toda a parte, surgiram um sonho e um projeto: reinventar a democracia, encontrar maneiras que possibilitem aos seres humanos administrar coletivamente suas vidas de acordo com os princípios amplamente compartilhados em suas mentes e em geral negligenciados na sua experiência diária” (Castells, 2013: 176-177).

lado a hipótese de que se trata de uma evidência da crise de representação política no país.

Ainda com relação aos resultados da pesquisa Ibope, 86% dos entrevistados disseram que se mobilizaram pelas redes sociais. Em outras palavras, a convocação para os atos públicos aconteceu sem passar pelo crivo dos atores políticos tradicionais, como partidos políticos, centrais sindicais ou movimentos sociais. Além disso, os protestos se dirigiam principalmente “contra o aumento da passagem de ônibus”, “contra a corrupção/desvio de dinheiro público”, “contra os gastos públicos com a Copa do Mundo de 2014”, e em defesa de “melhorias na saúde e na educação” (G1, 2013). Uma agenda, portanto, que reivindicava melhores serviços públicos (transporte, saúde e educação), combate à corrupção, e uma crítica pela opção de construir estádios de futebol “padrão FIFA”, em boa parte do território nacional, quando faltavam recursos para atender aos direitos sociais definidos no texto constitucional (Brasil, 2008: 11-14).

A Operação Lava Jato⁵ iniciada em março de 2014, liderada pela força-tarefa do Ministério Público Federal (MPF), sediada em Curitiba, no Paraná, foi igualmente um evento com grande repercussão nacional, e que marcaria uma mudança relevante no contexto histórico entre 2006 e 2018. Com suas fases sucessivas e o avanço das investigações, a Operação Lava Jato se expandiu para os estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, e Distrito Federal. Denúncias do MPF à primeira instância da Justiça Federal, nas unidades estaduais citadas, atingiram políticos renomados e grandes empresários brasileiros. Muitas das ações judiciais tramitaram também nos tribunais superiores, como Superior Tribunal de Justiça (STJ) e no Supremo Tribunal Federal (STF), quando se tratava de investigações envolvendo pessoas com foro por prerrogativa de função.

Não se deve esquecer que o papel desempenhado pelo Ministério Público Federal nas investigações e na denúncia dos envolvidos nos ilícitos ocorridos na área governamental está amparado pela Constituição de 1988, arts. 127, 128, 129 e 130 (Brasil, 2008). A instituição foi fortalecida no contexto da redemocratização do país. Para alguns, a

5. A primeira fase da Operação Lava Jato foi iniciada em 17 de março de 2014, como resultado de investigação envolvendo o Ministério Público Federal (MPF), em Curitiba, que apontava para práticas de lavagem de dinheiro de quatro organizações comandadas por doleiros (MPF, 2020b). A denominação “Lava Jato”, que foi consagrada pela mídia e pela sociedade, é uma referência ao “uso de uma rede de postos de combustíveis e lava jato de automóveis para movimentar recursos ilícitos pertencentes a uma das organizações criminosas inicialmente investigadas” (MPF, 2020a).

Constituição e a legislação infraconstitucional propiciaram que o Ministério Público ocupasse um lugar de destaque no controle das demais instituições públicas e na defesa da cidadania. (...) A instituição brasileira combina as atribuições de promotoria pública – com capacidade de agir na área penal, possuindo monopólio da ação penal – com as atribuições de investigar, denunciar e atuar em questões que envolvam direitos constitucionais. (Sadek, 2008: 544)

A Operação Lava Jato recebeu grande apoio popular no país, o que pode ser verificado nas sucessivas sondagens realizadas por institutos de pesquisa de opinião pública nos últimos anos. Em 2019, nos dias 2 e 3 de abril, quando já tinham sido completados cinco anos do início das investigações, o Instituto Datafolha perguntou como a população brasileira avaliava o trabalho da Lava Jato (Datafolha, 2019: 14-17). Naquela ocasião, 61% dos entrevistados, com 16 anos ou mais, avaliavam o trabalho da Lava Jato como ótimo ou bom, em contraposição aos 18% que consideravam seu desempenho como ruim ou péssimo. Um apoio significativo. Ainda mais importante depois do processo eleitoral de 2018, quando a Operação Lava Jato foi duramente criticada pelos seus adversários no mundo político e jurídico.

Ainda na mesma enquete, quando se observa o recorte por faixa etária, verifica-se uma na faixa etária entre 16 e 24 anos uma aprovação (54% de ótimo e bom) superior à reprovação (21% de ruim e péssimo), o que mostra uma avaliação positiva também entre o público jovem no Brasil (Datafolha, 2019: 14).

No estado do Rio de Janeiro, as investigações da Operação Lava Jato atingiram duramente os governos estaduais do PMDB, especialmente os governadores Sergio Cabral (2007-2014) e Luiz Fernando Pezão (2014-2018). Como desdobramento, o ciclo do PMDB chegou ao fim na eleição estadual de 2018. O candidato Wilson Witzel (PSC) saiu vitorioso na disputa para governador, sendo beneficiado, em boa medida, pelo amplo sentimento de renovação de lideranças políticas presente no eleitorado fluminense.

Dificuldades adicionais na economia e no campo social

As persistências e diferenças entre os contextos históricos de 2006 e 2008, no Brasil e no estado do Rio de Janeiro, podem ser percebidas, mesmo que

numa análise preliminar, quando se discutem alguns indicadores econômicos e sociais centrais para avaliar o desenvolvimento brasileiro.⁶

A Tabela 1 mostra, para o ano de 2006, que no Governo Lula o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) chegou a 4,0%, refletindo momento favorável da economia brasileira no comércio exterior e no mercado interno. A crise financeira internacional de 2007-2008, e a recessão que atingiu o Brasil em 2015 e 2016 alteraram drasticamente a trajetória da economia nacional, fazendo com que a ideia de “década perdida” voltasse ao noticiário no final da década de 2010. Em 2018, no Governo Temer, o crescimento do PIB alcançou modestos 1,1%, refletindo o novo patamar da dinâmica econômica.

Como desdobramento da desaceleração econômica, o número de pessoas sem ocupação avançou entre os anos de 2006 e 2018, com a taxa média anual de desemprego variando de 8,5% para 12,3% ao longo do período, como revela a Tabela 1. Entretanto, segundo o IBGE, no quarto trimestre de 2018, “a taxa de desocupação dos jovens de 18 a 24 anos de idade (25,2%) apresentou patamar elevado em relação à taxa média total (11,6%)” (IBGE, 2019a: 30). A juventude brasileira encontrou obstáculos para a inserção no mercado de trabalho.

Tabela 1
Indicadores econômicos e sociais do Brasil, em 2006 e 2018

BRASIL		
Indicadores	2006	2018
Crescimento anual do Produto Interno Bruto (%) (1)	4,0	1,1
Taxa Média Anual de Desemprego (%) (2)	8,5	12,3
Coefficiente de Gini da renda domiciliar <i>per capita</i>	0,559 (3)	0,545 (4)
Taxa de Homicídios por 100 mil habitantes Brasil (5)	26,61	31,59
Taxa de Homicídios por 100 mil jovens na faixa etária de 15 a 29 anos de idade (5)	52,5	60,4

Fontes: (1) www.bcb.com.br; (2) www.ibge.gov.br; (3) Soares, 2008; (4) Barbosa; Souza; Soares, 2020; (5) IPEA, 2018; IPEA, 2020.

6. O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) tem trazido contribuição relevante para o debate sobre desenvolvimento, inclusive tendo criado, em 1990, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Mas, para além dos aspectos quantitativos envolvidos, por influência do pensamento de Amartya Sen (2000), o PNUD apresenta uma reflexão estimulante, e que será adotada neste trabalho: “O desenvolvimento humano tem a ver com a habilitação das pessoas para que tenham vidas longas, saudáveis, instruídas e gratificantes. O desenvolvimento humano sustentável tem a ver com a garantia de que as gerações futuras possam fazer o mesmo. O desenvolvimento humano, se não for sustentável, não é verdadeiramente desenvolvimento humano” (PNUD, 2010: 19).

O estado do Rio de Janeiro foi uma das unidades da federação mais impactadas no cenário econômico adverso do país, principalmente a partir de 2016, quando terminaram as obras de infraestrutura para a Copa do Mundo de 2014 e a Olimpíada de 2016 (Vieira, 2020). Aliás, quando se compara o desempenho econômico do Rio de Janeiro com os demais estados, por variação acumulada em volume do PIB, no período de 2002 a 2017, verifica-se que se encontra na última posição (IBGE, 2019b: 5-7). Além disso, a grave situação das finanças públicas fez o governo estadual decretar, em 2016, estado de calamidade pública (G1, 2016). Entre 2006 e 2018, houve uma piora significativa da economia fluminense.

Depois de um período de queda sustentada, entre 1996 e 2015, o coeficiente de Gini da renda domiciliar *per capita* do Brasil parou de cair – o que significa uma má notícia, porque quanto menor o número, melhor a distribuição de renda no país (Soares, 2008; Barbosa; Souza; Soares, 2020). Entretanto, mesmo considerando a melhoria verificada no período citado, o Índice de Gini brasileiro, em 2018, era de 0,545, como pode ser visto na Tabela 1. Patamar muito elevado na comparação internacional, e mesmo em relação a vários países da América Latina e Caribe (PNUD, 2019: 294-297).

Os indicadores de crescimento econômico e desemprego em 2018, portanto, eram mais desfavoráveis do que aqueles em 2006. A concentração de renda em 2006 era também muito elevada, mas havia uma tendência de quedas incrementais ano a ano, o que já não acontecia no último ano do período considerado. No primeiro ano do Governo Bolsonaro, cabe o registro, as estatísticas continuaram apontando os mesmos problemas.⁷

Não poderiam faltar nesta discussão algumas estatísticas da série “Atlas da Violência”, elaborada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, que são descritas na Tabela 1. Observa-se a presença de altas taxas de homicídios por 100 mil habitantes no Brasil, em 2006 e 2018, com pequena piora no último ano do período, passando de 26,6 para 27,8. Quadro mais dramático é verificado quando se aborda a taxa de homicídios por 100 mil jovens na faixa etária de 15 a 29 anos de idade. Nesse

7. Segundo o IBGE, o PIB em 2019 cresceu 1,1% (IBGE, 2020). Alguns estudos apontam que o coeficiente de Gini continuou aumentando em 2019 (Neri, 2019).

particular, em 2006, para o Brasil como um todo, o número registrado foi de 52,5, que passou para 60,4 em 2018 (IPEA; FBSP, 2018; IPEA, 2020).

O estado do Rio de Janeiro encontra-se em situação pior do que a média nacional, segundo o mesmo “Atlas da Violência”. Em 2006, a unidade estadual tinha uma taxa de homicídios por 100 mil habitantes de 47,5, que caiu para 37,6 em 2018. Quando se analisa a taxa de homicídios por 100 mil jovens na faixa etária de 15 a 29 anos de idade, o estado do Rio de Janeiro tem uma taxa que varia 104,7, em 2006, para 96,5, em 2018 (IPEA; FBSP, 2018; IPEA, 2020). Números estarrecedores. Jovens vidas perdidas, futuros destruídos, e um sofrimento incalculável das famílias. Isso para não falar do medo que atinge outros jovens moradores de áreas urbanas, nas quais o poder público estadual não é capaz de assegurar direitos civis básicos, como o direito à vida, liberdade de expressão, liberdade de associativismo, liberdade de ir e vir, entre outros.⁸

As estatísticas mostram a gravidade da situação nos dois anos selecionados. Mas elas não conseguem evidenciar a piora na área de segurança pública no estado do Rio de Janeiro, no período de 2006 a 2018. Não é o momento de aprofundar o debate sobre o tema. Porém, não se pode esquecer que em 2010 existia uma expectativa positiva em grande parte da população, por conta do projeto do governo estadual de implantação da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) em comunidades cariocas, e em algumas cidades da região metropolitana. Política pública que favoreceu a reeleição do então governador Sergio Cabral, no mesmo ano de 2010, no primeiro turno da eleição estadual (*O Globo*, 2010). Em 2018, o projeto das UPPS não mais se sustentava, a ponto de o governador Luiz Fernando Pezão ter concordado com a intervenção federal na área de segurança pública (*Correio Braziliense*, 2018)

Para concluir a análise das semelhanças e diferenças entre os contextos históricos de 2006 e 2008, será útil abordar a evolução da percepção social sobre os principais problemas nacionais. O Instituto Datafolha tem feito sondagens regulares sobre esse aspecto da realidade brasileira, cujos resultados estão descritos na Tabela 2.

8. José Murilo de Carvalho tem chamado a atenção para a problemática evolução dos direitos civis no Brasil, inclusive na cidade do Rio de Janeiro (Carvalho, 2002).

No segundo ano do Governo Fernando Henrique Cardoso, em pesquisa realizada em 26/06/1996, os principais problemas do país relacionados ao governo federal, de acordo com a percepção da sociedade, eram desemprego (33%) e saúde (15%). No final do segundo mandato, em dezembro de 2002, o desemprego continuava como principal problema brasileiro (34%), seguido da fome/miséria (15%) e violência/segurança (14%).

Tabela 2

Evolução da percepção social sobre o principal problema do país, segundo a pesquisa Datafolha em períodos selecionados (resposta espontânea e única)

Datafolha/ Período de Realização	Principal problema do país (resposta espontânea e única, %)					
	Desemprego	Fome/ Miséria	Violência/ Segurança/	Saúde	Educação	Corrupção
24 e 25/06/ 1996 (1)	33	7	2	15	8	4
09 a 11/12/ 2002 (1)	34	15	14	7	3	2
13/12/2006 (2)	27	8	16	17	9	6
17 a 19/11/ 2010 (2)	9	6	23	28	9	6
02 e 03/12/ 2014 (3)	4	1	18	43	9	9
03 a 05/02/ 2015 (3)	6	2	14	26	9	21
25 a 26/11/ 2015 (3)	10	2	8	16	8	34
10/09/ 2018 (4)	14	1	20	23	12	14

Fontes: Datafolha, 2015; G1, 2018a; (1) Governo Fernando Henrique Cardoso; (2) Governo Luís Inácio Lula da Silva; (3) Governo Dilma Rousseff; (4) Governo Temer.

Durante o Governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva, no final do primeiro mandato, em dezembro de 2006, o desemprego permanecia como o principal problema (27%), mas a saúde ganhava relevância (17%), vindo logo atrás violência/segurança (16%). No fim do segundo mandato,

em novembro de 2010, o desemprego perde espaço na agenda social, ganhando importância saúde (28%) e violência/segurança (27%).

Por ocasião do Governo Dilma Rousseff, o tema da corrupção tornou-se o principal problema do país. Em dezembro de 2014, no final do primeiro mandato, os principais problemas apontados pela população eram: saúde (43%) e violência/segurança (18%). Nesse momento, a corrupção aparece em terceiro lugar, com 9% das respostas, empatada com educação. Mudança expressiva acontece logo no início do segundo mandato, em fevereiro de 2015, quando a corrupção aparece como o segundo problema mais citado (21%), se aproximando da questão da saúde (26%). Em novembro de 2015, o Instituto Datafolha registrou, pela primeira vez na série histórica, iniciada em 24 e 25/06/1996, a corrupção como principal problema sob a responsabilidade do governo federal, sendo opção de 34% dos entrevistados, seguida de saúde (16%) e desemprego (10%).

Tudo indica que a Operação Lava Jato fez aumentar a percepção social sobre o problema da corrupção no país, na medida em que avançaram as investigações e ocorreram as sucessivas fases com forte repercussão midiática.

No final do Governo Temer, em enquete realizada no dia 10/09/2018, pouco antes do primeiro turno da eleição presidencial, os principais problemas do país eram os seguintes: saúde (23%), violência (20%), corrupção (14%), desemprego (14%) e educação (12%). A comparação entre 2006, Governo Lula, e 2018, Governo Temer, indica que a saúde, a corrupção e a violência/segurança ganharam maior atenção da sociedade brasileira. A educação permaneceu em igual patamar. Com relação ao desemprego, é importante notar que se tratava da maior preocupação em 1996, 2002 e 2006. Entretanto, deixou de ser um dos principais problemas nos anos posteriores a 2006, voltando a crescer de importância a partir de 2015, quando o país mergulhou numa recessão.

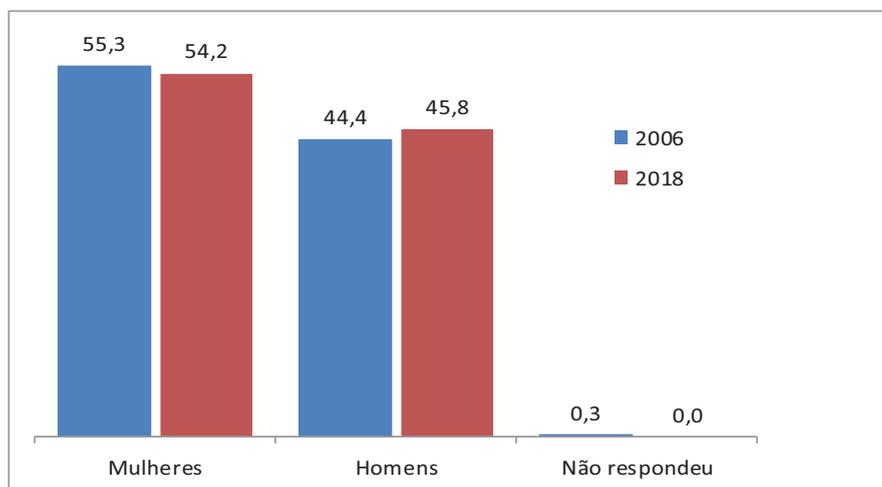
Mudanças e continuidades entre os estudantes de graduação da PUC-Rio

Depois de mais de 12 anos da pesquisa pioneira sobre o perfil dos estudantes de graduação da PUC-Rio (Pedrosa-Pádua; Mello, 2010), o

Departamento de Teologia e o Departamento de Ciências Sociais da universidade realizaram nova pesquisa por amostra no segundo semestre de 2018. As reações às questões formuladas e as comparações realizadas entre os dois anos de referência permitem especular sobre o processo de formação de uma agenda estudantil, que retrata o contexto histórico nacional e estadual, e os valores e as práticas presentes no ambiente universitário.

O Gráfico 1 diz respeito ao perfil dos estudantes que responderam ao questionário. É possível observar pequenas mudanças entre 2006 e 2018, no quesito “sexo/gênero”. Houve um avanço do público masculino, embora as mulheres continuassem sendo maioria.

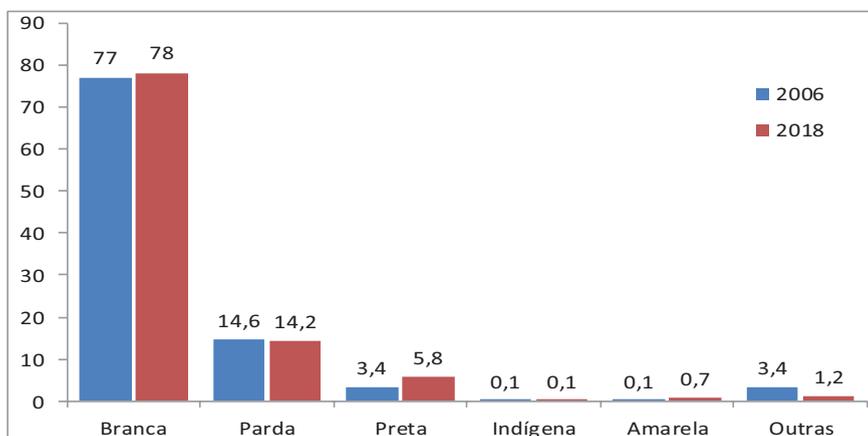
Gráfico 1
Estudantes de Graduação da PUC-Rio, por sexo, em 2006 e 2018



Fonte: Pesquisa sobre perfil dos estudantes de graduação da PUC-Rio em 2006 e 2018.

Ainda com relação às características do corpo discente consultado, o Gráfico 2, que segue as opções oferecidas nas pesquisas realizadas pelo IBGE, indica uma continuidade, pois uma ampla maioria se declara de cor branca em 2018, perfazendo um total de 78%. O público jovem que se identifica com a cor parda se manteve estável, e cresceu o número de estudantes que se declaram de cor preta.

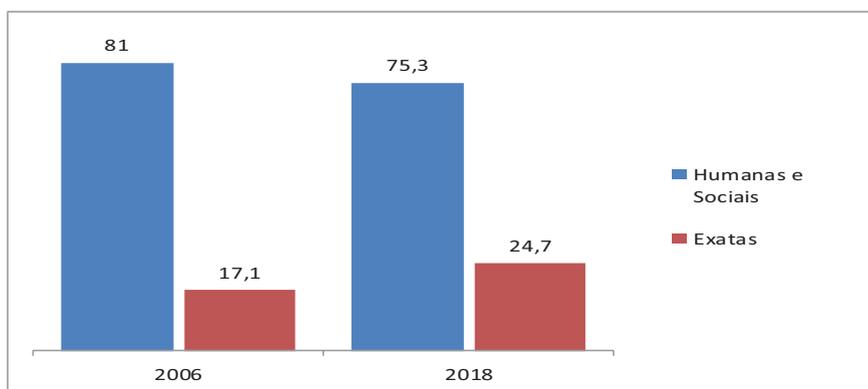
Gráfico 2
Estudantes de Graduação da PUC-Rio, por cor/raça, em 2006 e 2018



Fonte: Pesquisa sobre perfil dos estudantes de graduação da PUC-Rio em 2006 e 2018.

O Gráfico 3 mostra que cresceu de 17,1% para 24,7%, no período entre as duas pesquisas, a participação dos estudantes da área de Ciências Exatas, que pertencem aos departamentos ligados ao Centro Técnico Científico (CTC). Entretanto, mesmo com a redução constatada, continua amplamente majoritário o corpo discente ligado aos departamentos do Centro de Ciências Sociais (CCS) e do Centro de Teologia e Ciências Humanas (CTCH), totalizando 74,3% dos consultados em 2018.

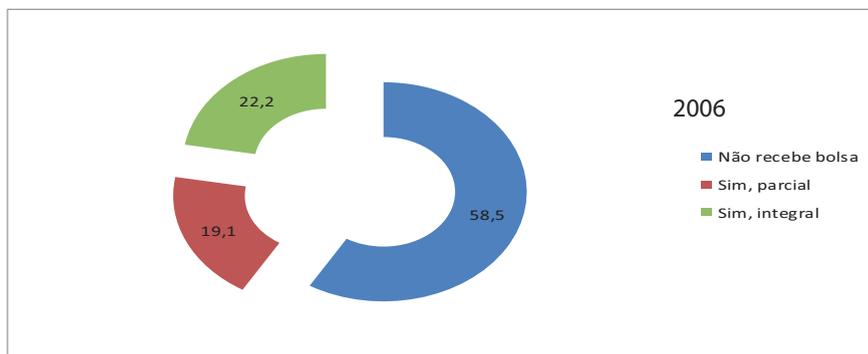
Gráfico 3
Estudante de graduação da PUC-Rio, por grande área do curso



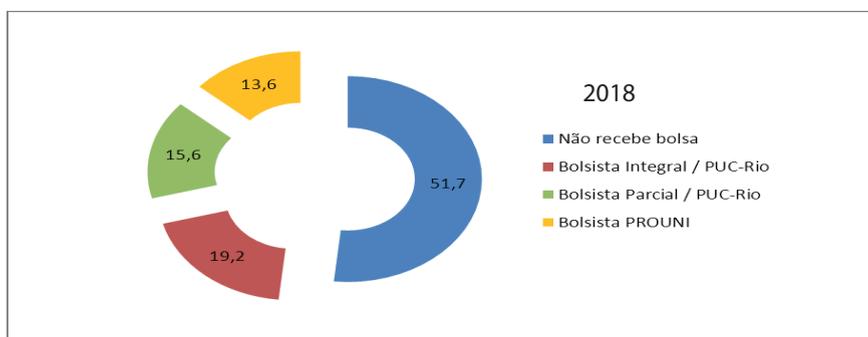
Fonte: Pesquisa sobre perfil dos estudantes de graduação da PUC-Rio em 2006 e 2018.

Gráficos 4 e 5

Condição do estudante de graduação da PUC-Rio, em relação a recebimento de bolsa de estudo e de participação no Programa Universidade para Todos



Fonte: Pesquisa sobre perfil dos estudantes de graduação da PUC-Rio em 2006.

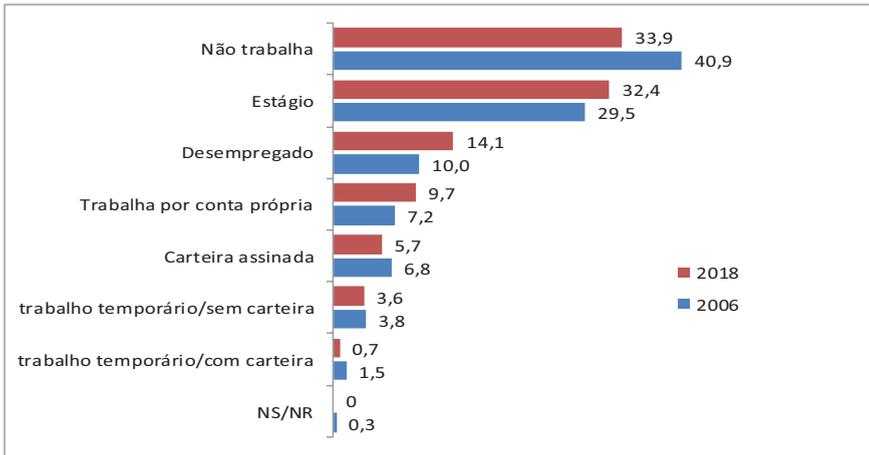


Fonte: Pesquisa sobre perfil dos estudantes de graduação da PUC-Rio em 2018.

Os Gráficos 4 e 5, relativos aos anos de 2006 e 2018, respectivamente, mostram, em 2018, uma redução do número dos estudantes pagantes, aqueles que não recebem bolsa de estudos (integral ou parcial). Em 2006, esse contingente de estudantes chegava 58,5% do total, caindo para 51,7%, 12 anos depois. Conseqüentemente, aumentou o público jovem que tem algum tipo de bolsa de estudo na PUC-Rio – um total de 48,3% em 2018, incluindo nessa soma os bolsistas do Programa Universidade para Todos (ProUni), que foi criado em 2004 e oficializado no ano seguinte (ProUni, [s.d.]). Isso significa que a universidade está dividida ao meio, entre bolsistas e não bolsistas. A ampliação dos jovens universitários beneficiados reflete, por um lado, o aumento da demanda, em decorrência da desaceleração econômica do país, e da do estado do Rio de Janeiro, discutida anteriormente. Mas, por outro

lado, retrata também a decisão da própria instituição de ensino, de continuar oferecendo suas próprias bolsas de estudos.

Gráfico 6
**Estudante de graduação da PUC-Rio,
segundo inserção no mercado de trabalho, em 2006 e 2018**

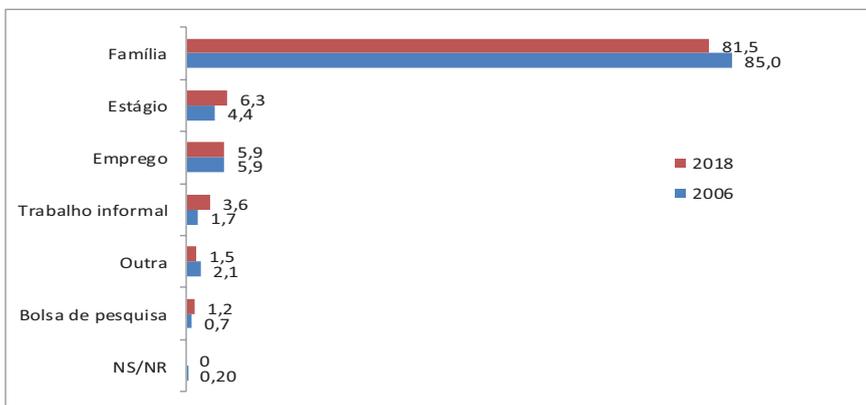


Fonte: Pesquisa sobre perfil dos estudantes de graduação da PUC-Rio em 2006 e 2018.

O Gráfico 6 revela que diminuiu o total de estudantes que não trabalham. Esse contingente passou de 40,9%, em 2006, para 33,9%, em 2018. Uma queda expressiva que deve ter relação com o cenário econômico desfavorável a nível nacional e estadual, especialmente a partir de 2015. No entanto, verifica-se que o alunato tem maiores dificuldades de inserção no mercado de trabalho. Evidência disso é o aumento dos que se declaram desempregados, passando de 10,0% para 14,1%, no transcorrer do período estudado. Além disso, cresceu também os que dizem trabalhar por conta própria, saindo de 7,2%, em 2006, para 9,7%, em 2018.

Já o Gráfico 7, por sua vez, mostra que as famílias dos estudantes continuam sendo sua principal fonte de sustento, segundo um total de 81,5% dos respondentes, em 2018. Entretanto, houve um aumento no grupo que se declara menos dependente da família, composto por estudantes que fazem estágio, possuem emprego ou trabalham no setor informal. Esse contingente, que era de 12% em 2006, passou para 15,8%, em 2018. Resultado coerente com aquele do gráfico anterior. Mais estudantes sem depender financeiramente das respectivas famílias. Mais estudantes que trabalham e estudam.

Gráfico 7
Estudante de graduação da PUC-Rio,
segundo principal fonte de sustento do estudante, em 2006 e 2018



Fonte: Pesquisa sobre perfil dos estudantes de graduação da PUC-Rio em 2006 e 2018.

Tabela 3
Grau de satisfação dos estudantes de graduação da PUC-Rio,
em relação a temas selecionados, em 2006 e 2018 (*)

Autoavaliação (%)					
Temas / Ano 2006	Satisfeito	Pouco satisfeito	Insatisfeito	Não sabe	Não respondeu
Possibilidade atual de trabalho	32,6	34,0	26,1	7,0	0,3
Capacidade de tomar decisões	63,8	28,4	6,0	1,6	0,2
Temas / Ano 2018	Satisfeito	Pouco satisfeito	Insatisfeito	Não sabe	Não respondeu
Possibilidade atual de trabalho	29,1	30,9	26,8	6,6	6,6
Capacidade de tomar decisões	46,0	33,2	12,1	2,1	6,6
Curso na PUC-Rio em que está matriculado (1)	65,1	20,2	6,3	1,8	6,6

Fonte: Pesquisa sobre perfil dos estudantes de graduação da PUC-Rio em 2006 e 2018; (*) Pergunta do questionário de pesquisa: Em relação aos temas abaixo, indique seu grau de satisfação conforme a legenda; (1) Novo tema introduzido na pesquisa de 2018.

A Tabela 3 mostra uma autoavaliação dos estudantes para alguns temas escolhidos. Em 2018, os jovens estão menos satisfeitos com as possibilidades de inserção no mercado de trabalho, em comparação com 2006, o que está em sintonia com o cenário econômico do contexto histórico. Declinou também confiança com a capacidade de tomar decisões, que era elevada em 2006, 63,8% de satisfação, e caiu em 2018, alcançando 46,0%. A boa notícia foi o alto grau de satisfação com o curso em 2018.

A Tabela 4 destaca a participação social e política dos jovens universitários da PUC-Rio, nos anos de 2006 e 2018. Em 2006, as quatro atividades que mais mobilizavam os estudantes eram movimentos/grupos religiosos (15,7% das respostas encontradas), aquelas ligadas a associações de bairro ou de âmbito comunitário (9,1%), movimentos sociais relacionados com a causa ambiental (5,5%), e movimentos sociais muito ativos no espaço público, como MST, MTST, movimento negro ou movimento LGBT (5,2%).

Tabela 4

Participação social e política dos estudantes de graduação da PUC-Rio (*)

Estudantes de Graduação da PUC-Rio		
Participação em Atividades	2006	2018
Comunitária (associações de bairro, centro comunitário, mutirão)	9,1%	10,1%
Movimentos sociais (MST, MTST, Movimento Negro, LGBT)	5,2%	11,0%
Movimentos vinculados aos direitos humanos	3,4%	11,2%
Movimento de causa ambiental	5,5%	6,9%
Movimentos / grupos religiosos	15,7%	5,4%
Política partidária	1,8%	3,1%
Sindicato / Associação profissional	2,0%	0,7%

Fonte: Pesquisa sobre perfil dos estudantes de graduação da PUC-Rio em 2006 e 2018; (*) Pergunta do questionário de pesquisa: Você costuma participar de algumas dessas atividades, associação, organização e/ou movimento social (múltiplas respostas)?

Existem algumas mudanças em 2018. Uma delas é a diminuição da atenção dada aos movimentos/grupos religiosos (5,5%). Em compensação, aumentou significativamente o envolvimento do corpo discente com os movimentos sociais vinculados aos direitos humanos (11,2%), e com aqueles ligados à luta pela moradia, pela terra, e pelos direitos dos negros e dos integrantes do movimento LGBT (11,0%). Em 2018, o associativismo

comunitário continuou mobilizando o alunato (10,1%), como acontecia na pesquisa anterior (9,1%).

Na enquete mais recente, aumentou a participação estudantil em movimentos sociais vinculados à causa ambiental. Em 2018 essa alternativa foi citada por 6,9% dos respondentes, enquanto em 2006 o número alcançado chegou a 5,5%.

O envolvimento com política partidária permaneceu muito baixo em 2018 (3,1%), embora tenha sido registrado um crescimento. Não seria difícil concluir que os estudantes de graduação da PUC-Rio possuem maior inclinação para os movimentos sociais, em comparação com os partidos políticos. Isso não significa que não se interessem por política. Mas que optam por fazer política de uma forma distinta daqueles que priorizam a vida partidária, a disputa por cargos eletivos, e a participação nos governos ou nas assessorias parlamentares.

Ainda com relação aos números da Tabela 4, os resultados da pesquisa de 2018 estão em sintonia com a posição do público presente nas “Manifestações de Junho de 2013”, que, na sua ampla maioria, não se identificava com os partidos políticos brasileiros. Para os jovens universitários da PUC-Rio, os movimentos sociais são mais atrativos, provavelmente por se tratar de organizações menos hierarquizadas, nas quais os participantes se sentem minimamente prestigiados, e que permitem diferentes tipos de envolvimento. Muitas hipóteses podem ser formuladas para explicar essa opção. E que devem ser exploradas em uma investigação posterior. Entre elas, poderia ser lembrada aquela que aponta para o surgimento dos Coletivos de Estudantes (Nuvem Negra, Madame Satã, de Mulheres, Bastardos da PUC etc.), como fator relevante para o crescimento da adesão aos movimentos sociais.

Seria importante, porém, ressaltar um efeito negativo na opção feita pelos movimentos sociais em detrimento dos partidos políticos. Como já foi dito, o estado do Rio de Janeiro vive, nos últimos anos, uma crise de lideranças políticas que parece não ter fim. A renovação das agremiações partidárias e da lista de candidatos, nas eleições para os Poderes Executivo e Legislativo estadual e municipal, depende, em boa medida, do interesse da juventude universitária em se filiar a um partido político e, se houver vocação, disputar o voto popular.

Tabela 5
**Participação dos estudantes de graduação da PUC-Rio
 nas entidades estudantis, em 2018 (*)**

Estudantes de graduação da PUC-Rio	
Entidades estudantis	2018
Não participa	85,3%
Diretório Central dos Estudantes	2,5%
Centro Acadêmico do Curso	8,1%
Coletivos de Estudantes (Nuvem Negra, Madame Satã, de Mulheres, Bastardos da PUC, entre outros)	5,2%
Pastoral universitária	2,4%
Pré-vestibular PUC-Rio	1,2%

Fonte: Pesquisa sobre perfil dos estudantes de graduação da PUC-Rio em 2018; (*) Pergunta do questionário de pesquisa: Você costuma participar de alguma dessas entidades estudantis (múltiplas respostas)?

A Tabela 5 apresenta dados da participação do corpo discente nas entidades estudantis localizadas na PUC-Rio. Essa é uma questão nova, aparecendo pela primeira vez, de forma específica, na investigação de 2018. Observa-se que 85,3% dos estudantes consultados assinalaram a alternativa “não participa”, de modo que os demais, 14,7% da amostra, participam de uma ou mais das organizações abertas ao alunato da universidade. Entre os que dizem se envolver com as instituições de representação dos estudantes, sujeitas a eleições regulares, ganham destaque o Centro Acadêmico do Curso, sendo citado em 8,1% das respostas, bem à frente do Diretório Central dos Estudantes, com 2,5% das respostas. Isso pode significar que o Centro Acadêmico está mais próximo do corpo discente, no cotidiano do mundo universitário.

A experiência dos Coletivos de Estudantes é relativamente recente, surgindo no período entre as pesquisas de 2006 e 2018. Verifica-se que estão em processo de consolidação, aspecto sempre desafiador face ao tempo de permanência limitado dos estudantes de graduação. De qualquer forma, esse caminho de participação foi citado por 5,2% dos que responderam ao questionário, aproximadamente um terço dos que possuem algum vínculo com entidades estudantis.

Com relação aos valores mais importantes para os estudantes consultados, as opções mais assinaladas na pesquisa de 2018, seguindo o que aconteceu em 2006, foram “respeito às diferenças”, com 70,7%, “solidariedade”,

com 66,6%, “igualdade de oportunidades, com 62,4%, e “respeito ao meio ambiente”, com 60%, como pode ser visto na Tabela 6. As maiores mudanças entre os dois anos podem ser divididas em dois grupos. O primeiro aponta para valores em ascensão em 2018, em comparação com o outro ano de referência. Nesse caso, ganham destaque as alternativas “liberdade política”, com variação percentual positiva de 172,4%, “liberdade individual”, com 39,3% e “respeito às tradições”, com 30,2%. A opção “respeito ao meio ambiente” além de permanecer em alta, registrou crescimento de 12,4% em relação a 2016, o que significa um retorno expressivo dos esforços da Reitoria em dar prioridade ao tema.

Tabela 6

Valores mais importantes para os estudantes de Graduação da PUC-Rio, em 2006 e 2018, e a variação percentual entre os anos selecionados (*)

Valores	2006 (%)	2018 (%)	Varição percentual entre 2018 e 2006
Respeito às diferenças	72,8	70,7	-2,98%
Solidariedade	69,0	66,6	-3,5 %
Justiça social	63,8	47,5	-25,6%
Igualdade de oportunidades	61,8	62,4	+ 1,0%
Respeito ao meio ambiente	53,4	60,0	12,4%
Liberdade individual	35,6	49,6	39,3%
Liberdade política	23,2	63,2	172,4%
Autorrealização	18,0	13,5	-25,0%
Disciplina pessoal	16,7	11,8	-29,3%
Dedicação ao trabalho	16,0	8,4	-47,5%
Competência	11,4	10,9	-4,4%
Temor a Deus	10,8	7,5	-30,6%
Obediência às autoridades	9,6	5,4	-43,8%
Religiosidade	8,8	3,5	-60,2%
Autenticidade pessoal	7,6	6,4	-15,8%
Prazer pessoal	7,2	5,1	-29,2%
Respeito às tradições	4,3	5,6	30,23%

Fonte: Pesquisa sobre perfil dos estudantes de graduação da PUC-Rio em 2006 e 2018; (*) Pergunta do questionário de pesquisa: Na sua opinião, quais destes valores são os mais importantes para uma sociedade (aponte os cinco mais importantes)?

Um segundo grupo pode ser formado a partir das variações percentuais negativas, apontadas na Tabela 6, sinalizando o arrefecimento do prestígio de

algumas opções oferecidas em 2018. Nele estariam presentes as alternativas “religiosidade”, com redução de 60,2% em relação a 2016, “dedicação ao trabalho”, com 47,5%, “obediência às autoridades”, com 43,8%, “temor a Deus”, com 30,6%, “disciplina pessoal”, com 29,3%, “prazer pessoal”, com 29,2% e “justiça social”, com diminuição de 25,6%.

Naturalmente, a Tabela 6 exigiria uma abordagem multidisciplinar. Além disso, para entender melhor as razões de algumas significativas variações, seria desejável complementar a pesquisa por amostra com outros métodos e técnicas de pesquisa das Ciências Sociais, de caráter mais qualitativo, como história oral, observação participante ou grupo focal.

Entretanto, podem ser feitas algumas análises preliminares, abordando apenas aqueles valores com repercussão no campo político. Nesse sentido, o expressivo crescimento da opção “liberdade política” refletiu o ambiente da eleição presidencial de 2018, muito marcado pelo debate em defesa da democracia representativa no Brasil. É bom lembrar que pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha, em 3 e 4 de outubro de 2018, registra o maior apoio na série histórica da opção “Democracia é sempre melhor do que qualquer forma de governo”. Na população em geral, a alternativa foi assinalada por 69% dos entrevistados, enquanto na faixa etária de 16 a 24 anos, que reúne a juventude brasileira, a adesão chegou a 74% (Datafolha, 2018: 22). Evidência de que o contexto histórico influenciou os universitários da PUC-Rio.

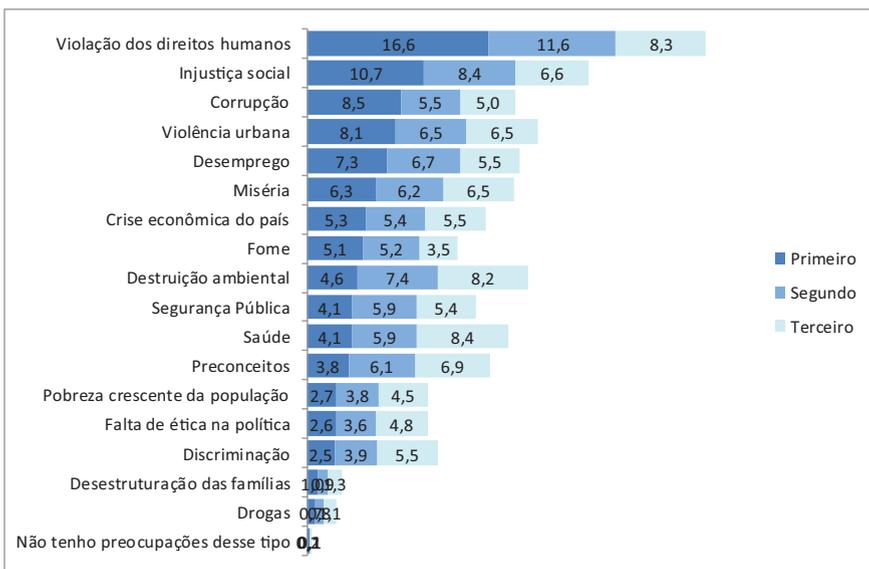
Algumas opções que continuaram em alta em 2018 – como “respeito às diferenças”, “liberdade individual” e “igualdade de oportunidades” –, que traduzem aspectos centrais do pensamento político liberal (Bobbio, 1992). Mas isso não entra em contradição com a expansão dos Coletivos de Estudantes, porque, embora estejam majoritariamente engajados no combate à desigualdade econômica, o que os situam no campo da esquerda (Bobbio, 1995), não podem dispensar a luta pela expansão dos direitos civis no país e no estado do Rio de Janeiro.

Entre tantos valores cultivados no ambiente da PUC-Rio, no período entre 2006 e 2018, vale a pena tecer considerações sobre as opções “dedicação ao trabalho” e “justiça social”, que apresentaram declínio em 2018. É provável que as dificuldades da inserção do jovem universitário no mercado de trabalho, como foi visto anteriormente, tenham influenciado o resultado. Por sua vez, a queda na opção “justiça social” talvez sinalize para a necessidade de a universidade, especialmente os departamentos do CCS

e CTCH, e as entidades estudantis apoiarem o debate de pautas antigas, infelizmente ainda necessárias. Temas como combate à pobreza, moradia, transporte público, saneamento básico, saúde e educação pública, entre outros, devem ter espaço no mundo universitário.

O Gráfico 8 apresenta os principais problemas do país na perspectiva dos estudantes de graduação da PUC-Rio, em 2018. Duas observações devem ser feitas inicialmente. Em razão de alguns problemas verificados nas respostas em 2006 (Pedrosa-Pádua; Mello, 2010: 31), optou-se por trabalhar com os números de 2018. Além disso, o Gráfico 8 procura organizar os resultados dispondo, para cada uma das alternativas assinaladas, da esquerda para a direita, o percentual como primeira, segunda e terceira escolha. Dessa forma, observa-se que as mais citadas em primeiro lugar foram “Violação dos direitos humanos” (16,6%), “Injustiça social (10,7%) e Corrupção” (8,5%), “Violência urbana” (8,1%), “Desemprego” (7,3%) e “Miséria” (6,3%).

Gráfico 8
Estudantes de graduação da PUC-Rio e os problemas do país, em 2018 (*)



Fonte: Pesquisa sobre perfil dos estudantes de graduação da PUC-Rio em 2018; (*) Proposição do questionário de pesquisa: Assinale os 3 problemas sociais abaixo que mais preocupam você (em ordem de importância, ou seja, em 1º, 2º e 3º lugar).

Comparar os resultados da pesquisa sobre a juventude da PUC-Rio, realizada nos meses de outubro e novembro de 2018, com a sondagem nacional realizada pelo Instituto Datafolha, em 10 de setembro de 2018, a respeito dos principais problemas do país, revela algumas coincidências. Para que fosse possível a comparação entre as duas investigações, trabalhamos com as primeiras escolhas dos estudantes da PUC-Rio, e somamos os percentuais alcançados pelas alternativas “Miséria” (6,3%) e “Fome” (5,1%), e também somamos aqueles atribuídos às opções “Violência urbana” (8,1%) e “Segurança pública” (4,1%). Dessa forma, foi possível chegar à Tabela 7.

A Tabela 7 mostra que nas duas pesquisas a opção “Violência/Segurança Pública” aparece na segunda posição entre os principais problemas. Enquanto as alternativas “Desemprego”, “Corrupção”, “Economia” e “Fome/Miséria” assumem posições próximas nas duas enquetes. O que sinaliza para a influência do contexto histórico, ou do ambiente externo, nos estudantes de graduação da PUC-Rio. Entretanto, a dinâmica própria da vida universitária na PUC-Rio também conta, o que justifica a presença de temas mais particulares como “Violação dos Direitos Humanos”, “Injustiça Social” e “Meio Ambiente (ou Destruição Ambiental)”.

Tabela 7
**Comparação das pesquisas na PUC-Rio
 com as sondagens nacionais do Datafolha, para 2018**

Principais problemas	Posição alcançada na Pesquisa PUC-Rio 2018	Datafolha 2018 (%)
Violação dos direitos humanos	1ª	-
Injustiça social	4ª	-
Saúde	9ª	1ª.
Violência + Segurança Pública	2ª	2ª.
Desemprego	6ª.	3ª.
Corrupção	5ª.	4ª.
Educação	-	5ª.
Economia	7ª.	6ª.
Fome + Miséria	3ª.	7ª.
Meio Ambiente	8ª.	-

Fonte: Pesquisa sobre perfil dos estudantes de graduação da PUC-Rio em 2018; G1, 2018.

Considerações finais

A comparação entre as *surveys* realizadas em 2006 e 2018, sobre os estudantes de graduação da PUC-Rio, exigiu que se recuperassem, minimamente, os respectivos contextos históricos. A universidade não ficou protegida dos problemas e dos desafios que mobilizaram o país, o estado do Rio de Janeiro e a própria capital no período em foco.

No plano político, ocorreu uma crescente polarização, que dividiu atores políticos, a sociedade e, muitas vezes, até mesmo o núcleo familiar. As “Manifestações de Junho de 2013” revelaram um descompasso entre a população e seus representantes no Legislativo e na área governamental, e também começaram a mostrar a força das redes sociais na comunicação política. Os sucessivos escândalos de corrupção na administração pública, nos três níveis federativos, atingiram alguns dos maiores partidos políticos brasileiros. Não seria exagero apontar para uma crise de lideranças políticas, que no estado do Rio de Janeiro ganhou contornos ainda mais dramáticos.

No plano econômico, os anos 2010 representaram, já se pode dizer, uma nova “década perdida”. Uma forte recessão em 2015 e 2016, e uma recuperação tímida nos anos seguintes, mantiveram o desemprego em alta e produziram um retrocesso na economia.

Já no plano social, observou-se a interrupção do ciclo de queda sustentada do coeficiente de Gini, com base na renda domiciliar *per capita*, ocorrido entre 1996 e 2015. O que significa que a desigualdade ainda permanece como um dos maiores desafios. O consumo das famílias avançou, sobretudo até o ano de 2010. Mas os serviços sociais avançaram bem menos. Além disso, entre 2006 e 2018, permaneceram as altas taxas de homicídios por 100 mil habitantes no Brasil, tendo o estado do Rio de Janeiro uma situação pior do que a média nacional.

A juventude brasileira, contingente populacional na faixa etária entre 15 e 29 anos, não passou incólume. Boa parte dela perdeu a confiança nos partidos e nas lideranças políticas. Enfrentou dificuldades adicionais na inserção no mercado de trabalho. Continuou sendo o grupo social mais atingido pela violência urbana. Mas, felizmente, pesquisas recentes indicam, como aquela do Datafolha do início de outubro de 2018, que os jovens continuam acreditando na democracia, como melhor forma de governo para a solução dos problemas brasileiros.

Os jovens universitários da PUC-Rio também foram atingidos pelos acontecimentos mencionados. O ambiente universitário desafiou o pessimismo, a lamentação e a resignação, usando de seus instrumentos mais contundentes: boas aulas, pesquisas inovadoras e relevantes, seminários estaduais, nacionais e internacionais produtivos, participação no debate público nacional, entre outros. E isso não pode ser desconsiderado.

Qual seria a agenda estudantil, tendo como referências as pesquisas realizadas em 2006 e 2018?

A universidade em 2018, quase na véspera dos seus 80 anos de fundação, continua na graduação com mais pessoas do sexo feminino do que masculino. Essa superioridade deve levar à promoção de debates sobre a questão da desigualdade de gênero no mercado de trabalho. Mais do que isso, como o sexo não determina, por si só, a identidade de gênero ou a orientação sexual de uma pessoa, o debate terá que ser ampliado para fazer frente às novas questões suscitadas.

As duas *surveys* de referência indicam que a grande maioria dos estudantes se declara de cor/raça branca. Entretanto, observa-se, em 2018, de acordo com as opções oferecidas nas pesquisas do IBGE, o crescimento dos estudantes que se dizem de cor preta. Essa mudança, e levando em conta também o surgimento e a atuação do Coletivo Nuvem Negra no período estudado, aponta para a intensificação do debate sobre as diferentes formas de discriminação e desigualdade racial na sociedade brasileira.

Os dados da pesquisa de 2018 mostraram um aumento das bolsas de estudos, de tal modo que a graduação da PUC-Rio está praticamente dividida ao meio entre não bolsistas, 51,7% do total, e bolsistas (parcial, integral e ProUni), com 48,3% dos estudantes. Esse quadro certamente foi influenciado por duas razões principais. Pela política de concessão de bolsas definida pela Reitoria da PUC-Rio, e implementada pela Vice-Reitoria para Assuntos Comunitários, anterior ao próprio ProUni. E também por conta da recessão econômica iniciada em 2015.

A pesquisa mais recente mostrou que existem mais estudantes procurando conciliar o trabalho com os estudos, de modo que diminuiu o contingente dos que não trabalham, passando de 40,9%, em 2006, para 33,9%, em 2018. Como isso se reflete nos diferentes cursos? Como a dinâmica de aula dos docentes será impactada? Deve haver ou não a criação de novos cursos noturnos? Essas são algumas questões pertinentes.

Uma boa notícia aparece na pesquisa por amostra realizada em 2018: um total de 65% dos estudantes consultados manifestou sua satisfação com o curso. Entretanto, um outro grupo deve ser melhor investigado, que corresponde aos 26,5% da amostra que assinalaram a opção “pouco satisfeito” ou “insatisfeito”.

Com relação à participação social e política dos estudantes de graduação, existem algumas mudanças em 2018, na comparação com 2006. Houve diminuição da atenção dada aos movimentos/grupos religiosos (5,5%), e aumentou o envolvimento do corpo discente com os movimentos sociais vinculados aos direitos humanos (11,2%), com aqueles ligados à luta pela moradia, pela terra e pelos direitos dos negros e dos integrantes do movimento LGBT (11,0%), e com os movimentos vinculados à causa ambiental (6,9%). Além disso, em 2018, o associativismo comunitário continuou mobilizando o alunato (10,1%), como acontecia na pesquisa anterior (9,1%), e o envolvimento com política partidária permaneceu muito baixo em 2018 (3,1%).

É fácil concluir que os jovens universitários da PUC-Rio possuem maior inclinação para os movimentos sociais e associações comunitárias, em comparação com os partidos políticos. Optam por fazer política de uma forma distinta daqueles que priorizam a vida partidária, a disputa por cargos eletivos, e a participação nos governos ou nas assessorias parlamentares. Uma consequência negativa disso pode ser apontada. O processo de renovação de lideranças políticas fica mais difícil, quando as novas gerações rejeitam a possibilidade de inserção nos partidos políticos.

Quando se analisa a participação do corpo discente nas entidades estudantis, em 2018, observa-se que 85,3% dos estudantes consultados não participam, enquanto os demais, 14,7% da amostra, participam de uma ou mais das organizações existentes. Isso coloca a ampliação da participação como um desafio para o alunato.

Entre os que se envolvem, as alternativas mais procuradas são o Centro Acadêmico do Curso, sendo citado em 8,1% das respostas, e os Coletivos de Estudantes, com 5,2% dos respondentes, bem à frente do Diretório Central dos Estudantes, com 2,5% das citações. A universidade tem acertado, nos últimos anos, ao ouvir mais os Coletivos. A Vice-Reitoria para Assuntos Comunitários é exemplo disso. Entretanto, talvez ainda precise interagir melhor com os Centros Acadêmicos dos Cursos. Nesse sentido, os diretores de departamentos podem ter um papel importante.

Com relação aos valores mais importantes para os estudantes pesquisados, as opções mais assinaladas na pesquisa de 2018, seguindo o que aconteceu em 2006, foram “respeito às diferenças”, com 70,7%, “solidariedade”, com 66,6%, e “igualdade de oportunidades”, com 62,4%, e “respeito ao meio ambiente”, com 60%. Os valores em ascensão no final do período foram “liberdade política”, com variação percentual positiva de 172,4%, “liberdade individual”, com 39,3%, “respeito às tradições”, com 30,2%, e “respeito ao meio ambiente”, com crescimento de 12,4% em relação a 2016.

O expressivo crescimento da opção “liberdade política” refletiu o ambiente da eleição presidencial de 2018, muito marcado pelo debate em defesa da democracia representativa no Brasil. Por sua vez, algumas opções que continuaram em alta em 2018 – como “respeito às diferenças”, “liberdade individual” e “igualdade de oportunidades” – traduzem aspectos centrais do pensamento político liberal. Entretanto, essa tendência não entra em contradição com a expansão dos Coletivos de Estudantes, porque, embora estejam majoritariamente engajados no combate à desigualdade econômica, o que os situam no campo da esquerda, todos eles cerram fileiras na luta pela expansão dos direitos civis no país e no estado do Rio de Janeiro.

Sobre os principais problemas do país, foi possível perceber, em 2018, a influência do contexto histórico e da agenda do país. Temas como “Violência/Segurança pública”, “Desemprego”, “Corrupção”, “Economia” e “Fome/Miséria”, que eram citados na percepção social mais geral, também apareceram nas alternativas assinaladas pelos estudantes de graduação da PUC-Rio. Entretanto, também conta a dinâmica própria da vida universitária, o que justifica a presença de outros temas, como “Violação dos direitos humanos”, “Injustiça Social” e “Destruição ambiental”.

Em outras palavras, na agenda estudantil estão contemplados temas mais universais, que traduzem preocupações da população brasileira, e especialmente dos moradores da região metropolitana do Rio de Janeiro. Mas estão presentes também questões intrínsecas ao ambiente universitário, marcado pelo pluralismo de ideias e diálogo permanente, com seus estímulos diversificados, com pautas em disputa, oriundas da reitoria e de vice-reitorias, dos decanatos, dos departamentos, das próprias entidades estudantis e dos estudantes em geral.

Esse processo de formação da agenda estudantil reúne aspectos conjunturais e outros mais permanentes. Mas, ao que parece, os tempos são de processos de mudanças mais duradouras, o que exige, por um lado, a

realização de pesquisas regulares, com intervalos menores que 12 anos, e por outro, a combinação de métodos e técnicas de pesquisa quantitativos e qualitativos, típicos das Ciências Sociais e de outros campos científicos.

Referências bibliográficas

- BABBIE, Earl. *Métodos de pesquisa de Survey*. Trad. Guilherme Cezarino. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1999.
- BARBOSA, Rogério; FERREIRA, Pedro de Souza; SOARES, Serguei. Desigualdade de renda no Brasil de 2012 a 2019. *Dados*, 16 jul. 2020. Disponível em <http://dados.iesp.uerj.br/desigualdade-brasil/>. Acesso em 6 set. 2020.
- BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento. *A política das políticas públicas: progresso econômico e social na América Latina – Relatório 2006*. Rio de Janeiro: Elsevier; Washington, DC: BID, 2007.
- BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. Trad. Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.
- _____. *A era dos direitos*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1992.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil: atualizada até a emenda constitucional de nº 56, de 20 de dezembro de 2017*. 41. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.
- BRASIL. *Plano Nacional de Juventude: proposta de atualização da minuta do Projeto de Lei nº 4.530/2004*. Brasília: Secretaria Nacional de Juventude (SNJ), 2018. Disponível em https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/bitstream/192/219/1/SNJ_atualiza%C3%A7%C3%A3o_plano_nacional_juventude_2018.pdf. Acesso em 4 set. 2020.
- CAPELLA, Ana Cláudia Niedhardt. *Formação da agenda governamental: perspectivas teóricas*. Caxambu, Minas Gerais, XXIX Encontro Anual da ANPOCS GT19 – Políticas Públicas, ago. 2005. Disponível em <https://www.anpocs.com/index.php/papers-29-encontro/gt-25/gt19-21/3789-acapella-formacao/file>. Acesso em 4 set. 2020.
- CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- DATAFOLHA. Corrupção lidera pela primeira vez a pauta de problemas do país. Pesquisa Datafolha dias 25 e 26 nov. 2015. *Instituto Datafolha*, 30 nov. 2015, Disponível em http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2015/11/30/avaliacao_dilma.pdf. Acesso em 11 jul. 2020.
- _____. Índice recorde vê democracia como a melhor forma de governo. *Datafolha*, out. 2018. Disponível em <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2018/10/05/8243d5308d78b278a50aee22acd0c018DD.pdf>. Acesso em 5 set. 2020.
- _____. Maioria (61%) considerada ótimo ou bom desempenho da Operação Lava Jato. Pesquisa Datafolha dias 2 e 3 de abril de 2019. *Instituto Datafolha*, 15 abr. 2019. Disponível em <http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2019/04/1987747-maioria-61-considera-otimo-om-bom-desempenho-da-operacao-lava-jato.shtml>. Acesso em 11 jul. 2020.
- G1. Veja pesquisa completa do Ibope sobre os manifestantes. *G1*, 24 jun. 2013. Disponível em <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/veja-integra-da-pesquisa-do-ibope-sobre-os-manifestantes.html>. Acesso em 4 set. 2020.

- _____. Desemprego entre os jovens é superior ao dobro da taxa geral, aponta IBGE. *G1*, 17 ago. 2018. Disponível em <https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/08/17/desemprego-entre-os-jovens-e-superior-ao-dobro-da-taxa-geral-aponta-ibge.ghtml>. Acesso em 5 set. 2020.
- _____. Após decretar calamidade, Dornelles promete medidas “muito duras” no RJ. *G1*, 17 jun. 2016. Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/06/dornelles-promete-medidas-muito-duras-apos-rj-decretar-calamidade.html>. Acesso em 5 set. 2020.
- _____. Intervenção federal no RJ completa sete meses com aumento de tiroteios e mortes em confrontos. *G1*, 17 set. 2018a. Disponível em <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/09/17/intervencao-federal-no-rj-completa-sete-meses-com-aumento-de-tiroteios-e-mortes-em-confrontos.ghtml>. Acesso em 05 set. 2020.
- _____. Saúde e violência são os principais problemas para os eleitores brasileiros, segundo Datafolha. *G1*, 11 set. 2018b. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/09/11/saude-e-violencia-sao-os-principais-problemas-para-os-eleitores-brasileiros-segundo-datafolha.ghtml>. Acesso em 5 set. 2020.
- _____. Datafolha aponta que 18% dos brasileiros consideram saúde como principal problema no país. *G1*, 5 set. 2019. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/09/05/datafolha-aponta-que-18percent-dos-brasileiros-consideram-saude-como-principal-problema-no-pais.ghtml>. Acesso em 5 set. 2020.
- HOCHMAN, Gilberto; ARRETCHE, Marta; MARQUES, Eduardo (Orgs.). *Políticas públicas no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.
- HOWLETT, Michael; RAMESH, M.; PERL, Anthony. *Política Pública: seus ciclos e subsistemas – uma abordagem integradora*. Trad. técnica Francisco G. Heidermann. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
- IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Quarto Trimestre de 2018. *IBGE*, 22 fev. 2019a. Disponível em https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2421/pnact_2018_4tri.pdf. Acesso em 5 set. 2020.
- _____. Sistemas de Contas Regionais: Brasil 2017. *IBGE*, 2019b. Disponível em https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101679_informativo.pdf. Acesso em 05 set. 2020.
- _____. PIB cresce 1,1% e fecha 2019 em R\$ 7,3 trilhões. *IBGE*, 4 mar. 2020. Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/27007-pib-cresce-1-1-e-fecha-2019-em-r-7-3-trilhoes>. Acesso em 5 set. 2020.
- IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; FBSP – Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Atlas da Violência 2018. *IPEA, FSBP*, jun. 2018. Disponível em https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf. Acesso em 5 set. 2020.
- IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Atlas da Violência 2020. *IPEA*, ago. 2020. Disponível em <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/dados-series/20>. Acesso em 5 set. 2020.
- ISMAEL, Ricardo. Eleições de 2016 no Nordeste e seus desdobramentos no processo político nacional. In: MONTEIRO, Geraldo Tadeu Moreira e ISMAEL, Ricardo (Orgs.). *O Brasil nas urnas: As eleições municipais de 2016*. Rio de Janeiro: Editora Gramma, 2018. p. 173-192.

- _____. A Repercussão da Operação Lava Jato na Eleição Presidencial de 2018”. In: MONTEIRO, Geraldo Tadeu Moreira e ISMAEL, Ricardo (Orgs.). *As eleições nacionais no Brasil de 2018: uma eleição como nenhuma outra*. Rio de Janeiro: Editora Gramma, 2020.
- JORNAL DA PUC. Relatos da 1ª geração ProUni. *Jornal da Puc*, 17 dez. 2012. Disponível em http://jornaldapuc.vrc.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from_info_index=325&inford=1296&sid=21. Acesso em 5 set. 2020.
- MPF – MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. “Caso Lava Jato/ Entenda a Lava Jato”. *Ministério Público Federal*, 2020a. Disponível em <http://www.mpf.mp.br/grandes-casos/lava-jato/entenda-o-caso>. Acesso em 22 jul. 2020.
- _____. “Caso Lava Jato/Conheça a Linha do Tempo”. *Ministério Público Federal*, 2020b. Disponível em <http://www.mpf.mp.br/grandes-casos/lava-jato/linha-do-tempo>. Acesso em 22 jul. 2020.
- NERI, Marcelo. A Escalada da Desigualdade: Qual foi o impacto da Crise sobre a Distribuição de Renda e a Pobreza? *FGV Social*, ago. 2019. Disponível em https://www.cps.fgv.br/cps/bd/docs/Slides-A-Escalada-da_Desigualdade.pdf. Acesso em 6 set. 2020.
- O GLOBO. Em 19 de dezembro de 2008, Dona Marta ganhou a primeira UPP do estado. *O Globo*, 19 set. 2017. Disponível em <https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/em-19-de-dezembro-de-2008-dona-marta-ganhou-primeira-upp-do-estado-10942108#ixzz6YKJ5677J>. Acesso em 5 set. 2020.
- _____. UPP leva Cabral a ter o dobro do número de votos em áreas pacificadas em comparação com 2006. *O Globo*, 16 out. 2010. Disponível em <https://oglobo.globo.com/rio/upp-leva-cabral-ter-dobro-do-numero-de-votos-em-areas-pacificadas-em-comparacao-com-2006-2938078>, Acesso em 5 set. 2020.
- PEDROSA-PÁDUA, Lucia e MELLO, Zeca de (orgs.). *Juventude, religião e ética: reflexões teológico-práticas sobre a pesquisa “Perfil da juventude na PUC-Rio”*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2010.
- PNUD. Relatório de Desenvolvimento Humano 2010 Edição do 20º Aniversário. *PNUD*, 2010. Disponível em file:///C:/Livro%20Juventude%20da%20PUC%20Rio%202018/undp-br-PNUD_HDR_2010.pdf. Acesso em 10 jul. 2018.
- _____. Relatório do Desenvolvimento Humano 2019. *PNUD*, 10 dez 2019. Disponível em http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr_2019_pt.pdf. Acesso em 5 set. 2020.
- PROUNI – Programa Universidade para Todos. Quando foi criado. *ProUni*, 2020. Disponível em <https://www.prouni.com.br/o-que-e-prouni/>. Acesso em 5 set. 2020.
- _____. Como funciona. *ProUni*, 2020. Disponível em <https://www.prouni.com.br/como-funciona-o-prouni/>. Acesso em 5 set. 2020.
- PUC-Rio. Início da comemoração dos 80 anos da PUC-Rio. Núcleo de Memória da PUC-Rio, 2 mar. 2020. Disponível em <http://nucleodememoria.vrac.puc-rio.br/noticia/2020/03/inicio-comemoracao-80-anos-puc-rio>. Acesso em 5 set. 2020.
- OJALA, Raisa. *Projetos de futuro de jovens universitários no Distrito Federal: um estudo de caso*. Tese (Doutorado em Sociologia) –Universidade de Brasília (UNB), Brasília, 2008. Disponível em https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1747/1/2008_RaisaMPaulina-Ojala.pdf. Acesso em 4 set. 2020.
- SADEK, Maria Tereza. *Ministério Público*. In: AVRITZER, L. et al. *Corrupção: ensaios e críticas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 543-550.
- SARAIVA, Jaqueline. Temer cede a Pezão e decide decretar intervenção no Rio de Janeiro. *Correio Braziliense*, 16 fev. 2018. Disponível em https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/02/16/interna_politica,660233/como-sera-a-intervencao-do-governo-na-seguranca-do-rio-de-janeiro.shtml. Acesso em 5 set. 2020.

- SEN, Amartya. *Desenvolvimento como liberdade*. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SOARES, Sergei Suarez Dillon. *O ritmo de queda na desigualdade no Brasil é adequado? Evidências do Contexto Histórico e Internacional*. Brasília: IPEA, 2008. Coleção “Texto para Discussão”, n. 1339. Disponível em http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/ipea_desigualdade_brasil_outros.pdf. Acesso em 6 set. 2020.
- VIEIRA, Getulio Fidelis. *Cooperação Intergovernamental entre o Governo Federal e o Governo Estadual do Rio de Janeiro, no Período de 2007 a 2016: contexto político, limitações e aprendizados*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2020.

Família, amizade e trabalho: a perspectiva dos bolsistas de ação social da PUC-Rio

Sonia Maria Giacomini
Elaine de Azevedo Maria

Apresentação

Embora seja usual associar estudo universitário e juventude, é sabido que não são raros os estudantes de curso superior que já não são mais jovens, e, sobretudo, que a maioria dos jovens em nosso país não tem acesso ao ensino superior (apenas cerca de 18% dos que têm de 18 a 24 anos estão na universidade). Não obstante, é inegável que, via de regra, a condição de universitário parece coincidir com a condição de jovem.

Apesar de haver certa variação dos limites de idade, a juventude é compreendida como um tempo de construção de identidades e de definição de projeto de futuro, o que se espera que ocorra na universidade. A vida universitária contribui para que esse período seja acrescido de alguns elementos que o tornam ainda mais complexo (Pais, 2009: 374). Essa complexidade é afetada de forma direta por fatores financeiros e sociais, o que implica certamente reconhecer que a condição de jovem apresenta características que variam segundo a posição (classe social) ocupada no espaço social, colocando desafios que parecem não ser exatamente da mesma natureza.

Nessa mesma direção, Regina Novaes, entre outros autores, ressalta a importância das experiências, dos meios sociais e das interações familiares, que encurtam a juventude dos pobres e prolongam a dos mais ricos (Novaes, 2003). De fato, a maior duração da juventude dos bem-nascidos se concretiza, por um lado, na extensão do tempo de formação, isto é, das qualificações adquiridas para além do ensino médio, simultaneamente postergando o ingresso no mercado de trabalho e assegurando aí uma melhor posição. De outro lado, entre os pobres, a entrada antecipada no mundo do trabalho, que opera como um marcador da entrada na vida adulta, geralmente coincide com o final ou a interrupção da formação escolar e acadêmica do indivíduo.

Tais diferenças, certamente, recomendam que se fale de juventudes e universitários colocados no plural. Mas, além disso, revelam algo que geralmente está naturalizado, isto é, que, segundo a classe social, alguns jovens sejam encaminhados diretamente para o trabalho enquanto outros estenderão sua formação pelo ensino superior. Essa quase fatalidade de classe não opera da mesma maneira quando algumas políticas de inclusão passam a ser implementadas e, na universidade, são colocados lado a lado indivíduos de diferentes segmentos sociais, que normalmente são tomados de forma hierarquizada.

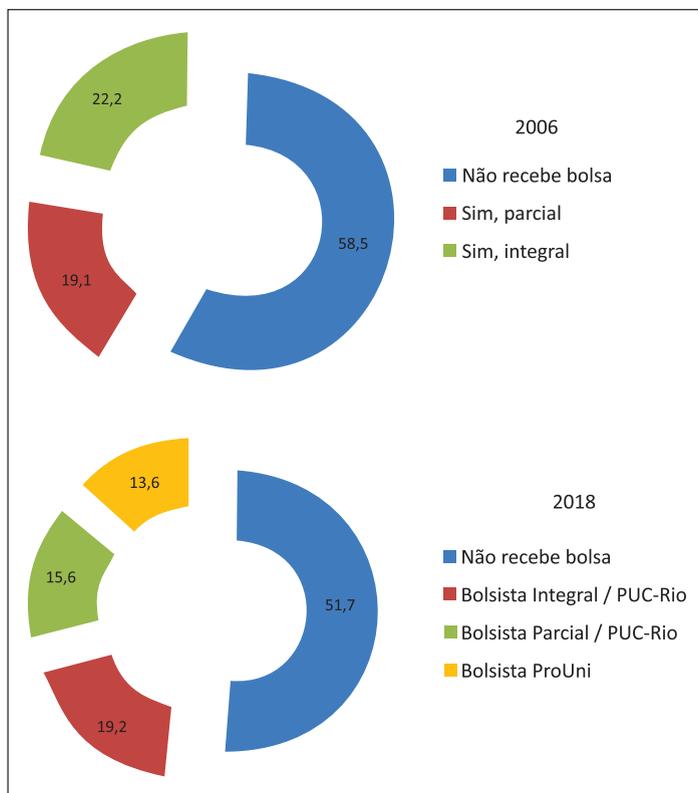
Os processos de democratização do acesso ao ensino universitário no Brasil das duas últimas décadas tornaram possível, pela primeira vez em nossa história, uma presença expressiva de estudantes oriundos das camadas populares, quase sempre os primeiros em suas famílias a entrarem no ensino superior. Se esses processos não chegaram a apagar a feição tradicionalmente elitista da universidade brasileira, ao menos contribuíram para que, de alguma forma, fosse desarrumada a reprodução previamente demarcada e naturalizada dos lugares sociais dos “diferentes” jovens.

Os dados de 2006 da Pesquisa Perfil da Juventude na PUC-Rio, que serão aqui comentados comparativamente aos de 2018,¹ já sinalizavam uma presença expressiva de bolsistas de graduação – 41% do alunado; esses graduandos com bolsas chegaram, em 2018, a 48,4% do total, apontando um aumento expressivo (7,4%) de alunos não pagantes. Entre esses, 13,6% eram beneficiários do Programa Universidade para Todos (ProUni),² do governo federal, cuja renda familiar por pessoa não excede um salário-mínimo e meio (CERIS, 2006; Alkmim, [s.d.]).

1. Essas pesquisas se utilizaram de questionários formulados e aplicados pelo Departamento de Teologia, e na versão de 2018 contou para a elaboração do questionário com a colaboração do Departamento de Ciências Sociais.

2. O Programa Universidade para Todos – ProUni tem como finalidade a concessão de bolsas de estudo integrais e parciais em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições privadas de educação superior. Criado pelo Governo Federal em 2004 e institucionalizado pela Lei nº 11.096, em 13 de janeiro de 2005, oferece, em contrapartida, isenção de alguns tributos àquelas instituições de ensino que aderem ao Programa.

Gráfico 1
Condição do aluno / bolsista ou não bolsista



Fontes: CERIS, 2006; Alkmim, [s.d.].

Ao falar destes estudantes bolsistas, falaremos de jovens? O que é juventude? Segundo o Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852/2013), trata-se da coorte entre 15 e 29. É um termo que, embora possa parecer óbvio, pois todos nós somos ou já fomos jovens e convivemos com jovens (Abramo, 2005: 37), a condição de jovem vai muito além de uma mera classificação (natural) etária, uma vez que há mecanismos de atribuição e autorreconhecimento de atributos que atravessam o campo simbólico: a condição juvenil opera como um signo, como “uma construção cultural” (Abramo, 2005: 42-4).

Instigadas pelo convite para analisar numa perspectiva antropológica os dados das duas mencionadas pesquisas sobre os estudantes de graduação da PUC-Rio, optou-se por problematizar alguns dos seus achados tomando por foco os alunos bolsistas de ação social da instituição. Ao abraçar

essa opção, a intenção foi a de explorar, ainda que de forma parcial, uma das transformações mais marcantes ocorridas nos 12 anos que separam os dois levantamentos, a saber: o aumento da diversidade e da pluralidade do alunado da instituição, notadamente com o ingresso de número expressivo de bolsistas de ação social.³

No período de 12 anos coberto pelas duas pesquisas, consolidou-se entre o alunado da PUC-Rio um valor declarado como o mais importante: o “respeito às diferenças”, que foi colocado em primeiro lugar pelos discentes de graduação da instituição – 72,8% dos alunos em 2006 e 70,7% em 2018 (Tabela 1).

Tabela 1
Quais desses valores são os mais importantes

	2006	2018
Religiosidade	8,8	3,5
Prazer sexual	7,2	5,1
Obediência às autoridades	9,6	5,4
Respeito às tradições	4,3	5,6
Autenticidade pessoal	7,6	6,4
Temor a Deus	10,8	7,5
Dedicação ao trabalho	16,0	8,4
Disciplina pessoal	16,7	11,8
Autorrealização	18,0	13,5
Justiça social	63,8	47,5
Liberdade individual	35,6	49,6
Respeito ao meio ambiente	53,4	60,0
Igualdade de oportunidades	61,8	62,4
Liberdade política	23,2	63,2
Solidariedade	69,0	66,6
Respeito às diferenças	72,8	70,7

Fontes: CERIS, 2006; Alkmim, [s.d.].

Ambas as pesquisas registram uma atenção e uma valorização positiva da diversidade cultural como um valor, que parece vir se impondo e substituindo de forma crescente a ideia de que a diversidade cultural seria inferior

3. A diversidade entre os alunos poderia também ser explorada por meio de outras perspectivas como a de gênero, idade, raça, sexualidade, carreira e ainda outras, mas no âmbito dessa reflexão a opção foi a de nos restringirmos a esse recorte, cuja importância, como será visto mais adiante, encontra amplo respaldo na percepção dos próprios estudantes.

à homogeneidade, o que fundamentaria aquilo que Antônio Sergio Alfredo Guimarães (1999) chamou *heterofobia*. Essa expressão foi empregada por Guimarães para indicar a franca aversão à diversidade dominante no Brasil no século XIX, no contexto de construção da nacionalidade, quando era consenso que a diversidade – de raças, de culturas e de povos – colocava em risco aquela que seria a grande tarefa: a construção da nação brasileira.

Segundo Gustavo Lins Ribeiro (2008), essa posição acompanha um movimento mais geral do processo de globalização que “encurtou o mundo” e que tem tornado a diversidade cultural “um tópico altamente politizado, tanto internamente aos Estados-nação, como em um nível global” (2008: 201). Na contemporaneidade, segundo esse autor, a política da diferença, baseada na percepção da diversidade cultural como um valor, tem servido como referência para discursos, ideologias e utopias que formam na atualidade importantes campos de lutas políticas (Ribeiro, 2008: 201). Ao mesmo tempo em que se verifica a politização da diversidade cultural, ocorre também a “culturalização dos conflitos políticos, especialmente aqueles envolvendo demandas por cidadania baseadas em identidades étnicas, [que] reforçaram as ideologias de pluralismo e multiculturalismo” (Ribeiro, 2008: 201).

Certamente não se pretende neste texto identificar quais seriam os caminhos percorridos ou os diferentes marcos e conjunturas nessas mudanças de valores, certamente não lineares, que vão da heterofobia ou valorização da homogeneidade cultural em direção ao que seria quase seu oposto, a valorização da diversidade, até o ponto de transformá-la em valor dos valores, isto é, em valor a ser declarado sempre em primeiro lugar. Num contexto em que são reforçados e positivados o pluralismo e o multiculturalismo, em que a diversidade cultural ou o “respeito à diferença” se mostram altamente politizados, é compreensível que o “direito à diferença” seja declarado, que seja visto como um valor que deva e mereça ser enunciado.

Pode-se também especular um pouco sobre o sentido das declarações dos respondentes quando informam sobre valores em enquetes desse tipo. Pode-se imaginar que, quando colocados diante de uma série de valores e solicitados a colocá-los numa ordem crescente de prioridades, os respondentes certamente se reconhecem imediatamente mais em alguns valores do que em outros, embora tenham, sobre todos, algum nível de conhecimento ou reflexão. Pode-se também supor, não haveria razão para imaginar o contrário, que sejam absolutamente sinceros em suas declarações, mesmo porque tiveram o anonimato garantido. O que ficou como uma

impressão sobre os preceitos declarados diz respeito à forma como ocorreu a ordenação desses preceitos, isto é, que a prioridade conferida a cada um estaria associada ao contexto, ficando na razão inversa da maneira como são avaliada a sua aceitabilidade e a sua legitimidade pelo conjunto da sociedade na conjuntura da realização da pesquisa. Dessa forma, a declaração daqueles valores numa determinada ordem pode ter sido interpretada como tendo, por parte dos respondentes, uma dimensão de manifestação e declaração política ou mesmo de denúncia. Ao colocar o “respeito às diferenças” como uma prioridade, tratava-se também de uma denúncia da existência de empecilhos ou dificuldades para que as diferenças sejam respeitadas enquanto direito.

Como é sabido, e parece que também pelos participantes da pesquisa, enquetes dessa natureza, mais além de identificar os valores de uma sociedade ou de um segmento social, constituem também parte ou expressão da maneira como os valores são percebidos e disputados em cada contexto, pois envolvem diferentes atores e posições sociais que se situam frente a valores no ato mesmo de responderem ou de formularem as questões a serem tematizadas. Nesse sentido, procurar explorar, ainda que de forma parcial e incipiente, a diversidade⁴ tal como percebida entre os próprios alunos, no caso entre bolsistas de ação social e os alunos tradicionais da instituição, parece ser um caminho fértil para a compreensão e a problematização desses princípios e valores e, igualmente, das declarações sobre valores.

Quem são os bolsistas de ação social da universidade? Diferentemente de outras modalidades de bolsistas, de mérito acadêmico, por exemplo, os bolsistas de ação social são indivíduos oriundos das camadas populares que, em sua grande maioria, são os primeiros de suas famílias a cursar o ensino superior. Este capítulo se debruça sobre valores e prioridades que foram revelados nas pesquisas em 2006 e 2018, desenhando um certo perfil do grupo, em particular no que concerne a algumas instituições e práticas como família e amizade. Ao concentrar a análise na exploração de relações de família e de amizade seguiu-se, por assim dizer, a indicação fornecida pelos próprios levantamentos de 2006 e 2018, cujos resultados apontam serem esses elementos os citados pelos integrantes do grupo como motivo de muito alto grau de satisfação.

4. A diversidade entre os alunos poderia também ser explorada por meio de outras perspectivas como a de gênero, idade, raça, sexualidade, carreira, e ainda outras, mas no âmbito dessa reflexão a opção foi a de nos restringirmos a esse recorte, cuja importância, como será visto mais adiante, encontra amplo respaldo na percepção dos próprios estudantes.

O terceiro aspecto explorado nessas reflexões é o do lugar ocupado pelo trabalho na vida universitária, isto é, entre aqueles que têm, ou melhor, que necessitam ter uma ocupação ou atividade remunerada paralelamente ao estudo, o que não é incomum entre bolsistas.

É importante registrar que a possibilidade de explorar tais dimensões por meio de uma abordagem qualitativa, sem que para isso tenha sido colhido material empírico inédito, deve-se ao fato de se poder contar com alguns estudos qualitativos bastante detalhados que, em diferentes momentos, investigaram alunos bolsistas da PUC-Rio. Tais estudos, realizados em 2008, 2015 e 2018, apresentam uma feliz coincidência de datas que permite um cotejamento com os resultados das duas pesquisas já mencionadas sobre os perfis de alunos da PUC-Rio.

O mais antigo e pioneiro estudo, realizado por Andréia Clapp Salvador, de 2004 a 2007, buscou dimensionar os impactos das ações afirmativas nas dinâmicas institucionais, na vida do estudante bolsista, de sua família e comunidade. Versão da sua tese de doutorado em Serviço Social, “Ação Afirmativa no Ensino Superior: um estudo das políticas de inserção de alunos pobres e negros na PUC-Rio” foi publicada em livro, em 2011, contendo depoimentos de alunos bolsistas colhidos em entrevistas realizadas durante os anos de 2006 e 2007.

Um segundo estudo, também de referência, de Bruno Larrubia, comparou os projetos de ascensão social de jovens universitários negros da PUC-Rio com os de alunos da Morgan State University (MSU), em Baltimore-Maryland. A comparação com estudantes dessa universidade, uma instituição que pertence ao grupo de mais de cem universidades designadas “historicamente negras” nos EUA – por terem sido fundadas antes da conquista dos direitos civis –, chamou particular atenção para certos aspectos da situação dos afrodescendentes nos dois países. Em sua tese de doutorado – “A ascensão social de jovens universitários afrodescendentes no Brasil e Estados Unidos” –, defendida em 2016, com base na pesquisa e em entrevistas com os bolsistas entre 2014 e 2015, Larrubia compara as trajetórias de universitários afrodescendentes de primeira geração na universidade, da PUC-Rio e da MSU, identificando algumas características associadas à combinação trabalho e estudo universitário que se revelaram particularmente desvantajosas para os estudantes bolsistas no contexto brasileiro. Como será visto mais adiante, na visão dos bolsistas de ação social entrevistados, trabalhar durante o curso universitário está entre uma das principais

marcas que no Brasil diferenciam os estudantes bolsistas dos demais estudantes, contribuindo para condicionar e limitar em alguns importantes aspectos a experiência universitária.

O terceiro e mais recente estudo, dissertação de mestrado em Ciências Sociais de Elaine de Azevedo Maria (2019), desenvolveu trabalho de campo e entrevistas com bolsistas da PUC-Rio em 2018. Por meio de uma pesquisa qualitativa, foi possível descrever e analisar a complexidade dos diferentes mecanismos – em especial os laços de amizade – acionados pelos graduandos para viabilizarem a permanência universitária e a obtenção do diploma com bom aproveitamento. O trabalho também contribui para a compreensão das transformações que a política de concessão de bolsas trouxe para a vida universitária.

Todos os três estudos, a despeito de suas diferentes abordagens e objetivos específicos, convergem ao apontar a importância crucial da família, seja para o ingresso, para permanência e para a diplomação. Como será visto nas páginas seguintes, de maneira especialmente crítica para os bolsistas no início dos anos 2000, mas ainda também para os que os sucederam, o ingresso na universidade era muito pouco provável para pessoas oriundas das classes populares, de onde provinham todos os entrevistados. Levando-se em conta os depoimentos, dessa fraca probabilidade pareciam ter muita consciência os entrevistados, que lembraram que entrar na universidade parecia ser, nesse momento, uma espécie de sonho distante, muito dificilmente alcançável. Colocado quase que completamente fora de alcance e, ao mesmo tempo, extremamente valorizado e desejado, ser universitário somente poderia concretizar-se caso confluíssem, favoravelmente, condições e esforços que deveriam de alguma forma estar concatenados e, claro, muita ajuda e muito empenho. Em outros termos, entrar na universidade constitui, para os entrevistados, o que pode ser chamado de um sonho somente realizável caso fosse transformado em um projeto.⁵ Como tal, longe de ser um evento que simplesmente acontece de forma automática ou espontânea, teve que ser agenciado, sendo resultado da colaboração de inúmeras pessoas, geralmente e em primeiro lugar dos familiares e, como será visto, de formas as mais diversas. Assim como a família, embora não da mesma forma nem com a mesma constância, as amizades também concorreram

5. A noção de projeto como conduta organizada para atingir finalidades específicas, de uma ação com algum objetivo predeterminado, foi desenvolvida por Alfred Schultz em *Fenomenologia das relações sociais* e desenvolvida por Velho (1987) no contexto das sociedades complexas.

de forma significativa para a realização desse projeto, sendo os amigos frequentemente mencionados como parte de redes de apoio fundamentais na consecução do projeto de estudar na universidade e obter o diploma de ensino superior.

A família

Nas pesquisas “Perfil dos alunos da PUC-Rio 2018” e “Perfil da Juventude na PUC-Rio 2006”, dois temas, família e amizade, encabeçados por sexualidade, foram escolhidos pelos alunos como aqueles que conferem “os mais altos graus de satisfação” (Tabela 2). Família e amizade também foram apontadas como importantes referências para o conjunto dos bolsistas entrevistados por Salvador (2011). Nos depoimentos colhidos por esse autor, a família encabeça a lista daqueles a quem, em primeira mão, é comunicada a boa notícia da aprovação no vestibular, o que, sem dúvida, sinaliza a sua centralidade e a sua importância. Mas isso não significa que a família tenha ocupado sozinha uma posição destacada e nem tampouco que tenha contribuído em todos os aspectos considerados relevantes para a realização do projeto universitário.

Tabela 2
Em relação aos temas abaixo, indique seu grau de satisfação

2006	Satisfeito	Pouco satisfeito	Insatisfeito	Não sabe	Não respondeu
Possibilidade atual de trabalho	32,6	34,0	26,1	7,0	0,2
Saúde física	71,3	22,9	4,3	1,4	0,0
Maneira que passa o tempo livre	62,2	28,8	7,4	1,4	0,1
Capacidade de tomar decisões	63,8	28,4	6,2	1,6	0,0
Aparência física	69,6	22,8	6,0	1,6	0,0
Vida amorosa	64,7	20,0	12,6	2,6	0,0
Bairro onde mora	68,5	20,3	10,3	0,8	0,2
Curso da PUC-Rio que está matriculado					
Casa onde mora	80,4	13,0	5,6	0,9	0,2
Família	88,5	5,9	3,2	2,0	0,0
Amizades	87,8	9,7	1,3	1,1	0,0
Sexualidade	88,8	5,9	3,2	2,0	0,0

2018	Satisfeito	Pouco satisfeito	Insatisfeito	Não sabe	Não respondeu
Possibilidade atual de trabalho	29,1	30,9	26,8	6,6	6,6
Saúde física	40,8	34,5	16,4	1,8	6,6
Maneira que passa o tempo livre	43,1	36,1	12,6	1grá,6	6,6
Capacidade de tomar decisões	46,0	33,2	12,2	2,1	6,6
Aparência física	50,5	29,8	11,6	1,5	6,6
Vida amorosa	51,0	20,3	18,4	3,7	6,6
Bairro onde mora	61,5	18,6	12,8	0,5	6,6
Curso da PUC-Rio que está matriculado	65,1	20,2	6,3	1,8	6,6
Casa onde mora	71,6	14,0	7,5	0,3	606
Família	71,8	14,5	5,9	1,1	6,6
Amizades	73,1	16,7	2,4	1,2	6,6
Sexualidade	79,5	9,3	3,0	1,6	6,6

Fontes: CERIS, 2006; Alkmim, [s.d.].

De fato, sendo os primeiros de suas famílias a ingressar na universidade, ao contrário daqueles oriundos das classes médias e das elites, cujas famílias conhecem e circulam com familiaridade pelo ambiente universitário do qual de alguma forma participam (Coulon, 2008: 1242), esses estudantes não sabiam como realizar os trâmites burocráticos e, uma vez inscritos no vestibular, tampouco sabiam onde e nem como conhecer o resultado. Como constatou Salvador, o Pré-Vestibular para Negros e Carentes, também nesses aspectos, desempenhou um papel fundamental, socializando os estudantes numa cultura institucional e acadêmica que ia muito além da preparação de conteúdos para a aprovação no exame vestibular. Destaque-se, portanto, que o PVNC supriu esses estudantes com algumas instruções e orientações necessárias ao vestibulando, informações essas que suas famílias desconheciam e sem as quais o trâmite burocrático não teria sequer sido iniciado. Nesse sentido, o PVNC funcionou efetivamente como um mediador importante na realização do projeto universitário desses estudantes e de maneiras múltiplas e diferenciadas. De uma certa forma, pode-se dizer que família e PVNC se completaram ao ensinarem o ofício de universitário a este novo estudante.

Não seria exagero afirmar que Salvador, por estudar o período inicial da ação afirmativa na universidade, registra aqueles que seriam provavelmente os primeiros e mais fortes impactos que acompanharam o ingresso dos estudantes bolsistas na PUC-Rio.⁶ São todos, nesse momento, estudantes originários de pré-vestibulares comunitários, a maioria de negros provenientes do Pré-Vestibular para Negros e Carentes – PVNC –⁷ e de pré-vestibulares comunitários. Esses alunos, uma vez aprovados no vestibular, receberam bolsa de ação social integral da instituição.⁸ Nas entrevistas realizadas com 18 bolsistas, e apoiadas no clássico estudo *Os Estabelecidos e os Outsiders – Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*, de Norbert Elias e John L. Scotson (2000), a autora foi capaz de captar e revelar a percepção da universidade como um universo estranho no qual aqueles jovens, os *outsiders*, deviam conviver com os estabelecidos. Salvador (2011) registra não somente as inúmeras dificuldades de adaptação desses alunos à universidade, mas também, de forma particular, o significado muito especial que atribuíam àquilo que consideravam, inicialmente, uma conquista, isto é, fazer parte da universidade. Os depoimentos registraram o reconhecimento do valor individual e o esforço do estudante que fora aprovado, mas assinalaram também a percepção de que se tratava da vitória de um grupo. Dessa forma, pode ser entendido o relato de um bolsista: assim que a notícia de sua aprovação no vestibular se espalhou pela vizinhança, do que se havia encarregado sua mãe, o futuro universitário passou a ser exibido por todos como um troféu.

Não era, portanto, a comemoração solitária de um indivíduo, não era o aprovado, e nem apenas sua família, os únicos a se regozijarem: o que era coletivamente festejado era a realização de um sonho compartilhado. Em primeiro lugar, era uma conquista compartilhada com a família, mas da

6. A pesquisa de Salvador realiza uma análise do processo destacando no interior da universidade a participação de um conjunto de pessoas, serviços e unidades que tiveram papel destacado nessa fase inicial de implantação de ações afirmativas na instituição. Esse processo, que se inicia em 1994, teve o inegável mérito de antecipar em 15 anos o surgimento do ProUni.

7. Fundado em 2003 na Baixada Fluminense, o PVNC é um movimento popular laico e apartidário que surge como uma iniciativa pela democratização do ensino superior, voltado para a inserção de estudantes de grupos populares discriminados nas universidades públicas, pela democratização do direito à educação formal, com forte ênfase na questão racial. Rapidamente obteve a adesão de vários núcleos e instituições e tornou-se a principal referência no campo das ações afirmativas voltadas para o ensino superior. Disponível em <http://www.alexandrenascimento.net/pvnc/historicopvnc.htm>; <https://pvnc-prepj.wixsite.com/pvnc-pj>. Acesso em 10 ago. 2020.

8. Esse foi o acordo estabelecido em 1994 entre frei David Raimundo dos Santos – um dos fundadores do PVNC – e o vice-reitor Comunitário da PUC, Augusto Sampaio (Salvador, 2011: 63), que passou a destinar parte das bolsas de estudo da instituição aos alunos negros e pobres provenientes do PVNC.

qual a vizinhança e a comunidade participavam tal como uma espécie de audiência e testemunha também incluídas naquele feito, pois se tratava do que Salvador indicou ser “um sonho coletivo” (Salvador, 2011: 127).

[Choro] Era um sonho que a minha família não podia sonhar, então até hoje na minha comunidade, na minha casa, é como se fosse um troféu que todo mundo quer exhibir. A repercussão disso é muito grande para a pessoa que veio de baixo. O pessoal não sabia muito bem o que era, mas só de falar assim: “Faculdade!”, todo mundo ficou muito feliz, dava parabéns, vinha gente de todo lugar da comunidade pra me dar parabéns. “Ah, a sua mãe falou que você passou pra PUC”. Minha mãe contou para comunidade inteira (Bolsista de ação social entrevistado). (Salvador, 2011: 127)

A respeito da família, assim como da amizade, pode-se dizer que todas as pesquisas sobre os bolsistas se complementam ao registrar sua importância.

A pesquisa de Larrubia (2016) vai focalizar não apenas a experiência universitária, mas também a fase que antecede o ingresso na universidade, mesmo porque sua preocupação foi a de compreender o processo de ascensão social de afrodescendentes bolsistas de ação social da PUC-Rio.

Larrubia encontra, entre os entrevistados, a mesma ênfase genérica na família observada por Salvador, mas também constata que a família apresenta um desempenho igualmente central no projeto propriamente dito de ingresso na universidade. Não se pode ter certeza sobre o que explica essa diferença notada entre as duas pesquisas, mas não seria descabido supor que esteja relacionada de alguma forma aos diferentes contextos vividos pelos bolsistas. Tendo realizado sua pesquisa mais de uma década depois do início da ação afirmativa na PUC-Rio analisada por Salvador, período, portanto, posterior ao ProUni (2005) e à disseminação das ações afirmativas e de inclusão nas universidades públicas brasileiras, os bolsistas e os familiares entrevistados por Larrubia não parecem mais ver a universidade necessariamente como um “sonho distante”, mas algo cuja relativa maior proximidade havia retirado da ordem da fantasia e do sonho. Certamente que a existência e a presença menos rara de universitários nas camadas e bairros populares, assim como a difusão dos pré-vestibulares comunitários, já haviam contribuído para que os ingressantes não fossem mais vistos como “troféus”. Da mesma maneira, essa presença e essa visibilidade devem

ter servido como aceno ou incentivo para que outros jovens pobres e suas famílias quisessem seguir o mesmo caminho. Isso não significa, ao contrário, que a universidade tenha deixado de ser vista como conquista para “os que vêm de baixo” e associada a prestígio e afirmação social, mas simplesmente que seu acesso não é mais tão raro e tão distante quanto ganhar na loteria.

No estudo de Larrubia, que se refere aos anos 2014 e 2015, a família aparece nos depoimentos com duas feições ou perspectivas diferentes e que se combinam. Na primeira feição, que coincide com aquela registrada por Salvador em 2006 e 2007, a família comparece como “um valor absoluto e quase inquestionável” (2016: 77): “família é tudo”, “família é família, né?”, “família em primeiro lugar”. A segunda forma como a família é referida já indica um plano mais concreto, com uma dimensão mais prática associada à participação no projeto universitário.

As duas formas de mencionar e situar a família trazidas por Larrubia estiveram relacionadas diretamente ao tipo de configuração familiar dos bolsistas. É relevante destacar que Larrubia encontrou, entre os estudantes que entrevistou, além de um tipo de configuração familiar conjugal ou monoparental, também a presença de uma noção de família mais ampla que a conjugal, uma vez que, entre eles, “casas que dividem um mesmo terreno com a moradia de outros parentes são bastante frequentes (...), além da moradia juntamente com outros membros da família extensa como primos, tias e avós” (2016: 77). Mas ainda mais significativas que a coresidência ou a proximidade espacial associadas às configurações familiares desses estudantes, se apresentaram as expectativas concernindo aos familiares para a compreensão da forma como a família incidiu sobre o projeto universitário. A configuração familiar estaria fortemente impregnada de certos valores e princípios de consideração associados a ser “colaborativa com os planos da família”, à “ajuda na educação das crianças”, à “participação nas tarefas da casa” e, de forma mais ampla, à “identificação da família com o perfil de trabalhadores” (2016: 77), princípios que Larrubia associou à moral da dívida – o dar, receber, retribuir (Mauss, 2003), envolvendo a família e constituindo suas relações.

Dessa forma, a ascensão social – que foi postulada como direito legítimo de “melhorar de vida” – é diretamente associada pelos entrevistados e seus familiares ao estudo universitário e:

deve ser vista como inserida dentro da regra moral da dádiva, imposta à coletividade e obviamente aos indivíduos, de tal maneira que somente a compreensão econômica não é capaz de dar conta das causas e razões envolvidas neste fenômeno. A dádiva é uma lógica organizativa do social que tem caráter universalizante e que não pode ser reduzida a aspectos particulares como aqueles religiosos ou econômicos. O princípio da troca-dádiva pode ser realizado através de visitas, festas, comunhões, esmolas, heranças e outras ações de prestações com sentido ontológico envolvido nas relações entre dar, receber e retribuir. (Mauss, 2003)

A despeito de inúmeras outras diferenças entre os bolsistas, à exceção de um único jovem que passou toda a sua infância em um orfanato, todos iniciaram suas narrativas falando de suas famílias e situando-se em seu núcleo familiar, como a corroborar o dar, receber, retribuir a familiares – envolvidos no conjunto das relações e, em particular, na concretização do projeto universitário.

A corroborar a forte dimensão familiar-coletiva do projeto universitário, estaria a recorrência da “seleção pela família de um(a) filho(a) que vai receber o investimento/esforço grupal para estudar, através da identificação daquele que ‘dá para os estudos.’ Essa escolha do estudante entre os irmãos acaba tendo vários desdobramentos e afeta o processo de escolarização, assim como a definição da carreira profissional através da escolha do curso de graduação” (Larrubia, 2016: 107ss).⁹

Dessa forma, resultado de um esforço coletivo, de um investimento material e subjetivo relativamente prolongado, o caminho que leva à universidade somente se realiza graças à abnegação de outros membros da família – frequentemente da mãe, mas também de irmãos.

Como esses jovens se referem às amizades? De maneira geral, os amigos são referidos e considerados importantes em todos os contextos mencionados: antes da universidade, na preparação para a universidade, acompanhando a vida universitária e mesmo depois dela.

9. Essa falta de homogeneidade não impede que o grupo dos estabelecidos se institua como aquele que representa de forma típica e tradicional o universitário da PUC-Rio, também por oposição aos *outsiders*, “carentes” ou recém-chegados, os bolsistas de ação social.

Amizade

O que é a amizade para esses estudantes? Como se referem aos amigos? O que fica patente é que os amigos são sempre referências e considerados importantes: antes da universidade e na preparação para a universidade – em particular aqueles do PVNC – e também durante a vida universitária. Mas se a amizade é algo permanentemente importante, os amigos, ao menos os considerados próximos, não são sempre os mesmos, isto é, os amigos mudam. O que parece recorrente é que as significativas mudanças de vida e de rotinas que acompanham a entrada na universidade, que também alteraram, como foi visto, a vida familiar, não somente conduzem à modificação da relação com os amigos, mas também, em particular, modificam o rol de amigos e as amizades.

Como relataram a totalidade dos estudantes bolsistas entrevistados por Salvador, mas também por Larrubia (2016) e Maria (2019), a vida havia de fato mudado a partir da entrada na universidade: “Eu vivia em um conflito entre dar atenção a minha família e estudar” (Salvador, 2011: 136); “O convívio familiar diminuiu” (Salvador, 2011: 136).

Tais mudanças implicaram um menor contato com a família, mas também com os antigos amigos e com a vizinhança, sobretudo no caso dos estudantes que deixam seus locais de origem para ir morar perto da universidade. E em relação à amizade, que genericamente permanece como uma referência, o que parece ter havido é uma substituição ou uma mudança de amigos, ao menos durante o período dedicado à formação universitária. Nenhum dos bolsistas, por exemplo, registrou a ocorrência de algo que não é incomum entre universitários de classe média ou alta: reencontrar, na universidade, antigos colegas de escola, do clube ou da vizinhança. Diferentemente dos estudantes tradicionais da universidade, para quem a universidade é uma passagem na qual há também uma continuidade como que natural de ambiente social, o estudante bolsista de ação social se deslocou de seu ambiente popular de origem, e nesse deslocamento se afastou, também espacial e simbolicamente, da família e dos antigos amigos. Nessa passagem, os colegas oriundos do PVNC e dos pré-vestibulares comunitários são, no novo ambiente, os seus pares, os seus novos amigos.

Quase um terço dos universitários que colaboraram com a pesquisa de Salvador, a fim de economizar tempo e dinheiro dispendidos em longos e cansativos trajetos diários casa-universidade-casa, optaram por dividir com

outros colegas um apartamento de baixo custo perto da universidade. Esses relatos se repetiram no estudo efetuado pela Elaine Maria, 10 anos depois. São inúmeros os relatos de que dessas experiências de coresidência e convívio floresceram muitas novas amizades, cimentadas pela cumplicidade no enfrentamento das dificuldades comuns e na solidariedade e na horizontalidade.

No Minhocão,¹⁰ dormia um do lado do outro. Foi muito interessante a experiência de morar com eles (alunos de Serviço Social) e estar perto da PUC. Amizade pro resto da vida (Estudante bolsista entrevistado). (Salvador, 2011: 145)

Mas mesmo aqueles que não mudaram de residência lamentaram o pouco tempo e a indisponibilidade que as horas diárias de dedicação ao estudo e de locomoção, de certa forma, roubavam da família e dos amigos. “Aquela coisa de ir sexta-feira tomar um chopinho não tinha mais” (Salvador, 2011: 136).

Importante lembrar que, se as condições da vida universitária, por um lado, conduziram ao afastamento dos antigos amigos, que diferentemente deles não ingressaram na universidade e permaneceram nos seus lugares de origem, também trouxeram, por outro lado, oportunidades para o estabelecimento de novas relações e novas amizades.

Embora a amizade pareça ter sido considerada um vínculo demasiadamente óbvio para ter de ser explicado, emerge dos depoimentos que a amizade seria altamente valorizada e legítima, sobretudo por estar associada à escolha individual, e por ter como base as afinidades entre pessoas, isto é, envolver uma comunhão de características correspondendo ao que cada um teria de mais autêntico. Dessa forma, os vínculos de amizade, em oposição a outros vínculos, em particular àqueles que se estabelecem entre familiares e entre colegas, que não seriam de livre escolha. No caso dos laços de parentesco, em particular, impõem deveres e obrigações decorrentes de posições e hierarquias à revelia do indivíduo. Já as relações entre colegas de trabalho ou de estudo, se podem certamente vir a ser transformadas em amizade, são, no entanto, pela mesma razão que a família, ensejadas por enquadramentos prévios que são independentes de afinidades e escolhas dos sujeitos em interação. Ao contrário dos familiares, as relações de amizade se estabelecem idealmente de forma horizontal, sem formalizações,

10. Trata-se de apelido do Conjunto Habitacional Marquês de São Vicente, um prédio com 308 apartamentos que foi construído para abrigar os moradores por Parque Proletário da Gávea e também para os que tiveram suas casas desapropriadas para a construção da autoestrada Lagoa-Barra na década de 1970. Fica ao lado da PUC-Rio.

entre pares, entre iguais, como se as cumplicidades e parcerias compreendidas nos vínculos de amizade dependessem de experiências comuns e afinidades procedentes de uma educação semelhante e de uma origem de classe comum. Na falta de simetria, mesmo que se estabeleça uma relação, essa não será entendida, de fato, como uma relação entre verdadeiros amigos.

Mas ser universitário não constitui, por si só, uma base comum para o estabelecimento de relações de proximidade e solidariedade entre os estudantes? De fato, a categoria universitária, da qual todos os estudantes participam desde o momento em são aprovados no vestibular e matriculados na universidade, num certo plano formal, inclui todos os estudantes em um mesmo conjunto que se conforma a partir de uma referência externa. Mas tal categoria é bastante genérica e demasiado formal, e ainda que coloque os estudantes numa situação de contiguidade – agrupa os universitários num mesmo espaço físico, e simbolicamente numa *alma mater* e sob um mesmo brasão –, é notoriamente insuficiente para o estabelecimento de vínculos generalizados de amizade. Como já nos mostrou Lévi-Strauss ao teorizar sobre a produção da diversidade cultural e dos processos de diferenciação entre grupos, é muitas vezes justamente a proximidade, e não a distância, o que leva pessoas e grupos a se diferenciarem, muitas vezes pelo desejo prévio de se distinguirem uns dos outros. E essa diferenciação geralmente pouco tem a ver com os motivos pelos quais alegam ser diferentes, transformados de alguma forma em marcas ou emblemas dos quais se mostram bastante ciosos (Lévi-Strauss, 1980).

Dessa forma, a definição dos pares, dos iguais, parece ter grande importância para definir os eventuais amigos. Todos os entrevistados cujos depoimentos foram documentados nas três pesquisas fizeram uma importante distinção entre amigos e colegas. Colega, em princípio, pode ser qualquer um com o qual haja um mínimo de colaboração e camaradagem, mas amigo, em sua concepção mais genuína, isto é, “verdadeiro amigo” ou amigo “autêntico”, exige reciprocidades que somente pares seriam capazes de oferecer. Como se referiu uma entrevistada: “cada macaco no seu galho”.

Embora heterogênea, porque composta de grupos diferenciados, são os estabelecidos que representam a categoria genérica estudante universitário,¹¹ categoria em relação à qual os bolsistas são classificados

11. Essa falta de homogeneidade não impede que o grupo dos estabelecidos se institua como aquele que representa de forma típica e tradicional o universitário da PUC-Rio, também por oposição aos *outsiders*, “carentes” ou recém-chegados, os bolsistas de ação social.

como desviantes. Essa “construção da diferença”, como ensina Fréderick Barth, constitui grupos que emergem justamente a partir da demarcação de fronteiras sobre as quais as alteridades são edificadas (Barth, 1995). Dessa forma, há uma diferenciação dos estudantes em tipos: “Na PUC há os *punks*, os *hippies*, os mauricinhos, as patricinhas e tinha também os *carentes*” (Depoimento de bolsista; Salvador, 2011: 149).

Igualizados pelos estabelecidos sob a condição de “carentes” ou *outsiders* ao ambiente universitário, e por oposição aos estabelecidos, os entrevistados parecem ter encontrado nesse contexto um solo fértil para a constituição e a consolidação de vínculos de amizade entre pares, os bolsistas, os negros, o pessoal “do grupo do frei David”. Da mesma maneira que os estabelecidos, os *outsiders* ou “carentes”, como era de se esperar, também homogeneizam os estudantes do grupo dos estabelecidos, frequentemente referindo-se a eles também de forma genérica e estereotipada. Dessa forma, também pareciam aderir à visão de que há um alunado da PUC-Rio genérico representado pelos estabelecidos, entre os quais não se reconhecem, e em quem identificam ações, valores, práticas, atitudes, desempenhos compartilhados – férias na Europa, carrões, praia e academia, equipamentos de última geração, frequência a cinema e teatro, domínio de várias línguas etc.

Uma das questões centrais colocadas pelos bolsistas foi a de que, ao ingressar na universidade, tiveram que lidar com o estranhamento diante do ambiente e de pessoas tão “diferentes” daquelas com as quais estavam acostumados a conviver e a se relacionar. E imediatamente passaram a procurar aproximação com aqueles que, naquele contexto, foram identificados como seus “pares”. Quem são os pares e quem são os outros ou diferentes?

Hierarquias estruturais ou constrangimentos sociais não devem, em princípio, existir na amizade. Em decorrência, amigos, de verdade, só entre iguais, isto é, entre bolsistas, pobres, negros, do PVNC, do grupo do frei David. Em alguns depoimentos, a diferença de condições materiais entre os bolsistas e o alunado tradicional se apresenta como uma verdadeira barreira, fronteira separando dois mundos e impedindo o estabelecimento de relações de maior proximidade ou de amizade, independentemente de gestos com intenção de promover aproximações.

(...) o lado deles é o lado deles e o meu lado é o meu lado. Eles curtiam a festa deles. Eles me chamavam, eu não ia, porque não tinha como. Vinha pra cá numa festa e ia ficar um mês sem vir à faculdade por

causa da grana. Então, cada macaco no seu galho, mas amigos, sempre amigos, sempre gente boa.

Tinha aquela coisa de eles irem para tomar um chopp no Pires¹² e eu dificilmente podia ir. Não que eu não gostasse, não que eu não era amiga, mas era porque eu não tinha como bancar (depoimento de estudante bolsista).

Eram mundos completamente diferenciados. Toda vez que a gente voltava de férias, (...) o pessoal falava que tinha ido à Europa (...) ou que entrou na internet. Eu não tinha ideia, eu não tinha nem computador (depoimento de estudante). (Salvador, 2011: 148)

Embora a distância seja explicitada essencialmente como de base econômica e modos de consumo, revela-se profundamente diferenciadora no que concerne ao acesso a determinados bens culturais comuns que alimentam parte da sociabilidade, já que a amizade envolve atividades conjuntas, conversações, confidências, compartilhamento de ideias e emoções. Assim é que alguns entrevistados também mencionaram uma certa falta de assunto entre bolsistas e alunos tradicionais quando fora dos temas que são tratados em sala de aula, já que os bolsistas raramente vão ao cinema, não vão ao teatro, não viajam nas férias. O fato de os momentos e as atividades de lazer não poderem ser comuns e conviviais por razões financeiras evidenciam quão poderosos podem ser os fatores econômicos na diferenciação e na separação dos grupos. “Quando vêm das férias, eles vêm falando de várias viagens que fizeram pra não sei lá aonde. A gente não tem muito o que falar. A gente que é pobre não faz viagem, passa as férias em casa” (Salvador, 2011: 148).

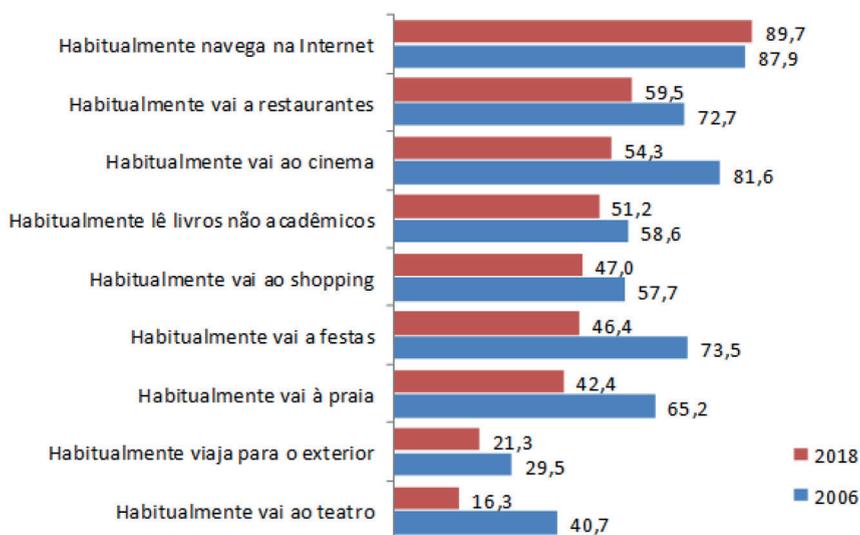
O estudo de Maria (2019) traz algumas informações importantes a respeito da sociabilidade entre os dois grupos em período bem mais recente. Em comparação com os bolsistas que Salvador estudou e que frequentaram a universidade entre o final do século passado e o início deste, que se entrincheiravam entre si de forma defensiva e em determinados espaços do campus, os colaboradores do estudo de Maria (2019), não obstante também conviverem com a mesma classificação que separa os estudantes nos dois mesmos grupos, parecem ter encontrado alguns outros recursos.¹³ Um diferencial importante entre bolsistas e *pagantes* apontado pela

12. Pires é o apelido de um bar que ficava na rua em frente à porta principal da universidade.

13. A participação dos bolsistas nos coletivos universitários, que vem crescendo principalmente nos últimos anos, é certamente um dos temas que merecem ser melhor explorados.

pesquisa de Salvador e lamentado pelos bolsistas entrevistados é o de não terem naquele momento acesso à internet nem a computador, alguns na época sequer possuíam telefone em casa. Os bolsistas de 2018 apresentam uma outra situação quanto ao acesso e ao uso de equipamentos, sendo raro aquele que não utiliza com frequência a internet, computador ou telefone celular, itens considerados de primeira necessidade (vistos como mais necessários que outros eletrodomésticos, como fogão, por exemplo). Essa mudança representa, também, economia e uma relativa equalização do acesso à bibliografia dos cursos por meio do celular com acesso à internet. Também essa “democratização” do uso e do acesso à internet e a redes sociais favoreceu, de alguma maneira, maior interação entre os integrantes de um mesmo grupo e entre integrantes de grupos diferentes, como indicam alguns depoimentos de bolsistas. Pode-se dizer que houve uma aproximação, ou convergência, dos estudantes bolsistas aos hábitos culturais do conjunto dos estudantes da PUC-Rio. As pesquisas são claras ao indicar que, de todos os hábitos culturais, a navegação habitual na internet é o mais universal e o único que cresceu entre 2006 e 2018 (Gráfico 2).

Gráfico 2
Hábitos culturais nos anos 2006 e 2018



Fontes: CERIS, 2006; Alkmim, [s.d.].

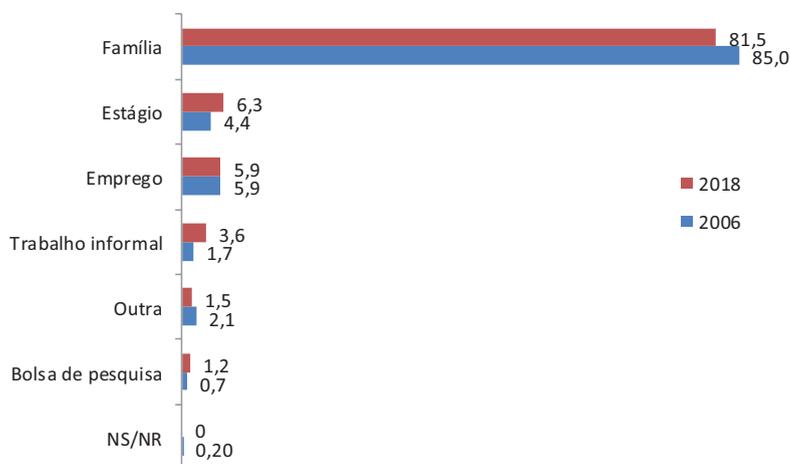
Em sentido inverso, no mesmo período, as idas habituais ao cinema, restaurantes, teatro, shoppings, praia, festas, viagem ao exterior, leitura de livros não acadêmicos, num total de oito de nove itens elencados, apresentaram uma redução que vai de 7% – leitura de livros não acadêmicos – e chega a 27,3% no caso da frequência a cinema. Essa diminuição geral dos hábitos culturais nos itens mencionados também indica uma aproximação entre os bolsistas e os não bolsistas. Poder-se-ia lamentar que, infelizmente, essa aproximação decorreu antes de uma redução da diversidade de opções culturais dos estudantes em geral que da ampliação do acesso dos bolsistas a formas e práticas que antes eram acessíveis apenas aos estudantes do outro grupo.

Trabalho

O terceiro e último ponto a ser considerado diz respeito ao trabalho, ou melhor, ao imperativo do trabalho para os estudantes pobres, revelando um aspecto crítico para todos os bolsistas de ação social, presente em todas as três pesquisas aqui abordadas. São grandes e desafiadoras as dificuldades para conciliar estudo e trabalho, um dilema que se coloca quando o trabalho é um imperativo e o estudo universitário é uma conquista.

Os dados das PPJPUC-Rio 2006 e PPAPUC-Rio 2018 (Ceris, 2006; Alkmim, [s.d.]) fornecem uma visão geral acerca das formas de sustento dos alunos da instituição, permitindo situar especificamente o estudante bolsista. O Gráfico 3 aponta o que já era de se esperar e está plenamente assentado no senso comum, que o estudante estuda e, em princípio, não trabalha, e que, portanto, a família é a encarregada do sustento do universitário durante o processo de formação. A família encabeça e se distancia, com enorme vantagem, de todas as cinco demais modalidades de sustento elencadas pela pesquisa. Essa informação certamente reforça algo muito presente no senso comum, isto é, que o estudo e seu prolongamento por meio da formação universitária antecedem o ingresso no mercado de trabalho, período durante o qual, geralmente, é a família a encarregada de prover os meios de sustento do estudante. Mas o que acontece quando a família não possui os meios necessários para sustentar seu/sua filho/a na universidade – ainda que veja a universidade como um valor ou conquista? E quando, além disso, ainda tem que renunciar à ajuda ao orçamento familiar que é esperada do filho?

Gráfico 3
Principal fonte de sustento dos alunos



Fontes: CERIS, 2006; Alkmim, [s.d.].

Entre 2006 e 2018, período em que, como vimos, ocorreu um aumento de 7% dos bolsistas na universidade, notadamente daqueles mais pobres que são provenientes do ProUni, a porcentagem dos estudantes que encontravam no “emprego” sua principal fonte de sustento permaneceu, no entanto, exatamente a mesma: 5,9%. Ou seja, o ingresso de alunos provenientes de famílias pobres, e que, em princípio, não possuem os meios para sustentar seus filhos na universidade, não significou um aumento de alunos que trabalham e que no emprego encontram seu principal meio de sustento.

Embora possa parecer estranho, ao contrário, o que o estudo de Salvador informa sobre o trabalho realizado por bolsistas de ação social que entrevistou em 2006 e 2007 é que, se dois terços deles tinham um emprego antes de ingressar na universidade, ao entrar na instituição menos da metade permaneceu trabalhando. Somente mantiveram seu emprego aqueles que eram chefes de família ou o principal provedor de suas famílias, devido às sérias dificuldades que encontraram para se adaptar às rotinas universitárias (Salvador, 2011: 135).

A pesquisa de Larrubia, que comparou afrodescendentes das camadas populares na PUC-Rio e na Morgan States University-Maryland-EUA, abre algumas pistas interessantes a respeito do trabalho exercido

pelos bolsistas paralelamente ao estudo de graduação. Os alunos bolsistas da PUC-Rio entrevistados, embora bastante cientes de que suas famílias esperavam que auxiliassem no orçamento doméstico e muito incomodados quando deixavam de fazê-lo, assim como mostra a pesquisa de Salvador (2011), também enfatizaram as grandes dificuldades para continuar trabalhando. A principal queixa entre os bolsistas da PUC-Rio foi quanto às limitações de horários dos cursos e dos demorados e longos trajetos que tinham que percorrer nos deslocamentos universidade-residência-trabalho.¹⁴

Enquanto os estadunidenses moravam geralmente na residência universitária e, portanto, ao lado da biblioteca, do restaurante e das várias atividades culturais e, de maneira particular, contavam com a oferta de uma série de trabalhos no próprio campus, geralmente compatíveis com o desempenho das atividades acadêmico-universitárias, os afrodescendentes brasileiros que trabalhavam associaram geralmente às condições de realização do trabalho e não ao trabalho em si uma forma de diferenciação muito significativa entre os alunos da instituição. Essa diferenciação, de certa forma, também está associada a outras, entre bolsistas e pagantes ou entre os alunos tradicionais e os recém-chegados. Segundo Larrubia (2016), essa diferenciação também não deixa de estar associada à forma hierárquica particular como, na sociedade brasileira, se concebe o trabalho, no caso o trabalho dos universitários, que é tão comum nos EUA e, no Brasil, ao contrário, constitui marca quase estigmatizante. Trabalhar representa, para os entrevistados, uma especificidade negativa, pois o trabalho nesse contexto restringe-se a uma condição que dificulta e pode prejudicar o desempenho acadêmico e, portanto, coloca o estudante bolsista que trabalha numa posição desfavorável frente ao aluno regular ou tradicional da instituição, que é tipicamente um estudante em tempo integral.

Dessa forma, ao nos depararmos com os dados do Gráfico 3, que registram as principais fontes de sustento dos alunos, podemos verificar que entre o alunado da PUC-Rio a grande maioria dos estudantes é sustentada principalmente pela família, sendo muito pequena a porcentagem, quase ínfima, de estudantes que se autossustentam. De fato, a família consta, em 2006 e permanece em 2018, em primeiro lugar como fonte de sustento dos alunos da instituição (Gráfico 3). Mas é possível perceber, numa

14. Para uma análise das dificuldades e dos desafios similares enfrentados pelos bolsistas da PUCPR, ver Incerti e Geber (2018).

comparação com 2006, um decréscimo de 3,5% no número de alunos sustentados pela família em 2018. Além de um empobrecimento relativo das famílias das classes médias verificado no período, o que pode explicar em parte a redução do sustento familiar entre os alunos tradicionais ou pagantes, não seria descabido supor que uma parcela dessa diminuição de alunos sustentados pela família esteja relacionada à maior presença de alunos de famílias mais pobres e, portanto, com menos recursos para sustentar filhos cursando a universidade.

Ao lado da diminuição do número de alunos sustentados pela família, que é, como visto, da ordem de 3,5%, ocorreu um acréscimo da participação do trabalho informal (mais 1,9%) e do estágio (mais 1,9%) como forma principal de sustento, que, somados, chegam a 3,8%. Esses dados mostram, quando comparados aos de 2006 que, de forma geral, em 2018, uma parte dos estudantes tornou-se um pouco menos dependente do sustento familiar, mas a família permanece como a principal fonte de sustento dos alunos. Mostram, também, que mais alunos passaram a depender de trabalho informal, que constitui a fonte cuja participação mais cresceu no período, enquanto o emprego permaneceu exatamente igual. Chama a atenção esse último dado, isto é, que mesmo com a diminuição da participação da família como fonte principal de sustento, o emprego não tenha sido alterado.

O quadro de altos índices de desemprego e de baixa oferta de trabalho no período certamente não favoreceu, ao contrário, o emprego como uma opção. Mas, além disso, há também que ser considerado um outro aspecto, qual seja, o fato de o trabalho em paralelo ao curso universitário ter sido considerado, pelos entrevistados, como uma alternativa problemática, pois, é percebido como atividade que, da maneira como concretamente se realiza, entra em choque com o projeto universitário. O trabalho opera contra e antes os afasta da universidade do que se apresenta como complementar ao estudo universitário, ameaçando ou podendo mesmo inviabilizar esse projeto. Dessa forma, nas condições concretas em que seu exercício foi visualizado pelos universitários entrevistados, mesmo se fosse possível escolher uma entre as diferentes fontes de sustento, o trabalho, tal como exercido nas atividades e sob as condições postas, está longe de se apresentar como uma boa opção. A esse respeito é digno de registro o longo depoimento de um bolsista, que foi coletado por Maria (2019):

A maior dificuldade que eu encontrei e tenho até hoje é permanecer estudando. Tenho que trabalhar nos horários vagos, que geralmente não existem, daí é preciso trabalhar de madrugada, eventos nos fins de semana, e quando não há trabalho na madrugada ou eventos nos fins de semana, é necessário trancar uma matéria para trabalhar formalmente em algum horário. Todo semestre há um momento em que acho que não vou conseguir chegar até o final, porque o cansaço e estresse físico, mental e psicológico chegam a níveis altíssimos. Todo semestre há pelo menos uma ou duas semanas em que eu não consigo assimilar nada das aulas, pensando em como vou me manter no mês seguinte... Isso é horrível e nunca falei para ninguém como é me sentir assim... sempre penso nisso, mas nunca me abri assim a ponto de dizer o que acontece todo semestre (João, 5º período de Artes Cênicas, depoimento). (Maria, 2019: 9)

Como Larrubia (2016) salientou em seu estudo, o dilema entre estudar ou trabalhar se recoloca em vários níveis, sendo muito anterior ao ensino superior. De uma certa forma, aqueles que chegaram à universidade foram os que, de alguma maneira, conseguiram ultrapassar uma barreira – que, no entanto, vão reencontrar na universidade.

Tinha muita gente boa lá no pré-vestibular comunitário, mas muitos nunca chegaram à universidade. Tiveram que sair só para trabalhar, pois a família precisava de dinheiro, ou tinham filhos, mãe doente, essas coisas. O horário dos estudos já é feito para você não trabalhar, e na faculdade só piora. É para selecionar pela exclusão mesmo. Triste realidade (Celso, 22 anos, aluno de Comunicação Social da PUC-Rio, depoimento). (Larrubia, 2016: 192)

Conclusões

A política de concessão de bolsas atingiu não só os graduandos e seus grupos sociais, mas também vem contribuindo para a consolidação de um espaço universitário mais diversificado e mais democrático.

Uma das questões centrais colocadas pelos bolsistas foi que, ao ingressar na universidade, tiveram que lidar com o estranhamento diante do ambiente e de pessoas tão “diferentes” daquelas com as quais estavam acostumados a conviver e a se relacionar. E imediatamente passaram a procurar

aproximação com aqueles que, naquele contexto, foram identificados como seus pares. O interessante a ser registrado é que, contrariamente ao senso comum que naturaliza ou essencializa identificações e evitações, elas são inseparáveis do contexto de interações travadas entre os grupos, contextos e relações a partir das quais foram sendo construídas no bojo mesmo do processo.

As diferenças, quase inexoráveis, não resultam necessariamente de livre escolha dos estudantes pobres, nem mesmo, em certo sentido, dos estudantes tradicionais, mas elas emergem de um contexto social que o ingresso dos primeiros na vida universitária não apaga e que se expressa, nessa nova etapa de suas vidas, de formas novas e desafiadoras. Entender este contexto, compreender como ele induz e, mesmo, engendra processos que podem favorecer representações estereotipadas do outro e formas mais ou menos agudas de segregação, eis algo de que dependem ampliar e aprofundar o processo de democratização em curso.

Essa compreensão das formas como são construídas as diferenças e as desigualdades entre os universitários permite sugerir, e esperar, que essas relações possam ser transformadas a ponto de propiciarem um crescente compartilhamento daqueles dois valores considerados como os mais fundamentais a orientar a vida social: o “respeito às diferenças” e a “solidariedade”.

Referências bibliográficas

- ABRAMO, Helena W. e BRANCO, Pedro P. M. (Orgs.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Instituto Cidadania, 2005.
- ALKMIM, A. C. *Pesquisa Perfil dos Alunos da PUC-Rio 2018*. Não publicado. [s.d.].
- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda. O espaço real e o acúmulo que significa: uma nova gramática para se pensar o uso jovem da internet no Brasil. In: COSTA, Ana Maria Nicolaci da. (Org.). *Cabeças digitais: o cotidiano na era da informação*. Rio de Janeiro: Loyola, 2006. p. 49-80.
- BARTH, Fredrick. Les groupes ethniques et leurs frontières. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. *Théories de l'ethnicité*. Paris: PUF, 1955. p. 3-38.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. A era da informação: economia, sociedade e cultura. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CERIS – Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais. *Pesquisa Perfil da Juventude na PUC-Rio 2006*. Disponível em <http://www.teo.puc-rio.br/wp-content/uploads/2020/01/Relatorio-Pesquisa-Perfil-Juventude-PUC-Rio.pdf>. Acesso em 12 jul. 2020.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer*. 11.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

- COULON, Alain. *A condição de estudante: a entrada na vida universitária*. Salvador: Edufba, 2008.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- ESTATUTO DA JUVENTUDE. Lei nº 12.852/2013. Brasília: Senado Federal, 2013. Disponível em <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/509232/001032616.pdf>. Acesso em 26 ago. 2020.
- GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo. *Racismo e antirracismo no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- INCERTI, Fabiano e GEBER, Saulo (Orgs.). *Olhares sobre o ProUni*. Curitiba: PUCPRESS, 2018.
- LARRUBIA, Bruno Costa. *A ascensão social de jovens universitários afrodescendentes no Brasil e Estados Unidos*. 300 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2016.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Raça e história*. Lisboa: Editorial Presença, 1980.
- MARIA, Elaine Azevedo. *Trajéórias de estudantes bolsistas na PUC-Rio: permanência e mecanismos de superação*. 102 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- MARIA, Elaine Azevedo e GIACOMINI, Sonia Maria. Juventudes e internet: um olhar sobre os universitários bolsistas da PUC-Rio. *Revista Fragmentos de Cultura – Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas*, Goiânia, v. 29, nº 3, p. 355-368, mar. 2020. Disponível em <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/7766>. Acesso em 28 ago. 2020.
- MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- NOVAES, Regina. Juventude, exclusão e inclusão social: aspectos e controvérsias de um debate em curso. In: FREITAS, Maria Virginia; PAPA, Fernanda de Carvalho (Orgs.). *Políticas públicas: juventude em pauta*. São Paulo: Cortez; Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação; Fundação Friedrich Ebert, 2003. p. 57-74.
- PAIS, J. M. A juventude como fase de vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. *Saúde e Sociedade*, v. 18, nº 3, p. 371-81, 2009.
- REZENDE, Claudia Barcellos. *Os significados da amizade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.
- RIBEIRO, Gustavo Lins. Diversidade cultural enquanto discurso global. *Desigualdade & Diversidade: Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio*, Rio de Janeiro, nº 2, p. 199-233, jan./jun. 2008. Disponível em <http://desigualdadediversidade.soc.pucRio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=29&sid=9>. Acesso em 21 ago. 2020.
- SALVADOR, Andréia Clapp. *Ação afirmativa na PUC-Rio: a inserção de alunos pobres e negros*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2011.
- VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

Posfácio

Quem conhece o campus da PUC-Rio sabe que temos na entrada de nossa capela um mosaico de Cândido Portinari que reproduz o encontro de Jesus menino com os doutores do templo (Lc 2, 41-51). A passagem bíblica encontra um significado especial porque sugere a todos, aos que passam pelo caminho e aos que entram em nossa capela, uma atitude semelhante àquela apresentada pelos doutores que conversaram com Jesus no templo: atenção e acolhida.

A pesquisa “Perfil da Juventude na PUC-Rio 2018”, que teve neste livro alguns de seus dados analisados, deseja cultivar em nossa comunidade acadêmica uma atitude semelhante à dos doutores que ouviram Jesus: atenção e acolhida. Nossos alunos e alunas têm muito a nos dizer sobre a realidade social em que vivem, sobre os valores que defendem e a forma como se relacionam com as tecnologias de informação e comunicação. Há um farto material sobre a relação que nossos jovens desenvolvem com o universo religioso: a diversidade de crenças e pertencimentos, as diferentes visões que possuem sobre o sagrado e como compreendem os valores religiosos. Os questionários respondidos também nos informam sobre os diferentes tipos de engajamento sociopolítico, das relações com suas famílias, consigo mesmos e com suas redes de amigos.

O que neste livro foi apresentado ao longo dos capítulos e anexos é a ponta do *iceberg*. Há muito material para ser garimpado ao longo do volume de perguntas que foram respondidas. Muitas falas para conhecer, ouvir e interpretar. Informações e respostas que podem ser cruzadas e relacionadas. São muitas as possibilidades que a pesquisa abre para aqueles que querem melhor conhecer os alunos da PUC-Rio de hoje. O resultado não é somente para traçar um perfil dos universitários da PUC-Rio, as informações podem nos ajudar a pensar práticas que encontrem maior sintonia com os desafios do tempo presente.

Existe também a possibilidade de comparação dos dados atuais com a pesquisa que realizamos entre os anos de 2005/2007. Isso é possível porque a estrutura e os objetivos foram mantidos com pequenas adaptações na formulação de algumas perguntas. Em 2005/2007, todos os questionários foram feitos e respondidos em papel. Na versão de 2018, tudo foi feito com o uso das tecnologias de informação e comunicação. Isso diminuiu os

custos, deu agilidade à preparação, à aplicação e ao manejo dos dados. Para uma próxima pesquisa, o caminho está pavimentado pela rede tecida e pela experiência adquirida. O desejo é que possamos reaplicar a pesquisa com um intervalo de alguns anos. Assim, poderemos acompanhar e comparar as constantes mudanças, bem como as transformações ao longo do tempo.

Para os pesquisadores que estiverem interessados em conhecer e analisar o conjunto de dados da pesquisa, eles se encontram disponíveis nesta obra, disponibilizada no formato impresso e em e-book.

Alexandre Souza Chaves

Sobre os autores

Waldecir Gonzaga

Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma. Pós-doutorado pela FAJE, BH, Brasil. Diretor e Professor de Teologia Bíblica do Departamento de Teologia da PUC-Rio. Criador e Líder do Grupo de Pesquisa junto ao CNPq: Análise Retórica Bíblica Semítica. E-mails: waldecir@hotmail.com e waldecir@puc-rio.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9171678019364477> e ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-5929-382X>.

Alexandre Souza Chaves

Pós-graduado em Tecnologias no Ensino Superior pela PUC-Rio. Licenciatura em História/UFF e Psicologia/PUC-Rio. Professor da Cultura Religiosa do Departamento de Teologia da PUC-Rio e do Colégio Teresiano CAP-PUC.

Ricardo Ismael

Doutor em Ciência Política pelo IUPERJ/IESP (2001). Professor do Departamento de Ciências Sociais da PUC-Rio desde 1995, tendo assumido a direção da unidade acadêmica no período de 2015-2019. Foi diretor do Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento (2012-2014), e editor do periódico *Cadernos do Desenvolvimento* (2011-2014), da mesma instituição. Coordena o Grupo de Pesquisa “Núcleo de Estudos sobre Federalismo, Política e Desenvolvimento (NUFEPD)”.

Marco Antonio G. Bonelli

Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, além de graduação, mestrado e doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professor da Cultura Religiosa do Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Rosemary Fernandes da Costa

Realizou seu doutorado no tema Mistagogia pela PUC-Rio. É professora da Cultura Religiosa do Departamento de Teologia da PUC-Rio, assessora da CRB e da CNBB, de comunidades educativas e pastorais. Membro da Comunidade Batismo do Senhor, na Vila São Luiz, Duque de Caxias, RJ. Com Felipe Rocha, organizou o livro-subsídio *A mística do bem viver* (Senso, BH, 2019); é autora dos livros *Mistagogia hoje* (Paulus, 2014) e *A mistagogia em cirilo de Jerusalém* (Paulus, 2015).

Sérgio Mendes

Doutor em Teologia Moral pela PUC-Rio. Professor da Cultura Religiosa do Departamento de Teologia da PUC-Rio. Gestor Administrativo-Pastoral das escolas da Companhia de Santa Teresa de Jesus no Brasil. Membro do GT de Pastoral da ANEC-RJ.

Antonio Carlos Alkmim

Cientista Político. Professor do Departamento de Ciências Sociais da PUC-Rio desde 1998. Doutor em Ciência Política pelo IUPERJ/IESP. Pós-doutor em Planejamento Urbano pelo IPPUR/UFRJ. Pesquisador sênior aposentado pelo IBGE.

Ana Paula Conde

Doutora em História, Política e Bens Culturais pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV) e mestre em Ciência Política pela Universidade Federal Fluminense (UFF). cursou Comunicação Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tem diploma de Estudos Avançados em Processos Políticos Contemporâneos pela Universidade de Santiago de Compostela. É professora do Departamento de Ciências Sociais da PUC-Rio na área de Ciência Política desde 2009.

Sonia Maria Giacomini

Graduada em História e em Administration Economique et Sociale- Sciences de la Société pela Université de Paris VII, mestre em Antropologia Social pelo PPGAS-Museu Nacional/UFRJ (1992) e doutora em Sociologia pela SBI-Iuperj (2004). Professora e pesquisadora da PUC-Rio de 1980 a 2020, atua nas áreas de Sociologia e Antropologia, com ênfase em Antropologia das Relações de Gênero, Antropologia das Populações Afro-Brasileiras e Antropologia Urbana, tendo-se especializado nos seguintes temas: gênero, raça, corporalidades, sexualidade, colonialidade, pensamento social brasileiro e identidade social. É membra colaboradora universitária internacional do Réseau Québécois d'Études Féministes de la Francophonie-RÉQEF e sócia-efetiva da Associação Brasileira de Antropologia-ABA. Foi diretora do Departamento de Ciências Sociais por dois mandatos, coordenadora do Núcleo Interdisciplinar de Reflexão e Memória Afrodescendente (2007-2013) e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-Rio (2013-2019).

Elaine de Azevedo Maria

Advogada, formada em Direito pela UFRJ, com mestrado em Ciências Sociais pela PUC-Rio e graduanda em Teologia pela PUC-Rio. Colaboradora da Pastoral Universitária da PUC-Rio, responsável pelos projetos do setor Espiritualidade.

Anexo 1

Metodologia da Pesquisa Perfil dos alunos da PUC-Rio 2018

Antonio Carlos Alkmim

A “Pesquisa do Perfil dos alunos da PUC-Rio 2018” teve como objetivo realizar um levantamento que se traduzisse em um diagnóstico sobre os alunos da PUC-Rio, considerando diversas dimensões do universo econômico, social, cultural e religioso dos estudantes. Os resultados da pesquisa pretendem servir de insumo de orientação de práticas pedagógicas, e de gestão da universidade, segundo a sua missão e seus princípios.

A pesquisa de 2018 replica a metodologia e busca a comparação com os resultados de um primeiro levantamento, realizado em 2006, pela Cultura Religiosa (CRE) ligada ao Departamento de Teologia da PUC-Rio (CRE) em parceria com o Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (Ceris). Os resultados e as análises da pesquisa de 2006 estão publicados no livro *Juventude, religião e ética – Reflexões teológico-práticas sobre a pesquisa “Perfil da Juventude na PUC-Rio”* (2010).¹

A pesquisa de 2018 foi realizada entre os meses de outubro e novembro de 2018, com estudantes de graduação da PUC-Rio, abrangendo um total de 2.114 questionários válidos (com pelo menos 33% de respostas para as 179 variáveis, originalmente investigadas). O universo representado foi de 11.292 alunos, matriculados, no momento de realização da entrevista (sendo a amostra correspondente a 18,7% do total).

Já a pesquisa de 2006 entrevistou 1.468 alunos para um universo de cerca de 13 mil alunos do total da universidade (uma amostra de 11,3%). Nos dois momentos, as entrevistas destinaram-se aos alunos matriculados nas disciplinas oferecidas pela Cultura Religiosa (CRE), uma vez que essas matérias são extensivas aos cursos e períodos da universidade, abrangendo mais de 30% do total de estudantes.

O questionário, estruturado em perguntas fechadas e abertas, foi elaborado por professores da CRE, e também por professores do Departamento de Ciências Sociais da Universidade, e teve como base a pesquisa

1. Disponível em <http://www.teo.puc-rio.br/home/?p=276>. Acesso em abr. 2019.

de 2006, embora tenha sido submetido à revisão, à adaptação e a pequenas modificações, em função das diversas mudanças ocorridas ao longo dos últimos 12 anos. Entretanto, houve uma determinação em tornar as informações comparáveis no tempo, para melhor identificar as alterações de perfil nos dois momentos.

A estratégia, após a definição do questionário, envolveu uma etapa de sensibilização dos 21 professores que ministram as disciplinas de Cultura Religiosa, a partir de reuniões presenciais, pois coube a eles informar e instruir os alunos sobre a realização da pesquisa, assim como monitorar o preenchimento dos questionários. Estes foram formatados eletronicamente, em parceria com a Vice-Reitoria Acadêmica, sendo disponibilizados na rede interna da PUC para todos os alunos matriculados nos cursos de Teologia. Durante a realização da pesquisa, houve um acompanhamento on-line e em grupo, dos coordenadores, a fim de tirar as dúvidas eventualmente existentes no processo.

Os questionários, eletrônicos, formaram uma base de dados original. De acordo com informações cadastrais dos alunos originárias da universidade, referentes ao curso e ao período dos alunos, foram calculados pesos específicos para ajustar a amostra, tendo como referência o universo dos alunos, formando assim uma base de dados consolidada. Os pesos corresponderam à distribuição dos alunos pelos cursos oferecidos pela PUC-Rio e pelo período e ano da matrícula dos alunos.²

A partir da base de dados consolidada, foram emitidos os relatórios de frequência simples, os cruzamentos e os gráficos selecionados que integrarão o relatório analítico e os produtos que serão apresentados em uma fase posterior.

A margem de erro da pesquisa é de +/- 1,9 pp., considerando um intervalo de confiança de 95%.

2. Os pesos foram aplicados a cada um dos alunos, segundo a interação das suas características pessoais em relação ao cadastro como um todo. Não houve necessidade de aplicar outros pesos, como a condição do aluno (bolsista e não bolsista), turno (manhã, tarde ou noite), sendo que para estas variáveis foi observada uma aderência da amostra.

Anexo 2

Questionário de Pesquisa

Questionário de pesquisa

É tudo de

***Obrigatório**

Se

Escolher

1.1 - Sexo *

- Masculino
- Feminino

1.2 - Cor/Raça *

- Branca
- Preta
- Amarela
- Parda
- Indígena
- Outras

1.3 - Idade *

- 18 a 25 anos
- 26 a 35 anos
- 36 a 45 anos
- 46 a 55 anos
- 66 e mais

1.4 - Estado Civil *

- Solteiro(a)
- Casado(a) com rito religioso
- Casado(a) apenas no civil
- Separado(a)
- Divorciado(a)
- Casado(a) pela 2ª vez
- União estável
- Viúvo(a)

1.5 - Escolaridade *

Selecionar apenas 1 coluna

	Sim	Não - 1 ou mais finalizada	Não - 1 ou mais não finalizada
Esta é a primeira graduação?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

1.5.1 - Atualmente estou no curso:

Sua resposta

Período: *

Sua resposta

Estudo no turno: *

Diurno

Noturno

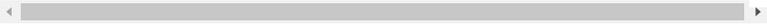
Ano de ingresso *

Sua resposta

1.6 - O que motivou sua escolha pelo curso atual? *

(Assinale até três opções, em ordem de importância, ou seja, em 1º, 2º e 3º lugar)

	Família	Amigos	Influência de professores	Interesse pessoal	2ª opção no vestibular	Interesse por problemas sociais	mercado de trabalho	Outr.
Linha 1	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>



1.7 - Você recebe bolsa de estudo? *

- Sim - Parcial / PUC-Rio
- Sim - Integral / PUC-Rio
- Sim - PROUNI
- Não

1.8 - Você possui alguns desses bens? Quantos?

	Computador/Notebook	Telefone celular	Ar condicionado	banheiro	aspirador de pó	automóvel
1	<input type="checkbox"/>					
2	<input type="checkbox"/>					
3	<input type="checkbox"/>					
4 ou mais	<input type="checkbox"/>					



1.9 - Você trabalha? *

- Por conta própria / autônomo
- está desempregado
- estágio
- com carteira assinada
- não/nunca trabalhou
- trabalho temporário com carteira assinada
- trabalho temporário sem carteira assinada

1.10 - Qual a sua principal fonte de sustento *

- família
- emprego
- bolsa de pesquisa
- trabalho informal
- estágio
- outra

1.11 - Você estudou em escola: *

- Particular
- Pública
- tanto em particular quanto pública

1.12 - Você estudou em Escola Católica *

- Sim, toda a escolaridade
- Sim, até a 9º ano do Ensino Fundamental
- Sim, até o 5º ano do Ensino Fundamental
- Sim, apenas a Educação Infantil
- Não

2.1 - Você acredita em? *

- Deus
- Santos
- Espíritos
- Reencarnação
- Vida após a morte
- Jesus Cristo
- Anjos
- Seres elementares / da natureza
- Energias-aura
- Virgem Maria
- Espírito Santo
- Demônio
- Entidades e orixás
- Astrologia e Tarô
- NRA

2.2 - Qual a principal razão de sua crença? *

- Porque sua família sempre teve esta fé religiosa;
- Porque o testemunho de uma pessoa te convenceu;
- Porque sente a presença de divindade em sua vida;
- Por ter recebido uma graça, "cura" ou "milagres" em sua vida
- Porque a fé lhe ajuda a descobrir o sentido profundo da vida;
- NS/NR
- Outro:

2.3 - Quem é Deus pra você? *

- Uma energia
- Um amigo pra todas as horas
- Um pai que ama e se preocupa com as pessoas
- A natureza
- Um ser poderoso que julga os pecados e virtudes humanas
- Amor
- Outro:

2.4 - Em que momento você Costuma sentir mais fortemente a presença de Deus *

- Num momento de dor, perigo ou sofrimento
- Diante da beleza da Natureza
- Num momento de alegria
- Sempre em todos os momentos
- Em momentos de decisão
- Diante de lutas pelos direitos humanos, pela justiça e conquista da cidadania
- Em nenhum momento
- NS/NR
- Outro:

2.5 - Qual a sua religião *

- Budismo
- Católica Apostólica Romana
- Espírita
- Evangélicas
- Hinduísmo
- Islamismo
- Judaísmo
- Umbanda / Candomblé
- sem-religião
- Outro:

2.6 - Você participa de encontros ou atividades de sua religião? Com que frequência? *

- não
- Sim
- mensalmente
- diariamente
- anualmente
- semanalmente
- eventualmente

2.7 - Qual a sua opinião sobre a Igreja Católica (resposta múltipla) *

- Tem procurado renovar seu discurso e prática;
- Quer determinar padrões de comportamento para toda sociedade e não só para os seus fiéis;
- Luta contra as injustiças sociais e pela mudança da sociedade;
- Não luta contra as injustiças sociais e pela mudança da sociedade;
- Tem uma posição de abertura diante do que discorda;
- Tem uma posição de fechamento diante do que discorda;
- Tem sido intransigente frente às questões morais e sexuais;
- Tem procurado dialogar com a sociedade quanto aos temas morais e sexuais;
- NS/NR;

2.8 - Você participa de encontros ou atividades de outra/s religião/ões que não seja a sua? Com que frequência? *

- Sim: sempre que possível
- em festas ou ocasiões especiais
- raramente
- não

2.9 - Qual é/ são esta/s religião/ões que você participa, além da sua? *

- Budismo
- Católica Apostólica Romana
- Espírita
- Evangélicas
- Hinduísmo
- Islamismo
- Judaísmo
- Umbanda / Candomblé
- Sem religião
- Outro:

2.10 - Qual sua opinião sobre as religiões? *

- existe mistificação
- a fé independe de religião
- todas as religiões, se bem vividas, levam a Deus e a fraternidade
- religião é uma instituição que não combina com a sociedade moderna
- só há uma verdadeira
- não há problemas em participar em mais de uma

3.1 - Você costuma participar de alguma dessas entidades estudantis (múltiplas respostas) *

- Não participa
- Diretório Central dos Estudantes
- Centro Acadêmico de Curso
- Coletivos de Estudantes (Nuvem Negra, Madame Satã, de mulheres, Bastardos Inglórios, etc.)
- Pastoral Universitária
- Pré-vestibular PUC-Rio
- Outro:

3.2 - Você costuma participar de alguma dessas atividades, associação, organização e/ou movimento social (múltiplas respostas) *

- Comunitária (associações de bairro, centro comunitário, mutirão)
- Movimento sociais (MST, MTST, movimento Negro, LGBT, etc.)
- Movimento vinculados aos direitos Humanos
- Movimento de Causa Ambiental
- Movimentos / grupos religiosos
- Política Partidária
- A Sindicato / Associação Profissional
- Outro:

3.3 Assinale os 3 problemas sociais abaixo que mais preocupam você (em ordem de importância, ou seja, em 1º, 2º e 3º lugar); *

	desemprego	corrupção	drogas	falta de ética na política	violência urbana	crise econômica do país	Segurança Pública
1º	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2º	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3º	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Obs.: os demais problemas sociais citados no item 3.3 podem ser vistos no Anexo 3.

3.4 - Na sua opinião, quais destes valores são os mais importantes para uma sociedade (aponte os cinco mais importantes)? *

- solidariedade
- temor a Deus
- respeito ao meio ambiente
- autenticidade pessoal
- disciplina pessoal
- competência / formação
- respeito às diferenças
- justiça social
- religiosidade
- respeito às tradições
- liberdade política
- prazer sexual
- igualdade de oportunidades
- dedicação ao trabalho
- liberdade individual
- obediência às autoridades
- auto-realização

5.1 - Quais são os gêneros ou tipos de música que você mais gosta? *

- sertanejo
- pagode
- pop
- rap
- MPB
- samba
- clássica
- rock
- axé
- choro
- instrumental
- gospel
- funk carioca
- Outro:

5.2 - Quais dessas atividades você realiza habitualmente? *

- navegar na Internet
- ir à praia
- ir ao cinema
- ir em restaurantes
- viajar para o exterior
- leitura de livros não acadêmicos
- ir ao shopping
- ir ao teatro
- ir à festas
- outra

5.3 - Qual a sua fonte de informação? *

- televisão
- jornal e revistas
- internet
- rádio
- amigos
- família
- ambiente de trabalho
- escola / universidade
- Outro:

5.4 - Com que frequência você utiliza diariamente a internet? *

- não utilizo
- 0 a 4 horas
- 4 a 8 horas
- mais de 8 horas

5.5 - A utilização da internet é sobretudo para: *

- atividades de ensino e pesquisa
- redes sociais
- grupos de amigos / contatos pessoais
- compras
- não utiliza
- Outro:

5.6 - Em relação aos temas abaixo, indique seu grau de satisfação conforme a legenda *

	satisfeito	pouco satisfeito	insatisfeito	não sabe
Em relação à família	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
com as amigas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
com a casa onde mora	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
com as possibilidades de trabalho que tem hoje	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
em relação à sexualidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
com a aparência física	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
com o bairro onde mora	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
com a maneira que passa o tempo livre	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
com a saúde física	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
com a capacidade de tomar decisões	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
em relação à vida amorosa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
em relação ao curso na PUC-Rio que está matriculado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

5.7 - Das afirmações abaixo indique sua opinião marcando uma das opções. *

	concordo	discordo	não tenho opinião formada a respeito
A solidariedade é um valor que procuro aplicar em meu cotidiano.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Divisão do trabalho doméstico entre homens e mulheres	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Deixar ligado o celular na sala de aula não atrapalha o professor.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O sexo sem compromisso deve ser experimentado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Considerando um casal é mais natural que o homem tenha mais experiência sexual que a mulher.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A convivência entre diferentes classes sociais no ambiente universitário prejudica a excelência do conhecimento.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Atitudes como justiça, caráter e honestidade devem ser cultivados por todos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
É importante preservar os valores transmitidos pela família	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

5.8 - Em situações de dificuldades emocionais ou existenciais você recorre: *

- a ninguém
- a minha mãe
- a alguém da família
- a um psicólogo ou profissional de psicologia
- a Deus
- a meu pai
- a um professor
- a um amigo próximo
- aos pais
- liderança religiosa
- cônjuge / companheiro(a)
- Rede de Apoio ao Estudante da PUC-Rio
- Outro:

5.9 - Como avalia a Rede de Apoio ao Estudante da PUC-Rio. *

- Desconhece
- Conhece, mas nunca utilizou
- Conhece, e achou o atendimento satisfatório
- Conhece, e achou o atendimento insatisfatório
- Conhece, e acha que precisa ser mais divulgado

5.10 - Você se considera uma pessoa: *

- Que possui poucos amigos, mas estes são verdadeiros
- Que possui muitos conhecidos, mas não tem amigos verdadeiros
- Que possui muitos amigos verdadeiros
- Que não cultiva amizades
- Que tem dificuldades para relacionar-se
- NRA

6.1 - Em relação aos temas abaixo relacionados, indique a sua opinião, colocando o número que corresponde ao da legenda abaixo. *

	Não tem opinião formada sobre o tema	É contra	É a favor	NS/NR
Planejamento Familiar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Métodos Contraceptivos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Que o Aborto deixe de ser crime	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sexo antes do casamento	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Relação entre pessoas do mesmo sexo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Legalização da união entre pessoas do mesmo sexo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Casamento de padres e de freiras	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Segundo casamento religioso	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Divórcio	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fidelidade conjugal (trair o parceiro/a)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eutanásia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Legalização da Pena de Morte	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

genética humana
(clonagem)

Participação da
Igreja na Política

Respeito aos
Direitos Humanos

6.2 - Você concorda com o uso de drogas? (marque apenas um item) *

sim

não

sim, apenas as legalizadas

6.3 - As pesquisas indicam que o consumo de drogas (álcool, cigarro, cocaína, maconha, etc.) vem aumentando. Diante disso, assinale as opções com as quais concorda: *

cada um é responsável por suas escolhas. Ninguém tem nada com isso.

As pessoas não têm informações suficientes sobre este assunto.

O uso de drogas acontece por causa da solidão e da dificuldade de enfrentar os problemas da vida

A dependência acontece por disposição genética

Quando vou às festas normalmente bebo muito.

Pode-se usar drogas e parar quando quiser, por decisão pessoal.

Experimentar algum tipo de drogas na adolescência e na juventude é algo inevitável

Anexo 3

Frequências simples dos resultados

Frequências simples		
Curso	Frequência	%
ACN – Artes Cênicas	12	0,6
ADM – Administração	165	7,8
ARQ – Arquitetura	104	4,9
BIO – Biologia	26	1,2
CCP – Computação	30	1,4
CDD – Direito	198	9,4
CDI – Desenho Industrial	255	12,1
CDN – Direito	101	4,8
CEC – Economia	64	3,0
CEG – Engenharia	478	22,6
CFL – Filosofia	12	0,6
CFS – Física	2	0,1
CGG – Geografia	22	1,1
CHS – História	46	2,2
CLT – Letras	47	2,2
CMM – Matemática	3	0,2
COM – Comunicação	241	11,4
CPD – Pedagogia	19	0,9
CPS – Psicologia	140	6,6
CQM – Química	5	0,2
CSC – Ciências Sociais	28	1,3
CSI – Informática	5	0,3
CSS – Serviço Social	15	0,7
CTL – Teologia	36	1,7
RIT – Relações Internacionais	60	2,8
Total	2.114	100,0

Área – Área de conhecimento		
	Frequência	%
Humanas e Sociais	1.204	57,0
Tecnológicas, Biológicas, Exatas	909	43,0
Total	2.114	100,0

Período 2		
	Frequência	%
2011	66	3,1
2012.1	32	1,5
2012.2	34	1,6
2013.1	77	3,6
2013.2	75	3,6
2014.1	157	7,4
2014.2	130	6,1
2015.1	192	9,1
2015.2	142	6,7
2016.1	218	10,3
2016.2	156	7,4
2017.1	236	11,2
2017.2	151	7,2
2018.1	253	12,0
2018.2	195	9,2
Total	2.114	100,0

% de respostas		
	Frequência	%
33	55	2,6
59	46	2,2
62	19	0,9
69	14	0,6
72	6	0,3
92	10	0,5
97	2	0,1
100	1.962	92,8
Total	2.114	100,0

Tendo em vista os itens apresentados no email e respondidas as minhas dúvidas, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu interesse em participar da pesquisa.

	Frequência	%
Sim	2.114	100,0

Sexo		
	Frequência	%
Feminino	1.145	54,2
Masculino	969	45,8
Total	2.114	100,0

Cor/Raça		
	Frequência	%
Amarela	15	0,7
Branca	1.648	78,0
Indígena	3	0,1
Outras	26	1,2
Parda	300	14,2
Preta	122	5,8
Total	2.114	100,0

Idade		
	Frequência	%
18 a 25 anos	1.884	89,1
26 a 35 anos	154	7,3
36 a 45 anos	34	1,6
46 a 55 anos	42	2,0
Total	2.114	100,0

Estado Civil		
	Frequência	%
Casado(a) apenas no civil	22	1,0
Casado(a) com rito religioso	56	2,7
Divorciado(a)	9	0,4
Separado(a)	8	0,4
Solteiro(a)	1.985	93,9
União estável	34	1,6
Total	2.114	100,0

Esta é sua primeira graduação?		
	Frequência	%
Não – 1 ou mais finalizada	68	3,2
Não – 1 ou mais não finalizada	180	8,5
Sim	1.866	88,3
Total	2.114	100,0

O que motivou sua escolha pelo curso atual? Motivo mais importante		
	Frequência	%
	1	0,0
2ª opção no vestibular	28	1,3
Amigos	24	1,1
Família	146	6,9

Influência de professores	41	1,9
Interesse pessoal	1.688	79,9
Interesse por problemas sociais	116	5,5
interesses políticos	23	1,1
Outra	47	2,2
Total	2.114	100,0

O que motivou sua escolha pelo curso atual? Segundo motivo mais importante		
	Frequência	%
	214	10,1
2ª opção no vestibular	56	2,7
Amigos	159	7,5
Família	473	22,4
Influência de professores	221	10,4
Interesse pessoal	318	15,1
Interesse por problemas sociais	364	17,2
interesses políticos	141	6,7
Outra	167	7,9
Total	2.114	100,0

O que motivou sua escolha pelo curso atual? Terceiro motivo mais importante		
	Frequência	%
	367	17,4
2ª opção no vestibular	53	2,5
Amigos	238	11,2
Família	282	13,4
Influência de professores	191	9,0
Interesse pessoal	157	7,4
Interesse por problemas sociais	196	9,3
interesses políticos	122	5,8
Outra	508	24,0
Total	2.114	100,0

Você recebe bolsa de estudo?		
	Frequência	%
Não	1.092	51,7
Sim – Integral / PUC-Rio	406	19,2
Sim – Parcial / PUC-Rio	329	15,6
Sim – PROUNI	287	13,6
Total	2.114	100,0

Tem computador / notebook		
	Frequência	%
	164	7,8
1	1.360	64,3
2	273	12,9
3	99	4,7
4 ou mais	219	10,3
Total	2.114	100,0

Tem telefone celular		
	Frequência	%
	30	1,4
1	1.731	81,9
2	94	4,4
3	41	1,9
4 ou mais	218	10,3
Total	2.114	100,0

Tem ar condicionado		
	Frequência	%
	473	22,4
1	836	39,6
2	199	9,4
3	223	10,6
4 ou mais	382	18,1
Total	2.114	100,0

Tem banheiro		
	Frequência	%
	90	4,3
1	1.014	48,0
2	356	16,8
3	256	12,1
4 ou mais	398	18,8
Total	2.114	100,0

Tem aspirador de pó		
	Frequência	%
	831	39,3
1	1.099	52,0

2	46	2,2
3	16	0,7
4 ou mais	123	5,8
Total	2.114	100,0

Tem automóvel		
	Frequência	%
	1.017	48,1
1	750	35,5
2	169	8,0
3	53	2,5
4 ou mais	125	5,9
Total	2.114	100,0

Tem freezer aparelho independente ou parte da geladeira duplex		
	Frequência	%
	660	31,2
1	1.156	54,7
2	133	6,3
3	22	1,0
4 ou mais	142	6,7
Total	2.114	100,0

Tem máquina de lavar		
	Frequência	%
	226	10,7
1	1.677	79,3
2	35	1,7
3	11	0,5
4 ou mais	164	7,8
Total	2.114	100,0

Tem empregada mensal		
	Frequência	%
	1.211	57,3
1	698	33,0
2	83	3,9
3	19	0,9
4 ou mais	103	4,9
Total	2.114	100,0

Tem geladeira		
	Frequência	%
	160	7,5
1	1.577	74,6
2	170	8,1
3	26	1,2
4 ou mais	181	8,5
Total	2.114	100,0

Tem tv por assinatura		
	Frequência	%
	592	28,0
1	976	46,2
2	152	7,2
3	113	5,4
4 ou mais	281	13,3
Total	2.114	100,0

Você trabalha?		
	Frequência	%
Com carteira assinada	120	5,7
Está desempregado	298	14,1
Estágio	684	32,4
Não/nunca trabalhou	716	33,9
Por conta própria / autônomo	204	9,7
Trabalho temporário com carteira assinada	14	0,7
Trabalho temporário sem carteira assinada	77	3,6
Total	2.114	100,0

Qual a sua principal fonte de sustento		
	Frequência	%
Bolsa de pesquisa	25	1,2
Emprego	125	5,9
Estágio	133	6,3
Família	1.723	81,5
Outra	32	1,5
Trabalho informal	76	3,6
Total	2.114	100,0

Você estudou em escola:		
	Frequência	%
Particular	1.619	76,6
Pública	263	12,4
Tanto em particular quanto pública	232	11,0
Total	2.114	100,0

Você estudou em Escola Católica		
	Frequência	%
Não	1.127	53,3
Sim, apenas a Educação Infantil	74	3,5
Sim, até a 9º ano do Ensino Fundamental	230	10,9
Sim, até o 5º ano do Ensino Fundamental	129	6,1
Sim, toda a escolaridade	555	26,2
Total	2.114	100,0

Acredita em Deus		
	Frequência	%
Não/NS/NR	693	32,8
Sim	1.421	67,2
Total	2.114	100,0

Acredita em santos		
	Frequência	%
Não/NS/NR	1.516	71,7
Sim	597	28,3
Total	2.114	100,0

Acredita em espíritos		
	Frequência	%
Não/NS/NR	1.349	63,8
Sim	765	36,2
Total	2.114	100,0

Acredita em reencarnação		
	Frequência	%
Não/NS/NR	1.476	69,8
Sim	638	30,2
Total	2.114	100,0

Acredita em vida após a morte		
	Frequência	%
Não/NS/NR	1.308	61,9
Sim	805	38,1
Total	2.114	100,0

Acredita em Jesus Cristo		
	Frequência	%
Não/NS/NR	1.087	51,4
Sim	1.027	48,6
Total	2.114	100,0

Acredita em anjos		
	Frequência	%
Não/NS/NR	1.370	64,8
Sim	744	35,2
Total	2.114	100,0

Acredita em seres elementares / da natureza		
	Frequência	%
Não/NS/NR	1.560	73,8
Sim	554	26,2
Total	2.114	100,0

Acredita em energias-aura		
	Frequência	%
Não/NS/NR	1.347	63,7
Sim	767	36,3
Total	2.114	100,0

Acredita na Virgem Maria		
	Frequência	%
Não/NS/NR	1.533	72,5
Sim	580	27,5
Total	2.114	100,0

Acredita no Espírito Santo		
	Frequência	%
Não/NS/NR	1.360	64,3
Sim	754	35,7
Total	2.114	100,0

Acredita no demônio		
	Frequência	%
Não/NS/NR	1.696	80,3
Sim	417	19,7
Total	2.114	100,0

Acredita em Entidades e orixás		
	Frequência	%
Não/NS/NR	1.724	81,6
Sim	390	18,4
Total	2.114	100,0

Acredita em Astrologia e Tarô		
	Frequência	%
Não/NS/NR	1.612	76,3
Sim	502	23,7
Total	2.114	100,0

NRA		
	Frequência	%
	1.798	85,1
X	316	14,9
Total	2.114	100,0

Qual a principal razão que te leva a crer?		
	Frequência	%
	55	2,6
Experiência pessoal	7	0,4
NS/NR	485	23,0
Outro:	151	7,1
Por experiência pessoal	0	0,0
Por ter recebido uma graça, "cura" ou "milagres" em sua vida	40	1,9
Porque a fé lhe ajuda a descobrir o sentido profundo da vida;	432	20,4
Porque o testemunho de uma pessoa te convenceu;	44	2,1
Porque sente a presença de divindade em sua vida;	573	27,1

Porque sua família sempre teve esta fé religiosa;	326	15,4
Tive experiências próprias, acredito independente de influenc	0	0,0
Total	2.114	100,0

Outra resposta		
	Frequência	%
	1.972	93,3
Acho a mensagem de Jesus Cristo, enquanto homem, sublime	1	0,1
Acho que contexto social	1	0,0
Acredito em algo que não sei explicar mas está fora da doutrina religiosa.	1	0,0
acredito em uma força maior sobre nós, seja qual for	1	0,0
Acredito numa energia maior	1	0,0
Acredito que Deus, Jesus e Espírito Santo são apenas um ser. Sinto que minha vida tem um sentido completo com Jesus. Deus é meu amigo, pai e meu guia. Acredito que Ele me guia e me orienta em todas as áreas da minha vida.	1	0,0
acredito que o mundo tem muitas coisas as nos oferecer que no momento ainda nao percebemos. sejam elas das mais diversas origens e formas	1	0,0
Análise pessoal	1	0,1
Ancestralidade	1	0,0
Apesar de não crer em Deus, acredito que existe uma espécie de motor primeiro do universo	1	0,0
Após leituras sobre o espiritismo e sensações de coisas que iriam acontecer e aconteciam.	1	0,0
Aposta de Pascal	0	0,0
As diversas vivências que tive e conhecimentos que obtive através da pessoas próximas, minha família, livros e internet.	1	0,0
as probabilidades levam a crer que possa existir algo assim	1	0,1
Ciência	2	0,1
Conclusões próprias de acordo com as coisas que fui aprendendo.	1	0,0

Conforto para seguir em frente mesmo diante das dificuldades. Gosto de pensar que há um propósito de Deus por tudo que passo.	2	0,1
Creio em Deus, pois as graças que recebo é fruto de orações e de minha fé.	1	0,1
Deus	1	0,0
Em primeiro lugar as provas da existência de Deus de Santo Tomás de Aquino. Mas outras opções também se aplicam.	1	0,1
Encontrei respostas convincentes – que não contradizem a ciência – na literatura espírita.	2	0,1
Energia	2	0,1
Energia autônoma do todo (ao qual nós também fazemos parte)	1	0,0
Energia é a essência da vida	1	0,0
escola religiosa	0	0,0
Eu acredito na existência de Jesus enquanto figura histórica	1	0,0
Eu acredito nas coisas porque elas existem, eu acredito no sol e no mar e em toda a natureza e sei que eles carregam muita energia.	1	0,0
Eu acredito que exista algo que não posso explicar de forma racional e, por isso, pesquiso sobre várias religiões o que me leva a crer que existem várias possibilidades acerca desta coisa inexplicável	1	0,0
Eu não creio	1	0,0
eu não tenho religião, mas acredito em energias. eu acho que se eu ter pensamentos positivos coisas boas vão acontecer na minha vida.	1	0,0
Experiência de vida me permite sentir diferenças de energia.	0	0,0
Experiência e reflexão sobre a realidade	1	0,0
Experiência pessoal	1	0,1
Experiências vividas	2	0,1
Fé não exige explicação	1	0,0
Fui criada em família católica e desde a infância tenho contato com religião. Nunca segui a fé católica mas sinto divindade ao meu redor principalmente na presença da natureza. Sou uma pessoa sensível e segundo amigos “espiritual” seja o que isso signifique.	0	0,0

Há coisas em que não se pode explicar, que vão além da ciência. Assim como não acho que só exista uma resposta para o inexplicável, o que me faz acreditar em varias vertentes.	1	0,0
História	1	0,0
Influências populares. Não me considero apto a descrer da crença dos outros. Apenas Virgem Maria que considero difícil.	1	0,0
Interesse próprio e senso de escapismo da realidade	1	0,0
Ja vi	1	0,0
Leitura dos grandes autores catolicos, somados à experiência empírica pessoal	1	0,0
Mais de uma alternativa: Família, Testemunho, Sinto a presença, Por muitas graças e porque me ajuda a descobrir o sentido profundo da vida.	0	0,0
Minha religião não diz respeito sobre crença, orixá existe independente da nossa fé	1	0,0
Minhas crenças começaram com influência da minha família. Segui a mesma religião que eles até os 18 anos. Agora, minhas crenças mudaram um pouco depois que passei a conhecer melhor outras religiões	1	0,0
Motivo íntimo	2	0,1
Não acredito	4	0,2
Não acredito em nada com pouca evidência. Fé é aceitar sem nem procurar descobrir/investigar/saber.	1	0,0
Não acredito na instituição religiosa, mas acredito que há uma força superior (não nos guiando, mas que influenciam nas energias de pessoas e ambientes)	1	0,0
não acredito no falso DEUS	1	0,0
Nao creio	1	0,0
Não creio	7	0,3
Não creio porque não existem provas, fé é uma questão de opinião	2	0,1
Não creio.	1	0,0
Não há outra forma de explicar a consciência para mim	2	0,1

Não invalido a possibilidade de existir algo além dos seres humanos	1	0,0
Não o testemunho, mas fui convencido pela palavra de Deus (bíblia)	1	0,0
Não sei	1	0,1
Não sei. Não acredito numa forma divina. Mas penso que existe algo por trás do universo. (Pode ser Deus) não sei.	1	0,0
Não tenho certeza da existência de Deus, mas para mim é a explicação mais lógica para a origem do universo.	2	0,1
Não tenho crenças	1	0,1
Não tenho fé	1	0,0
Não tenho motivo para desacreditar	3	0,2
Não tenho religião	1	0,0
Nem sempre tenho certeza se acredito, mas gosto de acreditar que existe esse ser superior	1	0,0
O planeta terra e a vida aqui são muito bem feitos para terem surgido do puro acaso	1	0,0
Outros	1	0,0
Pela falta de hábito de crença católica ou outra qualquer.	2	0,1
Pela razão	1	0,0
Pelo conjunto de experiências religiosas que tive durante a vida (vivência na igreja e testemunhos)	1	0,0
Por acreditar ter recebido a graça de Deus, não ganhei cura ou milagre, mas a redenção de meus pecados, ganhei alguém que se importa e me ama.	1	0,0
Por conta da forma como vivencio a natureza e minhas relações interpessoais. Minha formação filosófica também teve influência	1	0,0
Por escolha	1	0,0
Por eu achar que o mundo é interligado	1	0,0
por experiência e vivência pessoal	1	0,0
Por fazer cirurgia espírita e crer no sobrenatural e na presença de energias boas e ruins.	1	0,0
Por minha busca pessoal sobre o sentido da vida.	1	0,0
Por não ter pensamento cético e me sentir atraída por esses tópicos	1	0,0

Por que os céus proclamam a Glória de Deus (Salmo 19)	1	0,0
Por ser mais facil acreditar em algo	1	0,0
Por ter contato direto com algumas entidades e divindades	1	0,0
Por testemunho que me convenceu e também simplesmente por ter a crença.	1	0,1
porque a natureza é perfeita, ela não dá ponto sem nó...	1	0,0
Porque a partir de fatos e pesquisas eu escolhi acreditar	1	0,0
Porque acontece certas coisas que são inexplicáveis.	1	0,1
Porque acontecem coisas na vida que só a existência de uma força maior explica	1	0,0
Porque acredito em algo maior do que eu, que rege tudo e todos, de alguma forma.	1	0,0
Porque acredito existir uma força superior(Deus) que atua em cima de tudo	1	0,0
Porque acredito na energia superiora do universo/natureza	1	0,1
Porque acredito que existe uma relação entre tudo que existe no mundo. Uma espécie de "força comum" que pode ser chamada de Deus	1	0,0
Porque acredito que temos algo muito maior que ajuda a regir nosso mundo. Além de que o ser humano precisa ter fé para seguir com a vida.	1	0,0
Porque acredito ser impossível não existir uma "força" divina que atua no universo acima da nossa compreensão.	1	0,0
Porque acredito na necessidade da conexão espiritual para as nossas vidas no plano material, independente de como temos acesso a isso.	1	0,0
Porque aprende e compreendi dentro dos estudos da minha religião	1	0,0
Porque consigo sentir uma energia superior e forte	1	0,0
Porque creio no que testemunho	1	0,0
Porque Deus me alcançou e o seu Espírito me convenceu, transformou meu coração e me fez crer	1	0,0

Porque é muito triste pensar que somos apenas uma combinação de acasos sem rumo e sem responsabilidade nenhuma com o próximo	2	0,1
Porque eu já frequentei diferentes igrejas e centros e eu absorvi para mim aquilo que me era mais real no meu ponto de vista. Por fé	1	0,0
Porque eu sinto que algo existe equilibrando as energias, mas não sei dizer o que é	1	0,0
Porque eu sinto que existe coisas a minha volta	3	0,2
Porque existe uma lógica dentro de todas as coisas da natureza	1	0,0
Porque há coisas que o ser humano é incapaz de compreender.	1	0,0
Porque há registros históricos que comprovam a existência do mesmo, o qual veio a difundir as questões de amor ao próximo.	3	0,1
Porque já tive várias experiências sensitivas e mediúnicas	1	0,0
Porque não faz sentido não crer em algo.	0	0,0
Porque o universo é muito complexo para ter sido criado pelo acaso, na minha opinião	1	0,1
Porque passei a conhecer verdadeiramente o amor de Deus, Sua graça e misericórdia por todo o mundo	1	0,0
Porque percebo fluxos de energia nas pessoas e nos locais	3	0,1
Porque sempre andei com Deus desde o meu nascimento e descobri através da Bíblia a presença e manifestação de Deus na vida do homem. A fé me faz ter certeza da existência do Deus invisível galardoador de quem O busca.	1	0,0
Porque tenho profundo respeito e afeto pela Natureza, pois sua importância nas nossas vidas é enorme e somos regidos por Ela.	1	0,0
Porque vivemos em um universo muito complexo que não pode simplesmente ter surgido do nada. A ciência conhece diversas partículas elementares, que são responsáveis por dar massa à matéria, mas ainda não consegue explicar como essas partículas surgiram. Então acredito que tenha algo muito além do meramente observável.	0	0,0

pq acho tudo crível	1	0,0
Pq ter fé é acreditar e acreditar é viver	1	0,0
Respondo a de eu não acreditar: nada disso vai estar lá na hora do vamos ver.	1	0,0
Sciencia	1	0,0
Sciencia/fatos científicos/teoria de probabilidade	2	0,1
Segredos	1	0,0
Simplemente acredito nas coisas boas que a fé proporciona	1	0,0
Só acredito	1	0,0
Só acredito que Jesus existiu pois acho que é uma figura histórica, não religiosa.	0	0,0
Sou agnóstica teísta, creio que existe algo maior do que nós que apenas não entendemos, acredito que é um pouco arrogante entender que a "vida" ou "existência" são apenas o que vemos e entendemos como ciência, logo as teorias que abordam uma força maior, ou mais do que uma, fazem mais sentido para mim do que crer na inexistência de algo, só por não podermos ve-lo ou entende-lo ainda.	3	0,1
Sou agnóstica, acredito que existe algo mais que não tenho resposta e tudo bem	1	0,0
Sou agnóstico	1	0,1
Sou ateia	1	0,1
Sou de família cristã, meu pai é pastor evangélico, mas tenho notado que a religião é sequestrada pela política: as interpretações bíblicas (da bancada da Bíblia, de grupos religiosos como o Dom Bosco) para justificar absurdos e violências, mais do que pela mensagem da salvação.	1	0,1
Tanto por influência familiar quanto por propensão pessoal a agnosticismo	1	0,0
tanto por questão familiar como experiência própria e contexto social	1	0,0
Tenho convicção por ter estudado diversas religiões e ter chegado a conclusão de que a que melhor responde minhas necessidades são a que eu sigo.	1	0,0
Tenho dificuldades para crer	1	0,0

Tentar crer me ajuda no meu bem estar psicológico. Mas me considero agnóstica.	1	0,1
Terapia	1	0,0
Testemunho me convenceu e a dificuldade em não acreditar na existência de uma energia superior	1	0,0
Tive experiências próprias, acredito independente de influencias ou pessoas!	1	0,0
Todos temos que acreditar em alguma coisa	1	0,0
Um mix de influência familiar e conceitos filosóficos/metafísicos aprendidos ao longo da vida	1	0,0
Uma mistura dos 1º, 3º e 4º itens	1	0,0
Total	2.114	100,0

Quem é Deus pra você?		
	Frequência	%
	55	2,6
A natureza	199	9,4
Amor	397	18,8
Outro:	290	13,7
Um amigo pra todas as horas	66	3,1
Um pai que ama e se preocupa com as pessoas	285	13,5
Um ser poderoso que julga os pecados e virtudes humanas	49	2,3
Uma energia	774	36,6
Total	2.114	100,0

Outra resposta		
	Frequência	%
-	2	0,1
	1.824	86,3
Energia autônoma do todo (ao qual nós também fazemos parte)	1	0,0
(Sem a intenção de ofender) Uma invenção antiga que foi criada antigamente por interesse próprio de certas pessoas, que perpetua até hoje por ser tão bem sucedida.	1	0,0
.	2	0,1
2ª opção + 3ª opção + 5ª opção + 6ª opção	1	0,0
a	1	0,1

A consciência coletiva do mundo	1	0,1
A fé de cada pessoa	1	0,1
A significância dos meus significados.	2	0,1
Acredito em todas as opções	2	0,1
Acredito em todas as respostas acima e mais um pouco. Deus é tudo.	1	0,0
Acredito em um Deus onisciente e onipresente, cuja forma é incompreensível para a inteligência humana.	1	0,0
Acredito que Deus seja uma energia que se manifesta na forma do amor e que está presente na natureza como um todo e em todos os demais seres vivos (sem restringir apenas à raça humana)	1	0,0
actedito que Deus seja uma energia da natureza	1	0,0
ainda estou descobrindo minha percepção sobre ele	3	0,1
Algo que seria parte do universo	1	0,1
alguém com quem posso contar sempre, um amigo e um pai, com caráter justo e amoroso	2	0,1
Alguém para conversar	1	0,0
Amor e sabedoria	1	0,0
Amor, verdade e vida	0	0,0
Apenas uma fonte de apoio psicológico	1	0,0
Apoio emocional de povos antigos e manipulação das massas nos tempos atuais.	1	0,0
Beleza.	1	0,1
Criação do Imaginário Humano	1	0,0
Criação humana que serve para confortar o homem em momentos vulneráveis.	1	0,0
Criação humana, par obter respostas nas quais a humanidade ainda não alcançou	1	0,0
Dentro do meu sistema de crenças onde temos vários deuses e deusas que são apenas faces dos deuses primordiais, o Deus é um ser que se sacrifica por nós	2	0,1
Deus é o Criador do Universo, mas que me adotou como filha; Ele é como se revela na Bíblia. Um Deus justo e amoroso.	1	0,0

Deus é o fruto da vontade do homem de co- nhecer tudo o que existe.	1	0,0
Deus é o Todo, Deus sou eu, senhor de meu próprio destino e universo	0	0,0
Deus é tudo e nada ao mesmo tempo.	1	0,0
Deus é um ser confuso. Contraditório.	1	0,0
Deus está morto	1	0,0
Deus não existe	1	0,0
deus nem existe	1	0,0
É	1	0,1
é uma presença que cerca tudo existente na minha vida e no mundo, ele está no ar que eu respiro, na minha relação com amigos e famí- lia, nas árvores, no mar. Em tudo mesmo	1	0,0
Ele é aquele que É	1	0,0
Ele é.	0	0,0
energia e amor	1	0,0
Energia que está em tudo e todos	3	0,1
Energia, natureza, amor, universo	1	0,0
Entidade criada para suprir uma necessidade	2	0,1
Entidade oni presente	1	0,0
Eu	2	0,1
Eu acredito que há uma energia que rege as coisas no universos e que simbolos estão car- regados de energia também, entretanto não reconheço essa energia como Deus.	2	0,1
Eu nao acredito em deus	1	0,0
Figura central da fé e mitologia cristã	1	0,0
história	1	0,0
Inexistente	1	0,1
infinito	1	0,1
Inteligência suprema, causa primária de todas as coisas	1	0,0
Inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.	1	0,1
Invenção do homem	0	0,0
Invenção do homem para explicar fenômenos e para lhe proporcionar conforto.	0	0,0
Invenção humana	1	0,0
mito criado	2	0,1
mitologia	1	0,0

N acredito	2	0,1
N acredito em deus	2	0,1
N quero	1	0,0
N/A	1	0,0
nada	2	0,1
Nada	24	1,1
Nada nem ninguém.	1	0,1
Nada.	1	0,1
Nada. Não existe Deus. Onisciente e onipresente.	3	0,1
Nao acredito	5	0,2
não acredito	3	0,2
Não acredito	15	0,7
nao acredito em deus	2	0,1
não acredito em deus	1	0,0
não acredito em deus	1	0,1
não acredito em Deus	1	0,0
Não acredito em deus	3	0,1
Não acredito em Deus	12	0,6
nao acredito em deus, poderia dizer que a natureza é o meu deus, mas acho isso tendencioso. Para mim deus nao existe.	2	0,1
Não acredito na existência	1	0,1
Nao acredito nessa visao como deus	1	0,0
Não acredito.	1	0,1
Nao acredito. Acho que cada um ve deus de uma forma diferente	1	0,0
Não creio	1	0,0
Nao creio em deus	1	0,0
Não creio em deus	1	0,1
Não creio em Deus. Acredito que seja uma metáfora para acontecimentos do universo para os quais não temos respostas concretas ainda.	1	0,0
Nao existe	1	0,0
não existe	2	0,1
Não existe	6	0,3
Não posso afirmar sua existência, logo não sei	1	0,0
Nao sei	1	0,0
NAO SEI	0	0,0
Não sei	6	0,3

Não sei explicar, algo diferente pra cada um	1	0,0
Não sei o que dizer, já que não acredito na existência de um.	1	0,0
Não somente um Pai, Criador ou "Juíz", mas a fonte de todo amor, bondade, misericórdia e cuidado. Minha força.	1	0,1
Não tenho certeza se acredito em uma força superior como essa	1	0,0
Nao tenho opinião formada.	1	0,0
Não tenho religião	1	0,0
Não tenho resposta	1	0,0
Nao tenho sensibilidade para sentir deus	1	0,0
Não tenho uma crença em deus	1	0,0
Nenhuma das respostas	1	0,0
NINGUEM	1	0,0
Ninguém	3	0,1
Ninguém, pois Deus não existe.	1	0,1
Ninguém...	1	0,0
Nos mesmos	3	0,1
Nosso anseio de buscar respostas para perguntas que vão além da capacidade comum de compreender a existência	1	0,0
nra	3	0,2
NRA	1	0,0
Ns	1	0,0
NS	1	0,1
NS/NR	4	0,2
O absoluto	3	0,1
O acaso	1	0,0
O bíblico não representa meus valores. De resto, Deus é para mim é somente um conceito	0	0,0
O conceito/imagem/ideia de Deus não e claro para mim.	1	0,0
O criador	2	0,1
O Criador	2	0,1
O criador de tudo	1	0,0
o deus é tudo: do amor à indiferença	1	0,0
O motor do universo, o princípio da vida cuja definição se transforma de acordo com a evolução da nossa capacidade de compreensão.	1	0,1

O Pai	1	0,1
O que as pessoas usam pra justificar o que fazem, bom ou ruim, e pra ajudar a apaziguar as tensões da vida e a inevitabilidade da morte	1	0,0
O resultado de uma fé. Deus é grande, pois aqueles que acreditam o vêem assim.	1	0,0
O Senhor de todas as coisas	1	0,0
O Ser, Verdade e Bem, em si subsistentes, Ato puro e eterno em Cuja contemplação consiste a felicidade humana. Outras opções também se aplicam.	1	0,0
O temor de Deus nos leva ao respeito pelo semelhantes.	2	0,1
O todo poderoso que nos ama, sendo assim concordo com muita das opções mencionadas acima, mas acho elas separadas com o sentido incompleto	0	0,0
O universo	3	0,1
O universo inteiro	1	0,0
O Universo, O Todo.	1	0,0
os símbolos que aparecem no mundo	1	0,0
Pai, personificação do amor, alguém que nos desejou, nos criou e partilhou sua glória, sua presença.	0	0,0
Palavra de 4 letras	1	0,1
Para mim Deus é um ser, uma energia superior que tanto julga como ama	1	0,0
Para mim Deus não existe	1	0,0
Para mim, a Deusa é uma mulher que possui muitas faces, e ela está em tudo que vemos, ouvimos e sentimos. Ela tem sua face masculina, mas eu prefiro associar a divindade com uma Mãe Natureza.	1	0,0
Penso que, se Deus existe como uma entidade independente de nós, então não faz sentido a pergunta “quem é Deus para mim”. Se vale somente para mim, então ele não é uma entidade independente; não sendo, não pode ser Deus.	1	0,0
Personificação do bem, como amor ,esperança...	1	0,0
placebo	1	0,0
Protetor	1	0,0

Quem governa esta Terra	1	0,0
Reflieto sobre essa questão com frequência semanal . É difícil ainda reponde-lá para mim	0	0,0
Regras intrínsecas a existência	1	0,0
Senhor e Salvador	3	0,2
Símbolo de religiões	1	0,1
somente algo para as pessoas buscarem um sentido para a vida.	1	0,1
sou atéia, não acredito em Deus	1	0,1
Sou ateu	1	0,0
Todas as anteriores, menos um ser julgador de pecados	1	0,1
Todas as opções e mais um pouco	1	0,0
Todas as respostas acima	1	0,1
Todo-poderoso, criador dos céus e da terra, triúno, meu Redentor.	0	0,0
Três das opções acima: a energia da natureza que rege com base nas leis do amor	1	0,1
tudo	1	0,0
Tudo	3	0,2
Tudo é nada	1	0,1
Um amigo imaginário	1	0,0
Um amigo imaginário responsável por diversos linchamentos e atrocidades ao redor do planeta.	1	0,0
Um catalisador para todas as reações do universo	1	0,0
Um conceito	1	0,0
Um conceito humano de extrema importância moral e ética	1	0,0
Um conceito metafísico inerente às novas religiões monoteístas, mas que não atua na completude das culturas humanas como um todo	1	0,0
um conto de fadas	1	0,1
Um criador	1	0,0
Um fenômeno que une pessoas	1	0,1
Um ideal de conforto	1	0,0
Um instrumento de coerção social	1	0,0
Um pai e amigo para todas as horas	2	0,1
Um paradoxo	1	0,0

Um personagem de um livro fantástico	3	0,1
Um personagem mitológico	1	0,0
Um princípio; demiurgo	1	0,0
Um ser	1	0,0
Um ser criador	1	0,1
Um ser criador não onipotente	1	0,0
Um ser poderoso que criou todo o universo	1	0,0
Um ser que se abstém dos problemas humanos	1	0,0
Um ser transcendente	1	0,0
Um substantivo	2	0,1
Uma consolação para as pessoas	1	0,0
Uma construção social	1	0,0
Uma crença das pessoas para se manterem motivadas	1	0,1
Uma criação do homem	1	0,0
Uma criação do ser humano	1	0,0
Uma de muitas entidades que podem ou não existir	1	0,0
Uma energia	1	0,1
uma energia da natureza cheia de amor	1	0,0
Uma energia presente em todas as coisas, em todos os seres. Presente na natureza e no universo.	1	0,1
Uma energia, a natureza,	1	0,0
Uma energia, amor, a natureza.	1	0,0
Uma entidade criadora e que acompanha o desenvolvimento do tempo e espaço, mas sem interferência direta	1	0,0
Uma entidade inventada pelo homem para consolar quem teme o desconhecido	1	0,0
Uma entidade religiosa que as pessoas se sustentam	1	0,0
Uma entidade superior neutra que não realiza interferências	1	0,1
uma farsa	1	0,0
Uma figura criada por humanos	2	0,1
uma força	1	0,0
Uma ideia	1	0,1
Uma idéia coletiva	1	0,0

Uma idéia que ajuda as pessoas a levar a vida de uma forma mais facil	1	0,0
Uma inteligência suprema onipresente onisciente onipotente	1	0,0
Uma invenção da humanidade	1	0,1
Uma invenção humana	1	0,0
Uma invenção humana para controle dos mais vulneráveis	1	0,0
Uma representação da fé que o ser humano cria para ajudá-lo a dar sentido ao universo	3	0,1
Xxx	1	0,0
Total	2.114	100,0

Em que momento você Costuma sentir mais fortemente a presença de Deus		
	Frequência	%
	55	2,6
Diante da beleza da Natureza	481	22,8
Diante de lutas pelos direitos humanos, pela justiça e conquista da cidadania	50	2,4
Em momentos de decisão	105	5,0
Em nenhum momento	263	12,4
NS/NR	197	9,3
Num momento de alegria	134	6,3
Num momento de dor, perigo ou sofrimento	288	13,6
Outro:	78	3,7
Sempre em todos os momentos	463	21,9
Total	2.114	100,0

Outra resposta		
	Frequência	%
	2.036	96,3
A presença de Deus nos é dada conforme os ditames da Graça	1	0,0
A todo momento	1	0,0
Acho que Deus esta a parte do que acontece nas nossas vidas, é maior do que isso	1	0,0
As artes são minha religião	1	0,0
Às vezes conversando com meu pai	1	0,0
Às vezes, em momentos de insegurança	1	0,0
Diante da arte humana	1	0,0

Diante da beleza da natureza, em momentos de dor e alegria.	1	0,0
Diante da falta de melhor explicação sobre a origem de todas as coisas.	1	0,1
Diante de todas as bênçãos da vida	2	0,1
Durante as missas (minha família é católica).	1	0,0
Em adorações	1	0,0
Em momentos de contemplação	1	0,1
Em momentos de dor e alegria	1	0,0
Em momentos de oração e trabalho no bem.	1	0,1
Em momentos de orações.	1	0,0
Em momentos de reflexão da vida ou filosofia	0	0,0
Em momentos de reflexão e de crescimento	0	0,0
Em momentos de serenidade, como através de prece e meditação	1	0,1
Em momentos oportunos, onde a força do acaso impera	1	0,0
Em momentos que acontece coisas, seja negativamente ou positivamente, que me levam para um resultado bom para minha vida, como se alguém tivesse pensado em tudo	2	0,1
Em todos que sejam significativos para mim	1	0,0
Em varios momentos onde sinto a energia regendo os acontecimentos	2	0,1
Em vários momentos por exemplo: na igrejas e em outros momentos	0	0,0
Eu não sinto de fato em mim, mas consigo acreditar quando outros falam que sentiram	2	0,1
Momentos de adoração	0	0,0
Momentos de alegria e tristeza	1	0,0
Na beleza da natureza e em momentos criticos e de reflexão	1	0,0
Na igreja	2	0,1
Na inclinação instintiva do homem à crença.	1	0,0
Na missa	1	0,0
Não a presença de Deus e sim de seus enviados.	1	0,0
Não acredito	2	0,1
não acredito em deus	1	0,1
Não acredito em deus	1	0,0

Não da pra definir um momento específico. Pode depender muito de como eu me sinto ou não. Porque ele é independente de mim, e se chega mesmo antes de eu pedir.	0	0,0
Não há momento específico	3	0,2
Não necessariamente de Deus, mas ao longo de festas religiosas	1	0,0
Não sei explicar	1	0,0
Nao sinto	1	0,0
Não sinto	1	0,0
Não tenho religião	1	0,1
Nas dificuldades, adversidades e percalços que precedem alguma conquista, no meu dia a dia, em absolutamente tudo que ao meu redor.	1	0,1
Nenhum momento	1	0,0
No silêncio	2	0,1
nos momentos de culto	1	0,1
Nos momentos de introspecção, dúvida e alegria, principalmente	1	0,1
nos momentos de tristezas e alegrias.	1	0,0
Nos momentos em que falo DEle ou de algo relacionado as minhas experiências/aprendizados relacionados a minha vida religiosa	1	0,0
nos momentos que sinto maior dor, alegria e tristeza	1	0,1
Nunca	2	0,1
O sentimento de Deus como energia percorre toda a experiência das coisas com o homem, assim como deste com si mesmo. Nao é algo presenciado ou sentido convenientemente	1	0,0
Quando agimos de acordo com a razão, de forma moral e ética	1	0,0
Quando algo que parecia ruim, negativo se mostra positivo. Quando uma pequena decisão te leva a algo muito mais complexo	1	0,0
Quando alguém me incomoda me perguntando sobre o deus dele	1	0,0
Quando coisas inexplicáveis acontecem.	1	0,1
quando estou com as pessoas que amo.	3	0,1
Quando estou em contato com a natureza e antes de dormir	1	0,0

Quando estou grata	2	0,1
Quando estou só	1	0,0
Quando eu busco a sua presença	1	0,0
quando eu procuro me conectar com ele	1	0,0
Quando eu quero	0	0,0
Quando faço algo errado, como se estivesse sendo vigiado	1	0,0
Quando noto que nada faz sentido.	1	0,1
Quando o louvo em meu quarto, na igreja ou com amigos	1	0,0
Quando paro para refletir sobre a vida	1	0,1
Quando penso sobre a existência	1	0,0
Quando reflito sobre a existência e sobre o que não entendemos ainda.	1	0,0
Quando sofro ameaças de homofóbicos ou partidários da direita na rua. Isso em plena luz do dia, a noite nem ia ter conversa.	1	0,0
Quando tiro um tempo para falar com Ele.	1	0,0
Sou agnóstica, não sinto a presença de Deus. Minha relação com a natureza não está relacionada ao Deus cristão.	1	0,0
Todos esses momentos	1	0,0
Www	0	0,0
X	1	0,1
Total	2.114	100,0

Qual a sua religião?		
	Frequência	%
	55	2,6
Budismo	20	1,0
Católica Apostólica Romana	608	28,8
Espírita	121	5,7
Evangélicas	176	8,3
Hinduísmo	5	0,2
Judaísmo	59	2,8
Outra:	152	7,2
Sem-religião	860	40,7
Umbanda / Candomblé	59	2,8
Total	2.114	100,0

Outra resposta		
	Frequência	%
	1.962	92,8
.	1	0,0
Aberta	1	0,0
Acredito em diversas religiões	2	0,1
Acredito em mais de uma religião, catolicismo, budismo e espiritismo	1	0,0
Agnóstica	5	0,2
Agnosticismo	1	0,0
agnostico	1	0,1
Agnostico	1	0,1
Agnóstico	19	0,9
Ainda não decidi	1	0,0
Ainda nao me identifiquei, buscando	2	0,1
Apaticista	1	0,1
ateismo	1	0,0
Ateísmo	1	0,0
Ateu	5	0,3
Ateu, por maioria composta.	1	0,0
Bruxaria Natural	1	0,0
Bruxo	1	0,0
Cabalista	1	0,1
Católica	1	0,0
Católica (não praticante)	1	0,1
Católica Espírita	1	0,0
católica não praticante	1	0,0
Católica não praticante	3	0,1
Católica Ortodoxa	1	0,1
Católica por batismo, mas agnóstica por opção	2	0,1
Católica, não praticante	1	0,0
Catolico nao praticante	1	0,0
católico não praticante	1	0,0
Católico não praticante	1	0,0
Católico Não Praticante	1	0,0
Considero-me agnóstico teísta	1	0,0
cristã	1	0,0
Cristã	1	0,0
Cristão	1	0,0

Cristão não praticante	1	0,0
Cristianismo	1	0,0
Daime	1	0,0
Espiritualismo	1	0,0
Espiritualista	4	0,2
Eu frequento a Igreja Católica e Centros espíritas	3	0,2
Fiz primeira comunhão, mas não pratico religião alguma	1	0,0
Formação católica, mas acredito em outras coisas além da igreja católica	2	0,1
Fui batizada no catolicismo, mas não pratico	2	0,1
fui criado na Católica mas frequento outras também	1	0,0
Gosto de estar em contato com a natureza e problematizar valores morais e éticos para além de regras ditas por homens.	1	0,0
Gosto do espiritismo e da umbanda, mas não sou praticante assíduo.	1	0,0
Hare Krishna	1	0,0
Já fui espírita, mas agora agnóstica	0	0,0
Jorei	0	0,0
Lei da atração	1	0,1
Mais de uma, acredito em diversas fés	2	0,1
Me aproximo mais do evangélico discordando em alguns pontos	1	0,0
Me considero apenas Cristão. Muito admiro a tradição Católica Apostólica Romana, mas minhas crenças estão mais próximas ao Cardecismo, por minha família inteira ser dessa religião.	1	0,0
Me identifico com várias linguagens religiosas: catolicismo, espiritismo, budismo, umbanda xamanismo	1	0,0
Messiânica	2	0,1
Messiânica (Johrei)	2	0,1
metodista	1	0,0
Minha fé não é muito rotulada, tenho minhas rezas e momentos de reflexão mas a religião pra mim é uma intimidade de cada um.	1	0,0
Minha religião	2	0,1
Mistura de católica com candomblé	1	0,0

Muitas	2	0,1
Música e poesia	1	0,0
N	1	0,0
N vou responder	1	0,0
Não acredito em instituição	1	0,0
não acredito em uma religião específica, acredito na simbologia e na fé por traz dela.	1	0,0
Não consigo definir em si uma religião, acho complicado no meio em que vivemos limitar a nossa experiência religiosa a algo já concretizado. A religiosidade existe no dia a dia e nas pequenas coisas que fazemos. É uma experiência sensorial.	1	0,0
Não faço parte de uma religião específica mas pratico magia	2	0,1
Não sei	1	0,0
nao sei classificar. apenas fé em algo, mas gostaria de me enquadrar em alguma	1	0,0
Não sigo nenhuma religião com frequência, mas busco os ensinamentos do Taoísmo, do Budismo e da Wicca	1	0,0
Não sinto a necessidade de encaixar o que acredito em uma categoria. Mas, por ter fé no espírito da natureza, por achar que a natureza e suas forças regem tudo, acredito que não possa me encaixar em "sem-religião".	1	0,0
Nao tenho	2	0,1
Não tenho religião	1	0,1
Não tenho uma religião determinada, acredito em muitas coisas	1	0,0
Não tenho uma religião, mas me conecto mais com o espiritismo	1	0,0
Nenhuma	0	0,0
No momento não frequento uma igreja. Minha crença é uma mistura do catolicismo e da igreja messiânica	1	0,0
Paganismo	1	0,0
Perfect Liberty	1	0,0
Perfect Liberty (PL)	2	0,1
PL	0	0,0
Politeísmo europeu	1	0,0

Protestante – Presbiteriana	2	0,1
Religião própria com pequenas características do evangelho	1	0,0
Satanismo	0	0,0
Satãnisimo	1	0,0
satanismo lavey (filosofia de vida, não religião)	1	0,0
Seicho-no-ie	1	0,0
Sem religião	2	0,1
Sigo mais a linha do budismo, mas levo comigo um pouco do catolicismo e da umbanda q vem de família	3	0,2
Sincretismo	0	0,0
Sinto que as religiões limitante e segregadoras. Me considero espiritualista.	2	0,1
Sou agnóstica	1	0,0
Sou batizada e tenho primeira comunhão, católica por família, mas não praticante e não crente	1	0,0
sou Católica mas tenho me aproximado do processo de ecumenismo e do Espiritualismo Universalista	1	0,0
Sou católica, mas não muito praticante. Além disso, gosto de entender e adotar ensinamentos de mais de uma religião, como o espiritismo e o budismo por exemplo.	1	0,0
Sou iniciante na prática da Wicca	1	0,0
Sou muito próximo do catolicismo, mas tenho certas dificuldades de acreditar	1	0,0
tenho um lado espiritual independente de religiões	1	0,1
Testemunha de Jeová	2	0,1
todas	1	0,0
Todas e nenhuma	2	0,1
todas. onde existe fé e respeito pelo próximo (seres, coisas, humanos, fauna, flora, elementos,...)	3	0,2
Um misto de religiões	1	0,0
Um pouco de todas	1	0,0
Um pouco de tudo	1	0,1
Uma mistura de várias crenças	3	0,1
União do Vegetal	1	0,0

wicca	1	0,1
Wicca	1	0,1
Total	2.114	100,0

Você participa de encontros ou atividades de sua religião? Com que frequência?		
	Frequência	%
	55	2,6
Não	1.223	57,9
Sim, anualmente	66	3,1
Sim, diariamente	48	2,3
Sim, eventualmente	331	15,7
Sim, mensalmente	104	4,9
Sim, semanalmente	287	13,6
Total	2.114	100,0

A igreja católica tem procurado renovar seu discurso e prática		
	Frequência	%
	963	45,6
Sim	1.150	54,4
Total	2.114	100,0

A igreja católica quer determinar padrões de comportamento para toda sociedade e não só para os seus fiéis		
	Frequência	%
	1.434	67,8
Sim	680	32,2
Total	2.114	100,0

A igreja católica luta contra as injustiças sociais e pela mudança da sociedade		
	Frequência	%
	1.518	71,8
Sim	596	28,2
Total	2.114	100,0

A igreja católica não luta contra as injustiças sociais e pela mudança da sociedade		
	Frequência	%
	1.840	87,0
Sim	274	13,0
Total	2.114	100,0

A igreja católica tem uma posição de abertura diante do que discorda		
	Frequência	%
	1.886	89,2
Sim	228	10,8
Total	2.114	100,0

A igreja católica tem uma posição de fechamento diante do que discorda		
	Frequência	%
	1.544	73,0
Sim	570	27,0
Total	2.114	100,0

A igreja católica tem sido intransigente frente às questões morais e sexuais		
	Frequência	%
	1.686	79,7
Sim	428	20,3
Total	2.114	100,0

A igreja católica tem procurado dialogar com a sociedade quanto aos temas morais e sexuais;		
	Frequência	%
	1.412	66,8
Sim	701	33,2
Total	2.114	100,0

NS/NR;		
	Frequência	%
	1.873	88,6
Sim	241	11,4
Total	2.114	100,0

Você participa de encontros ou atividades de outra/s religião/ões que não seja a sua? Com que frequência?		
	Frequência	%
	55	2,6
Em festas ou ocasiões especiais	256	12,1
Não	1.161	54,9
Raramente	501	23,7
Sim: sempre que possível	140	6,6
Total	2.114	100,0

Qual é/são esta/s religião/ões que você participa, além da sua?		
	Frequência	%
	55	2,6
Budismo	99	4,7
Católica Apostólica Romana	388	18,3
Espírita	187	8,9
Evangélicas	140	6,6
Hinduísmo	8	0,4
Islamismo	5	0,2
Judaísmo	50	2,4
Outra:	159	7,5
Sem-religião	924	43,7
Umbanda / Candomblé	101	4,8
Total	2.114	100,0

Outra religião		
	Frequência	%
-	2	0,1
	1.955	92,5
7,0	1	0,0
.	3	0,1
A questao nao permite mais de uma resposta. Espírita, Budismo, Umbanda/Candomblé, Católica Apostólica Romana.	1	0,1
Além da minha nenhuma não faço nenhuma participação	0	0,0
Budismo e Católica	1	0,0
Budismo, catolicismo apostólico romano, islamismo	1	0,0
Budismo, Catolicismo, Espírita, Umbanda/Candomblé	1	0,0
Budismo, espírita, hinduísta e Candomblé	1	0,0
Budismo, umbanda, catolicismo	1	0,0
Catolica	1	0,0
Católica, evangélica, umbanda	1	0,0
Católica, Umbanda, Evangélicas, Budismo.	1	0,1
Católica/umbanda/candomblé/indígena/budista	1	0,0
Católicas e Evangélicas	1	0,0
Como ja disse acredito em mais de uma religião	2	0,1

Das anteriores só não frequentei o Islamismo. (obs: o formulário possui vários erros em relação a marcação de multi respostas)	1	0,0
Diversas, depende do evento	1	0,0
É raro, evangélica e católica algumas vezes	1	0,1
em todas as religiões que sou convidado a participar	1	0,0
Espírita e Umbanda	2	0,1
Espírita, Umbanda, Budismo	1	0,0
Eu acredito religiosamente que o ser humano deveria ser extinto.	1	0,0
Evangélica, Umbanda/Candomblé	2	0,1
Evangelico, católico e budista	1	0,0
Eventualmente frequento igrejas católicas e centros espíritas	1	0,0
Igreja messiânica	2	0,1
Já li sobre outras, mas não frequentei	1	0,0
Johrei	1	0,0
Luteranismo	1	0,0
Ñ	1	0,1
N participo	1	0,1
N/A	1	0,1
nao	1	0,0
Nao	1	0,1
Não	1	0,0
Nao frequento	2	0,1
Nao participo	2	0,1
Não participo	17	0,8
Nao participo de encontros de outras religiões	1	0,0
Não participo de nenhum culto	1	0,0
Não participo de nenhuma outra religião fora a minha.	1	0,0
Não participo de outra	1	0,0
Não participo de outra religião	1	0,1
Não participo de outras religiões	1	0,0
Não participo de outras religiões além da minha	0	0,0
Não participo formalmente, mas procuro me informar quanto a outras religiões	1	0,0

Não pratico nenhuma religião em específico, apesar de acreditar em algo além do mundo físico.	3	0,1
não pratico outras religiões além da minha	1	0,0
Não sei	1	0,0
Não tem	2	0,1
Não tendo a ter contato com outras religiões	1	0,0
Não tenho algo definido	3	0,1
Não tenho religião, mas participo ou me interesso em participar em ocasiões dentro da Igreja Católica, do Espiritismo e da Umbanda.	1	0,1
Natureza	1	0,0
Nehuma	1	0,0
Nenbuma	0	0,0
Nenhua	2	0,1
nenhuma	8	0,4
Nenhuma	37	1,8
Nenhuma além da minha	2	0,1
Nenhuma além da minha. Em adendo à resposta da pergunta seguinte, acredito na veracidade exclusiva do Catolicismo Romano	1	0,0
Nenhuma outra	3	0,1
Nenhuma, eu sou católico	1	0,0
Nenhuma, só catolicismo.	1	0,0
Neo-paganismo	1	0,0
NRA	1	0,0
Ns	1	0,0
Onde tiver um evento que seja com o objetivo de ajudar estarei presente se for convidado.	1	0,0
Participo de algumas acima, mas só me permite escolher uma. Evangélica, espírita, umbanda.	0	0,0
Quando me convidam a casamentos, batismos, etc. de outras religiões que não a minha, participo por respeito ao convite.	1	0,0
Respondi q não participo	3	0,2
resposta da 20: Igreja católica sempre foi poder, sempre no topo, igreja = poder	1	0,0
Rituais de bruxaria, dias de festas de deuses hindus, entre outras.	2	0,1

Sigo diversas religiões então resposta seria budismo umbanda, daime, cristianismo, hinduísmo,....	2	0,1
Só a minha	3	0,1
Só participo da minha religião	1	0,0
Todas	2	0,1
Todas que recebo convite para conhecer	1	0,0
Um católico não participa de outras religiões	1	0,0
Umbanda, espírita e católica	1	0,0
Várias como disse acima	1	0,0
Várias religiões	1	0,1
Wicca	1	0,0
X	1	0,1
Xamã	1	0,0
Xamanismo	0	0,0
xxx	1	0,0
Total	2.114	100,0

Qual sua opinião sobre as religiões?		
	Frequência	%
	55	2,6
A fé independe de religião	1.045	49,4
Existe mistificação	107	5,1
Não há problemas em participar em mais de uma	311	14,7
Religião é uma instituição que não combina com a sociedade moderna	123	5,8
Só há uma verdadeira	70	3,3
Todas as religiões, se bem vividas, levam a Deus e a fraternidade	404	19,1
Total	2.114	100,0

Você costuma participar de alguma dessas entidades estudantis (múltiplas respostas)		
	Frequência	%
0	484	22,9
1	1.630	77,1
Total	2.114	100,0

Participa de Diretório Central dos Estudantes		
	Frequência	%
0	2.060	97,5
1	53	2,5
Total	2.114	100,0

Participa de Centro Acadêmico de Curso		
	Frequência	%
0	1.943	91,9
1	171	8,1
Total	2.114	100,0

Participa de Coletivos de Estudantes (Nuvem Negra, Madame Satã, de mulheres, Bastardos Inglórios, etc.)		
	Frequência	%
0	2.003	94,8
1	111	5,2
Total	2.114	100,0

Participa de Pastoral Universitária		
	Frequência	%
0	2.064	97,6
1	50	2,4
Total	2.114	100,0

Participa de Pré-vestibular PUC-Rio		
	Frequência	%
0	2.089	98,8
1	25	1,2
Total	2.114	100,0

Outro:		
	Frequência	%
	2.054	97,2
Afim	1	0,1
Associação Atlética	0	0,0
Atlética	10	0,5
Atlética do curso	1	0,0
Atlética; e projeto afim, da respuc	1	0,0
Bastardos da PUC	1	0,1
Bateria Diretores da Vila	1	0,1
Bateria e Atlética	1	0,1
Coral	1	0,1
Coral PUC Rio	1	0,0
dou aula em uma ong no complexo do alemao, serve?	1	0,0
Dunamis Pockets	1	0,0

Educafro	1	0,0
Empresa Junior	1	0,1
Encontro semanal com alguns alunos para debater sobre os problemas cotidianos que podem afetar nossa vida	1	0,0
equipe de aerodesign	1	0,0
Equipe de Robótica	1	0,0
Equipe universitária	1	0,0
Festival de Primavera	1	0,0
grupo de estudos	1	0,0
Grupos com outras faculdades	1	0,0
Grupos de estudo	0	0,0
grupos de estudo independentes	2	0,1
Grupos paralelos que surgem com motivações políticas específicas	1	0,0
Indiretamente do pré-vestibular já que sou coordenador de vários núcleos da Educafro-Rio	1	0,0
Infelizmente não tenho tempo pois sou voluntária em uma ong	1	0,0
Já participei do Diretório Acadêmico do meu curso	1	0,0
Já participei, hoje não mais	1	0,0
Laboratório de artes eletrônicas	1	0,0
Liga de Mercado financeiro	1	0,0
Liga de Mercado Financeiro	1	0,0
Liga de Mercado Financeiro PUC-Rio	1	0,0
Ligas Acadêmicas	0	0,0
Lmf	1	0,1
Mostra bosque Puc	1	0,0
MOVE – Programa de Liderança Católica da PUC-Rio	1	0,1
Movimentos externos	1	0,0
Não, porém gostaria	1	0,0
Não, porém manifesto vontade.	1	0,0
Nead	1	0,0
NEAD	3	0,1
Nenhuma	1	0,0
O nome do coletivo é "Coletivo Bastardos", e não "Bastardos Inglórios"	1	0,1

Organização de evento de alunos de arquitetura-Ser Urbano	2	0,1
Outro	1	0,0
Particpei do NEAD, Núcleo de Educação de Jovens e Adultos da PUC-Rio.	1	0,1
Participo do MOVE- Programa de Liderança Católica que acontece na Igreja da Puc, com o auxílio do diretor espiritual e reitor da Igreja.	2	0,1
pesquisas em grupo	1	0,0
Pretendo Participar Mais	1	0,0
Projetos Sociais Respuc	2	0,1
Riobotz	1	0,0
RPG	1	0,0
Simulação Interna da PUC (MIRIN) e grupos de estudo	1	0,0
Total	2.114	100,0

Não participa		
	Frequência	%
	746	35,3
X	1.368	64,7
Total	2.114	100,0

Participa de entidades comunitárias (associações de bairro, centro comunitário, mutirão)		
	Frequência	%
0	1.900	89,9
1	214	10,1
Total	2.114	100,0

Participa de movimento sociais (MST, MTST, movimento Negro, LGBT, etc.)		
	Frequência	%
0	1.881	89,0
1	232	11,0
Total	2.114	100,0

Participa de movimento vinculados aos direitos Humanos		
	Frequência	%
0	1.878	88,8
1	236	11,2
Total	2.114	100,0

Participa de movimento de causa ambiental		
	Frequência	%
0	1.969	93,1
1	145	6,9
Total	2.114	100,0

Participa de movimentos / grupos religiosos		
	Frequência	%
0	1.999	94,6
1	114	5,4
Total	2.114	100,0

Participa de política partidária		
	Frequência	%
0	2.048	96,9
1	66	3,1
Total	2.114	100,0

Participa de sindicato / associação Profissional		
	Frequência	%
0	2.100	99,3
1	14	0,7
Total	2.114	100,0

Outro:		
	Frequência	%
	2.078	98,3
AIESEC Rio de Janeiro, Enactus, ONGs locais e nacionais	2	0,1
Centro Dom Bosco, Opus Dei.	1	0,0
Defesa dos Animais	1	0,0
E	1	0,0
EAJC(encontro de adolescentes e jovens com cristo)	1	0,0
educafro	1	0,0
Faço um trabalho social com Jovens na Rocinha e estava trabalhando distribuindo quentinhas pra moradores de Rua no centro da cidade. Todas as ações são promovidas pelo centro espírita Rita de Cassia (kardecista).	1	0,0
Feminista	1	0,0

Grupos de debate lógico visando ganho de conhecimento. Também participo de alguns grupos de discussão sobre temas do libertarismo.	1	0,0
Grupos de meditação	1	0,0
Igreja de Cristo	0	0,0
Movimento de Proteção Animal	1	0,0
Movimento escoteiro	1	0,0
Movimento Escoteiro	1	0,1
Movimento feminista	3	0,1
Movimento Liberal	1	0,0
movimentos pela arte e cultura na ZN e Baixada	1	0,0
Movimentos sociais de Mulheres	1	0,0
Nao	1	0,0
Nunca	1	0,1
ONG	1	0,0
Ong que trabalha com crianças em risco social	2	0,1
Participo de Ações Sociais que minha igreja promove.	1	0,0
Participo de manifestações e atos políticos na cidade apartidariamente	1	0,1
Participo do Felinos do Campus, movimento pela direito dos animais do campus da universidade.	3	0,1
Política Apartidária	1	0,0
pré-vestibular (fora da PUC)	1	0,0
Projeto ruas	1	0,0
Promover discussoes diversas, sobre diversos temas	1	0,0
Sou professora voluntária em um projeto social que envolvem atletas que procuram conciliar sua vida profissional e social/estudantil.	1	0,0
Trabalho voluntário	1	0,0
Trabalho Voluntário	0	0,0
Trabalhos sociais	3	0,1
Trabalhos Voluntários	1	0,0
Voluntário em grupo escoteiro	1	0,0
Total	2.114	100,0

Principal problema com que mais se preocupa		
	Frequência	%
	125	5,9
Corrupção	180	8,5
Crise econômica do país	113	5,3
Desemprego	154	7,3
Desestruturação das famílias	21	1,0
Destruição ambiental	97	4,6
Discriminação	52	2,5
Drogas	15	0,7
Falta de ética na política	56	2,6
Fome	108	5,1
Injustiça social	225	10,7
Miséria	132	6,3
Não tenho preocupações desse tipo	3	0,2
Pobreza crescente da população	57	2,7
Preconceitos	80	3,8
Saúde	87	4,1
Segurança Pública	87	4,1
Violação dos direitos humanos	351	16,6
Violência urbana	171	8,1
Total	2.114	100,0

Segundo principal problema com que mais se preocupa		
	Frequência	%
	130	6,2
Corrupção	116	5,5
Crise econômica do país	115	5,4
Desemprego	141	6,7
Desestruturação das famílias	19	0,9
Destruição ambiental	156	7,4
Discriminação	83	3,9
Drogas	17	0,8
Falta de ética na política	76	3,6
Fome	109	5,2
Injustiça social	178	8,4
Miséria	130	6,2
Não tenho preocupações desse tipo	1	0,1
Pobreza crescente da população	81	3,8
Preconceitos	128	6,1

Saúde	125	5,9
Segurança Pública	125	5,9
Violação dos direitos humanos	246	11,6
Violência urbana	137	6,5
Total	2.114	100,0

Terceiro principal problema com que mais se preocupa		
	Frequência	%
	138	6,5
Corrupção	106	5,0
Crise econômica do país	116	5,5
Desemprego	115	5,5
Desestruturação das famílias	28	1,3
Destruição ambiental	174	8,2
Discriminação	116	5,5
Drogas	23	1,1
Falta de ética na política	102	4,8
Fome	75	3,5
Injustiça social	140	6,6
Miséria	136	6,5
Não tenho preocupações desse tipo	2	0,1
Pobreza crescente da população	95	4,5
Preconceitos	146	6,9
Saúde	177	8,4
Segurança Pública	114	5,4
Violação dos direitos humanos	175	8,3
Violência urbana	138	6,5
Total	2.114	100,0

Valores sociais mais importantes – solidariedade		
	Frequência	%
Não/NS/NR	706	33,4
Sim	1.408	66,6
Total	2.114	100,0

Valores sociais mais importantes – temor a Deus		
	Frequência	%
Não/NS/NR	1.956	92,5
Sim	158	7,5
Total	2.114	100,0

Valores sociais mais importantes – respeito ao meio ambiente		
	Frequência	%
Não/NS/NR	846	40,0
Sim	1.268	60,0
Total	2.114	100,0

Valores sociais mais importantes – autenticidade pessoal		
	Frequência	%
Não/NS/NR	1.979	93,6
Sim	135	6,4
Total	2.114	100,0

Valores sociais mais importantes – disciplina pessoal		
	Frequência	%
Não/NS/NR	1.864	88,2
Sim	250	11,8
Total	2.114	100,0

Valores sociais mais importantes – competência / formação		
	Frequência	%
Não/NS/NR	1.883	89,1
Sim	231	10,9
Total	2.114	100,0

Valores sociais mais importantes – respeito às diferenças		
	Frequência	%
Não/NS/NR	620	29,3
Sim	1.494	70,7
Total	2.114	100,0

Valores sociais mais importantes – justiça social		
	Frequência	%
Não/NS/NR	1.109	52,5
Sim	1.005	47,5
Total	2.114	100,0

Valores sociais mais importantes – religiosidade		
	Frequência	%
Não/NS/NR	2.040	96,5
Sim	74	3,5
Total	2.114	100,0

Valores sociais mais importantes – respeito às tradições		
	Frequência	%
Não/NS/NR	1.995	94,4
Sim	119	5,6
Total	2.114	100,0

Valores sociais mais importantes – liberdade política		
	Frequência	%
Não/NS/NR	1.336	63,2
Sim	778	36,8
Total	2.114	100,0

Valores sociais mais importantes – prazer sexual		
	Frequência	%
Não/NS/NR	2.006	94,9
Sim	108	5,1
Total	2.114	100,0

Valores sociais mais importantes – igualdade de oportunidades		
	Frequência	%
Não/NS/NR	794	37,6
Sim	1.320	62,4
Total	2.114	100,0

Valores sociais mais importantes – dedicação ao trabalho		
	Frequência	%
Não/NS/NR	1.936	91,6
Sim	178	8,4
Total	2.114	100,0

Valores sociais mais importantes – liberdade individual		
	Frequência	%
Não/NS/NR	1.066	50,4
Sim	1.048	49,6
Total	2.114	100,0

Valores sociais mais importantes – obediência às autoridades		
	Frequência	%
Não/NS/NR	2.000	94,6
Sim	113	5,4
Total	2.114	100,0

Valores sociais mais importantes – autorrealização		
	Frequência	%
Não/NS/NR	1.828	86,5
Sim	286	13,5
Total	2.114	100,0

Gênero de música que mais gosta – sertanejo		
	Frequência	%
Não/NS/NR	1.608	76,1
Sim	505	23,9
Total	2.114	100,0

Gênero de música que mais gosta – pagode		
	Frequência	%
Não/NS/NR	1.668	78,9
Sim	446	21,1
Total	2.114	100,0

Gênero de música que mais gosta – pop		
	Frequência	%
Não/NS/NR	883	41,8
Sim	1.231	58,2
Total	2.114	100,0

Gênero de música que mais gosta – rap		
	Frequência	%
Não/NS/NR	1.417	67,0
Sim	697	33,0
Total	2.114	100,0

Gênero de música que mais gosta – MPB		
	Frequência	%
Não/NS/NR	1.047	49,5
Sim	1.067	50,5
Total	2.114	100,0

Gênero de música que mais gosta – samba		
	Frequência	%
Não/NS/NR	1.568	74,2
Sim	545	25,8
Total	2.114	100,0

Gênero de música que mais gosta – clássica		
	Frequência	%
Não/NS/NR	1.617	76,5
Sim	497	23,5
Total	2.114	100,0

Gênero de música que mais gosta – rock		
	Frequência	%
Não/NS/NR	1.067	50,5
Sim	1.046	49,5
Total	2.114	100,0

Gênero de música que mais gosta – axé		
	Frequência	%
Não/NS/NR	1.969	93,1
Sim	145	6,9
Total	2.114	100,0

Gênero de música que mais gosta – choro		
	Frequência	%
Não/NS/NR	1.984	93,9
Sim	129	6,1
Total	2.114	100,0

Gênero de música que mais gosta – instrumental		
	Frequência	%
Não/NS/NR	1.610	76,2
Sim	504	23,8
Total	2.114	100,0

Gênero de música que mais gosta – gospel		
	Frequência	%
Não/NS/NR	1.912	90,4
Sim	202	9,6
Total	2.114	100,0

Gênero de música que mais gosta – funk carioca		
	Frequência	%
Não/NS/NR	1.309	61,9
Sim	805	38,1
Total	2.114	100,0

Outro:		
	Frequência	%
	1.820	86,1
Acústico	0	0,0
Algumas variações de música eletrônica	1	0,0
alternativa – indie, folk	1	0,0
Black music	1	0,0
blues	0	0,0
Blues	1	0,0
blues, jazz	1	0,0
Blues, Jazz	3	0,1
Blues, jazz e funk americano	3	0,1
Blues, Jazz, House, Metal, Folk.	2	0,1
Blues, Jazz, R&B	1	0,0
Blues, R&B, Jazz	1	0,0
Bossa-nova, jazz	1	0,0
Católica	1	0,1
City Pop, J-POP	1	0,0
Country	1	0,0
Curimba, coco	1	0,0
De musicais	1	0,0
deep	1	0,0
Deep	1	0,0
Deep house	1	0,0
Edm	1	0,0
EDM	1	0,0
eletronica	11	0,5
Eletronica	12	0,6
eletrônica	11	0,5
Eletrônica	24	1,2
Eletrônica (trance, progressive)	1	0,1
Eletrônica, jazz	1	0,0
Eletronica, folk, indie	1	0,1
Eletrônica, house e jazz	1	0,1
Eletrônica, Lo-Fi, chillstep, etc	1	0,0
eletrônico	1	0,0
Eletrônico	1	0,1
eletrônico / instrumental / experimental	1	0,1
Emo e Lo-fi	1	0,0

folk	1	0,0
Folk	3	0,2
Folk metal, jpop, jrock, kpop, folk, trap, Ni-ghtcore,	1	0,0
folk, blues, jazz	3	0,1
Forró	3	0,1
Forró, eletrônica e trap.	1	0,0
Forró, Indie	1	0,1
Funk americano	2	0,1
funk, eletronica	1	0,0
Gosto de todos os gêneros, mas não de todas as músicas.	1	0,0
Gosto de varias	1	0,0
Heavy Metal	17	0,8
Heavy Metal, EDM e Música Clássica	3	0,1
heavy metal, folk viking metal, power metal	1	0,0
Hip-Hop e Eletrônica	1	0,0
Hip-hop, soul	1	0,0
hip hop	1	0,1
Hip hop	2	0,1
Hip Hop	1	0,0
hip hop, indie	2	0,1
hip hop, r&b	1	0,0
Hip Hop, Trap	0	0,0
house	3	0,2
Indie-folk	1	0,0
indie	12	0,6
Indie	12	0,5
Indie / Folk	1	0,0
indie rock	1	0,0
indie, alternativo	1	0,0
Indie, Folk	1	0,0
indie, jazz e rb	1	0,0
indie, kpop	1	0,1
indie, punk, metal, alternativa	1	0,0
indie, surf music	1	0,0
J-Pop e Blues	1	0,0
J-rock	1	0,0
J-Rock, J-Pop, OST	3	0,1

jazz	2	0,1
Jazz	16	0,8
jazz e blues	3	0,2
Jazz, blues	2	0,1
Jazz, Epic Music	1	0,0
Jazz, Lo-Fi	0	0,0
Jazz, música industrial e gêneros experimentais em geral.	1	0,0
Jazz, R&B	1	0,0
Jazz, sambajazz, bossa nova e fado instrumental.	1	0,0
jazz, soul	1	0,0
jazz, synthwave, metal	1	0,1
Jazz/Blues/Pop/Classica/Rock (leve)	1	0,0
K-pop, j-pop, indie	1	0,0
kpop	1	0,0
Kpop	6	0,3
kpop (pop coreano), indie	1	0,1
Kpop; música experimental; música eletrônica	1	0,1
Latina	1	0,1
lo-fi hip hop e indie	1	0,0
Mantras	2	0,1
metal	3	0,1
Metal	8	0,4
Metal sinfônico	1	0,0
Metal, Screamo, ACapela	1	0,0
Metal, techno, dubstep	1	0,1
Metal; Lo-fi	0	0,0
minimalista	1	0,0
música eletrônica	1	0,0
Música eletrônica	3	0,1
música eletrônica (deep/techno)	1	0,0
música eletrônica e suas vertentes	1	0,1
Música eletrônica em geral	1	0,1
Música Étnica e Folclórica	1	0,0
Música japonesa	1	0,1
Música regionalista	2	0,1
Musical	1	0,1
Musical, eletrônica	1	0,0

Não escuto músicas, apenas podcasts.	1	0,1
Outros	1	0,1
Pós Punk	1	0,0
Praticamente todas as consideradas Black music e que não estão listadas acima.	1	0,0
Punk	1	0,0
R&B	4	0,2
R&b, jazz	1	0,0
r&b, kpop	1	0,0
R&B, Showtunes, Standards, Soul	1	0,0
reggae	1	0,1
Reggae	2	0,1
Reggae e Rap, Blues e Jazz	1	0,0
reggaeton	1	0,0
Reggaeton	1	0,0
Rnb, blues, jazz, soul	1	0,0
romantica	2	0,1
Romântica	1	0,0
Sad Songs	1	0,0
Sem gosto proprio	1	0,0
Soul	1	0,0
Soul, jazz, blues	1	0,0
surf music	1	0,0
Surf Music	1	0,0
Synthwave	1	0,0
Tango	1	0,1
Teatro Musical	1	0,0
techno	2	0,1
Techno	6	0,3
tecno	1	0,0
Todas	2	0,1
Todos	2	0,1
Todos os subgêneros de Heavy Metal	1	0,0
Trap	1	0,0
trilhas sonoras	1	0,1
tudo um pouco	1	0,1
Tudo, menos golpel	1	0,0
Tuntz	2	0,1
Variados	1	0,0

video game soundtrack	1	0,0
Vou pela letra não pelo gênero	1	0,0
Total	2.114	100,0

Habitualmente navega na Internet		
	Frequência	%
	217	10,3
X	1.897	89,7
Total	2.114	100,0

Habitualmente vai à praia		
	Frequência	%
	1.218	57,6
X	896	42,4
Total	2.114	100,0

Habitualmente vai ao cinema		
	Frequência	%
	965	45,7
X	1.149	54,3
Total	2.114	100,0

Habitualmente vai a restaurantes		
	Frequência	%
	857	40,5
X	1.257	59,5
Total	2.114	100,0

Habitualmente viaja para o exterior		
	Frequência	%
	1.664	78,7
X	450	21,3
Total	2.114	100,0

Habitualmente lê livros não acadêmicos		
	Frequência	%
	1.082	51,2
X	1.032	48,8
Total	2.114	100,0

Habitualmente vai ao shopping		
	Frequência	%
	1.120	53,0
X	994	47,0
Total	2.114	100,0

Habitualmente vai ao teatro		
	Frequência	%
	1.770	83,7
X	344	16,3
Total	2.114	100,0

Habitualmente vai a festas		
	Frequência	%
	1.133	53,6
X	981	46,4
Total	2.114	100,0

outra		
	Frequência	%
	1.913	90,5
X	201	9,5
Total	2.114	100,0

Qual sua principal fonte de informação		
	Frequência	%
	139	6,6
ambiente de trabalho	10	0,5
amigos	9	0,4
escola / universidade	125	5,9
família	17	0,8
internet	1.455	68,8
jornal e revistas	176	8,3
Outro:	38	1,8
rádio	6	0,3
televisão	138	6,5
Total	2.114	100,0

Outro:		
	Frequência	%
	2.076	98,2
artigos científicos	2	0,1
Diversas fontes	1	0,0
Diversos. Internet, amigos, família jornal, escola. Pergunta mal construída, favor dar a opção de escolher mais de uma.	1	0,0
Escola, universidade, leitura (jornal, livros e revistas), família	1	0,0
Existe várias fontes	1	0,0
Facebook, jornais, revistas e em conversas	1	0,0
Fala	1	0,0
internet	1	0,0
Internet	1	0,0
Internet , televisão e jornal	1	0,1
Internet, jornais e revistas (tanto online quanto na forma física)	1	0,0
Internet, livros e conteúdo da faculdade.	1	0,1
Internet/ faculdade/ livros	1	0,0
Jornais na internet	1	0,0
Jornais online e Podcasts	3	0,1
Jornais, revistas e canais na internet	2	0,1
Jornais, Sites de notícias respeitados,	1	0,0
jornal online e Universidade	1	0,0
Livros	1	0,0
Livros e artigos	1	0,0
Livros e internet	1	0,1
Livros/artigos/notícias	1	0,0
portais jornalísticos na internet	1	0,0
Tenho mais de uma	1	0,0
Todas acima	1	0,0
Todas as anteriores	1	0,1
Todas as opções acima	1	0,1
Todas opções citadas	1	0,1
Todas, exceto TV	0	0,0
Todaso	1	0,0
Todos	2	0,1
Todos acima	1	0,0
Todos esses	1	0,0

Todos estes meios.	1	0,0
Tudo, pra mim, é fonte de informação.	0	0,0
Tv e jornal	1	0,0
Um pouco de todas as opções acima, sendo a internet um pouco mais que as outras	1	0,0
Uma mistura dos anteriores	1	0,0
variado	1	0,0
Whatsapp	1	0,1
Total	2.114	100,0

Com qual frequência utiliza a internet		
	Frequência	%
	139	6,6
0 a 4 horas	566	26,8
4 a 8 horas	820	38,8
mais de 8 horas	584	27,6
não utilizo	5	0,2
Total	2.114	100,0

Principal motivo pelo qual usa a internet		
	Frequência	%
	139	6,6
atividades de ensino e pesquisa	514	24,3
compras	3	0,1
grupos de amigos / contatos pessoais	444	21,0
não utiliza	1	0,1
Outro:	210	9,9
redes sociais	802	38,0
Total	2.114	100,0

Outro:		
	Frequência	%
	1.904	90,1
Todos acima	1	0,0
3 primeiros	1	0,0
Acesso a diferentes conteúdos (vídeos, textos e etc)	1	0,0
Amigos e vídeos variados.	0	0,0
Assistir à filmes, séries e vídeos no YouTube	1	0,0
Assistir série	1	0,0

Atividades acadêmicas, redes sociais e informação	1	0,1
Atividades acadêmicas/contatos pessoais/redes sociais	1	0,0
Atividades da PUC e outras fontes, como YouTube, Jornais, etc.	1	0,0
atividades de ensino e comunicação	1	0,0
Atividades de ensino e pesquisa E redes sociais	1	0,1
Atividades de ensino/pesquisa, redes sociais e grupo de amigos/contato pessoal	1	0,1
atividades de estágio, ensino e pesquisa e redes sociais	1	0,0
atividades variadas	1	0,1
Busca de conhecimentos não acadêmicos	1	0,0
Comunicação em geral	2	0,1
Contatinhos.	1	0,0
contatos pessoais e ensino/pesquisa	1	0,1
Contatos, leitura principalmente, um pouco de redes sociais	1	0,0
Cruzar as fronteiras do tempo e espaço, a partir da democratização do conhecimento e da comunicação	1	0,0
Diversão	1	0,0
diversos	1	0,0
Ensino, pesquisa, amigos e família	1	0,0
entretenimento	1	0,0
Entretenimento	10	0,4
Entretenimento e informação	2	0,1
Estágio	7	0,3
Estudo / grupo de amigos	1	0,0
estudo e trabalho	1	0,0
Fonte de informação sobre assuntos pessoais e do mundo.	1	0,0
inforcação	1	0,1
Informações	1	0,0
Jogo	0	0,0
jogos	1	0,1
Jogos	8	0,4
Jogos e Pesquisa	2	0,1
Jogos e redes sociais	6	0,3

Jogos eletrônicos	1	0,0
Jogos online	0	0,0
Jogos, lazer, informação, etc	1	0,0
Jogos, redes sociais e atividades de ensino e pesquisa	2	0,1
lazer	1	0,0
Lazer	8	0,4
Lazer e estudos	1	0,0
Lazer em geral	1	0,0
lazer, como séries e jogos	1	0,0
Lazer/ relaxamento	2	0,1
Leitura, pesquisas, contatos pessoais, música, filmes/séries	1	0,1
Misto de redes sociais e pesquisa	1	0,0
Multifuncional, sem função que se sobreponha as demais	1	0,0
Múltiplas funções	2	0,1
Música	1	0,0
netflix	3	0,1
Para o que você quiser	1	0,0
Para tudo	1	0,1
Pesquisa, redes sociais e jogos	1	0,1
Pesquisas em geral	3	0,2
Pesquisas sobre interesses pessoais, como séries e filmes	1	0,0
Pessoal	17	0,8
Praticamente todas as respostas acima.	1	0,0
redes sociais, atividades de pesquisa, grupo de amigos/contatos pessoais	1	0,0
Séries	1	0,1
Séries, filmes, trabalho da puc	1	0,1
Sites diversos (YouTube, Reddit, outros)	1	0,0
socialização e jogos	1	0,0
Todas acima	2	0,1
Todas as alternativas	1	0,0
Todas as anteriores	1	0,1
Todas as atividades acima.	1	0,0
Todas as opções acima e entretenimento	1	0,0
Todo tipo de comunicação abrangente	1	0,0
Todos	2	0,1

Todos estes meios.	1	0,0
Todos os itens acima	1	0,0
Tods as opções	1	0,1
trabalhar	3	0,2
Trabalhar	1	0,1
trabalho	4	0,2
Trabalho	25	1,2
Trabalho / pesquisa / lazer	1	0,0
Trabalho 80% e lazer 20%	2	0,1
Trabalho durante o estágio	2	0,1
Trabalho e atendimento social	1	0,0
Trabalho e entretenimento	4	0,2
Trabalho e informação	1	0,0
trabalho e lazer	1	0,0
Trabalho, atividades de ensino e pesquisa e redes sociais.	1	0,1
tudo	2	0,1
Tudo	7	0,3
Tudo isso e mais	1	0,0
Tudo junto	1	0,1
Tudo na vida, trabalho, estudo e lazer	2	0,1
Tudo. Vivemos conectados	1	0,0
Um pouco de cada	1	0,0
Um pouco de tudo isso.	1	0,1
Uma mistura de compras, e atividades de ensino e pesquisa.	3	0,1
Uma mistura de todos esses itens, e outros.	1	0,1
variação de todos	1	0,0
variado	1	0,1
Variado	3	0,1
Video-jogos	2	0,1
Video games	1	0,0
Vídeos e jogos	3	0,1
Vídeos e outros tipos de mídias visuais	2	0,1
Videos musicas e animes/mangas	0	0,0
YouTube	1	0,0
Youtube filmes e series	1	0,0
Total	2.114	100,0

Satisfação em relação à família		
	Frequência	%
	139	6,6
insatisfeito	125	5,9
não sabe	23	1,1
pouco satisfeito	307	14,5
satisfeito	1.519	71,8
Total	2.114	100,0

Satisfação com as amizadas		
	Frequência	%
	139	6,6
insatisfeito	51	2,4
não sabe	25	1,2
pouco satisfeito	353	16,7
satisfeito	1.546	73,1
Total	2.114	100,0

Satisfação com a casa onde mora		
	Frequência	%
	139	6,6
insatisfeito	158	7,5
não sabe	7	0,3
pouco satisfeito	296	14,0
satisfeito	1.514	71,6
Total	2.114	100,0

Satisfação com as possibilidades de trabalho que tem hoje		
	Frequência	%
	139	6,6
insatisfeito	567	26,8
não sabe	140	6,6
pouco satisfeito	652	30,9
satisfeito	616	29,1
Total	2.114	100,0

Satisfação em relação à sexualidade		
	Frequência	%
	139	6,6
insatisfeito	64	3,0

não sabe	33	1,6
pouco satisfeito	197	9,3
satisfeito	1.681	79,5
Total	2.114	100,0

Satisfação com a aparência física		
	Frequência	%
	139	6,6
insatisfeito	245	11,6
não sabe	31	1,5
pouco satisfeito	631	29,8
satisfeito	1.068	50,5
Total	2.114	100,0

Satisfação com o bairro onde mora		
	Frequência	%
	139	6,6
insatisfeito	271	12,8
não sabe	10	0,5
pouco satisfeito	394	18,6
satisfeito	1.299	61,5
Total	2.114	100,0

Satisfação com a maneira que passa o tempo livre		
	Frequência	%
	139	6,6
insatisfeito	267	12,6
não sabe	34	1,6
pouco satisfeito	764	36,1
satisfeito	910	43,1
Total	2.114	100,0

Satisfação com a saúde física		
	Frequência	%
	139	6,6
insatisfeito	346	16,4
não sabe	39	1,8
pouco satisfeito	729	34,5
satisfeito	861	40,8
Total	2.114	100,0

Satisfação com a capacidade de tomar decisões		
	Frequência	%
	139	6,6
insatisfeito	258	12,2
não sabe	44	2,1
pouco satisfeito	701	33,2
satisfeito	972	46,0
Total	2.114	100,0

Satisfação em relação à vida amorosa		
	Frequência	%
	139	6,6
insatisfeito	389	18,4
não sabe	79	3,7
pouco satisfeito	430	20,3
satisfeito	1.078	51,0
Total	2.114	100,0

Satisfação em relação ao curso na PUC-Rio que está matriculado		
	Frequência	%
	139	6,6
insatisfeito	133	6,3
não sabe	38	1,8
pouco satisfeito	428	20,2
satisfeito	1.377	65,1
Total	2.114	100,0

A solidariedade é um valor que procuro aplicar em meu cotidiano.		
	Frequência	%
	139	6,6
concordo	1.899	89,8
discordo	26	1,2
não tenho opinião formada a respeito	49	2,3
Total	2.114	100,0

Divisão do trabalho doméstico entre homens e mulheres		
	Frequência	%
	139	6,6
concordo	1.801	85,2
discordo	142	6,7
não tenho opinião formada a respeito	32	1,5
Total	2.114	100,0

Deixar ligado o celular na sala de aula não atrapalha o professor.		
	Frequência	%
	139	6,6
concordo	927	43,9
discordo	776	36,7
não tenho opinião formada a respeito	271	12,8
Total	2.114	100,0

O sexo sem compromisso deve ser experimentado		
	Frequência	%
	139	6,6
concordo	1.357	64,2
discordo	278	13,2
não tenho opinião formada a respeito	339	16,1
Total	2.114	100,0

Considerando um casal é mais natural que o homem tenha mais experiência sexual que a mulher.		
	Frequência	%
	139	6,6
concordo	117	5,5
discordo	1.740	82,3
não tenho opinião formada a respeito	118	5,6
Total	2.114	100,0

A convivência entre diferentes classes sociais no ambiente universitário prejudica a excelência do conhecimento.		
	Frequência	%
	139	6,6
concordo	59	2,8
discordo	1.879	88,9
não tenho opinião formada a respeito	37	1,8
Total	2.114	100,0

Atitudes como justiça, caráter e honestidade devem ser cultivados por todos.		
	Frequência	%
	139	6,6
concordo	1.955	92,5
discordo	6	0,3
não tenho opinião formada a respeito	14	0,6
Total	2.114	100,0

É importante preservar os valores transmitidos pela família		
	Frequência	%
	139	6,6
concordo	888	42,0
discordo	550	26,0
não tenho opinião formada a respeito	537	25,4
Total	2.114	100,0

A que recorre em situações de dificuldade emocional ou existencial		
	Frequência	%
	139	6,6
a alguém da família	178	8,4
a Deus	228	10,8
a meu pai	24	1,1
a minha mãe	359	17,0
a ninguém	223	10,5
a um amigo próximo	399	18,9
a um professor	2	0,1
a um psicólogo ou profissional de psicologia	269	12,7
aos pais	58	2,7
cônjuge/companheiro(a)	164	7,7
liderança religiosa	11	0,5
Outro:	52	2,5
Rede de Apoio ao Estudante da PUC-Rio	9	0,4
Total	2.114	100,0

Outro:		
	Frequência	%
	2.062	97,5
A Deus e minha namorada	2	0,1
À meditação, a um psicólogo, aos familiares, amigos e companheiro	1	0,0
a meu namorado	1	0,0
A meus irmãos	1	0,0
A mim e aos meus livros	1	0,1
A mim mesmo	2	0,1
A mim mesmo e a meu repertório. Nunca é o suficiente pra me tranquilizar, mas acho que faz parte.	1	0,0
A mim mesmo, pratico autoanálise	1	0,0

A minha reflexão pessoal	1	0,1
Amigos e família	1	0,0
Amigos/ pais	1	0,0
Aos pais e recentemente tenho procurado a rede de apoio ao estudante e psicólogos.	1	0,1
Até o Anticristo é mais confiável que qualquer uma das opções acima.	1	0,0
Autoconhecimento!!!! Meditação!!!!	2	0,1
comigo	1	0,0
Companheiro e amigos próximos	1	0,1
Depend da situação; na maior parte das vezes a um psicologo, mas também aos meus amigos mais próximos, irmã e mãe	2	0,1
Depende	1	0,0
Depende da situação	1	0,0
depende da situação mas, em geral, procuro alguém próximo	1	0,0
depende do tipo de problema mas pode ser a amigos, família, psicologa, a Deus ou a todos ao mesmo tempo	1	0,0
Depende, a todas essas possibilidades	1	0,1
Dependendo do meu estado a meu namorado, mãe ou psicóloga.	0	0,0
Deus e psicologo	1	0,0
Deus, mãe e amigos mais próximos.	1	0,1
diversas pessoas que podem me auxiliar: pais, algum amigo específico e psicologo	1	0,0
Eu mesmo	1	0,0
Família e amigos	1	0,1
Família e/ou conjuge	1	0,0
Força interior	1	0,0
Foruns online e amigos	1	0,0
Guardo pra mim	1	0,0
Irmã	0	0,0
irmão e/ou amigo próximo	1	0,0
Irmãos e amigos	3	0,1
irmãs	1	0,0
Mãe, Pai e amigos	1	0,1
Mais de uma opção e outros	1	0,0
Majoritariamente à minha consciência	1	0,1

minha mãe, amigos, irmão ou meu primo	2	0,1
Namorada	1	0,0
namorada e pais	1	0,0
namorado	1	0,0
não recorria a ninguém até que se tornou uma situação que eu não conseguia mais suportar sozinha, a partir daí procurei psicólogos na PUC-Rio	2	0,1
Pai, irmã e melhor amiga	1	0,0
Pode ser algum amigo próximo ou sozinha em um momento de reflexão (geralmente em um local próximo à natureza	1	0,0
Primeiramente a Deus, depois minha mãe.	0	0,0
Psicólogo, pais e amigos	2	0,1
Psicólogo, pai, companheiro, amigos	1	0,0
psicólogo/ pais / amigos	1	0,1
Tudo faz parte de um conjunto. Em cada situação há pessoas que podem te apoiar e ajudar melhor. Porém, Deus está em tudo, já que está sempre comigo.	1	0,1
Total	2.114	100,0

Como avalia a Rede de Apoio ao Estudante da PUC-Rio.		
	Frequência	%
	139	6,6
Conhece, e acha que precisa ser mais divulgado	122	5,8
Conhece, e achou o atendimento insatisfatório	50	2,3
Conhece, e achou o atendimento satisfatório	124	5,9
Conhece, mas nunca utilizou	615	29,1
Desconhece	1.064	50,3
Total	2.114	100,0

Você se considera uma pessoa:		
	Frequência	%
	139	6,6
NRA	40	1,9
Que não cultiva amizades	27	1,3
Que possui muitos amigos verdadeiros	528	25,0
Que possui muitos conhecidos, mas não tem amigos verdadeiros	153	7,3

Que possui poucos amigos, mas estes são verdadeiros	1.102	52,1
Que tem dificuldades para relacionar-se	124	5,8
Total	2.114	100,0

Planejamento Familiar		
	Frequência	%
	150	7,1
É a favor	1.297	61,4
É contra	41	1,9
não tem opinião formada sobre o tema	502	23,8
NS/NR	124	5,9
Total	2.114	100,0

Métodos Contraceptivos		
	Frequência	%
	150	7,1
É a favor	1.880	89,0
É contra	28	1,3
não tem opinião formada sobre o tema	44	2,1
NS/NR	12	0,6
Total	2.114	100,0

Que o Aborto deixe de ser crime		
	Frequência	%
	150	7,1
É a favor	1.534	72,6
É contra	250	11,8
não tem opinião formada sobre o tema	145	6,9
NS/NR	35	1,7
Total	2.114	100,0
Total	2.114	100,0

Sexo antes do casamento		
	Frequência	%
	150	7,1
É a favor	1.701	80,5
É contra	122	5,8
não tem opinião formada sobre o tema	102	4,8
NS/NR	39	1,9

Relação entre pessoas do mesmo sexo		
	Frequência	%
	150	7,1
É a favor	1.677	79,3
É contra	111	5,3
não tem opinião formada sobre o tema	118	5,6
NS/NR	58	2,8
Total	2.114	100,0

Legalização da união entre pessoas do mesmo sexo		
	Frequência	%
	150	7,1
É a favor	1.761	83,3
É contra	81	3,9
não tem opinião formada sobre o tema	98	4,6
NS/NR	24	1,1
Total	2.114	100,0

Casamento de padres e de freiras		
	Frequência	%
	150	7,1
É a favor	869	41,1
É contra	146	6,9
não tem opinião formada sobre o tema	854	40,4
NS/NR	96	4,5
Total	2.114	100,0

Segundo casamento religioso		
	Frequência	%
	150	7,1
É a favor	1.221	57,8
É contra	126	6,0
não tem opinião formada sobre o tema	533	25,2
NS/NR	83	3,9
Total	2.114	100,0

Divórcio		
	Frequência	%
	150	7,1
É a favor	1.751	82,8

É contra	94	4,4
não tem opinião formada sobre o tema	90	4,2
NS/NR	30	1,4
Total	2.114	100,0

Fidelidade conjugal (trair o parceiro/a)		
	Frequência	%
	150	7,1
É a favor	512	24,2
É contra	1.050	49,7
não tem opinião formada sobre o tema	260	12,3
NS/NR	142	6,7
Total	2.114	100,0

Eutanásia		
	Frequência	%
	150	7,1
É a favor	1.029	48,7
É contra	243	11,5
não tem opinião formada sobre o tema	607	28,7
NS/NR	85	4,0
Total	2.114	100,0

Legalização da Pena de Morte		
	Frequência	%
	150	7,1
É a favor	273	12,9
É contra	1.367	64,6
não tem opinião formada sobre o tema	278	13,2
NS/NR	47	2,2
Total	2.114	100,0

Manipulação da genética humana (clonagem)		
	Frequência	%
	150	7,1
É a favor	440	20,8
É contra	699	33,1
não tem opinião formada sobre o tema	751	35,5
NS/NR	74	3,5
Total	2.114	100,0

Participação da Igreja na Política		
	Frequência	%
	150	7,1
É a favor	100	4,7
É contra	1.670	79,0
não tem opinião formada sobre o tema	161	7,6
NS/NR	33	1,6
Total	2.114	100,0

Respeito aos Direitos Humanos		
	Frequência	%
	150	7,1
É a favor	1.870	88,5
É contra	22	1,0
não tem opinião formada sobre o tema	52	2,5
NS/NR	20	1,0
Total	2.114	100,0

Você concorda com o uso de drogas?		
	Frequência	%
	150	7,1
não	471	22,3
sim	860	40,7
sim, apenas as legalizadas (álcool, fumo, remédios, etc)	633	29,9
Total	2.114	100,0

Em relação às drogas – Cada um é responsável por suas escolhas. Ninguém tem nada com isso.		
	Frequência	%
	996	47,1
X	1.117	52,9
Total	2.114	100,0

Em relação às drogas – As pessoas não têm informações suficientes sobre este assunto.		
	Frequência	%
	1.144	54,1
X	969	45,9
Total	2.114	100,0

O uso de drogas acontece por causa da solidão e da dificuldade de enfrentar os problemas da vida		
	Frequência	%
	1.350	63,9
X	764	36,1
Total	2.114	100,0

A dependência acontece por disposição genética		
	Frequência	%
	1.906	90,2
X	208	9,8
Total	2.114	100,0

Quando vou às festas normalmente bebo muito.		
	Frequência	%
	1.791	84,7
X	323	15,3
Total	2.114	100,0

Pode-se usar drogas e parar quando quiser, por decisão pessoal.		
	Frequência	%
	1.960	92,7
X	153	7,3
Total	2.114	100,0

Experimentar algum tipo de drogas na adolescência e na juventude é algo inevitável		
	Frequência	%
	1.718	81,3
X	396	18,7
Total	2.114	100,0

Índice 1 – Infraestrutura doméstica		
	Frequência	%
0,00	7	0,3
1,00	8	0,4
2,00	7	0,3
3,00	22	1,0
4,00	79	3,8
5,00	84	4,0

6,00	132	6,3
7,00	137	6,5
8,00	177	8,4
9,00	174	8,2
10,00	206	9,8
11,00	195	9,2
12,00	101	4,8
13,00	85	4,0
14,00	76	3,6
15,00	53	2,5
16,00	56	2,6
17,00	58	2,8
18,00	60	2,8
19,00	44	2,1
20,00	33	1,5
21,00	33	1,5
22,00	17	0,8
23,00	33	1,6
24,00	28	1,3
25,00	12	0,6
26,00	15	0,7
27,00	12	0,6
28,00	20	0,9
29,00	7	0,4
30,00	9	0,4
31,00	4	0,2
32,00	12	0,6
33,00	3	0,2
34,00	3	0,2
35,00	1	0,0
36,00	22	1,0
37,00	4	0,2
40,00	36	1,7
43,00	1	0,1
44,00	49	2,3
Total	2.114	100,0

Índice 2 – Crença		
	Frequência	%
0,00	370	17,5
1,00	328	15,5
2,00	134	6,3
3,00	157	7,4
4,00	134	6,4
5,00	142	6,7
6,00	157	7,4
7,00	167	7,9
8,00	130	6,1
9,00	82	3,9
10,00	61	2,9
11,00	69	3,3
12,00	51	2,4
13,00	64	3,0
14,00	67	3,2
Total	2.114	100,0

Índice 3 – Associativismo estudantil		
	Frequência	%
0,00	1.804	85,3
1,00	225	10,6
2,00	72	3,4
3,00	12	0,6
4,00	1	0,0
Total	2.114	100,0

Índice 4 – Associativismo social e político		
	Frequência	%
0,00	1.623	76,8
1,00	273	12,9
2,00	141	6,7
3,00	61	2,9
4,00	15	0,7
5,00	1	0,0
6,00	1	0,0
Total	2.114	100,0

Índice 5 – Multiplicidade de gêneros musicais		
	Frequência	%
0,00	183	8,7
1,00	180	8,5
2,00	277	13,1
3,00	426	20,2
4,00	367	17,4
5,00	265	12,5
6,00	173	8,2
7,00	110	5,2
8,00	59	2,8
9,00	29	1,4
10,00	24	1,2
11,00	11	0,5
12,00	4	0,2
13,00	4	0,2
Total	2.114	100,0